

Reversibilidade de Valores

ONDE A LUZ E O SOM SE ENCONTRAM

Reversibilidade de Valores

ONDE A LUZ E O SOM SE ENCONTRAM



Edição 2011

Título original – Reversabilidad de valores: donde la luz y el sonido se encuentran.

Direitos de edição da obra em língua portuguesa no Brasil adquiridos pela Editora ECE. Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra pode ser apropriada, estocada em sistema de banco de dados ou processo similar, em qualquer forma ou meio, seja eletrônico, de fotocópia, gravação etc., sem a permissão do detentor do copyright.

Primeira edição 1.000 exemplares

Março de 2011

Impressa por Orgrafic Gráfica e Editora Ltda. – EPP

Rua Freguesia de Poiares, 133 – São Paulo – 08290-440 – SP – Brasil

Tradução: Álvaro Martinez

Desenho de capa: Luciano Tirabassi U.

Diagramação: Samuel de Jesus Leal

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Muñoz Soler, Ramón Pascual, 1919-1999.

Reversabilidade de valores: onde a luz e o som se encontram / Ramón Pascual Muñoz Soler; [tradução Álvaro Martinez]. – São Paulo: ECE, 2011.

Título original: Reversabilidad de valores: donde la luz y el som se encuentran.

Bibliografia

ISBN 978-85-85009-43-4

1. Metafísica I. Título.

11-01097

CDD: 110

Índices para catálogo sistemático

1. Metafísica : Filosofia 110



2011

Impresso no Brasil / Printed in Brazil

Obras do mesmo autor:

Gérmenes de Futuro en el Hombre, Depalma, Buenos Aires, 30 ed. 1988
Germes de Futuro no Homem, ECE (Editora de Cultura Espiritual), São Paulo, 1980

El Camino de la Egoencia (De la angustia existencial a la mística del corazón) Arayu, Buenos Aires, 10 ed. 1969 (esgotada). Novas edições em espanhol, no prelo.

O Caminho da Egoência (Da angústia existencial à mística do coração), ECE, São Paulo, 1993

Antropología de Síntesis, Depalma, Buenos Aires, 1980

Anthropologie der Synthese, Verlag der Buchhandlung Daub, 5750 Menden Germany, 1991 (edição em alemão)

Antropologia de Síntese (Signos, ritmos e funções do homem planetário), edição em Português, no prelo.

Universidad de Síntesis, Depalma, Buenos Aires, 1984

Magistério Universitário y Pedagogia de Síntesis, Depalma, Buenos Aires, 1985

Reversibilidad de Valores, Arcana Ediciones, Buenos Aires, 2006.

Tríada, Revelación Re-velada (o de la Reconstrucción del Templo), De Profundis, Egoencia, Arcana Ediciones, Buenos Aires, 2008.

Tríada, Revelação Re-velada (ou da Reconstrução do Templo), De Profundis, Egoência, edição em Português, no prelo.

Transfiguración Social del Verbo, Arcana Ediciones, Buenos Aires, 2009.

Transfiguração Social do Verbo, edição em Português, no prelo.

Para os muitos e para os poucos

Meu agradecimento a Brigitte Hohenauer, por sua inteligente e generosa colaboração, tanto na etapa inicial construtiva, através do intercâmbio de ideias e sugestões que me foram muito úteis, como por sua posterior tarefa de correção do texto e transcrição para o computador.

Meu reconhecimento a Héctor Morel, por seu esmerado trabalho profissional de tradução do livro para o inglês e o zelo demonstrado por sua sólida formação filosófica, de preservar a função simbólica da linguagem original, para além do conteúdo formal das palavras.

Agradeço a Coty Monetti, artista plástica, por sua fina sensibilidade artística e paciente trabalho, na plasmação das figuras simbólicas que acompanham o texto e à arquiteta Cláudia Tchira e a Célia Franco por seu cuidadoso desenho linear.

E, minhas últimas palavras de agradecimento e carinho vão para minha esposa Margarita, quem com sua silenciosa presença, acompanhou-me durante os dias e as noites de gestação da obra.

Índice

Agradecimentos	9
A modo de apresentação do autor e da obra	16
Pre-lúdio	
Acerca das palavras, do ritmo e do sentido	18
ENTRE O CÉU E A TERRA	20
CON-SPIRAÇÃO DE AQUÁRIO	22
CONSCIÊNCIA DE SI	26
NÃO SE MENDIGA A LIBERDADE INTERIOR	
CONQUISTA-SE	28
"PLENO DE FORÇA É O MOVIMENTO DO CÉU"	
O Mestre Fundador	30
MYSTERIUM MAGNUM	
ou da pergunta pelo fundamento	32
OS TRÊS PRIMEIROS MISTÉRIOS DE INICIAÇÃO	34
A voz do silêncio	36
O olhar do encontro	40
A palavra do compromisso	42
Em resumo:	43
E O QUARTO?	44
DO "TOQUE" DO ESPÍRITO AO RITMO DA VIDA	46
DO CORAÇÃO MECÂNICO AO CORAÇÃO ATÔMICO	48
O MESTRE DO CORAÇÃO	51
TRÊS PASSOS NA	
COREOGRAFIA DA LUZ	56
FIXAÇÃO	
ou do "valor sustento"	58

RITMO	59
ou da "reversibilidade de valores"	59
MEDIDA,	
ou da "proporção análogica"	61
Resumo	
Fixação/Ritmo/Medida	64
INTERLÚDIO MÍSTICO	66
OU DA RADIAÇÃO SUPRALUMÍNICA	68
O MESTRE QUE TRANSMITE A ENSINANÇA VIVA	69
AS QUATRO FUNÇÕES	
PRIMORDIAIS	72
PRESENÇA	74
PARTICIPAÇÃO	76
REVERSIBILIDADE	80
RENUNCIAMENTO	88
Resumo	98
SIGNATURA DA LEI	100
IN-SCRIÇÃO DA ORDEM SAGRADA	
NA TRAMA DO TEMPO	102
O MESTRE LEGISLADOR	107
DA "LÓGICA" DA LEI À "ENERG-ÉTICA" DA VIDA	114
DO DISCURSO TEÓRICO DO DIREITO	
À POLÍTICA SOCIAL DA LEI	117
Resumo	120
O PODER DA SOMBRA	
OU DA IMPLOÇÃO DO MAL	122
INVERSÃO DA ORDEM (ENERGIA NEGATIVA)	124
O NOVO ROSTO DA SERPENTE DO PARAÍSO	128
FUNÇÃO DO "MAL" NA ECONOMIA DA VIDA	130
A BARREIRA DA "SOMBRA"	
COMO PODER ANÔNIMO EM ESCALA MUNDIAL	132
ESTRATÉGIA FRENTE AO ADVERSÁRIO	134
A "OUTRA NATUREZA" DA GUERRA MODERNA	138
PARA ALÉM DA HERMENÊUTICA DO BEM E DO MAL	142
TRANS-MISSÃO DA FORÇA CRIADORA	
FUNÇÕES	
OFÍCIOS	
FERRAMENTAS	144
PARA ALÉM DO FIM DA HISTÓRIA	146
FUNÇÕES TRANS-FINITAS	148
OFÍCIOS SAGRADOS	
ou do "lugar" do homem no mundo	152

O MESTRE QUE ORA E GOVERNA	154
ORDENADORES HUMANOS NA TRANS-MISSÃO GEN-ÉTICA	
QUEM SÃO E DE ONDE VÊM?	158
FERRAMENTAS LOGO-TÉCNICAS	161
A sétima estrela	164
Resumo.....	164
 CON-FIGURAÇÕES SOCIAIS DE PODER	166
ACABARAM-SE AS PALAVRAS,	
É HORA DO TESTEMUNHO	168
POTENCIAL GEN-ÉTICO DA NOVA MENSAGEM.....	170
 I. UMA MÍSTICA	
O cruzamento do "Mar Vermelho"	173
A "longa caminhada" do deserto.....	174
O Mestre da renúncia	176
Estrutura dinâmica da mensagem da renúncia	
Exegese de significantes	
• O poder do testemunho	178
• Fundamento espiritual da Mensagem da Renúncia	179
• A renúncia como lei do mundo futuro	180
• A Mensagem propõe um interrogante sobre o porvir	181
• Clarividência do futuro	181
• Ofícios sagrados na sociedade futura.....	183
• Dimensão universal da mensagem da renúncia	186
 A MÍSTICA COMO FUNDAMENTO ESPIRITUAL DA SOCIEDADE HUMANA.....	187
Onde moram os guardiães do fogo místico?.....	189
 II. UM CONHECIMENTO	191
CRISE DO CONHECIMENTO FRAGMENTADO	193
A brecha gen-ética	195
Do poder do conhecimento à expansão de consciência	196
O poder simbólico da técnica	197
Só um deus pode ainda salvar-nos?	198
 A NOVA MENTE	201
UNIVERSIDADE DE SÍNTESE	
Um novo Magistério Universitário	203
• Pedagogia de Síntese	206
• Metodologia de Síntese	208
• Desenho arki-tectônico	215
 III. UMA ORGANIZAÇÃO	218
Da filosofia política à gen-ética social	218
O que é que advém, uma revolução ou uma "gesta"?	220
O poder divino humanizado muda o curso da história	224

ECONOMIA PROVIDENCIAL	
O que é economia providencial?	226
Dimensão Energética da economia providencial	228
Princípios espirituais e sociais que fundam a Economia providencial	
O princípio ecológico dos "bens sociais"	229
O princípio espiritual de "não posse"	231
O princípio social de "reversão da riqueza"	233
O princípio providencial de economia da Mãe	235
GEN-ÉTICA SOCIAL	
Novo código gen-ético para uma fisiologia cósmica	240
Um novo sentido da Terra	244
Quais são as condições para esta nova "saída do Egito"?	246
Proto-formas sociais	248
LOGO-TECNOLOGIA DA VIDA	250
Fechar com mãos fortes as fauces do leão	251
Premissas para uma supratecnologia de "quinta dimensão"	252
Supercondutibilidade da matéria	252
Energ-ética da luz	254
Logotecnologia de ressonância	257
• Arquitetura analógica	257
• Teoria da cooperação	259
A MENSAGEM DA AMÉRICA	266
AMÉRICA PROFÉTICA	
A nova síntese do século XXI	268
Cerimonial do fogo na terra da América	269
Os filhos sem pais	273
O MESTRE DA AMÉRICA	276
A nova gesta libertadora	
América laboratório	282
América simbólica	286
Qual é o desafio para a América?	290
Só desde o Norte?	290
A revelação do segredo da serpente emplumada	290
A TRANS-FIGURAÇÃO DOS MESTRES	292
A PEGADA INVISÍVEL DOS MESTRES QUE CRUZARAM A	
BARREIRA DO TEMPO	294
O ADVENTO DO MESTRE DESCONHECIDO	296
O PODER DA TRANS-FIGURAÇÃO	
ou da reversibilidade da força do espírito	299
GEN-ÉTICA DE PLASMAÇÃO	
ou do novo rosto do homem	302
POSLÚDIO	
Trans-missão	304
POSCRITO	312

A modo de apresentação do autor e da obra

Cada um de meus livros expressa um aspecto particular de uma obra interior que os transcende. Vistos em conjunto, são outras tantas "cifras" de um código espiritual in-scrito na matéria de minha própria vida. O opus, como processo alquímico, iniciou-se mais por dentro que por fora. Mas, o que é do ser irradia como energia e se plasma como obra.

Em obras deste tipo, existem vários modos de aproximar-se de sua mensagem essencial: por "reflexão" sobre as ideias ou por "contato" com a corrente energética que transcende as ideias.

Falarei de revelação espiritual e de revolução social.

Falarei do mundo físico e do mundo moral.

Falarei das forças que circulam entre o Céu e a Terra.

E falarei do Homem e de mim mesmo, e das funções de ressonância entre o espírito e a matéria.

O caminho é estreito como o fio da navalha, mas de nenhuma maneira quero apresentá-lo como inacessível, ao modo dessas maravilhosas aventuras espirituais que transcorriam no cume dos montes sagrados ou nas grutas subterrâneas, dentro do círculo hermético dos antigos mistérios.

Pelo contrário, se me animo a dar testemunho das mudanças qualitativas que se produziram em minha própria fisiologia humana, é porque estou convencido de que, hoje, todos somos prot-agonistas de um novo *Mysterium*, ainda que nem sempre tenhamos consciência disso. Ingressamos em um novo tempo, em um novo ciclo co-evolutivo da humanidade. O Acontecimento Inicial é um "nascimento de fogo", que já não se revela como iluminação para uns poucos, mas como desafio para todos. Que tipo de desafio?

Cruzar a barreira cósmica!

Ruptura de simetria do antigo sistema. Transição de fase.

Desintegração iluminativa da matéria e expansão de consciência. Tempo do "fim" e começo de uma "nova história".

Esta nova conjunção do Céu, do Homem e da Terra foi anunciada pelos profetas, mais que explicada pelos doutores. Mas hoje, a nova dispensação se fez acessível à sensibilidade intuitiva dos homens e das mulheres que vêm.

Muitos sentem, ainda antes de compreender, que a "chave" para penetrar no espaço recém aberto não é uma mensagem que vem de fora, mas uma "Voz" que chama desde dentro. Em outras palavras, começamos a perceber que a pedra angular da Grande Catedral do Futuro não é um novo discurso (científico, filosófico, teológico ou político), mas uma nova "Aliança".

Liberação de "energia de enlace". Funções de ressonância. Signatura da luz das estrelas na matéria do homem. Reflexo do grande no pequeno. Reversibilidade de valores.

Um novo ideal? Ou um novo sacrifício?

Um poder invisível nos fecha a passagem, a "barreira da Sombra". Já não se trata de uma brecha ideológica, religiosa, política ou tecnológica, mas de um estado da matéria humana que opõe resistência à passagem da luz. Não só o meio ambiente (as águas dos mares e os rios que circulam por fora) foi degradado pelo homem, senão que o próprio homem (seu meio interior) se tornou opaco à transcendência do espírito.

Mas, uma nova mensagem vibratória quebra a ordem e a desordem do antigo sistema. O Cavalheiro do Cisne já não vem por cima das águas, mas por baixo, navegando nas correntes profundas de nossa genética molecular; vem como Mensageiro de uma dança cósmica que começa a incorporar-se como ritmo energético de um novo corpo social.

Pre-lúdio

Acerca das palavras, do ritmo e do sentido

Ingressamos em uma nova dimensão do espaço e nos movemos sob um novo signo do tempo.

Uma nova mensagem vibratória irrompe no mundo interior do homem, quebra a estabilidade da matéria e delinea uma nova geometria da vida. Como se descobre, como se decifra o código gen-ético da nova lei? Não é descoberto nem decifrado. Revela-se!

Uma vez mais, os deuses vieram conversar com os homens, a luz do céu começou a circular por dentro da árvore da vida e a Serpente cósmica pronunciou palavras de fogo.

E foram muitos. E nossos filhos e nossas filhas profetizaram. E se agitaram os povos e vieram dias de obscuridade e houve um novo sacrifício: o sacrifício coletivo dos inocentes!

E a alma do homem chorou a oração do deserto e os mestres que se haviam retirado, voltaram trans-figurados.

Já não é hora de palavras vazias.

Os homens e as mulheres que vêm começam a falar uma nova língua materna. Como se chega a pronunciar essa língua? Aprendendo a transformar a luz em som.

Da linguagem conceitual, passamos a um ritmo energético-simbólico: comunicação trans-linguística. Talvez as palavras que pronunciemos sejam as mesmas que utilizamos na linguagem comum, mas com diferente carga energética e com um sentido orgânico que transcende a força semântica da palavra.

Vejam algumas destas con-figurações simbólicas:

O que é *Mensagem*?

É irrupção pro-fética na trama da história.
Código Gen-ético de uma nova lei.

O que é *Gen-ética*?

É a transcrição da Mensagem em funções,
ofícios e ferramentas.

O que é *Trans-missão*?

É a obra dos Mensageiros do espírito.
Transmitem o sentido e o impulso da ação
criadora.

E o que é *Energ-ética*?

E a "outra metade" da fórmula, dimensão qualitativa das equações de poder.

O que é *Reversibilidade de Valores*?

As estrelas nascem e morrem e o Céu permanece imóvel.

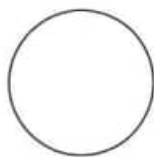
O que é *Egoência*?

É a "nota Chave" (som in-audível) de meu próprio Ser. É a onda de energia cósmica, associada à reversibilidade de meus próprios valores.

Esta é só uma guia; é o dedo que aponta para a Lua, mas não é a Lua.

ENTRE O CÉU E A TERRA

Entre o ocaso dos
antigos deuses
e o nascimento de um
novo Sol



?

+



De novo o Gênese? Ou a Gênese?

... a terra estava desolada e vazia,
voltou a ser escutado o estrondo da criação
e o fogo sagrado ardeu uma vez mais no cume da montanha.

O Éon de Peixes tocava seu fim. Ocaso dos deuses. Perda da imagem do mundo. Colapso dos antigos valores. Já não há resposta para os velhos problemas. Mas, surgem novas perguntas:

Qual é o signo do novo tempo?
Quem são os novos deuses?
Como é a geometria dos novos valores?

E os Mestres do céu vieram, uma vez mais, para conversar com os homens da Terra.

A Luz volta a ingressar. A energia cósmica fecunda a terra erma. Nova aliança entre o fogo do espírito e as águas da vida.

Os profetas anunciaram o Nascimento, antes que os cientistas formassem as novas leis. A Voz In-audível se articulou com a matéria in-tangível, gerando uma nova con-figuração de signos, uma nova "signatura", um novo código Gen-ético.

Da dialética dos opostos,
no eixo horizontal do tempo,



passamos à reversibilidade de valores,
no eixo vertical dos significados.



Os Peregrinos da razão ("os feiticeiros do velho signo") construíram uma ponte para unir o Céu e a Terra, mas aqueles que circulam por esse caminho não conseguem divisar as cabeceiras da ponte.

É a "ponte da razão". O limite da razão ilustrada. A ciência frente às fronteiras do conhecimento. Na ordem cosmológica, o limite da velocidade da luz, o raio de Schwarzschild (o que ocorre nessa região nunca poderá ser visto). E na ordem da geometria terrestre, o limite da medida (medir exatamente uma costa geográfica, com todas as suas anfractuosidades, é uma operação que não tem fim: teoria de fractais). Com toda a ciência e a tecnologia que possuímos, é-nos impossível superar os limites do instrumento humano de visão e de medida.

Mas vieram outros Construtores, com outros instrumentos, com outra "Mensagem".

Quem são estes "Mensageiros da Alba"? São almas nobres que se adiantam a seu tempo. Pertencem a uma ordem hierárquica de funções cósmicas. Não só formulam uma síntese teórica, senão que eles mesmos são a síntese. Eu os nomeei em *Germes de Futuro no Homem*¹, como "Mestres da Ciência", "Mestres do Coração" e "almas simples". Hierarquia de funções diferenciais, mas com uma mesma função "catalítica" no processo de integração da Grande Obra. Fazem parte do "Corpo Místico da Humanidade", são "pedras preciosas" do Colar de Indra. Eles geram uma corrente de ideias, sentimentos e obras que Marilyn Ferguson identifica como "Conspiração Aquariana"² e que eu prefiro chamar – utilizando a força simbólica da linguagem – "Conspiração", que quer dizer "respirar o mesmo alento espiritual": uma "reunião de almas".

O que desde o começo do século chamamos de "nova ciência" (sobretudo nova física) foi mais uma mística que uma ciência. Einstein, Planck, Bohr, Heisenberg, Pauli, Dirac, não somente formularam novas leis do universo, senão que penetraram em outro mundo, abriram um novo espaço, iluminaram uma nova dimensão da realidade. Estes são os "Mestres da Ciência".

E os "Mestres do Coração"? Costumam passar inadvertidos para seus contemporâneos. No entanto, são os que estão mais próximos daqueles que procuram o ser, a verdade e a vida. São os gúlas do

deserto. Operam por simples presença. Conheci um deles, a quem chamo de Mestre Santiago. Um reflexo de sua palavra, de seu amor e da obra que pôs em movimento é o que darei a conhecer neste livro.

O que diremos das "almas simples"? Digo *simples* porque escaparam aos complexos, sofisticções e seduções de seu tempo e, simplesmente, são. E *estão* onde têm que estar. Pertencem à nobreza do trabalho, são os operários da Terra e dão testemunho da Transcendência, por oferta de vida e sacrifício voluntário.

A Conspiração destes mensageiros da Luz, destes *fedeles d'Amore*, destes testemunhos sacrificiais, configura uma rede invisível de relações humanas

1. Ramón P. Muñoz Soler, *Gérmenes de Futuro en el Hombre*, Arayú, Buenos Aires, 1966.

2. Marilyn Ferguson, *The Aquarian Conspiracy*, Londres, Paradim, 1982.

por onde circula um "sangue ígneo", um sopro do espírito ("In-spiração" espiritual que anima e sustenta a vida do corpo social). Mas há também uma "face obscura" da Mensagem, sua face demoníaca, a "Transparência do Mal" (Jean Baudrillard). A Luz que ingressa põe a descoberto o "Poder da Sombra". Dupla face de uma mesma mensagem, luminosa e obscura ao mesmo tempo.

Frente ao desequilíbrio do ecossistema em escala planetária, à corrupção administrativa, ao terrorismo, à droga, à AIDS, ao que agrega o vazio existencial como "neurose de massas do mundo moderno" (Viktor Frankl), a própria ideia de "mensagem" aparece como uma imagem sem contorno.

Existe realmente uma mensagem que venha do futuro? Sim, existe, mas temos dificuldade em reconhecê-la!

E então, onde estão os Mestres? Retiraram-se! Somente ficam as massas. As massas revolucionárias? Não, as massas desiludidas!

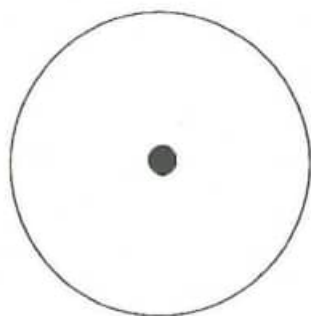
Na superfície da noosfera social, estão se produzindo atualmente "turbulências" insólitas, por liberação súbita de energia; fenômenos extremos: "transparência do Mal", "implosão de massa", segundo palavras de Jean Baudrillard³. Esta "queda" (por desmoronamento de valores) não se produz somente por incapacidade dos ignorantes, mas por premeditação dos inteligentes. É a "Conspiração" Aquariana, entendida no significado comum do termo. É o rosto da "Antimensagem", a mensagem que não é, a "sedução institucionalizada"⁴.

Mensagem e Antimensagem. Mas, há uma terceira força que entra em jogo na Genética co-evolutiva. É o poder con-vocante do Sacrifício.

3. Jean Baudrillard, *A L'Ombre des Majorités Silencieuses. La Fin du Social*, Paris, Denoël-Gonthier, 1982.

4. José Gonzalez Muñoz, *El Despertar de América*, Buenos Aires, ADCEA, 1975, pg. 65.

CONSCIÊNCIA DE SÍ



Com que armas? Com o poder que vem de Si Mesmo. Egoência do Ser. Miguel Serrano, em seu "Último Encontro com C. G. Jung", diz o seguinte:

Agora, pergunto-lhe: O que vai acontecer com o homem na supercivilização técnica que se avizinha? O senhor acredita que alguém voltará a se preocupar, dentro de vinte anos, com o espírito, com os símbolos, em plena era das viagens interplanetárias, com os "sputnik", os Gagarin e os Shepard? O espírito não chegará a parecer *demodé*?

O doutor Jung sorri maliciosamente e afirma: "Cedo ou tarde, o homem terá que voltar a si mesmo, ainda que seja desde os astros. Tudo o que está acontecendo é uma forma extrema de escapismo porque é mais fácil chegar a Marte que encontrar-se a si mesmo. Se o homem não se encontrar a si mesmo, se não voltar a si mesmo, então ocorrerá o maior de todos os perigos, sua aniquilação"¹.

Ante um olhar profundo, observa-se hoje uma "migração em massa" da humanidade, em direção a um "Centro" desconhecido, "Polo" invisível para o qual convergem as diferentes correntes, formas e acontecimentos que configuram o estranho mundo em que vivemos. Esta "deriva" para dentro se produz por um movimento inverso da alma, por reversão do tempo cósmico no homem, por mudança de rumo do fluxo da matéria. É a "viagem de retorno", a "volta" do peregrino à casa do Pai ("remontando a superfície da água", como diz Leopoldo Marechal, em linguagem poética).

Esta "viagem para o Centro" é um tema mítico, formulado com diferentes expressões, nos domínios da ciência, da filosofia e da vida:

metafísica, "busca do ser"; psicologia, "busca de identidade"; ética, "busca de sentido"; físicoquímica, "busca de simetria"; mística, "busca de União".

Mas, o que é esse "Centro"?

NÃO É nada do que possamos imaginar. E É TUDO.

1. Miguel Serrano, *Mi Último Encuentro con C. G. Jung*, Humboldt (edição em espanhol), n° 8, 1961, pg. 76.

- Como "simples estar" (um estado simples)
- Como "som primordial"
- Como "lar" (um lugar para ficar)
- Como "repouso do guerreiro" (estado simples, onde cessam os opostos)
- Como "toque delicado" na interioridade do Ser. São João da Cruz exclama em sua poesia mística: "*Oh llama de amor viva, que tiernamente hieres de mi alma en el más profundo centro*"². Toque delicado é "sentimento tangível", "contato primordial"
- Como "encontro com o Mestre". Acontecimento "central" que põe a descoberto o "Princípio" do Caminho

"Encontro com o Mestre" é sentir-se recebido como alma, é re-conhecer a luz divina que guia na noite do mundo, é descobrir por um instante, em si mesmo, o poder da energia de Aliança.

Não se mendiga a liberdade interior, conquista-se! Mas não com as fantasias da imaginação nem com a onipotência da vontade e sim, com a força cósmica que circula por dentro, quando o próprio homem a toma em suas mãos como espada de liberação.

E aqui, intervém novamente o Mestre, como Hierofante do fogo.

Mas, quem *É* realmente o Mestre?

É "Alguém" que tem as chaves para conduzir-nos por estreitos labirintos, para o centro do "Coração Atômico".

Esse "Alguém" foi, em minha vida, o Mestre Santiago.

Quem foi (quem *É*) o Mestre Santiago? Nós que o conhecemos de perto demos testemunho, mais de uma vez, do poder de sua Presença, da doçura de seu Coração, da fortaleza de sua Vontade, da sabedoria de sua Palavra, do mistério de sua Morte. Mas, para além de sua biografia pessoal e para além das formas da vida e da morte, com as quais identificamos sua figura, começa a delinear-se, ainda para muitos dos que não o conheceram, a delicada silhueta de sua trans-figuração.

2. São João da Cruz, "Llama de Amor Viva", *Obras Completas*, Madrid, Biblioteca de Autores Cristianos, 1946, pg. 1101.

Quem foi São Bento? Quem foi São Bernardo?

As biografias destes gigantes do espírito, suas condutas exemplares, a crônica de seus trabalhos e de seus dias – nenhuma dessas marcas que deixaram no tempo explica a natureza do poder que puseram em jogo. O sentido transcendente da obra que realizaram está inscrito no código genético da humanidade, mas a força da onda expansiva que geraram subjaz no *Mysterium* das Fundações.

A verdadeira hierarquia do Mestre Santiago se revela em sua Presença, uma Presença espiritual que transcende sua dimensão histórica. Seu passado biográfico se perde nas areias do tempo, mas sua Palavra tem presença viva na alma daqueles que a receberam. Não deixou nenhum livro escrito. Toda sua ensinância foi oral, de mestre a discípulo. Tampouco deixou bens materiais, suas posses foram intrínsecas. Qual foi seu legado? A revelação das leis fundamentais e contingentes para a civilização que vem. Qual foi sua obra? Acendeu o fogo sagrado no coração de seus filhos espirituais e ensinou a sustentá-lo e a transmiti-lo.

Para além dos poderes e virtudes que possamos reconhecer em uma grande alma, há no Mestre Santiago algo inédito, único, que o vincula à Grande Tradição Espiritual da Humanidade e é sua hierarquia de *Fundador*. É o Hierofante que inicia a Obra. É o Mestre que plasma a Ideia.

E chamou seus primeiros discípulos.
E foram três.

Um dos participantes da Cerimônia de Fundação me confiou, momentos antes de morrer, detalhes do acontecimento Inicial. Cada um dos presentes havia levado um trabalho escrito e, havendo tomado o Fundador os papéis com ambas mãos, estes começaram a arder. Quando abriu as mãos, via-se que os papéis tinham ficado reduzidos a cinzas. Disse-lhes então, que *"começava o trabalho e que, o único que podia oferecer-lhes era uma vida de sacrifício e renunciamiento"*.

Era algo mais que uma obra pessoal. Como ontem, como sempre (lembro-me das palavras do Sermão da Montanha e do Sermão de Benares), "havia sido posta em movimento, a roda da lei".

Hoje, ao escrever estas linhas, muitos anos depois da Fundação, posso vislumbrar a Luz espiritual que se manifestava naquele "fogo" e compreender o simbolismo vivo daquelas "cinzas". Cheguei a dar-me conta de que o ritual que o Sacerdote iniciado realiza em um "Círculo Hermético" se repete, analogicamente, em outras circunstâncias e com outra medida, em cada ser hu-

...mas que se dispõem a sustentar com suas próprias mãos o mesmo fogo e a converter-se na mesma "cinza".

O "Cerimonial do Fogo" pertence à Tradição Espiritual da Humanidade. É a liturgia de ontem, de hoje e de sempre. É o "incêndio" da matéria humana, por uma chispa do fogo sagrado.

Voltando ao Mestre Santiago, quando falo de "Cerimônia de Fundação", refiro-me a um rito cosmogônico, a uma linguagem universal, a um ritmo analógico entre o Céu e a Terra, a uma coreografia simbólica do gesto (que traça uma nova geometria dos valores e anuncia uma nova ordem da vida). É o poder da Palavra Iniciadora.

Mas, de onde vem esta Palavra?

MYSTERIUM MAGNUM

ou da pergunta pelo fundamento



*Antes das coisas só havia uma névoa,
uma grande nuvem.*

Popol Vuh

Qual é esse fundamento que está além das coisas, para além das raízes do tempo, para além da *patencia* do ser?

- É o Alento que precede a palavra.
- É o Silêncio que está antes do som.
- É o Nome que não pode ser pronunciado.
- É o Vazio de onde surge o pensamento.
- É o Zero metafísico de onde procedem todos os números.

É o "Mistério" que encerra em Si a Possibilidade total, o paradoxo de Ser e Não Ser, a "Obscuridade/luminosíssima" de que fala Dionísio Areopagita.

Este *Mysterium Magnum*, que não pode ser pensado, pronunciado nem representado, foi, no entanto, nomeado com diferentes nomes nas diferentes tradições da humanidade.

- É o Todo.
- É o Nada.
- É o Tao.
- É a Matriz do Cosmos.
- É a Mãe de Deus.

E, quando queremos representar esse TODO, traçamos um círculo; é a primeira figura que uma criança de três anos desenha, espontaneamente.



Todas estas expressões e figurações são apenas pontos de apoio simbólicos para nomear o que não pode ser nomeado, para representar o que não pode ser representado. A investigadora do Conselho Nacional de Investigações Científicas e Técnicas (CONICET) da Argentina, Miriama Widakowich-Weyland, em um ensaio profundo sobre místicas comparadas¹, adverte sobre a possível confusão e distorção de termos. "Desde logo", diz Miriama, "o Nada a que se referem os místicos apofáticos não é o da linguagem usual, isto é,

1. Miriama Widakowich-Weyland, *La Nada y su Fuerza. Ensayo de Mística Comparada*, Buenos Aires, Distal, 1982, pg. 31.

razão frente à carencia total. Denota sempre, como explica Corbin, um "supernada" (*sur-néant*) que origina o ser e o nada ou, como afirma Ricoeur, é um termo escolhido por analogia, já que forçosamente, de alguma maneira, deve ser explicada a experiência mística de Deus. Isto já o sabia São João da Cruz, quando canta em sua poesia:

Grandes coisas entendi:
não direi o que senti
que fiquei não sabendo,
toda ciência transcendendo."

Até aqui, a citação de Miriama Widakowich.

E, se da figuração poética passarmos à simbologia da linguagem, encontrar-nos-emos com o enigmático "Aleph" que é o "alento" que precede cada letra, mas que não é a letra e sim, a "raiz" de todo som articulado e que, além disso, é a matriz de todo o alfabeto. Outra vez o TODO, mas sob outra forma.

Por que faço todas estas considerações a respeito do Fundamento Transcendente da Grande Obra, reflexões que parecem distanciar-nos da Palavra Iniciadora do Mestre Santiago? É que a "Obra" a que me refiro neste livro não é a obra de um homem, mas a expressão humana de um *Mysterium* divino que a transcende. O Mestre Fundador Inicia a Obra e se trans-figura na Obra (Princípio de Reversibilidade de Valores).

Este "Princípio" (se pudermos chamá-lo assim), que está *antes* de todo princípio, revela-se, uma e outra vez, no homem e no mundo, por trás do véu de diferentes formas. Revela-se como Palavra Iniciadora¹. É uma "Palavra perdida" que temos de resgatar, se quisermos ser portadores de uma "Mensagem" que transcenda a atual antinomia entre valores humanos e divinos.

Digo isto, porque as chamadas correntes de "integração do conhecimento" não vão além de uma "síntese intelectual", sistemas que são formulados como "teorias de campo unificado", mas que não ultrapassam o alcance do pensamento nem transcendem a fronteira do tempo. No máximo, traçam as grandes linhas do que poderíamos chamar de uma gnose cosmológica, mas não podem integrar o *Mysterium* que transcende toda gnose. São construções truncadas, falta-lhes a "pedra angular" que coroa a Obra.

A nova civilização de Síntese não se funda em uma nova Gnose, uma nova Teologia, uma nova Metafísica ou uma nova Religião, mas em "Princípios" universais que perdemos. *Princípios gen-éticos* que derivam de uma Palavra fundante, enraizada no *Mysterium Magnum*.

Este Verbo iniciador, esta Palavra de fogo,

é *escutado* no Silêncio,

é *reconhecido* no Encontro,

é *pronunciado* no Compromisso.

Três primeiros mistérios de iniciação.

Para Ramana Maharshi, há três caminhos que conduzem à iniciação: o toque, o olhar, o silêncio². Mas estes três mistérios não se referem somente à iniciação, entendida como caminho extraordinário em direção ao cume da montanha sagrada, senão que constituem outros tantos pontos de partida no caminho do homem (*silêncio, olhar e toque* que costumam passar inadvertidos, no torvelinho da vida cotidiana e que devemos recuperar como palavras iniciais, se quisermos alcançar a transcendência que concede real dignidade à vida humana).

1. Palavra de *origem*. Deve-se ter presente a diferença entre "começo" ("Beginn"), que é algo que acontece no tempo, e "início" ("Anfang"), como *fundamentum* do tempo.

2. Arthur Osborne, *Ramana Maharshi (El Sendero del Autoconocimiento)*, Kier, Buenos Aires, 1971, pg. 152.

Cosmogonicamente, é o Primeiro Princípio, o Princípio que cria os mundos. "In principio erat Verbum". É a luz primigênia (*Ur-licht*), na segunda sinfonia de Mahler.

No homem, é a Voz que se *ouve* no Silêncio. Em palavras de Friedrich von Schlegel: "Entre todos os rumores que ressoam através do espaço cheio de matizes, há um som muito quedo, perceptível somente para aquele que em segredo escuta".

Em termos metafísicos, é a Primeira Revelação, a Palavra que anuncia por dentro a Unidade do ser.

Não vou me referir aqui à revelação dos grandes profetas, à iluminação dos grandes místicos, à intuição dos grandes filósofos ou à inspiração dos sábios e dos artistas, mas à "revelação-função" que pertence à "Mesmidade" de todo ser humano, função essencial que foi esquecida, obstruída e deformada por toda uma civilização racionalista e técnica, e que agora queremos resgatar, dentro de nós mesmos, para fundar a nova civilização de Síntese.

Ao dizer resgatar, quero dizer voltar a "ouvir" (função primordial do ouvido) a Voz in-sonora (que ressoa por dentro) e que se reconhece como própria, "Egoência do Ser".

O que é "Egoência"? É Princípio de "ressonância por similitude", ato simples de "re-conhecimento de Si". É a mais alta (e, ao mesmo tempo, a mais profunda) expressão de "individualidade expansiva". É o "ponto" crítico de reversibilidade de todos os valores.



Neste ponto de "transição de fase", as palavras se tornam insuficientes (certamente, a própria palavra "egoência" sofre um colapso semântico). Neste ponto de "reversibilidade de forças", fracassa o princípio racional de individuação. No mundo da física quântica, já não podemos falar de "partícula" ou de "onda", mas de "partícula-onda". E o que acontece no mundo humano? Sören Kierkegaard foi, talvez, o primeiro a dar-se conta da dificuldade em resolver o paradoxo da individualidade: "Ou o Indivíduo se encontra como indivíduo, em uma relação absoluta com o absoluto, ou está perdido"³. Este paradoxo não pode ser resolvido em termos dialéticos, como tampouco pode ser resolvido o paradoxo do comportamento da luz em termos de partícula ou de onda. Em outras palavras, o paradoxo da individualidade humana não

3. Sören Kierkegaard, *Temor y Temblor*, Losada, Buenos Aires, 1958.

mas por meio de uma "função transicional", a qual chamamos de "Egoência", sem pretender com isso, reduzir a função à etimologia da palavra. De qualquer modo, com a palavra "egoência" preservamos um "ponto" fonético-semântico como "símbolo analógico" da Palavra primordial.

Por que me apoio na dimensão "fonética" da palavra? Porque o Alento primordial que fundamenta o sentido da linguagem no homem é recebido por meio do ouvido ("... chamou Deus a Moisés, desde o alto da montanha", Êx. 19:3).

Voltemos de novo à pergunta, mas agora, desde a própria interioridade: "O que é Egoência?" É re-conhecimento de Si. Quer dizer, não somente revelação da Palavra, mas reconhecimento dessa Palavra como própria. A Palavra primordial nem sempre é reconhecida como própria. Geralmente é "projetada" e ouvida como voz que vem de fora ("Sara ouve a voz do Senhor desde a porta da tenda, que estava às costas daquele que falava", Gên. 18:10). E, no Novo Testamento, o anjo Gabriel transmite palavras de graça a Maria, mas "Ela se turvou ao ouvir estas palavras e discorria o que poderia significar aquela saudação" (Lc. 1:29).

Viktor Frankl, em seu livro *O Deus Inconsciente*⁴, descreve tomando o exemplo do profeta Samuel, esta "projeção" da Voz transcendente e faz notar a dificuldade que a consciência individual tem em reconhecê-la como própria: "Samuel, que dormia no santuário de Yahvé onde estava a arca de Deus, ouviu a voz de Yahvé que o chamava: 'Samuel!'. E ele respondeu: 'Eis-me aqui'". Mas, não reconhece essa voz como própria e corre ao sacerdote Eli, que também estava no templo, e lhe diz: "Aqui estou, chamaste-me".

Eli responde: "Não te chamei, volta a deitar-te". E o relato bíblico continua dizendo: "Samuel não conhecia ainda Yahvé, pois ainda não lhe havia sido revelada a palavra de Yahvé" (1 Sam. 3:3,7). Somente com a ajuda do sacerdote Eli, pôde Samuel responder à voz que o chamava e dizer: "Fala, Senhor, que teu servo escuta" (1 Sam. 3:10).

Em uma época de "confusão de línguas" como a nossa, temos que aprender a reconhecer em nós mesmos a Voz da mensagem e a identificá-la em meio à multidão de vozes sem mensagem. Há uma diferença entre a revelação que vem de fora (por intermediação profética) e a revelação que vem de dentro (como bem intrínseco, sem intermediários). É algo assim como a diferença assinalada por Castaneda (com palavras de Dom Juan) entre a percepção dos "antigos videntes" e dos "novos videntes"⁵. Trata-se de um salto antropológico, de uma nova dimensão da consciência, de uma nova "função" na fisiologia humana⁶.

Habitualmente, eu também "durmo", como Samuel, no santuário de meu próprio coração, sem escutar a Voz que *me* chama. E o reconhecimento desse "me" é a nota chave (som in-audível) de uma nova função antropológica que

4. Viktor Frankl, *El Dios Inconsciente*, Platina, Buenos Aires, 1955, pg. 63.

5. Carlos Castaneda, *El Fuego Interior*, Emecé, Buenos Aires, 1986, pg. 20.

6. Ramón P. Muñoz Soler, *Antropología de Síntesis*, Depalma, Buenos Aires, 1980.

me permite pronunciar-me a mim mesmo. Egoência do Ser. O meio que faz possível essa revelação interior é o Silêncio, um valor espiritual em si.

O que é "Egoência", então?

É o "ponto infinitesimal" onde o som e a luz se encontram. É uma "função" cósmica incorporada à vida humana, que faz possível reverter o tempo dimensional em tempo expansivo (um "transistor").

Nesta nova etapa antropológica em que estamos transitando, trata-se de, precisamente, incorporar a "mensagem divina" às funções da vida humana. E digo expressamente "divina" e não mensagens do inconsciente ou mensagens do mundo astral ou mensagens dos discos voadores, porque por sua própria natureza, as mensagens psicológicas, cosmológicas ou tecnológicas são tão "encobridoras do Ser" quanto a percepção sensorial do mundo.

Trata-se de aceder, pelo Silêncio (um valor negativo), à dinâmica de reversibilidade de valores. Isto que parece tão complexo é, no entanto, muito simples: trata-se simplesmente de "escutar".

A irrupção da Voz transcendente nas águas da vida (de *minha* vida) se revela como "intuições primordiais", delicadas "con-figurações de ideia/sentimento" que escapam facilmente das mãos, sinais muito sutis e "novos" que a consciência não está acostumada a reconhecer como próprios (perdemos o hábito de conversar com os deuses). Estas puras intuições espirituais, ao não serem reconhecidas como mensagens *para serem vividas*, são "reprimidas", "projetadas" ou "disfarçadas", isto é, re-vestem-se (ocultam-se) nos "moldes" já fabricados pela consciência psicológica, pela moral social ou pelos arquétipos do inconsciente coletivo e perdem assim, seu potencial genesiaco como forças transformadoras da vida. Viktor Frankl assinalou muito especialmente que, assim como a moral vitoriana levou à repressão dos instintos sexuais, assistimos hoje a uma nova enfermidade da civilização, por repressão da Voz transcendente da consciência (neurose de massas do mundo moderno, por vazio existencial e perda de sentido).

Quicá tenha sido Meister Eckhart, entre os representantes da mística apofática, quem, a meu critério, tenha se aproximado mais da função universal de "egoência". E os autores alemães, quando querem expressar em poucas palavras o pensamento de Eckhart, dizem que se trata de "*Die Gottesgeburt im Seelengrund*", que é como dizer "O nascimento de Deus no fundo da alma".

Cosmogonicamente, é a magia (Maya) da dualidade cósmica. "O espírito de Deus se movia sobre a face das águas" (Gên. 1:2). No terreno humano, é o "olhar de ressonância". É o "reflexo" de Si mesmo no Outro.

Mas, o que é Encontro? Há um "encontro mágico" (é o amor mágico). Há um "encontro providencial" (a reunião de almas similares). E há um "encontro trágico" (uma "armadilha", onde o amor se encontra com a morte).

No ciclo atual do tempo que vivemos (de ocultamento da luz), o "mistério do encontro" foi perdido; o que predomina é a esterilidade do "des-encontro". Os chamados *encontros* são, hoje, contatos fugazes, frágeis ondulações nas águas da vida; a amizade se tornou superficial, em lugar de enamoramento há sedução, o casamento foi substituído pelo casal. É como se a "energia de enlace", essa misteriosa força cósmica que mantém unidas as partículas subatômicas, houvesse se debilitado. E, efetivamente, disso se trata, de uma degradação qualitativa do vínculo que, em nível humano, traduz-se em indiferença, apatia e distância: o homem se tornou estranho para o homem.

Talvez, para recuperar o mistério criador do "encontro", tenhamos que padecer de uma aridez ainda maior de "des-encontro", uma fronteira perigosa onde o ser humano pode perder o rastro de seus companheiros de caminho. Nesse vazio da comunicação humana, movemo-nos hoje. Como restabelecer a linguagem da alma? Por ressonância de similitude!

Uma nova dimensão do amor? Ou uma nova vibração da matéria?

Ressonância por similitude é "encontro significativo", divino e humano ao mesmo tempo, co-moção inicial da alma, sublime mistério do Amor. É o despertar da Amada I-móvel¹, irrupção do fogo cósmico que tira o UM primordial de sua solidão absoluta e o torna DOIS. É a projeção da mulher arquetípica na alma do homem (ELLA, como diz Miguel Serrano) e o beijo do arquétipo masculino na alma da mulher (ELLAEL)².

O encontro significativo com outro ser humano não só "humaniza" a Palavra primordial (o discípulo encontra seu mestre, o povo reconhece seu guia), senão que lhe dá "corpo", isto é, polariza a essência do espírito na substância da vida (o homem, através da mulher, sentimentaliza a ideia e a mulher intelectualiza o sentimento, por ressonância de similitude com o homem).

Da ressonância por similitude entre o arquétipo ideal que se sonha por dentro e o encontro real que acontece por fora, "nasce" a ideia-força que põe asas à roda da

1. Do poema "La Amada Inmóvil", de Amado Nervo.

2. Miguel Serrano, *ELELLA, Libro del Amor Mágico*, Buenos Aires, Kier, 1973.

vida. E o encontro providencial que muda o destino (Martin Fierro, vendo-se encurralado em perigosa luta, descobre o amigo da alma na irrupção providencial de Cruz, e relata o encontro em simbólicos versos):

Tal vez en el corazón
le tocó un santo bendito
a un gaucho, que pegó el grito
y dijo: "Cruz no consiente
que se cometa el delito
de matar así un valiente".

Y ahí no más se me apareió,
dentrándole a la partida.³

"Ahí no más se me apareió": é o amigo que re-conhece o amigo, *antes* de conhecê-lo! O "encontro" é algo mais que a companhia que cobre a solidão das horas vazias, algo mais que o afeto sentimental que vai e que vem. "Encontro" é a revelação do Amor em si, uma "função" da vida, uma interação de forças humanas que opera como ingrediente catalítico na dinâmica expansiva da consciência. Por isso, é tão dolorosa a frustração do encontro; não é só uma questão de ferida nos sentimentos, mas a quebra de uma expectativa de fecundação espiritual (é algo valioso que se perde, como o potencial que a mulher perde todos os meses, quando não se produz o acoplamento do óvulo feminino com seu divino consorte masculino).

"Encontro" é liberação de energia criadora, radiação de campo magnético humano, fundamento místico-energético da comunidade social.

3. José Hernández, *Martin Fierro*, Buenos Aires, Del Bagual, 1979.

Cosmogonicamente, é o "enlace" que con-figura a Triada.

Humanamente, é a Palavra que é pronunciada no Compromisso.

Misticamente, é o "selo" que confirma a Aliança.

É a *signatura* da Aliança, palavra de honra, vontade analógica.

Se o primeiro *mistério* é revelação do Ser e o segundo *mistério*, revelação do Amor, o terceiro *mistério* é revelação da Força.

Pela Palavra de compromisso, o ser humano se pronuncia a Si mesmo ante os demais (responsabilidade social); mas o ato puro de compromisso é *mais* ante Deus que ante os homens (poder espiritual da palavra ainda não pronunciada).

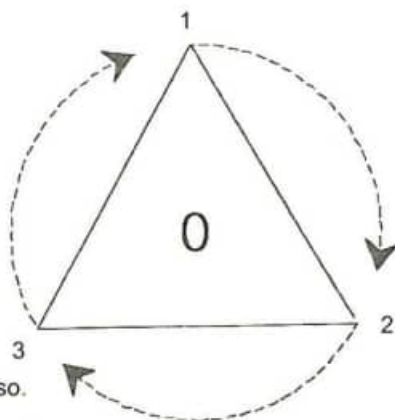
A "palavra de honra" é o fundamento moral da ordem jurídica. É a força espiritual que sustenta por dentro a dinâmica das instituições políticas. Ainda mais, é o princípio orgânico da vida especificamente humana (princípio con-stitutivo da própria vida, não só como valor de responsabilidade ética, mas como energia ordenadora da matéria). A "palavra de honra" estende uma ponte entre os valores da alma e a química da vida (geometria molecular analógica, ainda pouco conhecida). É o "poder de plasmação" da palavra viva.

O descobrimento deste "poder de plasmação" da Palavra de Compromisso – o haver posto a descoberto a relação entre os valores do homem e a geometria da natureza (dito de outro modo, a co-relação entre a ordem moral e a ordem molecular) – é a nota chave que abre as portas da nova civilização de Síntese. Os clarividentes da nova era chegaram a dar-se conta de que o campo supramolecular que governa a geometria da matéria viva, campo que os biólogos, por sua vez, haviam intuído por via experimental, responde a sutis vibrações de ordem moral que escapam ao olho dos instrumentos técnicos, mas que se fazem visíveis ao microscópio de ressonância dos investigadores do campo unificado de espírito-matéria. Aos olhos destes novos videntes-sábios, aparecem os padrões de ressonância que os antigos videntes-alquimistas haviam descrito como "*signatura rerum*"¹, isto é, como a "marca" da Palavra de Deus na matéria do mundo, mas, desta vez, como "signatura" da palavra do homem (feita Verbo) na matéria de sua própria vida (faceta biológica e fisiológica da "Ego-ência do Ser").

1. Jacob Boehme, *The Signature of All Things*, Cambridge, J. Clark & Co. Ltd. 1981.

A consciência de si

pré-anuncia-se como Voz do Silêncio,

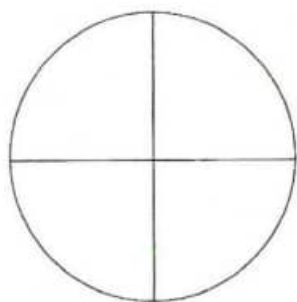


pro-nuncia-se como
Palavra de Compromisso.

reconhece-se no
Olhar do Encontro

Três pontos que delineiam um Espaço primordial.

E O QUARTO?



Como se passa da ordem "ontológica" à ordem "cosmológica"? Isto seria como perguntar, "como se passa da informação codificada no DNA às estruturas e funções orgânicas?".

O Evangelho de João responde em chave hermética: "E o Verbo se fez carne" (João, 1:14).

A genética molecular nos aponta três passos:

Informação
Transcrição
Tradução

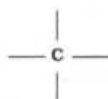
Mas, a pergunta vem de mais longe:

"Um, dois, três. Mas, querido Timeu, onde está o quarto?" (Platão, *Timeu*, quando Sócrates inicia o diálogo).

A pergunta pelo quatro implica, em primeiro termo, como passar da ordem ideal à ordem material, do *eidos* à *hyle*, da essência à substância; os filósofos matemáticos do medievo procuravam a fórmula da quadratura do círculo.

A Unidade primordial da informação genética implica a Dualidade complementar da molécula de DNA (hélice dupla), dualidade que se transcreve no trio nucleotídico "açúcar-grupo fosfato-base" e que, por sua vez, traduz-se na quaternidade das bases: adenina (A), citosina (C), guanina (G), timina (T).

Na tradição hermética, o quatro é o símbolo da manifestação do Logos no mundo físico. Segundo Platão, é "a origem e a raiz da natureza eterna". Na tradição islâmica é a "Ka'bah", a pedra cúbica. Na ordem da geometria de nosso mundo espaço-temporal, representa os quatro pontos cardeais, as quatro forças do cosmos, as quatro valências do carbono. É também a cruz.



É a "pedra", sobre a qual se levanta o templo do espírito ("Sobre esta pedra edificarei minha igreja", Mt. 16:18). É o "pé" que deixa sua pegada nas areias do tempo. Também é o "fim", o resultado das coisas, o sacrifício, a consumação da Obra ("Consummatus est", João, 19:30).

O quatro, escrito "fora" do círculo (sem o círculo), é a cruz:



o homem de cabeça para baixo, do Tarot; como mandala moderno, diz Jung, é "como se o lugar da Divindade se encontrasse ocupado pela totalidade do homem".

Porém, a cruz inscrita "dentro" do círculo, segundo o próprio Jung, é um "símbolo de valores humanos e divinos"¹.



É um "Quarto" mistério, é o mistério de ontem e de hoje, a "estruturação homogênea de valores divinos e humanos". Este "Quarto Mistério", ou da reversibilidade do Amor, ficou reduzido pela mente racional ou a um "Verbo encarnado" (evangelho cristão) ou a um "Verbo desencarnado", como chama Octavio Paz: "A missão do poeta é restabelecer a palavra original, desviada pelos sacerdotes e pelos filósofos"².

Mas, nesta era cósmica em que vivemos, o mistério do Amor revela uma dimensão até agora desconhecida; já não se trata somente da "encarnação do Verbo" nem do "Verbo desencarnado", mas de recuperar em nós mesmos a unidade do movimento humano-divino, através do ritmo reversível do coração. É uma função nascente do homem cósmico; não um novo ideal, mas uma nova "molécula", um novo estado da matéria, uma nova geometria da vida.

Neste nível profundo da vida, a pergunta pelo quatro já não é somente como entrar na matéria (pergunta cosmológica), mas como tomar a matéria para transmutá-la (pergunta mística). Esta reversão da pergunta cosmológica já não encontra resposta nas filosofias políticas, nas doutrinas religiosas ou nas teorias científicas; já não é uma resposta da inteligência, mas uma função da Vida.

1. C. G. Jung, *Psicologia y Religión*, Buenos Aires, Paidós, 1949, pgs. 131 e 134.

2. Octavio Paz, *El Arco y La Lira*, México, Fondo de Cultura Económica, 1973, pg. 237.

Somos prot-agonistas de uma nova "gesta", de um "Acontecimento" gen-ético, de uma "Aliança" secreta, de um pacto de Amor que põe em jogo os valores mais excelsos da Vida. O fruto desta união mística é algo mais que uma nova ideia ou um novo sentimento, é também uma nova "molécula".

A síntese de uma molécula privilegiada (pensemos na clorofila, na hemoglobina, no DNA) *inicia* uma etapa completamente nova no processo co-evolutivo da matéria viva. São moléculas "ponte", enlaçam mundos diferentes. E disto se trata agora, não de novos ideais para sustentar a vida, mas de nova vida para sustentar o ideal.

O astronauta é o prelúdio do homem cósmico. A chave para o salto antropológico não é a engenharia genética, mas a gen-ética espiritual. Ao cérebro eletrônico por fora, corresponde um coração atômico por dentro.

Dizem os biólogos modernos que "rompeu-se o antigo pacto com a natureza" (Jacques Monod). Não se trata agora, de "voltar" à natureza (ideal romântico), nem de substituir a *natura* pela *techné* (ideal tecnocrônico), mas de realizar por dentro, em nosso próprio meio interno, uma nova síntese (plasmação de uma nova "molécula" da vida). Para isso, não é suficiente o poder do conhecimento, a exaltação da beleza, a poesia do amor ou a magia da técnica, senão que se requerem "condições extremas", jamais alcançadas até agora pelo homem; condições semelhantes às que existem no plasma estelar e que possibilitam a "fusão" atômica dos elementos; condições que os cientistas procuram reproduzir nos reatores de fusão e nos laboratórios de biologia molecular; condições que o místico gera em seu coração, até alcançar o limite crítico de transmutação da matéria e que a humanidade inteira experimenta hoje, em escala planetária, através da oferenda e do sacrifício coletivo. Ruptura de simetria da matéria, "abertura" dos recintos atômicos, no umbral da desesperança.

A "Iniciação" moderna já não é para uns poucos escolhidos, mas para todos (só a "medida", o "ritmo", são diferentes). A transmutação dos valores está sendo realizada hoje, em escala coletiva, já não em câmaras secretas, como nos antigos mistérios, mas à luz do dia, no laboratório secreto de nosso próprio coração. Não somente os místicos falam de "iluminação" nestes terríveis dias. Muitos doentes de AIDS, alguns exilados políticos, alguns sobreviventes das câmaras de tortura inventadas pela civilização moderna, alguns astronautas, dão testemunho do despertar de uma consciência expansiva. E algumas crianças, que chegam com um sinal cósmico na fronte!

A iniciação cósmica da humanidade não é romântica nem metafísica, mas Al-química: contato direto com a Luz invisível que vem do Céu, "toque" delicado, "sentimento *tangível*" de União, "enlace" energ-ético entre os valores da alma e a química da vida. Não somente uma nova mística, mas uma nova "fisiologia". Do coração mecânico, passamos ao Coração atômico; do ritmo terrestre, ao ritmo cósmico.

E é o próprio "ritmo" do Coração atômico o que nos revela a "Lei" do universo *no* homem. Este des-ocultamento da Lei interior caminha em forma correlativa com o de-ciframento da lei física, no campo da matéria e da energia. Como diz Michael

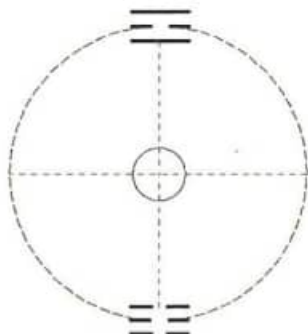
Talbot em seu livro *Para Além da Teoria Quântica*, o desafio para os tempos que vêm “já não é a catalogação do movimento, sem explicação do movimento – Era I (Galileu, Kepler), ou a catalogação da lei que explica a mudança, mas sem explicação da lei – Era II (Newton, até a teoria quântica), mas a decifração da lei física em si mesma¹. A “física do significado” é o ponto de apoio que temos hoje para decifrar, por analogia, o movimento interno do Coração.

Qual é a lei deste movimento intrínseco do Coração? Antes de tentar penetrar neste “quarto mistério”, temos que dizer algumas palavras acerca do Mestre do Coração, porque o Mestre do Coração nos ensinou a viver esta Lei, mais do que a compreendê-la.

“Em cima o fogo, embaixo a Terra”

No centro,

**“um forte príncipe reúne os demais
príncipes em torno do Grande Rei”.**



O MESTRE DO CORAÇÃO

Ao falar do Mestre do Coração, mais que referir-me a uma determinada pessoa (ainda que eu tenha reconhecido no Mestre Santiago, um Mestre do Coração)², quero nomear uma “função” da vida, ainda pouco conhecida; refiro-me a essa potência expansiva do Amor que se revela por simples Presença. No “encontro” com algumas almas nobres, senti a paz interior que essa Presença induz.

Junto ao Mestre Santiago, as palavras eram supérfluas: os conceitos, as explicações, as justificações, toda a decoração do raciocínio discursivo caía de repente, como folhas arrancadas pelo vento, e ficava-se desnudo, a um simples olhar de uma luz invisível. Esta foi a primeira lição que aprendi em sua Presença, lição sem palavras, contato direto com uma “força” doce e ter-

1. Michael Talbot, *Más Allá de la Teoría Cuántica*, Barcelona, Gedisa, 1998, pg. 237.

2. O Mestre Santiago tinha em suas mãos “a dupla linha do coração”. Eugenio Soriani, *La Moderna Quirología*, Buenos Aires, Ananke, 1937.

rorifica ao mesmo tempo. Anos depois soube como Jacó, que “havia estado em um lugar sagrado e eu não o sabia”.

Não me foi fácil suportar um olhar que atravessava de lado a lado os tecidos de minha alma; no começo, sentia “vergonha de estar desnudo”, queria cobrir-me, mas não podia; por momentos, temia uma censura (que não chegava), por momentos, eu tentava uma explicação (que era delicadamente interrompida). Pouco a pouco, fui me dando conta de que o melhor era não fazer nada, não resistir, ficar quieto e esquecido de mim mesmo, à Presença radiante do Mestre; quando conseguia, sentia uma profunda paz interior.

Mas, não queria sentir, queria também compreender! E então, perguntava e perguntava... “Sim”, dizia-me, *“percebo que o senhor quer fixar a ensinância em conceitos”* (e acentuou a palavra “fixar”), *“mas, quando a ensinância é fixada em um sistema conceitual, perde a energia prístina do Verbo e fica reduzida à palavra que se repete.”* Não agradava ao Mestre repetir algo que já havia dito; quando eu lhe pedia que, por favor, repetisse o que acabava de dizer porque não o havia compreendido bem, dizia-me: *“Vou lhe dizer a mesma coisa, mas de outra maneira”*. Sua ensinância era uma corrente viva que descia, sempre renovada, desde os altos cumes ao vale. Não lhe agradava que fossem gravadas suas palavras, nem que fosse usado um quadro negro para fixar conceitos.

Indubitavelmente, o que eu havia entendido, até então, por ensinância, por doutrina, por sistema, não tinha nada a ver com o que começava a experimentar quando entrava em ressonância com o campo vibratório do Mestre; então, não eram palavras o que ouvia, senão que “escutava” o ritmo, o pulso de uma energia desconhecida.

A compreensão vinha por outro caminho; já não era o conhecimento processado pelo cérebro, mas a sabedoria-ritmo do coração. Um novo “chakra” havia sido ativado, uma nova “função” entrava no jogo da vida; já não era o pulsar do coração mecânico, mas o ritmo reversível do coração atômico (o *solve et coagula* dos alquimistas, vivido por dentro). O que eu sentia, no começo, eram impressões confusas (um “amar-e-compreender”, ao mesmo tempo), mas era difícil para mim, traduzir em termos inteligíveis a onda modulada de um coração diferente.

Qual era o sentido deste despertar do coração? E, além disso, qual era o sentido da Ensinância do Mestre? Qual era a missão portada por este Mensageiro do Espírito?

A personalidade humana do Mestre se diluía ante a grandeza da Obra. Mas, qual era essa Obra? Ele nos dizia que, nestes tempos difíceis de confusão de ideias e de decadência moral das massas organizadas, era imprescindível *“preservar em um recinto sagrado o mistério do Amor divino”*. Qual era (é) esse recinto? – perguntávamos. Acaso, um novo templo ou novas tábuas da Lei? “Não”, respondia o Mestre, *“o recinto é uma reunião de almas”*. E particularizava ainda mais: *“A chama viva do Amor divino deve voltar a arder no coração do homem; e é preciso aprender a mantê-la viva”*.

De minha parte, eu fazia algumas reflexões. Amar a Deus no Tabernáculo Secreto do Coração (*sacro speco*) era uma mensagem universal que, de uma ou de outra maneira, estava implícita ou explícita na tradição espiritual da

humanidade, mas “manter viva a chama do Amor divino no coração do homem” se revelou a mim como uma “função” da vida profunda, que ia além do impulso devocional. Os místicos de todos os tempos deram testemunho, com suas vidas, desta exaltação do amor. São João da Cruz canta em sua poesia mística a “chama de amor viva”. Mas, eu me perguntava: qual era a mensagem de Amor para nós, homens e mulheres comuns que participávamos na corrente de vida de uma reunião de almas? E o Mestre respondia: “A mensagem é aprender a viver no centro do coração”. E eu continuava sem entender. “Sim”, voltava a detalhar o Mestre com infinita paciência, “viver no centro do coração é absorver em si mesmo esse princípio espiritual que obra sem gasto interior”.

E eu não conseguia compreender o que queria dizer com isso de “ação sem gasto”. Ele me corrigia: “sem gasto interior”, e ampliava seu pensamento: “sem lançar todas as energias sobre o fantasma do êxito exterior, sem entregar-se totalmente ao êxito pessoal; porque pôr toda a fantasia imaginativa, todo o potencial criador em uma obra a engendrar, é ceder a esse fantasma da autorrealização toda a riqueza interior da alma”.

Indubitavelmente, esta ensinança ia além de uma mensagem religiosa. Esta mística do coração não implicava somente um sentimento, mas uma “força”, uma energia cósmica no homem, até agora desconhecida. Era (é) sustentar em escala humana – em um coração atômico – a transmutação da matéria que se produz nas estrelas: função “solar” dos homens e das mulheres que vêm. E, já não só em forma individual, mas no recinto sagrado de uma “reunião de almas”.

Para além da conceitualização da Ensinança e das possíveis interpretações do simbolismo linguístico, eu procurava descobrir como “operava” a mensagem do coração na própria vida do Mestre e como se produzia o fenômeno de “ressonância” na fisiologia de meu próprio corpo. Haveria alguma lei que governasse o fenômeno? Eu havia observado que as palavras do Mestre eram algo mais que palavras, havia uma mensagem vibratória em sua expressão, um “ritmo de sentido” em suas horas, seus trabalhos e seus dias, uma “linguagem simbólica” que animava seus gestos, suas posturas e aquilo que ele dizia (dança cósmica humanizada); percebia que, se me batia com a esquerda, acariciava-me depois, com a direita. E também havia nele uma “medida”: nunca me pôs em situações às quais eu não pudesse resistir nem nunca violentou minha liberdade de pensar e de sentir. Eu descobria em seus silêncios e em seus gestos uma pedagogia da verdade (Ortega y Gasset a chamaria de “pedagogia da alusão”):

Quem quiser ensinar-nos uma verdade, não a diga: simplesmente aluda a ela com um breve gesto, gesto que inicie no ar uma ideal trajetória, pela qual, deslizando-nos, cheguemos nós mesmos até os pés da nova verdade. As verdades, uma vez sabidas, adquirem uma crosta utilitária; já não nos interessam como verdades e sim, como receitas úteis.³

3. José Ortega y Gasset, *Meditaciones del Quijote*, Madrid, Revista de Occidente, 1966, pg. 77.

Na linguagem vibratória do Mestre Santiago, "manter viva a chama do amor divino no coração do homem" não era somente uma mensagem para o sentimento e a devoção, mas símbolo verbal de uma "equação unificada da força". Em outros termos, um novo sentido do esforço; tomar com as mãos as poderosas forças da vida que circulam por dentro e levá-las como oferenda à câmara da Rainha. Por outro lado, manter viva sobre a Terra a chama do espírito é (e sempre foi) uma função sagrada; ontem, foram os sacerdotes do fogo, as virgens do Inca, os cavaleiros do Graal, hoje é o homem cósmico aquele que "sustenta" em seu próprio coração o "ritmo" energético dos valores humanos e divinos. E isto é algo mais que um ideal de transcendência e algo mais que uma vontade de poder; é também uma entrega, um sacrifício.

Ao dizer "sacrifício", quero dizer sacralizar a matéria, "sustentar" a chama, "mantê-la viva"; quero dizer, alimentá-la com a própria vida. Ao dizer sim à vida, com a totalidade de si mesmo, o espírito fica "fixo" na matéria ("fixação", em termos alquímicos) e o movimento da vida se revela como Vida *em si*. A cruz se põe em movimento e o quatro volta a fazer-se três; são os três princípios primordiais da Vida:



Três palavras-símbolo para representar o movimento unificado de reversibilidade de valores.

O Mestre do Coração nos havia revelado uma nova Lei. A espiritualidade do ser humano que se antecipava ao futuro já não ficava reduzida a premissas de "ação sem apego", "renunciamento", "negação do mundo e da vida"; o mundo havia mudado, o meio cósmico era outro e a estrutura física e mental do homem era diferente. Agora, era preciso viver a Lei de outra maneira, em outro contexto histórico, com outro estado de consciência.

Como devíamos mover-nos no espaço recém aberto? Por três passos simbólicos, em uma nova coreografia da dança: Fixação, Ritmo e Medida.

**TRÊS PASSOS NA
COREOGRAFIA DA LUZ**

Aqui, a palavra "fixação" não é usada por nós como conceito de estabilidade física, mas como símbolo do "ponto" interior de reversibilidade de valores.

Fixação é um "valor sustento", o "ponto" de estabilidade/dinâmica da chama, a palavra humana que sustenta por dentro o fogo do espírito; é a "fidelidade", como princípio de I-mobilidade do Ser; é um "sentir único", um deter-se no tempo para irradiar como consciência.

Já não é a palavra que o vento leva. Fixação é a promessa sustentada, o "voto", a consagração de vida – a oferta do Nazareno (Num. 6:2); é o "Sim" da Aliança ("energia de enlace"), não somente uma promessa da alma, mas um novo estado da matéria (por "princípio de inclusão de consciência"). Em outras palavras, "fixação" não é só um princípio metafísico ou um valor ético, mas um "estado" ultrafisiológico, um instalar-se no centro do Ser.

Hoje, perdemos este "ponto" interior de estabilidade/dinâmica e milhões de seres humanos desmoronam por dentro, ao não poder sustentar o ritmo acelerado do novo signo do tempo¹.

1. Fixação é real imobilidade; "não "imobilidade na imobilidade", mas "imobilidade no movimento". Só quando há imobilidade no movimento, pode-se iniciar o ritmo espiritual"; Fritjof Capra, *The Tao of Physics*, New York, Shambala, 1975, pg. 180. E texto taoísta.

Harmonia rítmica. "Quando Yin flui, transforma-se em Yang. Quando Yang se concentra, transforma-se em Yin". Da Mecânica à Gen-ética. Os poetas românticos o sabiam: "Todo pensamento engendra uma substância" (Novalis). Nós começamos a descobri-lo.

O trânsito do homem terrestre ao homem cósmico se realiza por uma mudança de ritmo. Mudança qualitativa do ritmo. Não só em função da energia, mas dos valores. Mudança na *natureza* do movimento. Do movimento periférico em linha reta que leva para fora ("fora de Si"), ao movimento que "se volta sobre Si", centrado "em Si". É o descobrimento, ou melhor, o redescobrimento do ritmo profundo do Coração.

Das leis de Galileu, Newton, Kepler (mecânica celeste) passamos às equações (ainda não formuladas) do movimento reversível da Vida. Salto gigantesco na revelação do sentir e do "sentido" (não só conhecer o "posto" do homem no cosmos, mas re-conhecer a "função" da vida humana no ritmo da "Grande Obra").

Quando tu descobres o ritmo cósmico dentro de ti mesmo, percebes que tua vida muda, que teu mundo já não é o mesmo, que tua genética molecular é diferente. Não se trata somente de uma filosofia dos valores, mas de uma "transmutação" da matéria.

Em nosso tempo, a mudança de ritmo do coração do homem produz o colapso das premissas do sistema.

Como descubro o ritmo profundo do Coração? Tomando consciência profunda de Mim mesmo. Não só pelo conhecimento, mas pelo sentir. Para além do sentir periférico das emoções, existe um sentir profundo, um "sentir do sentir" (um sentir à segunda potência). É a linguagem simbólica do Coração que se revela como ritmo in-expressável da Vida.

E, como posso expressar o inexpressável? Se realmente tomei posse profunda de Mim mesmo, o "sentir do sentir" se traduz em "formas simbólicas do Saber". É saber o que *realmente* sinto (*Erkennen*). É o des-ocultamento do sentir, a *clarividência* do coração.

Porém, o que vejo, o que diz o ritmo secreto do Coração? O que vejo é que o sangue não somente circula, mas que se "transmuta". Que a sístole não é somente contração de um músculo, mas Vontade determinante e que a diástole não é só relaxação e amplitude de um espaço orgânico, mas consciência expansiva. E vejo que um "não algo" se transcreve em energia e se traduz em matéria, e que a matéria reverte seu potencial em energia e desaparece em outro "não algo". É uma dança de criação/destruição, de vida/morte, de bem/mal. É o "*solve et coagula*" dos alquimistas, o "Princípio de ação/inação", o trânsito do Ser ao Não-Ser e do Não-Ser ao Ser, antiga linguagem secreta que agora começo a decifrar e a traduzir com a ajuda que me oferecem as novas formas da linguagem científica: transição de fase, salto quântico, matéria/antimatéria/informação, campo morfo-genético.

Mas, a "teoria física do significado" e a "*clarividência* do Coração" me ajudam a resolver meus próprios conflitos? Sim, ajudam, não quando quero resolvê-los, mas quando chego a entendê-los em sua última raiz (trânsito da dialética dos opostos à reversibilidade de valores).

É "o homem a medida de todas as coisas" (Protágoras)? Ou Deus é a medida do Homem?

Heidegger, comentando um poema de Hölderlin ("Não se mede desventuradamente o homem, com a Divindade?"), diz o seguinte: "A Divindade é a medida com que o homem mede seu habitar, a detenção sobre a terra, embaixo do céu"².

Existe algum "metro" para medir esta "desventura" entre o humano e o divino?

Quem sabe, a "métrica" da poesia? Diz Paul Claudel que "a inspiração poética se distingue pelos dons da imagem e do Número".

E o que nos diz a Bíblia? "A altura dos céus, a largura da terra, a profundidade do abismo, quem poderá medi-los?" (Ecl. 1:3).

O método científico experimental pareceu lançar por terra o interrogante bíblico e dar certeza à medida. Hoje, podemos medir as grandes distâncias cósmicas (da ordem de $1,5 \times 10^{26}$ metros) e os tempos de vida infinitamente breves das partículas subatômicas (3×10^{-24} segundos). Mas, a nova física descobriu que havia um *limite* para a medição, uma "fronteira" que no macrocosmos está dada pela velocidade da luz (horizonte de eventos) e no mundo subatômico pelo princípio de incerteza (não podemos medir simultaneamente a velocidade e a posição de uma partícula). Por sua vez, a "teoria de fractais" põe por terra a precisão dos instrumentos de medida, quando se trata de medir uma costa geográfica, por exemplo, e postula que se requer "alguma espécie de acordo" entre o mundo interior que procura a medida e a realidade do mundo objetivo que se quer medir³.

Porém, como transferimos esta relação/objeto do mundo físico ao mundo dos valores? Qual é a medida do homem?

O Levítico diz que "é a ação justa" ("Tende balanças justas, pesos justos", Lev. 19:36). Temos que poder ler estas palavras "balança" e "peso", em sua significação simbólica, isto é, com referência ao "princípio de ação justa" ("ninguém passará sem ser pesado"). E aqui, voltamos a Heidegger: "A Divindade é a medida com que o homem mede seu habitar", ou ao Evangelho: "Com a mesma medida com que medirdes, sereis medidos" (Mt. 7:2).

Mas, uma coisa é o "Princípio" da medida justa e outra coisa é a "Regra" prática para medir os trabalhos, as horas e os dias.

A "Regra" é a "equação simbólica humano-divina", a "proporção analógica", a "função de onda" que permite ao homem "medir-se desventuradamente com a Divindade". E, por que desventuradamente? Pela entrada em jogo do "princípio da incerteza" que, tanto na ordem física quanto na ordem moral, preside a ação de medir.

O grande desafio para a civilização que vem é descobrir a nova "Regra" para o homem, a nova "medida" da Lei; porque o "cânon" antropológico variou (a relação do homem com o cosmos já não é a mesma) e, portanto,

2. Martín Heidegger, "... Poeticamente habita el hombre", *Humboldt*, edição em espanhol, n° 62, 1977, pg. 22.

3. Benoit Mandelbrot, *Los Objetos Fractales*, Barcelona, Tusquets, 1987.

devemos encontrar a "nova proporção analógica" entre a vontade humana e a consciência cósmica. Tal "proporção" já não surge de uma medida realizada fora do homem, mas do próprio homem, como instrumento de medida. O "metro" para medir é uma nova "função" de ressonância cósmica que faz possível fundar a ciência e as instituições, em "escala humana".

Já Teilhard de Chardin, em sua conferência no Viking Fund, havia vislumbrado o emergir de uma nova função antropológica, que prefigurava as condições de medida do que chamamos "desenvolvimento humano":

Os não biólogos esquecem, muitas vezes que, sobre as variadas regras da ética, da economia e da política, encontram-se inscritas na estrutura de nosso universo, certas condições gerais e imprescindíveis de crescimento orgânico. Determinar, no caso do homem, estas condições básicas do processo biológico deveria ser o campo específico da nova antropologia: a ciência da antropogênese, a ciência do desenvolvimento ulterior do homem.⁴

Mas, para aproximar-nos desta ciência do "ultra-humano", impõe-se a necessidade de penetrar ainda mais profundamente na "matéria" do humano, descobrir ali "variáveis qualitativas" de desenvolvimento, que até agora não havíamos tido em conta. Diz Prigogine em *Tão Somente Uma Ilusão*: "Necessitamos de uma teoria da diversidade qualitativa, da aparição do qualitativamente novo"⁵. E, precisamente, os trabalhos de Prigogine e sua escola confirmam no laboratório, a intuição de Teilhard de Chardin sobre a existência de "condições básicas" de desenvolvimento, tanto físico-químico quanto biológico ("existe um *limite* para as manipulações", diz Prigogine, que é como dizer, uma *medida*); a nova biologia descobre uma "medida de ordem", uma "medida de flutuação", uma "medida de entropia", "distância crítica com respeito ao equilíbrio", todas elas, condições básicas para o salto a uma ordem qualitativamente nova.

A nova física, por sua vez, introduz o conceito de "ação mínima", para cuja determinação foi desenvolvido um novo ramo da matemática, o "cálculo de variações". Essa "ação mínima" é um novo ponto de apoio, agora, desde as ciências exatas, para "medir" a ação humana, em termos de desenvolvimento (qual é a ação que, com mínima entropia, com menor ocultamento do ser, produz a maior expansão de consciência?).

Em outro campo das ciências do homem, sobretudo na economia, para além dos modelos puramente econométricos, está surgindo uma nova linguagem para interpretar as catástrofes ambientais, ecológicas e sociais que ameaçam a sobrevivência humana, neste final de século. Em primeiro lugar, estabelece-se a diferença entre "crescimento" (como variável quantitativa do produto bruto) e "desenvolvimento" (como liberação de potenciais qualitativos, na ordem humana). E, em segundo lugar, sobretudo com os trabalhos de

4. Pierre Teilhard de Chardin, citado por Pietro Ubaldi em *Descida dos Ideais*, São Vicente (Brasil), Monismo, 1967, pg. 117.

5. I. Prigogine, *Tan Sólo Una Ilusión*, Barcelona, Tusquets, 1983.

max-neef e sua escola, propõe-se como premissa teórica fundamental o que podemos chamar de "medida das necessidades". "Quanto é o suficiente?"; esta é a pergunta chave formulada por Max-Neef quando tenta esboçar um modelo de desenvolvimento econômico que aponte para o melhoramento da qualidade de vida ("esta pergunta que ninguém se faz e que deveria ser feita, desde o nível individual, particular, até o nível coletivo, é a pergunta mais importante que se pode fazer hoje, em qualquer lugar do mundo")⁶.

E o que acontece no terreno da crítica sociológica e política, quando tento "medir", de alguma maneira, as condições básicas para o desenvolvimento da consciência social? Aqui, percebo que, para além da luta de classes e da divisão internacional do trabalho, e para além da democracia formal, há uma variável qualitativa de desenvolvimento que entra em jogo nas equações sociais e que é a "medida de participação".

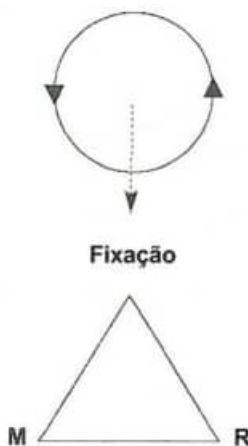
Resumo

Fixação/Ritmo/Medida

É uma estrutura arquetípica de poder.

Em termos conceituais, podemos dizer que é a trans-posição de princípios metafísicos a funções humanas.

Em termos de geometria simbólica, diríamos que é a primeira configuração do movimento, o primeiro triângulo.



Poderíamos dizer que é o "princípio" do movimento? Talvez sim, sempre que, por movimento, entendamos as condições básicas da criatividade; não só o tempo da queda, que conduz à morte, mas o tempo que retorna à eternidade.

6. Manfred Max-Neef, entrevista com Victor L. Bacchetta, *Marcha*, Montevideo, 19/07/91.

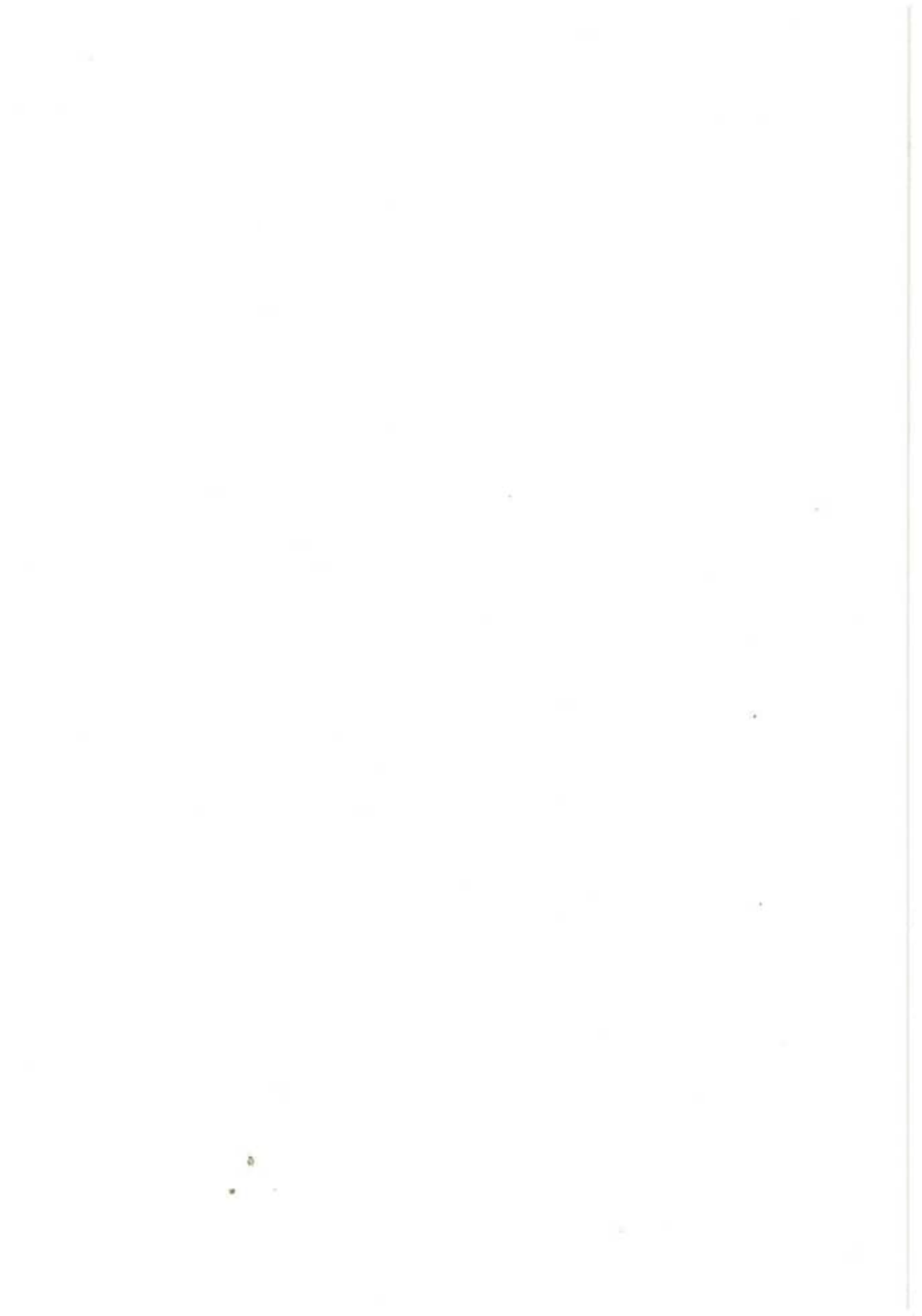
Ja nao estamos falando aqui do movimento da queda dos corpos, das leis da termodinâmica, da fuga das galáxias, das estruturas dissipativas, mas de um movimento mais fundamental, intrínseco ao ser e à vida, ao homem e ao universo. Acaso, referimo-nos ao movimento do Tao? Mas, o que é o Tao? Para poder nomeá-lo, chamo-o grande. Grande significa que está em movimento. *Em movimento* significa que tem longo alcance e que, se for longe, voltará ao lugar de origem.

Para aproximar-nos conceitualmente do que poderíamos nomear como "a eternidade percorrida" (paradoxo do movimento fundamental), voltamos à configuração básica de signos: Fixação, Ritmo, Medida. A ciência moderna, quando tenta aproximar-se destes princípios de gênese, fala-nos de "singularidades", "constantes cósmicas", "intervalos", "pontos de bifurcação", porém, com todo o poder da teoria e da investigação, só nos dá a "metade da fórmula".

Chegamos às fronteiras do pensamento. A antiga metafísica deu tudo o que podia dar. A moderna cosmologia se debate em uma formulação matemática que não consegue fechar o círculo. E a ciência experimental se choca contra uma barreira de sentido.

Mas, para entrar na coreografia da luz, necessitamos de um passo intermediário, um interlúdio místico!

INTERLÚDIO MÍSTICO



A ciência moderna não vai além da ordem cosmológica.
A filosofia ficou presa nas redes do pensamento sistemático.
As religiões se cristalizaram em formas dogmáticas.

Porém, há um poder gen-ético no mundo, que desintegra as formas vazias de sentido e outorga um novo impulso à vida. É uma nova "mensagem" que se revela como radiação espiritual, plena de sentido. Não se trata de uma nova ideologia, mas de uma nova "vibração".

Radiação supralumínica, "fótons" de alta energia espiritual que golpeiam a matéria e iluminam a consciência; valores espirituais em si, que emergem subitamente das profundidades do inconsciente como intuições luminosas, mas de presença fugaz (são como essas partículas que aparecem e desaparecem, de repente, nas câmaras de névoa, valores que comovem a alma por um instante, mas que nos escapam das mãos).

A missão do homem futuro é "encarnar" esses valores, "fixar" essa energia espiritual nos torvelinhos atômicos da matéria, "trans-ferir" o valor em si ao "ritmo" da vida e dar "medida" humana à mensagem divina. Começamos a experimentar esta "encarnação do Verbo" – que, até agora, somente víamos como um mito cosmogônico ou como dogma teológico – como "mistério fisiológico". Trata-se de funções novas, potencialidades intrínsecas da matéria viva, que são ativadas por ressonância de similitude.

Como reconhecer em nós mesmos, estas funções evanescentes? Por ressonância de similitude com aqueles que as possuem! Trata-se da transmissão de uma gen-ética funcional, até agora desconhecida.

Como podemos reconhecer o "código" da mensagem espiritual do futuro?

Reconhecemo-lo por presença, por participação, por reversibilidade, por renunciamiento.

Quatro funções primordiais que integram a vida total do homem e, por meio das quais, o ser humano se comporta de conformidade com as leis do Céu e as forças da Terra.

Mas, quem transmite estes "genes" da vida perene?

Tomarei como protótipo o testemunho do Mestre que transmite a ensinância viva.

O Mestre Santiago nos ensinou a viver a renúncia, ainda antes de compreendê-la. Era uma verdade muito simples, não para ser predicada, mas para ser vivida: oferecer-se (princípio fundamental da egoência do Ser); oferta dos valores pessoais como princípio fundante da liberdade interior e pedra angular da sociedade civil e espiritual do futuro.

Aprender a dar-se: dação de si!

Mais que uma filosofia dos valores, é uma coreografia da vida, quero dizer: um "gesto", um movimento humano na dança cósmica; é um gesto da mão, do corpo e de toda pessoa, que pertence ao cerimonial ardente do espírito (ritual sagrado que põe em movimento as forças do Céu e da Terra). "Dar-se" é um valor simples, um ato puro; é o instante de reversibilidade de todos os valores, onde terminam todas as palavras, caem todas as filosofias e começa-se realmente a viver!

Se a este dar-se quisermos chamar de renúncia, podemos fazê-lo, mas não será mais que uma palavra. O que aprendi do Mestre Santiago, não é o que nos dizia com palavras, mas o que nos ensinava com sua própria vida. Quando, nos primeiros tempos, o Mestre nos falava da doutrina da Renúncia, tal como havia sido formulada na tradição espiritual da humanidade, e nos convidava a estudar as ensinanças dos grandes sábios e místicos do Oriente e do Ocidente (Patanjali, São João Clímaco, São João da Cruz, Meister Eckhart), eu não fazia muita diferença entre o valor escatológico do renunciamento (negar o mundo para salvar a alma) e o valor espiritual da oferta de si mesmo como liberação de energia para o ordenamento do mundo e a renovação da vida. Porém, indubitavelmente, o signo do tempo havia mudado e o sentido do renunciamento já não era o mesmo.

Em certa ocasião, perguntávamos ao Mestre o que nos podia dizer a respeito do "renunciamento ao desejo de viver", como postulado de liberação, tal como costuma ser formulado nas interpretações do budismo e nos disse o seguinte: *"Renunciar à vida porque não se encontra solução para os males do homem e do mundo é um remédio muito pobre, mas renunciar à posse da vida para transformá-la e redimi-la, aí está a chave da transcendência espiritual"*. Nestas poucas palavras, escondia-se o germe do que, mais tarde, o Mestre desenvolveria como doutrina social da Renúncia. Qual era, então, a diferença entre a antiga formulação do princípio de renunciamento e a nova Lei da Renúncia? O "sentido de participação" era diferente. O signo do tempo era outro; da dialética dos opostos passávamos à reversibilidade de valores (não só um novo paradigma para interpretar o mundo, mas uma nova "função" para criar um mundo diferente).

Conceber o renunciamento como valor espiritual em si, para além das filosofias sociais e doutrinas religiosas, incorporar esse princípio como "função" da própria vida é a ideia força que sustenta (por dentro) a mensagem revolucionária da nova era.

A renúncia, enquanto "função de reversibilidade de valores", não pode reduzir-me à não-posse ou à negação do mundo e da vida, e a própria palavra

sentimentos e força de mensagem.

Em certa ocasião, conversando o Mestre Santiago com um grupo de discípulos, acerca das diferentes interpretações que surgiam a respeito da doutrina da renúncia, perguntou a Carlos, um deles:

— *Qual é a diferença entre a Renúncia que nós ensinamos e a interpretação que nos vem do budismo?*

Como ninguém respondesse, o Mestre traçou um círculo no chão e marcou um ponto no centro.

— *O budismo apaga tudo* – disse e apagou com a mão tudo o que havia desenhado; nós, em troca, sempre deixamos um ponto – e marcou um ponto.

Que sentido tinha esse ponto? Anos mais tarde, dei-me conta de que esse “ponto” era um “ponto” singular de reversibilidade de valores, o “ponto” que cada um tem que descobrir por dentro, para reconhecer-se a si mesmo; é o ponto de “estabilidade/dinâmica” do Ser, o ponto de sustento do princípio divino, no próprio centro do coração humano. Esse ponto de reversibilidade sustenta a integridade da mensagem, impedindo que a energia espiritual se perca na idealização ou se cristalice na materialização. A Renúncia não é idealismo nem materialismo. Tampouco é espiritualismo. Não pode ser reduzida a um monismo ético nem a um monismo espiritual. Eu havia percebido que esse “ponto infinitesimal” dava a possibilidade de iniciar uma nova fisiologia humana: iniciação por transmutação de matéria, liberação de energia e expansão de consciência. Por outro lado, também havia percebido que o que se revelava em meu interior como “ponto de fixação” (e de iniciação) era reconhecido pelos cosmólogos como “singularidade” (em suas equações matemáticas) e como “ponto de bifurcação” pelos biólogos, em umbrais críticos de flutuação da matéria viva, em zonas afastadas do equilíbrio: convergência da visão espiritual e do pensamento científico que, por transposição analógica, torna possível uma concepção unificada do homem e do universo. Em seu poema “*Burnt Norton*”, T. S. Eliot descobre o ponto de quietude na turbulência do mundo: “*At the still point of the turning world*”.

Esse “ponto” que o Mestre marcava no solo era um “contato” entre a Ideia do Céu e a substância da Terra. Ponto transicional; a nova ideia da renúncia não era uma mensagem para o além nem era, de todo, para o aqui. Dever-se-iam passar vários anos, antes que eu percebesse que esse “paradoxo da renúncia” (tão categoricamente anunciado no Evangelho: “Aquele que quiser salvar sua alma, perdê-la-á”), esse paradoxo espiritual, tinha perfeita correspondência com os princípios da nova física, da nova biologia e dos novos movimentos sociais: o “paradoxo do ultravioleta”, o “paradoxo partícula/onda”, o “paradoxo Einstein-Podolsky-Rosen”, o “paradoxo – ordem através do caos” e o mais difícil de entender, o “paradoxo da economia providencial”.

Mas, não nos adiantemos e voltemos ao desenvolvimento das novas funções humanas, por ressonância de similitude.

O Mestre da renúncia nos ensinava com sua presença, não com a prédica ou com o doutrinamento; ensinava-nos com a co-existência: participação do Mestre com a vida do discípulo; ensinava-nos com a reversibilidade de seus

próprios valores, e nos ensinava com o renunciamento, como expressão suprema de liberdade interior.

A síntese dos valores materiais e espirituais, como campo unificado da vida, já não era representada com a única palavra 'renúncia', mas com quatro palavras:

Presença

Participação

Reversibilidade

Renunciamento

Quatro palavras que não somente nomeiam princípios metafísicos, categorias existenciais ou símbolos arquetípicos, mas "quatro funções primordiais" que iniciam a fisiologia do homem cósmico.

AS QUATRO FUNÇÕES PRIMORDIAIS

Qual é o primeiro princípio da identidade espiritual? É "estar à presença de Deus"! É um valor simples, um sentir puro, além de toda imagem, de toda visão, de toda palavra.

Há diferentes modos humanos de "estar" à presença divina. Há um primeiro nível de Presença que podemos chamar de moral, que vem da tradição, do modo como Don Quixote aconselha Sancho, antes que este seja governador: "Primeiramente, ó filho, deves temer a Deus; porque em temê-Lo está a sabedoria e, sendo sábio, não poderás errar em nada. Em segundo lugar, deves pôr os olhos em quem és, procurando conhecer-te a ti mesmo, que é o mais difícil conhecimento que possas imaginar". Este é um conselho moral que vem de fora. Mas também há uma resposta presencial ante uma Voz que chama desde dentro: "Samuel ouve a voz de Yahvé que o chama: Samuel! E ele responde: Eis-me aqui!".

"Ser-no mundo" é uma categoria metafísica (funda-se em uma abstração do ser, prescindindo do homem de carne e osso).

Rodolfo Kusch, em sua tentativa de desentranhar o sentido do que é americano, faz uma distinção entre "ser alguém" e "estar aqui". Ao desesperado "afã por ser alguém", paradigma da cultura européia, transplantado para a América, Kusch contrapõe o "mero estar" que subjaz na concepção do mundo do homem americano. O "estar aqui" é prévio ao "ser alguém", diz Kusch, porque não cria coisas, como as cidades e os foguetes espaciais, senão que se refere ao próprio substrato da vida. Assim como Heidegger propõe a pergunta metafísica pelo "ser", Kusch se pergunta pela raiz existencial do "estar": "Não será o mero *estar*, esse magma vital primário de onde tudo sai de novo: nações, personagens, cultura?"¹.

Se o "ser-no mundo" é uma categoria metafísica e o "estar aqui" um magma vital, o "Eis-me aqui!" é uma conduta espiritual. Já não é a simples presença humana no mundo das coisas, na paisagem da natureza, no tempo da história, senão que é o poder da própria Presença, princípio energético de atividade interior.

1. Rodolfo Kusch, *América Profunda*, Buenos Aires, Bonum, 1986, pg. 173.

tence à hierarquia de funções espirituais do coração.

Atividade do "princípio ígneo" ("Agni Yoga") que sustenta o mundo desde dentro. É a potência intrínseca do Ser (Egoência do Ser).

O homem espiritual (e entendo por espiritual o ser humano que sustenta com suas próprias mãos o fogo cósmico) opera no mundo por "simples Presença", não necessita mover-se de um lado para outro e, como diz o adágio chinês: "Estou quieto e as pessoas espontaneamente se corrigem". Presença é princípio de ordem.

O "ser alguém" pertence à pequena história, à história pessoal, escrita nas páginas do *Who's Who*.

O "estar aqui" pertence "ao vínculo com a parcela cultivada, com a comunidade, com as forças hostis da natureza, com a história do povo" (Rodolfo Kusch).

Mas, o "Eis-me aqui!" pertence à Grande Obra, à História Sagrada inscrita nas moléculas da vida. E a "ação de Presença" (de um indivíduo ou de uma organização) é uma "função sagrada" que implica a trans-missão de algo "vital", algo indispensável para a integridade da vida. Quando falta esse ingrediente substancial, quando há excesso de forma e esvaziamento de conteúdo, a sociedade se debilita, a família se dispersa, os impérios desmoronam.

O Mestre Santiago dava à "presença", uma hierarquia de função chave no processo de desenvolvimento espiritual do homem. *"Há uma presença humana e uma Superpresença divina"*, dizia-nos. E a seguir, acrescentava: *"A humanidade está passando por um momento crucial e nossa responsabilidade é muito grande no mundo em que vivemos. Essa responsabilidade deve fazer com que cada um de nós se identifique com a mensagem espiritual. A mensagem de hoje é uma mensagem de Ser; muito ou pouco, mas Ser. Uma coisa são as ideias ou os pensamentos ou as obras e, outra coisa muito diferente, é Ser. Uma coisa é poder ser isto ou aquilo e, outra coisa muito diferente, é Ser, simplesmente"*.

Este "Ser, simplesmente" é uma função espiritual e social, ao mesmo tempo. Não é somente "Ser-em", mas "Ser-com" (é o Ser que está em contato e presença com os dez mil seres). É aquele que ensina sem palavras, sem adulações, sem promessas; ensina com o testemunho do que simplesmente É.

O ser humano que "É" é um benfeitor da humanidade. Com apenas sua presença, consola os aflitos, ajuda os necessitados, dá saúde aos doentes e paz aos moribundos.

Diz Fritjof Capra em *O Tao da Física*:

A teoria quântica aboliu a noção de objetos fundamentais separados: introduziu o conceito de "participante" para substituir o de observador e considera necessário introduzir a consciência humana em sua descrição do mundo.²

Trata-se aqui de um salto epistemológico de um novo paradigma (conhecer é participar) de profundas consequências, não só na ordem do conhecimento teórico, mas na realidade da vida total.

A bioquímica e a biologia molecular introduziram em suas formulações de campo o conceito de "co-evolução", associando o desenvolvimento da consciência humana à organização da matéria cósmica. Em nível sociobiológico, a ideia de "desenvolvimento co-evolutivo" assume, a cada dia, maior importância³. E o que acontece nas correntes sociais de vanguarda? Neste domínio, o desenvolvimento humano é inseparável da consciência social. Da democracia política, passamos à democracia social e da "mão invisível" do mercado, à consciência de uma economia ecológica de participação⁴. Ainda mais, podemos dizer que no espírito das revoluções sociais modernas, toma alento uma mística de participação: "Todo homem verdadeiro deve sentir no rosto o golpe dado em qualquer rosto de homem", dizia o poeta revolucionário cubano José Martí.

Nas palavras de Martí e de tantos outros "homens verdadeiros" percebemos que a corrente energética que sustenta os ideais humanos já não passa somente pela ideia de um novo paradigma (introduzir o "conceito" de consciência participante nas equações de descrição do mundo), senão que passa por uma realidade mais profunda: "ser participante". Esta consciência expansiva de "participação" nasce hoje, nas novas gerações, em função de um sentido de pertinência cósmica co-evolutiva. Não só procuramos entender o mundo, queremos criar um novo.

O "princípio" de participação vai além de um conceito epistemológico, biológico, sociológico ou político; não pode ser reduzido a uma teoria do conhecimento ou a uma doutrina social. O "sentido" de participação tampouco pode ser reduzido a uma filosofia política ou a uma ética ecológica. Nasce, sim, de uma mística enraizada na vida do universo: o sentir do homem cósmico se adianta hoje, à moral do homem social. Isto não quer dizer que o sentido de participação não possa ser exercitado socialmente, como ascética de trabalho social, senão que transcende o marco da sociedade política para tornar-se "função" espiritual in-corporada na vida humana. Essa transição de

2. Fritjof Capra, *The Tao of Physics*, pg. 129.

3. Erich Jantsch, *The Self-Organizing Universe*, New York, Pergamon Press, 1980, pg. 217.

4. Comunicação pessoal do doutor Mario Kamenetzky.

...foi bem compreendida por Che Guevara, o qual, em uma carta dirigida ao diretor do semanário *Marcha*, de Montevideu, referindo-se ao valor que a revolução cubana dava ao trabalho voluntário, como dever social: "Fazemos todo o possível para dar ao trabalho esta nova categoria de dever social e uni-lo ao desenvolvimento da técnica, por um lado – o que dará condições para uma maior liberdade – e ao trabalho voluntário por outro, baseados na apreciação marxista de que o homem realmente alcança sua plena condição humana quando produz sem a compulsão da necessidade física de vender-se como mercadoria". E, acrescenta: "Claro que ainda existem aspectos coativos no trabalho, ainda quando seja voluntário. Ainda falta (ao homem) conseguir a completa recriação espiritual, ante sua própria obra, sem a pressão direta do meio social, mas ligado a ele pelos novos hábitos"⁵. A experiência histórica demonstra que no processo de desenvolvimento das revoluções sociais aparece uma barreira difícil de cruzar; eu diria que é uma dificuldade no caminho de subida ("dificuldade de ascenso"), ponto crítico de trânsito entre a responsabilidade social e a consciência espiritual.

Mas, também os movimentos espirituais encontram uma dificuldade no caminho de descida ("dificuldade de descenso"); ao não poder cruzar a barreira da socialização, ficam detidos: a mensagem espiritual "não encarna" no corpo social e as promessas de liberação são postergadas para o além. Esta desconexão do espírito com a vida foi percebida pelo grande Ortega y Gasset, na primeira década do século XX, em *El Espectador*:

Os organismos criados pela cultura – ciência ou moral, Estado ou Igreja – não têm outro fim mais que o aumento e a potenciação da vida. Mas, acontece que essas construções instrumentais perdem, às vezes, sua conexão com a vida elementar, declaram-se independentes e aprisionam entre seus muros a própria vida de que procedem. O rio se torna leito de rio e depois, o leito escraviza o rio.⁶

"Dificuldade de ascenso" e "dificuldade de descenso": em ambos casos, uma negação a participar na integralidade da vida.

Esta "brecha", entre uma participação social que se detém em seu movimento de ascenso e uma participação espiritual que se detém em seu movimento de descenso, não pode ser transposta por uma nova teoria política ou por uma nova doutrina religiosa e sim, por uma nova "função" antropológica, por uma síntese orgânica de valores materiais e espirituais: este é o desafio socioespiritual para os homens e as mulheres que vêm.

No novo nível de desenvolvimento da "fisiologia" humana, a "participação" não é só um modo de fazer, mas antes de mais nada, um modo integral de Ser, uma "função" inerente à própria vida, à vida espiritual-social desse "homem-verdadeiro" que Martí nomeia (mudança qualitativa que se revela

5. Ernesto "Che" Guevara, "El Socialismo y el Hombre en Cuba" (carta aparecida originalmente em *Marcha*, 12 de março de 1965 e reproduzida em *Brecha*, 3 de outubro de 1986).

6. J. Ortega y Gasset, *El Espectador*, Madrid, Revista de Occidente, 20 ed. 1928, pg. 168.

como equação numana de campo unificado). Participação e incorporação de consciência cósmica na fisiologia humana (ingresso da luz) e "transferência" de valores pessoais no corpo social (radiação de energia individual), dupla face do ritmo divino/humano de co-evolução, co-reflexão, co-participação.

O Mestre Santiago não teorizava sobre a participação, simplesmente participava e ensinou-nos a participar. "O único que tem valor real é o que se dá", dizia-nos. E acrescentava:

Mas, "participação" não é somente dar. O Cristianismo ensinou à humanidade a magnífica virtude da caridade, dar, dar a mãos cheias; tudo isso é muito belo, mas a "participação/participante" é algo mais: não só participo com meus bens, mas com minha própria alma; participo física, anímica e espiritualmente com a alma de todos os seres e de todas as coisas. Não há, em realidade, tua alma e minha alma, mas "a" alma. Minha vida é tua vida e tua vida é a minha. Dou e, ao mesmo tempo, recebo a vida dos demais seres. Teu problema é meu problema, tua preocupação é minha preocupação, tua alegria é minha alegria, tua tristeza é minha tristeza, teu pecado, teu vício, é meu vício e meu pecado. Isto é muito mais que o simples dar, é dar e receber, é Ser.

Quando eu perguntava qual era o alcance (espiritual e social) desse "dar e receber", o Mestre me dizia:

Há uma participação participante (quando o ser participa essencialmente com todos os seres e todas as coisas), há uma participação iluminativa (quando a alma se esvazia de todos os seus pensamentos, para transformar-se em canal vivo da Luz divina: iluminar-se para iluminar) e há uma participação de holocausto (quando a alma não só procura sua perfeição, senão que anela que todos os seres humanos participem da união divina: a imagem do Buda que, antes de entrar no Nirvana, desce entre os homens ou do Cristo que permanece na cruz, até que o último dos seres humanos tenha conseguido sua redenção).

Estes princípios espirituais, recolhidos da ensinança do Mestre, têm seu correlato analógico nas "funções orgânicas de participação" que a ciência moderna descobre na evolução biológica, no desenvolvimento social em escala humana e no sentido do sacrifício como ruptura de simetria da história. Em outros termos: "co-evolução" (desenvolvimento co-evolutivo do ser humano com todas as formas da vida cósmica), "co-participação social" (solidariedade global, justiça social, economia providencial), "co-redenção espiritual" (assumir o sacrifício voluntário, como forma de dar-se em experiência extrema, oferecer-se em holocausto: "Assim como o Filho do homem não veio para ser servido, mas para servir e para dar sua vida em resgate, por muitos", Mt. 20:28), todas estas formas de participação tendem a alcançar esse ponto crítico de reversibilidade de valores, onde é possível transmutar a matéria, liberar a energia e expandir a consciência.

Irreversibilidade do tempo? Ou reversibilidade de valores?
Profundo é o mistério que preside a vida, a morte e a supervida!
Como aceder à geometria do movimento intrínseco da matéria?

*Nenhuma planta que não produza ramagem
ou que possa endurecer-se, tem vida,
quando inflexível, à percussão responde.*

(Dante, *Divina Comédia*, Purgatório, I, 105)

Reversibilidade de valores é uma "chave", uma função que quebra a inexorável direção da seta do tempo; talvez um "transistor" na fisiologia do homem cósmico que nasce. Mas, atenção ao alcance que damos a esta palavra "reversibilidade"!

As leis da mecânica clássica (equações de Newton e mesmo de Einstein) são reversíveis (igualmente válidas, qualquer que seja a direção do tempo), mas a segunda lei da termodinâmica (Boltzmann-Clausius) inclui a irreversibilidade do tempo. Piaget, por sua vez, em sua *Psicologia Genética*, pergunta-se como se passa da percepção sensorio motora da criança pequena (irreversível), às operações lógicas do pensamento reversível e chega à conclusão de que "a lei fundamental que parece reger a mentalização progressiva da ação é a passagem da irreversibilidade para a reversibilidade". Prigogine, a partir de suas experiências de laboratório, em físicoquímica e biologia, descobre a diferença fundamental entre a irreversibilidade do tempo da segunda lei da termodinâmica nos sistemas fechados (aumento de entropia e máxima desordem) e a "bifurcação" que se produz em pontos críticos (longe do equilíbrio e da morte térmica) por "flutuações" amplificadas que conduzem à ruptura de simetria do sistema e à criação de estruturas dissipativas completamente novas (por intercâmbio com o meio)⁷.

No campo da física de partículas, no estranho mundo subatômico, é onde podemos observar com maior dramatismo a transição súbita (por efeito quântico) entre diferentes estados da matéria (partícula/onda, massa/energia, matéria/antimatéria). As equações de Dirac representam, em linguagem matemática, a "criação" de pares de partícula/antipartícula e a conversão de ambas em pura energia, no processo de "aniquilação". Não nos recorda isto o "*solve et coagula*" dos alquimistas?

E o que acontece no domínio cosmológico? Alguns cosmólogos, sobre a base de modelos matemáticos, interpretam a gênese do universo como uma "flutuação de vazio"⁸. O Tao Te Ching o diz em outras palavras: "O espaço entre o céu e a terra é como um fole, exala o vazio sem cessar".

7. I. Prigogine e I. Stengers, *La Nueva Alianza*, Metamorfosis de la Ciencia, Madrid, Alianza, 1983, pg. 22.

8. Edgard P. Tryon, *Es el Universo Una Fluctuación del Vacío?*, *Nature*, 14 de dezembro de 1973, pg. 69.

do, mas à medida que avançamos em direção aos limites do universo, tanto às remotas galáxias quanto às incrivelmente pequenas distâncias que registramos no mundo subatômico, à medida que ocupamos o cosmos, torna-se mais patente nosso próprio vazio interior. A teoria científica avança aceleradamente na busca da ponte invisível que une as leis do universo com as leis do homem. A tradição espiritual da humanidade nos diz que essa ponte existe, mas quando parece que estamos a ponto de alcançá-la, esfuma-se uma e outra vez, como miragem, no fatigoso caminho do deserto.

Há um limite em nossas possibilidades técnicas, para manipular a matéria, a energia, o tempo: o limite da velocidade da luz, o limite de incerteza que marca a constante de Planck, o limite crítico de entropia... limites, todos eles, que colocaram o homem de ciência e o investigador ante a certeza do finito. Ao chegar a esta fronteira, a mente cala, mas a alma continua perguntando. As leis do universo são deterministas ou deixam margem para o azar? Existem leis eternas que refletem uma ordem divina no mundo? Ou, pelo contrário, somente existem convenções humanas que são úteis para o manejo prático da realidade? Ainda mais, não haverá chegado o momento de revisar o próprio conceito de "lei" que havíamos formado até agora?

Há tempo que Einstein, em sua polêmica com os teóricos da física quântica, fixou sua concepção do mundo naquela famosa sentença: "Deus não joga dados com o universo" (postulado de feição estritamente determinista). Mas, a experiência demonstra que o "quanto" existe, a "descontinuidade" existe, a "incerteza" existe, o "azar" existe. Para incorporar estas "incoerências" e esta "desordem" nas leis que governam a coerência e a ordem, uma plêiade de investigadores tenta, sem maior êxito, integrar em uma fórmula unificadora a fé einsteiniana na ordem divina que rege o universo e o caos, a desordem e a fractalização, mostrados pelos fenômenos da natureza e da vida. Ao chegar a este ponto, a lei se transforma em "paradoxo". Mandelbrot, ao examinar estas questões em seu livro *A Geometria Fractal da Natureza*, referindo-se a um trabalho de Joseph Ford, anuncia um novo postulado: "Deus joga dados com o universo, mas são todos marcados". E acrescenta: "O principal objetivo da física de hoje é descobrir por quais leis eles estão marcados e como podemos usá-los para nossos próprios fins"⁹. Com a expressão "Deus joga dados... mas são marcados" tenta-se unir a teoria geral da relatividade com a mecânica quântica, mas para isso, o autor deve recorrer a uma metáfora que transcende (como sentido) a formulação matemática. Voltamos aqui, novamente, a tropeçar com uma barreira difícil de cruzar.

Outros investigadores, tanto no campo da biologia quanto no da física, avançam na busca de uma lei única que integre a razão clássica (que deu forma ao mundo antigo) e a intuição moderna (que penetrou em um novo mundo). Em *Caos (Rumo a Uma Nova Ciência)*, James Gleik inclui "caos" e "organização" em uma única fórmula conceitual: "Evolução é caos com feedback"¹⁰. O aforismo é elegante, parece explicar tudo, mas em realidade,

9. B. Mandelbrot, *The Fractal Geometry of Nature*, New York, W. H. Freeman & Co. 1977, pg. 314.

10. J. Gleik, *Chaos (Making a New Science)*, Londres, Heinemann, 1987.

nao explica nada. O homem, a consciencia humana, o sentido da evoluçao, continuam ficando fora do sistema.

David Bohm, destacado fisico teórico, avança um passo mais, ao introduzir nas leis do cosmos a noção de "variável qualitativa". Bohm, ao fazer a colocação das contradições entre os postulados da teoria da relatividade e dos princípios básicos nos quais se funda a mecânica quântica, chega à conclusão de que não é estranho que não se haja chegado ainda a uma satisfatória equação unificada entre ambas teorias e que, pelo contrário, o que necessitamos é de uma nova teoria qualitativa, a partir da qual a relatividade e a teoria quântica se derivem como abstrações, aproximações e casos limite.

Aproximando-se dessa "nova teoria unificada", Bohm introduz a ideia de "holomovimento". Como se caracteriza este *holomovement* na visão do mundo de David Bohm? Como a "passagem" de uma potencialidade implícita (*implicate order*) a uma atualidade manifesta e objetiva (*explicate order*). Bohm outorga prioridade à ordem "implícada" que seria algo assim como a matéria potencial do universo (tudo está incluído em tudo), da qual emergiriam, a intervalos, os objetos e partículas que percebemos separados, no mundo da observação e da experimentação. Em palavras do próprio Bohm: "Nós propomos que, na formulação das leis da fisica, deva-se dar primordial relevância à *implicate order*, enquanto que a *explicate order* deve ter um segundo tipo de significação"¹¹. Ao ouvir esta proposta, de um dos fisicos de maior relevo de nosso tempo, não se pode menos que perceber estranhas similitudes com as cosmogonias hinduístas da respiração de Brahma, que cria o universo com sua expiração e o dissolve em sua inspiração. Bohm, talvez sem propô-lo, chega a essa misteriosa fronteira entre a física e a metafísica. Da mesma forma, diz na introdução de seu livro *Totalidade e a Ordem Implícada* que, desde criança, ficou fascinado pelo enigma acerca da natureza do movimento. Talvez, depois se tenha dado conta de que a pergunta formulada pelo cientista só podia ser respondida pelo místico.

Mas, não nos adiantemos, saiamos ao encontro da pergunta que aparece diante de nós, no final desta breve resenha sobre as propostas teóricas acerca da reversibilidade ou da irreversibilidade dos fenômenos da natureza. Todos estes modelos integradores, todas estas propostas de síntese entre as macro-escalas da teoria geral da relatividade e a microgeometria do mundo subatômico, ainda aquelas formulações que integram a consciência com as leis físicas do cosmos, incluem realmente o homem em suas equações matemáticas? Em outras palavras, perguntamo-nos se as "flutuações da matéria viva em zonas afastadas do equilíbrio", as "flutuações do vazio" ou as "transições da *implicate order* à *explicate order*", formulações que, de um modo ou de outro, integram um "observador participante" nas leis gerais do cosmos – se esses sinais que nos vêm da teoria e da experimentação são suficientes para explicar o sentido do movimento da vida humana, para representar o fluxo dos valores e se nos servem para ter algum tipo de manejo sobre a direção

11. D. Bohm, *Wholeness and The Implicate Order*, Londres-Boston, Routledge & Kegan Paul, 1980, pg. 150 e 176.

do tempo ou para responder a necessidade de quietude, de transcendência e de eternidade.

Se, partindo da experimentação científica e da reflexão filosófica nos adentrarmos nas profundidades de nossa própria vida espiritual, tornar-se-ão patentes algumas conclusões:

- Há uma “reversibilidade mecânica” (indiferente à direção do tempo).
- Há uma “irreversibilidade termodinâmica” (o tempo flui em uma só direção).
- Há uma “reversibilidade de valores” (que se apoia em um “instante” de eternidade).
- Há um “sentido do ser” e uma “direção do movimento”.
- Uma coisa são as leis do mundo físico (incluem massa, energia, tempo, determinismo, azar). Outra coisa são as leis do homem (incluem necessidade, liberação e destino).

Porém, fica flutuando o grande interrogante. Existe alguma fórmula unificada que integre “todos” os valores em um valor “único”? O mito cosmogônico, a respiração de Brahma, não bastam para preencher nossa necessidade de saber e, pelo caminho das “equações cosmológicas”, chegamos às fronteiras do conhecimento. E, voltamos a perguntar: é a divindade a medida do homem? Ou o homem é a medida de todas as coisas? Ou, em nossa busca, teremos chegado a um ponto crítico, onde só é possível a revelação de uma equação “humano-divina” ainda não formulada em linguagem matemática?

O Mestre Santiago nos anunciava a “reversibilidade de valores” como um novo “ritmo”, uma nova “função” na fisiologia do homem cósmico; incorporação de uma variável qualitativa nas férreas leis da vida, que fazia possível quebrar subitamente o destino fatal de ficar cristalizado em uma forma. *“Chega um momento em que as mentes dos homens”, dizia-nos, “apesar das promessas magníficas anunciadas na juventude, se detêm. E esta é minha desesperação. Ainda entre nós, que recebemos a ensinança espiritual, vi almas que, quando eram jovens, prometiam todo um mundo de realização, parecia que não haveria nada que pudesse deter o impulso dessas almas; mas, chegado um certo momento em suas vidas, suas mentes se detiveram e já ninguém pode fazê-las avançar um passo mais. O que aprenderam até então, conservam-no e se desempenham magnificamente naquilo que conhecem, mas não é possível que penetre nelas nem uma só ideia nova”.*

Estas palavras do Mestre me levavam novamente à reflexão sobre a segunda lei da termodinâmica. O aumento de entropia nos sistemas “fechados” e a irreversível direção da seta do tempo; a fisicoquímica e a biologia molecular também nos diziam que há um “umbral crítico”, a partir do qual, “não é possível avançar nem um passo mais”. Mas, nesse umbral, nesse ponto crítico, pode ocorrer algo novo. O Mestre nos falava de “reversibilidade de valores” e isso me fazia lembrar dessas “flutuações” que Prigogine descobre nos “pontos privilegiados”, longe do equilíbrio (que é o mesmo que dizer, longe da morte térmica, longe da cristalização da vida em uma forma). De qualquer modo, nos primeiros tempos, eu não entendia nada (nem agora) do que real-

mente significava "reversibilidade de valores", mas queria entender (e quero entender). Em certa ocasião, em que discutíamos as implicações das novas teorias físicas nas leis de desenvolvimento da vida espiritual, perguntamos ao Mestre: "*O que é reversibilidade de valores?*". E ele respondeu: "*É o instante em que um valor dinâmico se torna estático e viceversa*" (e acentuava a palavra "*instante*"). Mas, continuávamos sem entender e, ao pedir-lhe que nos esclarecesse a ideia com algum exemplo, levantou-se da cadeira e, sem pronunciar palavra, aproximou-se do interruptor da luz, moveu-o e deixou o aposento às escuras. Todos ficamos em silêncio. Havíamos compreendido? Crelo que não!

A mente não podia compreender o gesto ritual que estava sendo executado. Não se tratava de reversibilidade mecânica, mas de reversibilidade de valores. Não era, simplesmente, a passagem de um estado a outro da matéria no mundo físico, mas uma transição de fase entre o Ser e o Não Ser. Não era somente uma filosofia dos valores, era uma "função" da vida; ainda mais, uma "nova dimensão de vida"¹².

A reversibilidade de valores, lógica, emerge como "resposta" humana à maldição bíblica que pesa sobre a serpente do paraíso:

"Arrastar-te-ás sobre teu peito. E comerás o pó, todo o tempo de tua vida" (Gên. 3:14); resposta ao determinismo biológico, à irreversibilidade do tempo. Mas há "outra" serpente e outra lei; já não é a serpente que se arrasta pelo chão, condenada pelo destino a comer o pó da terra, mas a serpente que, quando é chamada pela flauta mágica, sobe até o cume do monte e se transfigura em serpente emplumada.

O importante é que nos demos conta de que há um momento "crítico" na vida humana, onde a "flutuação" da matéria pode quebrar a simetria do tempo e incorporar um "fóton" de eternidade; é o instante de "iluminação" (de ver claro): máxima probabilidade de transformar o ideal em vida e de sustentar com a vida o ideal. É o instante de máxima criatividade, onde um valor dinâmico se torna estático e viceversa (reversibilidade de valores). Mas, novamente faço uma aclaração sobre os termos utilizados; recorremos a conceitos da linguagem comum, para traduzir uma função que os transcende. O que são "valores dinâmicos"? O que são "valores estáticos"?

Qual é a chave da mensagem do novo signo do tempo? "Procriai e multiplicai-vos e enchei a terra" (Gên. 9:1)? "Nega-te a ti mesmo, toma tua cruz e segue-me"? Ou se trata de um terceiro movimento, que tampouco podemos chamar de "movimento"? Mas, antes de mais nada, o que é o "instante"? É tempo? É eternidade? Talvez, mais que uma resposta (que nos levaria a intermináveis especulações metafísicas ou teológicas), o que se impõe é uma pergunta que surge da própria vida: como nos instalamos nesse ponto crítico de ruptura de simetria, onde se desencadeia a transição do ser ao não ser? Dito de outra maneira: que valor poremos "ali", para que a roda da vida gire em sentido in-verso?

12. Omar Lazarte, *Uma Nova Dimensão de Vida*, São Paulo-ECE editora.

Passaram-se muitos anos, antes que eu pudesse encontrar alguma resposta aos interrogantes que surgiam das revelações do Mestre, acerca da "reversibilidade". Eu me havia exercitado bastante na prática de "aparecer" no tempo e na forma (ser alguém, desempenhar um papel no mundo), mas me faltava aprender uma arte muito mais difícil, "desaparecer" no instante.

Mas, uma vez cruzada a barreira do medo (medo de desaparecer, de "perder a razão", de não ter nome), havia-me dado conta de que funcionava de outra maneira, sem que pudesse explicar em que consistia essa "outra" maneira. O que sim percebi, é que a transição de fase havia-se produzido por um salto brusco do pensar superficial para o sentir profundo; havia descoberto em mim mesmo, uma "força" do sentir que apontava a direção correta do pensar (em outras palavras, o pensamento comum se havia tornado expansivo e oscilava com o ritmo do coração). E vinha a pergunta: a fórmula de campo unificado, que os cientistas se desesperavam para encontrar pelo caminho do conhecimento, não viria a acontecer pelo caminho da vida? À medida que o ritmo de reversibilidade de valores se autossustentava por intercâmbio de matéria/consciência, eu percebia que começava a pensar por analogia.

Que relação havia entre esta reversibilidade de valores que eu descobria em mim mesmo, como ritmo intrínseco da vida profunda, e o que a ciência experimental descrevia como salto súbito do elétron de uma órbita a outra, ou como transição brusca de matéria/antimatéria? Sim, havia uma relação, mas não de identidade e sim, de analogia! Talvez se tratasse de uma mesma lei universal, mas operando em mundos diferentes e sob condições de espaço-tempo-consciência diferentes. Minha relação com o mundo já não era a mesma, havia-se criado um circuito de ressonância entre os valores da alma e a química da vida.

A tradição espiritual da humanidade preservou sob o véu da parábola e do símbolo a relação inversa e complementar entre os valores materiais e espirituais. "Cada vez que a justiça enfraquece e a ilegalidade prepondera, Eu volto" (é a Voz do Senhor, no Bhagavad Gita). E Cristo instrui seus discípulos missionários:

Em qualquer cidade ou aldeia onde entrardes, informai-vos de quem nela é digno e permaneci ali, até que partais e, entrando em tal casa, saudai-a. Se a casa for digna, sobre ela seja vossa paz: se não for, vossa paz volte a vós. Se não vos receberem ou não escutarem vossas palavras, sacudi o pó de vossos pés. Em verdade vos digo que, mais sorte terá a terra de Sodoma e Gomorra, no dia do juízo, que aquela cidade (Mt. 10:11,15).

Este princípio de reversibilidade de valores, reservado até agora aos deuses, começa a ser re-descoberto como função intrínseca dos homens e das mulheres que vêm. Mas, para que o princípio se torne "função", às três palavras que já pronunciámos (presença, participação, reversibilidade), temos que acrescentar uma quarta: renúncia.

Afirmção ou negação do mundo e da vida? Possuir o mundo ou perder a alma? Ser ou não Ser? O ser ou o nada? Quanta dialética em torno destes temas! Quantas filosofias! Quantas palavras!

O Renúnciamento é a "força criadora", mas ao mesmo tempo, é o "dissolvente universal". Por esta lei foram feitos os mundos, por esta lei se sustenta a vida, por esta lei vêm os deuses conversar com os homens. E, por esta mesma lei, explodem os sóis, dissolvem-se as formas, expande-se a consciência. Dupla face de uma vontade arquetípica. Diz Platão em *O Político*: "Quando o mundo é abandonado a si mesmo, gira em sentido inverso; quando Deus volta a tomar o timão do mundo, as coisas também voltam a seu curso normal". É o movimento reversível da lei cósmica, a inspiração e a expiração de Brahma na mitologia hindu, o "*solve et coagula*" dos alquimistas.

As filosofias e teologias do Ocidente separaram estas duas fases do movimento universal, criando céus eternos e infernos irredentos. A poesia romântica quis unir (poeticamente) as forças contrárias em um "casamento do Céu e do Inferno"¹³, mas Octavio Paz, apesar de reconhecer que "a missão do poeta é restabelecer a palavra original, desviada pelos sacerdotes e pelos filósofos", acaba por reconhecer que "a solidão continua sendo a nota dominante da poesia atual" e que "a poesia não encarnou na história"¹⁴. Talvez, Heidegger seja, entre os metafísicos, aquele que chegou mais perto de unir (existencialmente) os dois aspectos complementares de consciência/vontade. Diz Heidegger: "A renúncia a nossa própria finitude é uma atitude *radicalmente temerária*" e acrescenta: "esta forma temerária de aniquilamento se produz somente quando há *algo ao qual oferecer a vida*, com o objeto de assegurar à existência a suprema grandeza". E continua dizendo:

A angústia do temerário não tolera ser contraposta à alegria, nem muito menos à aprazível satisfação dos tranquilos afãs. Encontra-se – para além de tais contraposições – em secreta *aliança* com a serenidade e a doçura do anelo criador¹⁵.

Mas, tanto a poética quanto a metafísica e a mística de negação do mundo e da vida fracassam em sua tentativa de unir o fundamental com o contingente porque desconhecem o alento reversível desta respiração cósmica que sustenta por dentro a vida do homem e do universo.

Como chamar esta lei universal que cria e dissolve os mundos, que leva à aniquilação de Cristo na cruz e que o afirma na ressurreição, que aniquila uma partícula de matéria e cria um fóton de luz? Alguns a chamam "lei da Re-

13. William Blake, *El Matrimonio del Cielo y del Infierno*, Buenos Aires, Ediciones del Mediodía, 1978.

14. O. Paz, ob. cit. pg. 250.

15. M. Heidegger, *¿Qué es la Metafísica?*, Buenos Aires, Siglo Veinte, 1983, pg. 52.

para nomear a dança do homem no universo e do universo no homem.

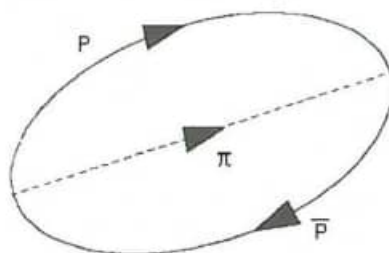
"A Renúncia é a *"lei"* do mundo futuro e será o modo de viver dos homens e das mulheres que virão", dizia-nos o Mestre Santiago.

A doutrina do renunciamento foi proclamada pela tradição espiritual do Oriente e do Ocidente como lei suprema de liberação da alma; Buda enumera oito etapas de renunciamento em seu "Óctuplo Caminho" e Cristo diz a seus discípulos: "Quem quiser vir após mim, negue-se a si mesmo, tome sua cruz e siga-me" (Mt. 16:24). Mas hoje, na era atômica, esta mesma lei requer uma nova formulação. No novo signo do tempo, a renúncia não é somente uma virtude religiosa, um valor ético ou um princípio metafísico, senão que se revela como energia cósmica e mensagem social; já não tem a ver somente com a salvação da alma, mas com a transformação do mundo; não é somente um ideal do espírito, mas uma ferramenta da vida. Em outras palavras, a mensagem da Renúncia não é só uma mística, mas também uma ciência, uma técnica, uma lei social.

Qual é a forma, a estereofonia e a estereoquímica desta nova lei? Na equação humano-divina de campo unificado "Renúncia" é reversibilidade e reversibilidade é "renunciamento". Voz inefável que funda uma nova estrutura dinâmica de espírito-matéria, ritmo análogo que "une" os valores da alma com a química da vida.

A nova lei revela sua mensagem no "vazio" do coração atômico. A linguagem comum não tem palavra adequada para nomear o "vínculo" entre o humano e o divino. A própria palavra 'renúncia' (ainda escrevendo-a com maiúscula) é insuficiente para expressar a "estereofonia" do Verbo.

Da lógica formal (sim ou não, isto ou aquilo) passamos à lógica quântica (sim e não, isto e aquilo). Da dialética dos opostos, à reversibilidade dos valores (eu e Tu). Na geometria desta dança de partículas e ondas, de palavras e signos, de tempo e eternidade, a Renúncia se revela como "o caminho do meio". Tomo esta expressão da linguagem simbólica do budismo, mas encontro uma correspondência análoga nas representações simbólicas da física quântica.



No mundo subatômico, a dança de partículas não é caótica nem arbitrária, há um ritmo, uma configuração de forças (um próton e um antipróton, revelando um padrão de simetria pelo intercâmbio de uma "partícula de ressonância" B). O que é uma "partícula de ressonância"? Eu diria: é o que está no meio, uma energia de "enlace" (*bound state*), um estado intermediário, "algo" que acontece *entre* partículas, quando a energia da colisão alcança um nível crítico, que chamamos de "valor de ressonância".

Mas, o que ocorre no mundo do homem? Se das leis do mundo físico passarmos, por transposição analógica, aos valores fundantes da vida humana e ao vínculo entre o homem e o universo, também descobriremos (no espaço "vazio" do coração) "algo" (ou "Alguém"?) que está "no meio". Lembremo-nos da mensagem evangélica: "Porque, onde estão dois ou três congregados em meu nome, ali estou eu no meio deles" (Mt. 18:20). Quem é esse "Alguém" que está "no meio" deles? Em termos da física quântica, diríamos que é uma "partícula mensageira" (partícula virtual ou energia de ressonância), mas em termos místicos, dizemos que é um "Mensageiro".

Hoje, o cientista e o místico se formulam a mesma pergunta: quais são as condições para que essa potencialidade que está ali, "no meio", se revele como "força de enlace" e produza efeitos visíveis e mensuráveis no mundo da matéria? E a resposta é: quando a energia da "colisão" (ou do "encontro") atinge um valor crítico que chamamos de "valor de ressonância".

O que é "valor de ressonância"? Não é fácil de definir. É uma pergunta que desintegra a resposta; chegamos com ela a uma fronteira do pensamento, a uma zona de passagem onde caem todos os conceitos, esfumam-se todas as imagens, colapsam todas as leis físicas. Essa fronteira é o espaço do "Encontro". Encontro com a verdade? Encontro com o amor? Simplesmente "Encontro" (com maiúscula). Não sabemos bem o que acontece nesse espaço que chamamos de "o meio", mas o que sim, sabemos, é que ao chegar a um "valor de ressonância", desencadeiam-se poderosas forças no mundo e nós mesmos somos transformados com o mundo.

Conhecemos as leis de ressonância acústica (a voz humana sustentada em uma frequência crítica rompe a taça de cristal) e conhecemos também a ressonância eletromagnética e a ressonância magnética nuclear (ambas com importantes aplicações tecnológicas), mas conhecemos muito pouco acerca das leis de ressonância do coração. As cordas do coração vibram em diferentes valores de ressonância cósmica, mas há uma "nota chave" que quebra a simetria de *todos* os valores conhecidos e delinea uma nova configuração de forças. Essa nota chave, esse valor supremo que transcende todos os valores, é conhecida na tradição espiritual da humanidade como "Renunciamento": "Vende tudo quanto tens e reparte-o entre os pobres, e terás um tesouro no céu; depois, segue-me" (Lc. 18:22).

Esta nova lei ainda não foi bem compreendida, ficou mutilada, reduzida a uma "negação", à negação dos valores humanos, à negação do mundo e da vida. Isto na ordem espiritual. E, quanto à ordem cosmológica, a visão originária do investigador fica mais de uma vez oculta sob o véu da formulação científica. Quando as intuições de físicos e matemáticos sobre a origem do cosmos são transferidas a seus respectivos marcos teóricos, ficam reduzidas a um monismo materialista (pelo qual, ficam com a "metade da fórmula") ou a um monismo simbólico, como o modelo de "flutuações do vazio" de Edward Tryon¹⁶. Nesta última teoria, mais próxima dos paradoxos do budismo Zen que do rigorismo matemático, produzir-se-ia uma "espontânea polarização" (mais/menos) do vazio, de tal modo que a soma de "todos" os valores físicos da flutuação total sempre ficaria em zero.

16. E. P. Tryon, ob. cit., pg. 30.

parece que, em todas estas visões limitadoras, tanto desde a visão mística quanto desde a cosmológica, é indispensável introduzir um "valor negativo" nas equações do movimento, para que a fórmula feche. E o mesmo acontece, desde a filosofia, quando são formuladas doutrinas monistas, baseadas na negação do mundo e da vida. Mas, também aqui o risco é grande, pois se nega a outra metade da fórmula, constituída com a afirmação ética do mundo e da vida. Em *O Pensamento da Índia*, Albert Schweitzer destaca o efeito paralisante que teve sobre a cultura do Oriente a "ideia de manter-se incontaminado pelo mundo", idealismo espiritual que, como contrapartida e com o mesmo excesso, fica formulado (agora com um valor positivo) no materialismo dialético¹⁷. Hartmann, por sua vez, tal como surge do comentário de Ricardo Maliandi, questiona todo monismo ético e, em sua "tábua axiológica", opõe-se à "hierarquia unilateral dos valores, proposta por Scheller, sustentando em troca, que existe uma pluridimensionalidade, em virtude da qual, a hierarquia pode variar, independentemente da estrutura axiológica"¹⁸.

Se me estendi, talvez mais da conta, acerca do lugar correto do renunciamiento na visão global do mundo e da vida, é para destacar a diferença entre a antiga formulação da renúncia como doutrina de salvação através da "negação de si" e a integração deste "valor negativo" na dinâmica de "reversibilidade de valores". Entre a renúncia como "negação" e o renunciamento como "reversibilidade" não só há uma diferença ontológica, mas energética: nas palavras do Evangelho, não só "nega-te a ti mesmo", mas "nega-te a ti mesmo e segue-me" (onde a chave está no "e", como na lógica quântica). Em outros termos, o renunciamento, mais que uma palavra de negação, é um pacto secreto de "Aliança" (é liberação de "energia de enlace" no ritmo analógico de uma nova lei).

"Se o ser humano renunciasse, não às coisas que considera prejudiciais, mas por amor à liberdade, alcançaria em vida um estado de felicidade inenarrável", dizia-nos o Mestre Santiago. Associar o renunciamento, já não à negação da vida, mas à expansão da consciência, implica um salto qualitativo no fluxo dos valores. Renunciar, não à vida, mas à "posse" da vida é como introduzir nas equações de campo gravitacional da matéria, um valor de transcendência espiritual (novamente a ideia de um valor negativo que curva a trajetória da ação): o que faz possível recuperar a vida como bem intrínseco, ainda depois de havê-la perdido.

O homem velho (do velho signo, do antigo paradigma) fracassa por "crystalização existencial" (seu triunfo é um fracasso); é o fracasso do jovem rico do Evangelho. A biologia moderna, por sua vez, também nos ensina que a vida se cristaliza, detém-se, degrada-se, quando chega ao equilíbrio térmico (triunfo da segunda lei da termodinâmica): "Nem tudo está vivo, em um sistema vivo", dizem Prigogine e Stengers¹⁹; mas os mesmos autores assina-

17. A. Schweitzer, *El Pensamiento de la India*, México, Fondo de Cultura Económica, 1952, pg. 10

18. R. Maliandi, *Hartmann*, Buenos Aires, Centro Editor de América Latina, 1967, pg. 31.

19. I. Prigogine e I. Stengers, ob. cit., pg. 156.

um que, longe do equilíbrio, em certos pontos singulares, pode-se dar um "novo começo". Em escala humana, esse ponto de reversibilidade da força é o instante no qual a vontade individual se une "por místico abandono" (por renunciamento) à consciência cósmica.

A chave para o desenvolvimento da consciência não é ter ou não ter, ser rico ou ser pobre, pertencer ao Primeiro Mundo ou ao Terceiro Mundo; a chave é o manejo da reversibilidade de valores. Esta lei, até ontem só conhecida pelos deuses, volta ao domínio do homem, mas não só no laboratório e sim, em sua própria vida. O homem espiritual descobre, parodiando Platão, "que quando o princípio de transcendência abandona o mundo (seu mundo), a vida (sua vida) gira em sentido inverso (por aumento de massa, perda de energia e queda de significado) e que, quando a Luz volta a entrar, as coisas (sua vida e seu mundo) não somente voltam ao curso normal, senão que se trans-figuram (por perda de massa, liberação de energia e expansão de consciência)". Hoje, vivemos o mistério do "Abandono" ("Deus meu, por que me abandonaste?"). A pergunta é a seguinte: retomará Deus o timão do mundo ou é o homem quem deve tomar em suas mãos, a força criadora da Vida?

O mundo gira hoje em sentido inverso e nós nos perguntamos: toda esta desordem, o ocultamento do Ser (aquele do qual fala Heidegger), a queda dos ideais, o movimento inverso das correntes da vida – por "refluxo de energia criadora", como assinala muito acertadamente Henri Lefèbvre²⁰ ou por "implosão de massa", como diz Jean Baudrillard²¹ – toda esta queda entrópica poderá ser revertida por co-participação do homem na economia cósmica ou teremos que enfrentar uma "reação massiva da Terra", como adverte Thomas Berry²² como resultado do desequilíbrio ecológico do planeta? Em outras palavras: chegamos ao fim da história ou ao começo de um novo ciclo co-evolutivo no desenvolvimento da consciência?

Quando o Mestre Santiago diz: "*A Renúncia é a lei do mundo futuro*" (não diz que será, mas que é), revela a Presença de um novo princípio ordenador da vida. Nem a filosofia moderna, nem a psicologia, nem o marxismo, nem as equações de campo da nova física advertiram essa "mudança de lei" que já opera em nossa biologia molecular como ritmo analógico de uma fisiologia cósmica; ruptura de simetria na trajetória existencial do homem que prepara as condições (desde a própria matéria) para o nascimento de um novo estado de consciência, a consciência expansiva.

A Renúncia, ao ser concebida agora não somente como virtude da alma, mas como "lei" da vida, sai do marco místico, moral e metafísico no qual a havíamos colocado (por reducionismo intelectual), para entrar como ideia força nos diversos campos da ciência, da técnica e da filosofia social do mundo que vem. Em outras palavras, a Renúncia, ao fundar-se no princípio de "reversibilidade de valores", é assimilada pelo novo sujeito da história como lei de "con-versão" de sua própria vida.

20. H. Lefèbvre, "La Porte de l'Avenir", *Planete*, n° 3, abril-maio de 1972

21. Jean Baudrillard, ob. cit.

22. Thomas Berry, citado por Valerio Ortolani, *Personalidad Ecológica*, Puebla, Universidad Iberoamericana, 2ª ed. 1986.

Conversão, no sentido do novo tempo, não é só metanoia, mas meta-fisiologia; não só mudança no modo de pensar ou de sentir, mas trânsito na química dos valores. Já não é suficiente um ideal para sustentar a vida, necessitamos da vida para sustentar o ideal. Enquanto a conversão religiosa ficou reduzida ao marco de um novo credo, a conversão fundada no princípio de reversibilidade de valores nos leva a uma nova ordem molecular da matéria.

De qualquer modo, ainda no novo contexto, a palavra "Renúncia", demasiadamente unida no uso da linguagem comum à ideia de "não-ação", continua sendo inadequada para nomear o princípio de "ação/in-ação". O próprio Mestre Santiago fazia-se, a respeito, uma pergunta: *"Até há pouco tempo, eu não compreendia como unir o "renunciamento a si mesmo" com a "ação efetiva" que se requer para viver em nosso agitado mundo"*. E respondia: *"Talvez tenhamos que recorrer ao que a ciência moderna descobre como princípio de ação mínima e que o homem futuro começa a viver como ritmo alternante, isto é, um estado potencial da alma, ativo somente em parte"*. Em outra ocasião, já nos havia falado da *"ação sem gasto interior"*.

Princípio de ação mínima:

$$S = \int_{t_1}^{t_2} (KE - PE) dt$$

É energia cinética menos energia potencial, integrada com o tempo.

Há um valor mínimo possível para a trajetória de um objeto que vai de um ponto a outro. Na vida humana, em função de "mínima ação", podemos passar da "ação" à "in-ação"²³.

Ação sem gasto? Acaso, *perpetuum mobile*?

Não. Ação *sem gasto interior*!

Trata-se de uma filosofia da ação? Ou de uma técnica da Vida?

Mas, antes de responder: "Qual é a ação correta no caminho do homem?"

- Ação concreta, efetiva, no mundo das coisas?
- Ação contemplativa?
- Ação sem apego?
- Ação inativa? Inação ativa?
- Vontade de poder? Ou vontade de significado?

Muitas doutrinas foram construídas ao redor destes valores. Mas, tudo faz pensar que continuamos utilizando termos inadequados, modelos de conduta

23. *The Feynman Lectures on Physics*, Adison-Wesleg Pub., California Institute of Technology, 19 de janeiro de 1964.

que já não respondem às necessidades de desenvolvimento da consciência do homem moderno. Hoje, encontramos-nos em um beco sem saída, no terreno da filosofia da ação. De repente, fomos arrastados por uma poderosa corrente de energia que muda o curso de nossas vidas, mas não temos o marco teórico adequado para manejar inteligentemente essa força; entramos em um novo espaço, mas ainda não sabemos navegar nele.

De qualquer modo, alguns sinais de orientação nos chegam, mais desde a visão profética que do pensamento científico. Diz Castaneda em *O Fogo Interior*: "Uma das coisas mais extraordinárias que os novos videntes descobriram é que nosso comando pode converter-se no comando da águia"²⁴.

Esse "pode converter-se" é a premissa fundamental da mística, da ciência e da técnica, da civilização que vem. Mas, da "possibilidade" ao "ato" há um percurso. Do "princípio de ação reversível" (como ideia, como filosofia, como visão) há que passar ao "ato de união" (a *ser* efetivamente o comando da águia). E, no ponto de transição de fase, voltamos a encontrar o "renunciamento" como função chave, como palavra de "enlace" entre os valores transcendentais da alma e a química da vida. Na era dos "novos videntes", já não vivemos este "enlace" como "êxtase de união" (que nos leva fora do mundo), mas como energia de "re-união" (que nos traz a um novo pacto de enraizamento reversível com a natureza fundamental que está dentro de nós mesmos).

Hoje, os "novos videntes" já não são somente os "místicos" ou os "bruxos", mas também os "cientistas" e os "técnicos". Eles não falam de "renunciamento" e sim, de "ruptura de simetria", de "entropia negativa", de "princípio de ação mínima", de "pontos singulares". A mensagem que os profetas e os místicos pronunciaram em sentenças e parábolas é formulada agora pelos cientistas (analogicamente) em equações matemáticas e paradoxos quânticos. A ensinança que os mestres do espírito nos ensinaram a viver como "renunciamento", os pais da ciência moderna nos ensinaram a reconhecer como "leis" da matéria e como "possibilidades" da vida.

Seja como for, não terminam aqui as perguntas. É o renunciamento um "absurdo", frente à vida? Ou a vida ganha, às custas da perda da alma?

Este tipo de pergunta carece de resposta lógica. O "renunciamento" não é um juízo de valor que a inteligência possa formular, mas um rito de passagem celebrado no coração. Já que a transição de fase entre o espírito e a matéria é tão difícil de entender quanto a raiz quadrada de -1, o símbolo matemático que torna possível a unificação do espaço-tempo nas equações de Eugéne Minkovsky, uma brecha tão enigmática quanto o "intervalo" na teoria da relatividade de Einstein, uma lei tão obscura quanto o "logaritmo da probabilidade" na formulação da entropia ($S = K \cdot \log P$). No entanto, são estas "constantes simbólicas" as que outorgam unidade e beleza às equações das grandes sínteses do universo físico, singeleza e formosura que fazem com que Herz exclame: "Sobre as sensações de que estas fórmulas matemáticas tivessem vida própria, como se fossem mais inteligentes que nós e até que seu próprio autor".

24. C. Castaneda, ob. cit. pg. 149.

Acaso, a formulação do renunciamento como entrega? "Vende tudo quanto tens e reparte-o entre os pobres, e terás um tesouro no Céu; depois, vem e segue-me" (Lc. 18:22) não tem a mesma singeleza, beleza e harmonia que as grandes leis cósmicas? E, se é assim, por que produz espanto?

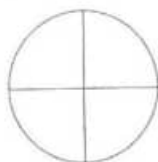
Medo? Medo de quê? Medo da liberdade! O renunciamento produz medo porque o tomamos mais como mensagem de salvação que como instrumento de liberação.

A mensagem da Renúncia não é cristã nem budista (na filosofia islâmica não aparece). Não pertence ao cânon das crenças, mas à ordem da vida. Ainda não nos demos conta do tremendo poder energético, liberado na "ação inativa". Tampouco nos havíamos dado conta, até bem entrado o século XX, do terrível poder encerrado no átomo físico. Mas, também há um poder encerrado na matéria humana, os antigos sábios o sabiam e nós também o sabemos: é possível transmutar o corpo material em um corpo de luz!

Resumo

Quatro funções primordiais

Presença
Participação
Reversibilidade
Renunciamento



Quatro movimentos de uma mesma molécula analógica.

Quatro fases transicionais na circulação da luz.

SIGNATURA DA LEI

A revelação da Sabedoria transcreve o código da Lei.

Porém, o que é sabedoria? Não é somente conhecimento, mas também saúde e cordura ("Os muitos sábios são a saúde do mundo; e um rei prudente, a prosperidade de seu povo", Sap. 6:14). A revelação da Sabedoria não é só *alétheia* (des-ocultamento do ser), mas também *gen-ética* (tradução do Sagrado em geometria da vida).

Ao pronunciar a palavra 'Revelação', emudecem todas as demais palavras, caem de minhas mãos todos os livros, desvanecem-se todos os sonhos, esfumam-se todos os símbolos; ao "toque" da Revelação, quebram-se todos os moldes e o véu do templo se parte em dois, de cima abaixo; calam as vozes da alma e só fica um gesto, a reverência ante o inefável.

Hoje, perdemos a sabedoria, somente ficamos com a informação; como diz um provérbio árabe: "Existem muitas ciências, mas poucos sábios". Também perdemos a Lei, só nos ficam as normas. O *Homo sapiens* já não possui o Logos, somente ficam a ciência e a técnica. De qualquer forma, cabe uma pergunta: acaso não é suficiente o desenvolvimento do conhecimento para decifrar os signos do céu? Georg Picht diz que "a acumulação do saber é o verdadeiro motor da evolução e que a soma do saber disponível se duplicou uma vez entre 1800 e 1900, e uma segunda vez entre 1900 e 1950; e que volta a duplicar-se a cada quinze anos"¹. Tudo isto é muito certo. A ciência e a técnica mudaram a face do mundo, mas hoje, como ontem, a água do conhecimento não é suficiente para acalmar a sede ("Quem beber desta água voltará a ter sede", João, 4:13). Podemos chamar de "saber" esta acumulação de conhecimentos? "Lamentavelmente", diz Ernesto Sábató, "não temos em castelhano essa diferença entre *savant* e *sage*, que os franceses têm"².

A chave para o desenvolvimento humano não está só no conhecimento, mas no poder generativo da Palavra viva.

1. Georg Picht, *Réflexions au Bord du Gouffre*, Paris, Robert Laffont, 1970, pg. 96.

2. Ernesto Sábató, "Entre la Letra y la Sangre", *La Nación*, anticipo de libros, Buenos Aires, 30 de outubro de 1988.

As Revelações Sagradas do passado, aquelas que fundaram as grandes civilizações, não só deram à humanidade uma Ensinança e uma Lei, senão que geraram novas correntes de vida que mudaram o curso da história. Existe algum tipo de "gene" sagrado que seja transmitido por reação em cadeia? Assim parecem dar a entender as mudanças qualitativas que se produzem de quando em quando, na trajetória do ser no tempo. Ainda historiadores que, de nenhum modo parecem atribuir importância à irrupção do sagrado em suas reflexões sobre a filosofia da história, como Ernesto Renan, não deixam de advertir o poder generativo da palavra e a presença dos fundadores. Diz Renan em sua *Vida de Jesus*:

O mundo não acabou, como Jesus anunciou e como seus discípulos acreditaram, mas está renovado, e renovado como Jesus desejava. Se seu pensamento foi fecundo, deve-o a sua dupla fase. Sua quimera não sofreu a sorte de outras muitas que cruzaram pelo espírito humano, graças a que abrigava um germe de vida que, introduzido – mercê de uma aparência fabulosa – no seio da humanidade, produziu nele frutos eternos³.

Porém, como se manifesta o sagrado em nosso tempo? O sagrado se manifesta hoje como "acontecimento catastrófico". Por que catastrófico? Porque vem sem intermediários! Tratemos de explicar-nos. Jung, ao examinar as formas da experiência religiosa no novo Éon de Aquário, põe a descoberto o impacto psicológico desta irrupção *direta* do "numinoso" na alma: "Tão logo caiu a barreira dogmática e o rito perdeu a autoridade de sua eficácia (refere-se à função mediadora e protetora da Igreja), o homem enfrentou uma experiência interior, sem o amparo e a guia de um dogma e de um culto que são a quintessência da experiência religiosa, tanto da cristã quanto da pagã". E Jung conclui sua reflexão acerca deste "desamparo", com as seguintes palavras: "Tão somente sei (e nisso está implicado o saber de inúmeras pessoas) que atualmente se dá uma época de morte e desaparecimento de Deus"⁴. Jung adverte sobre os "perigos" desta dessacralização do mundo (é como abrir uma porta ao poder autônomo do inconsciente coletivo e à irrupção de forças deletérias do mundo subterrâneo que, por outro lado, é o que está ocorrendo e o que gera a patologia social de nosso tempo). Mas, será só patologia? Ou uma forma terrorífica do sagrado que, como "anjo exterminador", prepara uma espiritualidade cósmica?

De uma ou de outra maneira, o homem da era atômica fica exposto, de forma direta e sem intermediários, a uma radiação energ-ética até agora desconhecida. A experiência espiritual (que nem sempre é reconhecida como tal) é hoje direta, "catastrófica", dizíamos – porque não tem comparação com nenhuma outra experiência psicológica, religiosa ou social. Ao desaparecer o escudo protetor que as religiões dogmáticas ofereciam (e também as ideologias políticas), fica a descoberto o poder do raio penetrante, o laser divino

3. Ernesto Renan, *Vida de Jesus*, Barcelona, Maucci, 1987, pg. 206.

4. C. G. Jung, ob. cit. pgs. 44, 147.

que entra em jogo aqui, não é nenhuma crença, nenhum dogma, nenhuma ideologia, mas simplesmente a operatória de uma nova Lei.

Ante a presença do Mestre Santiago, aprendi a reconhecer não só a verdade da Lei, mas a *vida* da Lei. Dei-me conta de que, para além do caminho do Conhecimento, existe uma iniciação de Amor.

Miguel Serrano fala de uma iniciação de "A-mor": "Existe um casamento secreto. Para realizar-se, somente necessita da luz de uma estrela. Tu te desposas olhando essa estrela e basta uma declaração de amor, transmitida por sua luz"⁵. Eu diria que, como iniciação ideal, é suficiente a luz de uma estrela, mas como iniciação real, requiere-se o "toque" do hierofante portador do código sagrado da estrela (que é como dizer, do Mensageiro que leva in-scrito em sua própria vida o código energ-ético da Lei)⁵.

Eu conhecia os códigos sagrados das diferentes tradições da humanidade (a lei escrita), mas o Mestre transmitia uma ensinança vibratória, cujo código energ-ético me era difícil decifrar. De qualquer modo, dava-me conta de que a chave secreta encerrada em suas palavras, seus silêncios e seus gestos, não devia ser buscada na ordem do conhecimento, mas na ordem da vida. Em certa oportunidade, coincidindo com um aniversário espiritual, o Mestre nos deu uma pista para aproximar-nos da "signatura" da mensagem:

A humanidade está passando hoje por um momento crucial; muitas almas sentem um grande desgosto, uma grande insatisfação por estarem em um mundo que não é o seu, que não é aquele que corresponde a seu íntimo sentir; gostariam de liberar-se de muitas coisas desse mundo, mas têm que conviver com elas. E, precisamente, o desgosto de muitos seres humanos, no dia de hoje, é reconhecer que o eu se identifica facilmente com os pensamentos, com as emoções ou com as funções fisiológicas do corpo; e, quando no fim do dia se perguntam "onde esteve meu eu?", têm que reconhecer que esse "eu" esteve identificado com toda uma série de complexos anímicos, sem poder reencontrar-se consigo mesmo. A sabedoria espiritual do homem futuro será, precisamente, aceder a esse poder divino de reversibilidade, que lhe permite dissolver os compostos da alma e permanecer em si.

Eu cheguei a dar-me conta de que a "chave" da mensagem do novo signo do tempo não estava na verdade conceitual da lei escrita, mas no código vibratório da Lei in-scrita.

Signatura da Lei? Sim, sabedoria da Lei in-scrita na matéria!

Mas, de onde vem esta sabedoria? Hoje, a sabedoria não vem das academias, vem do deserto. Assim foi também no passado. Em épocas de transição, a sabedoria se refugia em arcos de sobrevivência. Mas, o que são essas "arcas"?

5. Miguel Serrano, *ELELLA, Libro del Amor Mágico*, pg. 27.

Há mais de vinte e cinco séculos, os ascetas do deserto, no antigo Egito, realizaram a mais extraordinária "gesta" de reversão do tempo histórico. Como diz James Hillman, citando Violet Mc Dermott: "Estes santos do deserto tentaram "inverter" os efeitos psicológicos de sua antiga religião de origem"⁶. Em outras palavras, eles tentavam "dissolver" (pela oração, o jejum e a penitência) os resíduos psíquicos da magia egípcia e "preparar as condições" (em seus próprios corpos) que servissem de suporte gen-ético para a nova mente racional que iria despertar na Grécia. A Tentação de Santo Antônio, pintada com mão mestra por Bosch, mostra o dramatismo dessas lutas interiores da alma com os poderes da Sombra.

Em nossos dias, no final de um ciclo histórico que se esgota, quando também nós entramos no deserto da civilização moderna e já não temos os deuses para conversar com eles, os novos ascetas do deserto preparam (preparamos), por supercondutividade da matéria, as condições para a "signatura" da nova Lei.

Qual é a natureza desta experiência extrema? Com que forças contamos para vencer a aridez do deserto e cruzar a barreira da sombra? Como nas tentações de Santo Antônio, os poderes da natureza e os resíduos da cultura se voltam contra todos aqueles que tentam abandonar a casa de seus pais. Trata-se de uma barreira invisível que se levanta na fronteira entre dois mundos; é a mesma barreira cósmica que toda a humanidade de hoje tenta cruzar, em busca de um novo estado de consciência e de uma nova dimensão de vida. Nesta longa caminhada pelo deserto, muitos ficam no caminho, mas se se resiste até o limite das próprias forças, os guias do deserto acodem a nosso chamado silencioso; entram em jogo poderes desconhecidos: teurgia providencial e teofania da Lei.

O Antigo Testamento nos pinta a epopéia do deserto com dramáticos sinais. Quando o Egito já havia ficado longe e o povo estava sedento, uma Voz do Alto vem a Moisés e lhe diz: "Leva na mão o cajado com que feriste o rio e vem, que eu estarei ali diante de ti, na rocha de Horeb. Fere a rocha e sairá dela, água, para que o povo beba" (Êx. 17:5,6). É a "função providencial" da Lei, na mão do guia do deserto. Mas, um passo mais no caminho, e o povo assistirá, no Sinai, à "teofania" da Lei, a palavra da Lei que depois, o Legislador transmitirá em tábuas de pedra (Êx. 34:1). É o trânsito da Lei oral à Lei escrita.

6. James Hillman, "Picos e Vales", em *No Caminho do Autoconhecimento*, São Paulo, Novos Ubrais, Pioneira Editora, 1973, pg. 99.

Como é em cima, é embaixo.

Signatura da Lei.

O Mestre que conhece a Lei transmite o código da Regra.

A grandeza de Bento de Nursia, sua colossal estatura como fundador da Ordem Monástica do Ocidente é haver delineado a "Santa Regra" que, não somente iria ser instrumento de transformação espiritual de seus monges, senão que se constituiria em modelo arquetípico para a organização social do novo mundo que emergia das ruínas do Império Romano. Século VI, corrupção dos costumes, invasão dos bárbaros, obscuridade, ignorância. Porém, alguém vela e sonha com "um lugar onde se possa viver, orar, trabalhar e fazer tudo com o olhar posto em Deus", onde voltasse a reinar a ordem humana e cristã, da qual tão dolorosamente carecia o mundo de seu tempo⁷.

O Mestre Santiago havia começado o trabalho espiritual em 1937, mas o desenvolvimento da obra requeria uma Constituição, uma carta orgânica que fosse algo assim como a "signatura" da Lei; fazia falta a arquitetura da "linguagem simbólica" que iria habitar o recinto místico recém aberto. Passar-se-iam pouco mais de dez anos, antes que a obra tivesse uma ferramenta Logo-técnica, que fizesse possível transferir a Ensinança espiritual que descia dos altos cumes para a vida orgânica dos seres humanos que haveriam de pisar a Terra.

De qualquer modo, eu começava a viver no espírito do "Regulamento", antes de conhecê-lo. Essa era (e essa é) a regra (não escrita) de todo compromisso sagrado. À medida que ia me aprofundando na prática da Lei, eu re-descobria o "Regulamento" como uma estrutura dinâmica viva, um tecido de interações co-existenciais, do qual eu fazia parte. Não era somente um conjunto de "normas" a serem cumpridas, mas uma rede de energias virtuais a serem vividas; não só uma "regra" que me era imposta desde fora como um "dever ser", mas a "medida" humana de uma Lei universal que, obscuramente, sentia vibrar dentro de mim mesmo, mas que agora reconhecia como "lar" para viver e para ser. A fidelidade ao "Regulamento" não era para mim, obediência a uma lei estranha, senão que era como voltar a um recinto sagrado onde escutava uma Voz conhecida que me dizia: "Meu jugo é suave e minha carga é leve". A "carga" da Lei era, ao mesmo tempo, o "peso" de minha própria cruz e a "verdade" de meu próprio destino.

Quem redigiu o "Regulamento"? Não foi obra exclusivamente humana. Quando, em 1949, foi promulgado o "Regulamento", o Mestre confiou a seus discípulos a visão espiritual que havia tido: *"Um coro de Mestres que desciam de níveis elevados de consciência assistiu à Cerimônia e eles puseram seu selo"*.

Esta "Signatura" espiritual é, precisamente, a nota vibratória que diferencia as leis humanas escritas nas areias do tempo, das leis divinas inscritas no Código gen-ético da Vida. O "selo" é a "matriz" orgânica da obra, é a "língua mãe"

7. Bento de Nursia, *La Santa Regla*, Buenos Aires, Paulinas, 1973, pg. 7.

que "língua", sobre o Ser, a linguagem sagrada da Regra, isto não quer dizer que essa "língua mãe" não possa ser transcrita em outros idiomas (espirituais ou sociais), sempre que não se mude o espírito da Lei. Todo *agglornamento* que não respeite esta "chave" de tradução é traição do princípio de vida das coisas nobres (na ruptura do "pacto original" devemos ver a raiz do esvaziamento espiritual das religiões e a decadência moral das organizações sociais).

Qual era o sentido social desta nova "Regra Ordenadora de Vida", para além do círculo hermético dos primeiros discípulos, que haveriam de prestar-lhe voto de fidelidade? O Mestre Legislador anunciava o "cânon", a "medida", a "proporção analógica", correspondente ao novo signo do tempo.

Para além das especulações escolásticas e jusfilosóficas, em torno das semelhanças e das diferenças entre a *lex aeterna* e a *lex naturalis*, o Mestre pronunciava uma síntese ético-espiritual, desde as raízes do Ser. A ordem da Lei era formulada na "Regra" como "campo unificado do conhecimento, da conduta e da organização".

Para além das contradições e das lutas entre o poder civil e o poder eclesiástico, entre o Templo e a Sinagoga, entre a Igreja e o Estado, entre o Papa e o imperador, em suma, para além da dialética entre a Lei de Deus e as leis dos homens, passamos hoje a uma ordem legal completamente nova, já que tampouco pertence inteiramente ao direito civil, ao direito penal ou ao direito canônico, senão que se trata de *uma* Lei que incorpora e ordena a vida "total"; vida ordenada que é espiritual e social, individual e coletiva, divina e humana. Tampouco se trata exclusivamente dos "direitos do homem e do cidadão" ou da "declaração da independência" ou do "contrato social", senão que é algo mais profundo, algo que está na raiz da própria vida. E esse "algo mais" é a "língua mãe" do universo, é a Lei fundamental do espírito, inscrita na matéria, "língua" que todo ser humano quer articular como linguagem de liberação, no processo co-evolutivo da vida: e aqui, tocamos o direito fundamental do homem.

Já não falamos de direito natural ou de direito divino, de ordem espiritual ou de ordem social, senão que falamos uma linguagem única; antecipamos, desde o Ser ao campo unificado da Vida. Porém, esta linguagem única, fundamental-e-contingente, não existe no sistema legal e jurídico vigente; e esta "fratura" na ordem "canônica" da Lei (perda do "cânon" fundante) traz funestas consequências para um adequado desenvolvimento, em escala humana. Tal "carência instrumental", entre a necessidade de expansão de consciência e a compulsão normativa de um sistema jurídico que não a leva em conta, gera um bloqueio das forças criadoras do homem e uma patologia social por "refluxo" de energia. No momento de escrever estas linhas, leio em um jornal a confissão sincera de um professor de Direito Constitucional da Universidade de Buenos Aires, o qual, como fundamento de sua renúncia à cátedra, diz: "Não se pode ensinar direito constitucional em uma sociedade que não crê na justiça e no direito constitucional, e menos, quando temos um governo que não o pratica" (1980).

Nesta veloz queda que experimentamos na hierarquia dos valores, chegamos a um ponto crítico (e perigoso) de "des-ordem", de "esquecimento" das condições iniciais; perigoso, porque já não se trata somente de um esquecimento metafísico (esquecimento do "Ser", como diria Heidegger), mas de um esquecimento gen-ético (esquecimento do "Código" de origem).

E enao, de onde pode vir uma nova ordem? Os biólogos e cosmólogos, sobre a base de observações experimentais, falam-nos de uma "ordem que surge do caos" (porém, não se deve esquecer que, para que isso ocorra, requere-se a entrada de nova informação). De onde vem essa nova informação que faz surgir o desmoronamento de uma civilização, uma nova ordem jurídica e moral?

A resposta à pergunta pelo princípio de ordem já não vem da filosofia ou da físico-química, mas da geometria de uma nova Aliança. É a corrente energética do Legislador sagrado que irrompe na trama da história e in-screve nas "tábuas da lei" uma nova medida do tempo.

Voltando à "Regra" que o Mestre anuncia, perguntamo-nos qual é o novo princípio de ordem. Eu diria que a resposta vem do paradoxo da liberdade, do "princípio de liberação interior por obediência à lei". Mas, a qual lei? Simplesmente à Lei!

O Legislador sagrado não inventa o direito, senão que explicita uma Ordem Universal que é "constitutiva ontológica" do ser humano e a transmite *mais* como sentido da Obra que como formulação da lei.

Quer dizer que, *antes* de uma reflexão filosófica sobre o alcance da norma jurídica, devemos sintonizar com esse sentido de pertinência a uma ordem fundante de "co-existência" que nos revela nosso específico lugar no mundo. Daniel Herrendorf, em sua introdução ao livro de Carlos Cossio *Radiografia da Teoria Ecológica do Direito*, e referindo-se a esse valor de "coexistência social", diz que "este entendimento societário é um modo existencial de ser um *nós*", um modo de ser, como projeto de vida em comum:

Se formos capazes de assumir um programa de vida como nação, entender-nos-emos como cidadãos. Se formos capazes de assumir um programa de vida como mundo, entender-nos-emos como homens.⁸

Este programa de vida em comum não é um princípio abstrato, mas um projeto de vida. E, se da organização social, passarmos à ordem espiritual, perceberemos que a vocação de "ser-em uma reunião de almas" é *anterior* (na ordem ontológica) à Regra que ordena essa vida em comum. O Ser da Regra é a fonte de vida da Regra. E é o "contato" com (e o amor por) essa energia primordial que circula pela trama simbólica da Regra (seu código gen-ético) o que faz da Regra um instrumento de liberação. Esta premissa espiritual tem muita importância no processo de desenvolvimento da consciência social; se a alma do povo não estiver con-substanciada com um valor fundante que outorgue sentido à vida social, todas as leis e regulamentações que forem ditadas pelo poder político não serão mais que outras tantas cargas difíceis de suportar; e as mais audazes proclamas de liberação ficarão como belos sonhos não realizados.

8. Carlos Cossio, *Radiografia de la Teoría Ecológica del Derecho*, Buenos Aires, Depalma, 1987, pg. 70.

O desenho arquetípico da Lei e, antes da formulação da norma. A fidelidade, que é um valor implícito da Ordem Sagrada (*implicate order*) é, antes da obediência explícita à lei (*explicate order*).

Mas, cabe aqui uma pergunta: como é o desenho, a estrutura funcional desta Regra arquetípica, enquanto instrumento de liberação?

Aqui entra em jogo um princípio de "inclusão" que inclui o ser humano na estrutura simbólica da Regra; este princípio-valor é a Fidelidade que, como ponto de fixação interior no coração do homem, fecha o circuito da Aliança. A Lei já não é estranha ao homem, senão que o homem "con-figura" a própria estrutura da Lei. É o novo princípio de ordem (que inclui a "Des" ordem). Já não se trata do corpo místico de uma Igreja, por um lado, e da organização social por outro, da vida espiritual e da vida profana, ou de uma tecnologia e uma teurgia, como funções separadas, mas da con-figuração de um circuito integrado de natureza Logo-técnica. A ordem sagrada da Lei, incorporada ao processo co-evolutivo da vida, con-figura um circuito único de reversibilidade de valores. Já não se trata somente de uma mística, de uma ética ou de uma técnica, mas de circuitos novos de ressonância energ-ética que abrem caminhos, até agora desconhecidos, de sensibilidade cósmica.

Houve alguma vez no planeta, "circuitos integrados" deste tipo, nos quais, mística, conhecimento e organização con-stituísem instrumentos de intermediação (inter-me(d)io) entre a ordem cósmica e a ordem humana)? Sim, sempre houve, ainda que com diferente formato, ritmo e medida, de acordo com o signo do tempo. É a Lei, como *dharma* (na tradição hindu), como princípio arquetípico de ordem, como equilíbrio fundamental dos seres e das coisas, na totalidade hierarquicamente ordenada do mundo. Diz Guénon que podemos aceitar a palavra "lei" para traduzir *dharma*. Mas, esta "lei" fundante das civilizações tradicionais é algo mais que o que hoje entendemos por lei, quando falamos tanto de lei física, quanto de lei social. Guénon diz que esta "lei" pode ser considerada, em princípio, como um "querer universal" e que, em cada ciclo cósmico, este "querer" se manifesta como o "Manu" (o Legislador primordial) que dá a esse ciclo sua própria lei. Em outros termos, a função cósmica se faz tradição histórica e o espírito da Lei fundamental é preservado (codificado) na memória coletiva, naquilo que Ricoeur chama de "núcleos ético-místicos", os quais, sob a forma de símbolos, construções sagradas, códigos religiosos, folclore, orientam e dão sentido ao comportamento de toda uma comunidade.

Hoje, muitos desses núcleos ético-simbólicos se perderam; perdeu-se a memória das condições iniciais, nas quais se funda a cultura dos povos e, como consequência do "esquecimento do Ser", a roda do mundo gira em sentido contrário.

Porém, nem tudo estava perdido, e eu vinha a pôr-me em contato – sem dar-me conta totalmente do potencial energ-ético que encerrava esse "contato" – com a corrente viva desse "Querer universal" que, sob a forma de um novo "código" da Lei, convidava-me a uma nova dança da vida. Dever-se-iam passar muitos anos – e tive que viver experiências profundas na ordem espiritual – antes de descobrir a sabedoria intrínseca da Regra, à qual havia prestado voto de Fidelidade. Só então compreendi que o "Regulamento" era um código "gen-ético" que, como instrumento transicional, havia se incorpo-

rado a minha própria biologia molecular. Eu tinha conhecimento dos "empregados" inteligentes, dos "robôs eletrônicos" inteligentes, das "moléculas" inteligentes e também, logicamente, das "fórmulas matemáticas" inteligentes (destas estranhas figuras simbólicas que são mais inteligentes que seus próprios autores), mas estava longe de supor que o "Regulamento" era, em si mesmo, por sua própria estrutura funcional, um "circuito inteligente".

Na prática de nossa vida espiritual, o acesso ao "Regulamento" se realizava por etapas; prestávamos fidelidade ao espírito da Lei, antes de conhecer a norma. No começo, eu conhecia a Regra por fora; conhecia os princípios fundamentais e uma parte do Cerimonial, mas somente quando incorporei esses princípios a minha própria vida, quando comeci a sentir-me "incluído" no circuito cibernético da Regra ("princípio de inclusão"), ao ativar com minha própria energia o programa virtual de seu código Gen-ético ("princípio de participação"), só então dei-me conta de que, mais que uma adesão a normas institucionais, eu havia incorporado a minha fisiologia humana, um "gene" de sabedoria cósmica. Acaso a molécula dinâmica de hemoglobina não encerra uma inteligência da natureza que supera os mais sofisticados circuitos de inteligência artificial? Acaso não opera como inter-mediário entre dois mundos? Pois bem, eu havia incorporado um "código do espírito", ainda mais inteligente que a hemoglobina do sangue.

Mas, houve uma dimensão da Lei que me havia escapado das mãos e que, só agora, ao escrever estas linhas, posso compreender, pelo menos em parte e é o segundo paradoxo da Lei. Explico. A integração da Ordem Sagrada (por meio de um código simbólico) à corrente pessoal, histórica e social da vida humana faz possível descobrir a estrutura, o ritmo e a medida da Lei. Não somente se revela a "lógica" da Lei, senão que se participa do "querer universal" da Lei. E esse "querer", para alcançar uma dimensão "universal", não pode ser reduzido à categoria de "Ordem", senão que deve incluir a "des-Ordem". Se o primeiro paradoxo da Lei é "liberação em função de obediência", o segundo paradoxo pode ser formulado como "Ordem que integra a des-ordem". Reversibilidade de funções da Lei.

Até agora, vivemos estas funções como "momentos" separados da Lei; mas, à medida que avançamos nas leis de "campo quântico" e de "estruturas dissipativas", queremos descobrir o movimento único desse "Querer universal" que pré-sentimos como Lei única do homem e do universo.

Quando conseguimos penetrar no núcleo simbólico inscrito nas leis fundantes de todas as civilizações do mundo, damos-nos conta de que a Lei arquetípica se constitui com as seguintes funções:

- Um princípio transcendente.
- Um código ético.
- Um cerimonial cósmico social.

Mas, não nos adiantemos, e detenhamo-nos por agora, na pergunta ontológica. Existe alguma relação de semelhança ou de analogia entre a Lei divina e as leis humanas? Há algum "código" (na ordem social) que, por interiorização da Lei universal na ordem humana, libere a energia de que necessitamos para alcançar níveis mais elevados de consciência?

Existe alguma ponte ou rito de passagem, entre a ordem divina e a ordem humana? Entre "dar a Deus o que é de Deus" e "a César o que é de César"? (Mt. 22:21). E, se existe, como se passa da Ordem sagrada à ordem social?

Há alguma relação viva (não só matemática) entre as leis do cosmos e as leis do homem? Sim, há uma ponte invisível, ou melhor, um "mensageiro celeste" que faz a tradução da sabedoria das Estrelas para os códigos jurídicos que ordenam o direito, a justiça e a vida social do homem sobre a Terra. Reconhecemos este "mensageiro" na figura arquetípica do "Legislador", um "Manu" que pronuncia as leis eternas do universo, à medida do homem. O Legislador, em sua função de operador cósmico, funda a ordem jurídica desde a raiz transcendente da Lei que é como dizer, desde o Ser do Direito; em outras palavras, não só transmite a "lógica" da Lei, mas a "energ-ética" da Vida. A ponte invisível é esse "querer universal" que os trovadores cantam na alba das civilizações, é a palavra que sai da boca do profeta, *mais* que da pena do escriba, a *ensinança* que é *mais* uma tradição oral que uma legislação escrita, a "Lei Primeira" que é *mais* uma "Presença" ordenadora que um "pacto social".

O Legislador pro-nuncia a Lei, o jurista a enuncia, transcreve-a. A Lei que conhecemos nos códigos e nas normas não é a Lei Primeira, é a lei segunda (Moisés rompe as tábuas da primeira lei, ante a vista do bezerro de ouro fabricado pelo povo e sobe novamente ao Sinai para recolher as "segundas tábuas" da Aliança (Êx. 34:28)).

Com a decadência das civilizações e o obscurecimento das ideias, a marca gen-ética do Legislador primordial vai se diluindo e, pouco a pouco, o desenho arquetípico do Código fundante fica substituído pela rotina dos costumes e pelo pragmatismo parlamentar; ao desaparecer o "numem" da Lei, ficamos com a letra da "norma". Hoje, perdemos o "vínculo" entre a Lei divina e as leis humanas, entre a *lex aeterna* e a *lex temporalis*. Entre ambos domínios, abriu-se uma brecha difícil de transpor. Os grandes legisladores do passado, desde o mítico Hammurabi, passando por Licurgo até Justiniano, inspiraram os princípios do direito e formularam os códigos jurídicos que, durante séculos, orientaram a vida social e política dos povos mais avançados da Terra; mas hoje, na sociedade de massa, quem dita a lei são as corporações multinacionais e os meios massivos (porque "o que é bom para a General Motors é bom para os Estados Unidos da América).

Desaparecida a Ordem arquetípica constitutiva da sociedade tradicional, qual é a resposta jurídica para ordenar a des-Ordem? Já não podemos esperar a voz dos filósofos do direito (porque desapareceram), já não podemos remeter-nos aos modelos que nos ofereciam a *República* de Platão ou a *Civitas Dei* de Agostinho (o bispo de Hipona que exalta a justiça do Céu, frente à decadência política do Império) – ambos modelos se afastaram muito de nós, no tempo – e tampouco podemos recorrer (apesar da maior proximidade) a essa reserva jusfilosófica que vai desde os "foros" espanhóis, passando pela Carta Magna inglesa de 1215, até o *Espírito das Leis* de Montesquieu. O

teóricos nos quais, até agora, sustentava-se o espírito da lei.

E então? Então, começamos a formular-nos outro tipo de pergunta.

Há alguma relação entre as formas do comportamento humano e a geometria da matéria organizada? Fritjof Capra em *Uncommon Wisdom*, onde relata suas conversas com pessoas notáveis, faz referência a seu encontro com Manfred Pokert, profundo conhecedor da ciência tradicional chinesa, a quem pergunta pelo significado do termo *ch'i*, conceito que é habitualmente traduzido como "energia" ou "energia vital". Capra lhe pergunta:

O que significa *ch'i*? E Pokert responde: "*Ch'i* se aproxima, conceitualmente, do que entendemos por energia. Aproxima-se desse termo, mas não é equivalente. O termo *ch'i* sempre implica uma qualificação e essa qualificação é a definição de direção. *Ch'i* implica direcionalidade, movimento em uma particular direção".⁹

Eu penso que essa "direcionalidade" do movimento em uma particular direção dá "sentido energ-ético" à conduta. Não é a mesma coisa mover-se para "cima" que para "baixo" (no simbolismo da espacialidade qualitativa). Não é a mesma coisa mover-se "para fora", mantendo o vínculo com a fonte do Ser, que mover-se indefinidamente para fora, quebrando a vontade de sentido. Há um limite na "humanização da energia" (se podemos chamá-la assim); se se ultrapassa esse limite (por excesso de informação), a direção da energia se inverte e o impulso criador se transforma em "energia inversa" ou "princípio do Mal" – na terminologia de Baudrillard¹⁰. Começamos a descobrir a moral intrínseca da vida. Fica a descoberto uma geometria de espaço-tempo-valor que nos havia passado inadvertida. A ética formal se traduz em uma física do significado.

9. Fritjof Capra, *Uncommon Wisdom. Conversations with Remarkable People*, New York, Bantam Books, 1989, pg. 162.

10. Jean Baudrillard, *La Transparence du Mal*, Paris, Galilée, 1990, pg. 79.

Estão se produzindo hoje, no céu e na terra, acontecimentos insólitos, impossíveis de explicar pelos padrões de conhecimento que utilizamos até agora, em nossa interpretação do mundo. A própria noção de "lei", surgida da filosofia da natureza e do racionalismo matemático, fundada no paradigma de "ordem", de relações de equivalência, de constantes cósmicas, de padrões de comportamento, é insuficiente para integrar a categoria de "desordem" que vai implícita nos parâmetros da natureza, da história e da vida.

Não só na física moderna e na biologia molecular, mas também na epistemologia das ciências humanas, esta categoria de "desordem" – deixada até agora de lado como erro de cálculo ou como variável irracional, à espera de medições mais exatas para colocar tudo "em ordem" e fechar assim o círculo matemático da verdade – essa "desordem" volta a entrar com todo o direito de uma verdade desconhecida, na nova visão do mundo. No campo da antropologia social e cultural, quero destacar os valiosos trabalhos de Roberto Cardoso de Oliveira (*A Ordem e a (Des)ordem*), cujos originais podem ser consultados no *Anuário Antropológico* da Universidade de Brasília, 1988.

Mas, o importante, pelo menos para mim, não era a reflexão acerca do novo paradigma da "lei", mas a interiorização do paradoxo da Lei. Eu havia percebido que, ao fazer *meu* esse "querer universal", ao in-corporar o espírito da "Regra" como ética de *meu* comportamento, a intencionalidade e a direcionalidade da energia interior (esse *ch'i* misterioso e, neste momento, inapreensível) eram transcritas, codificadas na matéria de *minha* própria vida: os valores da alma se traduziam em uma química da vida. Cheguei a compreender que, ao fechar o circuito da Lei com minha própria energia humana, os valores não eram somente virtudes, mas "substâncias" (enzimas, neuro-hormônios, co-fermentos), "ultraelementos" de uma química suprac-evolutiva.

Talvez a tarefa mais importante dos legisladores do futuro seja transferir esta potencialidade gen-ética da lei cósmica ao corpo orgânico da vida social.

A "lógica" da lei, único parâmetro de ordem que configura as normas dos códigos civis, penais e eclesiásticos, deixa "fora da lei" um resíduo de "desordem", ao qual não cabe outro destino mais que o cárcere, o manicômio, a morte civil, a excomunhão, o inferno (ou, o que é ainda pior, morrer como um cachorro na rua).

O discurso jusfilosófico do direito está esgotado; os princípios da chamada "ordem natural" (o direito à propriedade, direito à educação, direito à liberdade, direito à vida), premissas teóricas reiteradas uma e outra vez em encíclicas e constituições como direitos inalienáveis da pessoa, não chegam, na prática, a instalar-se como verdadeira justiça social; e o chamado "direito divino", enquanto virtudes teológicas, fica como direcionalidade espiritual para a perfeição da alma, mas sem chegar, na maioria das vezes, a redimir a obscuridade da matéria. Em resumo, não só "a poesia não encarna na histó-

na (segundo a expressão de Gennep) encarna na política social.

E então? Então, esquadrinhando o horizonte do porvir, conseguimos vislumbrar que a "aliança" entre a Lei cósmica e as leis humanas não é realizada pela dialética racional, mas por "radioenlace espiritual" (frequência modulada de ritmo analógico que, por ressonância de similitude, libera uma energia social de co-evolução – de que a humanidade necessita para alcançar níveis mais elevados de consciência – e a qual já não pode ser extraída dos poços de petróleo nem das centrais nucleares).

A função do poder político já não será somente a de assegurar a "ordem" ou de administrar a "desordem" e sim, sobretudo, de criar condições de "supercondutibilidade social", para que a matéria humana alcance a menor resistência possível à passagem da luz. Isso requer uma ginástica completamente nova no trabalho, no conhecimento, na economia e na organização; no manejo qualitativo do tempo e na medida energ-ética da ação. Não se trata de uma filosofia política nem sequer de uma ética social, mas de algo mais profundo, que tem a ver com a própria natureza da "supercondutibilidade" e que, tanto na ordem tecnológica, quanto na ordem humana, refere-se à "geometria" dos elementos que con-figuram a vontade de significado.

Em tudo o que hoje se refere ao poder tecnológico, tanto em física quanto em biologia e informática, a produção de efeitos máximos, em função de princípios de mínima ação e mínima entropia, não depende somente do conhecimento da Lei que preside os fenômenos, mas de certa fina metodologia que tem muito a ver com o que, na ordem da alquimia da alma, chamamos de "rito" e "cerimonial".

Existe algum tipo de "ritual" da conduta que torne efetivo isso que, em termos simbólicos, chamamos de "radioenlace espiritual"?

O primeiro passo que dei para fechar o circuito da ordem sagrada com minha própria energia humana, não foi metafísico e sim, "ritual". E foi esse primeiro "contato" (místico e energ-ético, ao mesmo tempo) o que me impactou porque fazia muito tempo que eu havia descartado de minha vida todo cerimonial. Como já disse em outra oportunidade, nesse momento eu estava mais próximo de Auguste Comte e Claude Bernard que de São Bento e Meister Eckhart. Mas, quando cheguei às fronteiras do pensamento racional e tomei consciência das limitações do método científico experimental, senti que era necessário recuperar uma linguagem simbólica que fizesse de vínculo entre a dimensão transcendente do espírito e as leis da natureza e do homem. Essa linguagem esquecida era o "cerimonial cósmico", um ritual inerente à própria vida, mas que havia sido des-vinculado das leis sociais e da conduta humana. Lei, método e cerimonial não eram entidades separadas, senão que con-figuravam uma única superestrutura funcional que outorgava sentido e direcionalidade ao esforço humano (novamente voltamos ao enigmático *ch'i*). A existência de um direito canônico por um lado e de um direito civil por outro, de uma cerimônia religiosa aos domingos e uma vida profana nos demais dias, eram todas divisões artificiais de um movimento cósmico único, difícil de reconhecer em escala humana. Tempo cósmico em escala humana? ("Por que um dia é diferente de outro dia / enquanto que a luz, durante todo

ano, proclama do sol: e a sabedoria do Senhor a que os diferencia. E muda os tempos e traz as festas" Ecl. 33:7,8,9).

Mas, como reconhecer esta sabedoria do Senhor, esta ordem sagrada, em meio à des-ordem da subjetividade, do tempo e da história? Como fazer da conduta um "rito de Aliança" para que a palavra do homem possa quebrar o poder da Sombra?

Resumo

Signatura da lei

Ou do Código sagrado, in-scrito na trama do tempo.

Con-figuração arquetípica do "querer universal":

Um princípio transcendente ("silêncio sem voz" que chama à liberação).

Um código ético (que marca a direcionalidade da energia, a medida da ação individual e o sentido da função social).

Um cerimonial cósmico-social (que opera como "rito de Aliança" no circuito de reversibilidade de valores).

**O PODER DA SOMBRA
OU DA IMPLOÇÃO DO MAL**

Nesta era de sputniks e de ÓVNIS, quando já nos dispomos a viajar a planetas distantes e a pôr-nos em contato com civilizações extraterrestres, na Terra – ou melhor, no mundo sub-terrâneo – assistimos sobressaltados à implosão do Mal. Quando acreditávamos haver chegado ao desvelamento do Uno, encontramos-nos com o Outro.

Há um diálogo impossível, para além da fronteira entre civilização e barbárie, para além da vida e da morte; é a con-frontação (sem resposta) entre o mundo das luzes e os filhos do lixo: “Nós somos o lixo que vocês jogam na rua. Não temos nada de que arrepender-nos. A sociedade matou Sharon Tate” (palavras mais, palavras menos, era a afronta de Charles Manson a seus juizes).

De que estamos falando? Da retirada do espírito? Ou da hora da verdade?

Antes de toda reflexão dentro dos marcos da filosofia da história, da teologia moral ou da antropologia cultural, quisera ver, se fosse possível, as “figuras” do tempo:

Há um signo do tempo cósmico: Isso é visto pelo salmista.
 “Se Tu escondes teu rosto, conturbam-se; se lhes tiras o espírito, expiram e voltam ao pó”.

(Salmo 104:29).

Há um signo do tempo histórico: Pode ser observado, desde a perspectiva da filosofia da história.
 “Segundo Michelet, a queda da Ordem do Temple teria sido o maior cataclismo da civilização do ocidente”¹.

1. Louis Charpentier, *El Misterio de los Templarios*, Madrid, Bruguera, 30 ed., 1976, pg. 6.

"O Mestre Danoff faz notar como os búlgaros caíram sob a escravidão otomana, pelas perseguições que fizeram aos borgomilos"².

"Esse santo varão, metido aí em seu bosque, não ouviu ainda que Deus morreu!" (Nietzsche anuncia, em seu *Zaratustra*, o fim da modernidade).

E há um signo de nosso tempo:

É o oposto do signo do progresso, "Obscurecimento da luz" (Ming I): em cima a terra, embaixo o fogo.



"Aqui, o sol afundou sob a terra. A situação se apresenta como exatamente oposta à do signo anterior (o progresso). Lá, vemos um homem sábio em qualidade de chefe que dispõe de assistentes capazes e, juntos, avançam mancomunadamente; aqui, em troca, aparece, ocupando o posto de autoridade, um homem tenebroso, que infringe dano ao homem capaz e sábio". (*I Ching*)

O horizonte do signo de nosso tempo nos aparece como ruptura de simetria do significado. Avançando em grande velocidade, e sem dar-nos conta totalmente, encontramos com nossa própria "sombra". Entramos em outro tempo, somos prot-agonistas de outra história. Algo novo está ocorrendo no homem e no mundo; por dentro, revela-se a nós como iluminação de consciência, mas por fora, só vemos a face "obscura" do fenômeno.

O cenário arquetípico da nova história já não é o Jardim do Éden ou o cosmos povoado de estrelas rutilantes e buracos negros, mas a sociedade humana na qual vivemos, padecemos e des-velamos nosso ser. Os protagonistas da história que se inicia já não são Jehová e a Serpente, o Senhor Deus e seu servo Jó, nem Fausto e Mefistófeles, mas cada um de nós, dançando no campo de forças de uma divindade que oculta seu rosto ao olhar do homem. O "mito" cosmogônico da criação (a luta entre anjos e demônios, entre Ordem e Caos), nós o vemos hoje refletido em escala sociológica; a guerra arquetípica entre "pandavas" e "kuravas" se repete agora, mas sob disfarces diferentes.

A "projeção da sombra" e a "dessacralização do mundo", como acontecimentos críticos que caracterizam o atual ciclo histórico, que alguns tipificam como pós-modernidade, não passaram inadvertidos ao olhar de filósofos, poetas e teólogos, mas em geral, suas reflexões não chegam a desvelar a nature-

2. Aída Kurtz, *El Maestro de Izgrev*, Buenos Aires, Kier, 1976, pg. 167.

za da mudança que se operou no signo do tempo. Jung retoma, sob as águas simbólicas do "Anticristo" e do *Mysterium Iniquitatis*, o tema arcaico do "fim dos tempos" – e descobre como a "anima cristã" não só sabe da existência de um Adversário, senão que tem também consciência da futura "assunção do poder", por parte deste³. E Jung acrescenta:

Afortunadamente, quase se poderia dizer, sua ameaçadora vinda já está predita no Novo Testamento. Pois, tanto mais perigoso é, quanto menos se o reconhece. Porém, quem poderia adivinhar sua presença sob a envoltura de seus nomes altissonantes, como bem estar geral, segurança da existência, paz dos povos, etc.? Ele se oculta sob idealismos, sob "ismos" em geral, dos quais, o pior é, sem dúvida, o doutrinário, a mais antiespiritual das manifestações do espírito.⁴

Outro autor moderno, Anthony Burgess, em *Los Poderes de las Tinieblas*, enfoca abertamente o tema da "irrupção do mal em nosso século" e denuncia "nossa incapacidade para combatê-lo"⁵.

George Orwell, por sua vez, simboliza em uma data apocalíptica, "1984", a contrafigura do próprio fundamento da civilização contemporânea, desde os gregos: "O pensamento já não é pensamento e sim, "duplo pensamento"⁶.

Octavio Paz é mais suave ao caracterizar o que poderíamos chamar de "cor" do tempo; não fala de "noite escura", mas de "tempo nublado": "Vivemos uma época de permanente mascaramento intelectual e de convivência familiar com a mentira"⁷.

E o sociólogo francês, Jean Baudrillard, a quem já citamos várias vezes, vai ainda mais longe quando afirma que "depois da orgia da liberação de todas as forças" (*après l'orgie*), isto é, "depois da liberação política, liberação sexual, liberação das forças produtivas, liberação das forças destrutivas, liberação da mulher, da criança, das pulsões inconscientes, liberação da arte, depois da liberação de todos os domínios, entramos em uma fase de violência nova que já não podemos controlar e que caracterizamos como transparência do mal"⁸.

3. C. G. Jung, *Aion*, Buenos Aires, Paidós, 1986, pg. 49.

4. Idem, pg. 96.

5. Reportaje a Anthony Burgess", *La Nación*, Buenos Aires, 8 de novembro de 1981.

6. George Orwell, 1984, New York, New American Library, 1961.

7. Octavio Paz, *Tiempo Nublado*, Barcelona, Barral, 1983.

8. Jean Baudrillard, ob. cit., pgs. 11 e 92.

Durante séculos, o discurso teológico não pôde resolver as contradições entre o bem e o mal. E a psicologia moderna, sobretudo a partir da psicanálise, disfarça o problema, ocultando-o sob o véu da teoria das motivações. Jung retoma a antiga polêmica que fora expulsa do panteão da ciência e volta a instalá-la no centro das preocupações do homem moderno: "A natureza humana é infinitamente capaz de maldade e as más ações são tão reais quanto as boas. (...) Hoje, como em qualquer época, é importante que o homem não passe por alto o perigo do mal que espreita nele"⁹. E, referindo-se a Aquário (o Éon que sucede a Peixes), acrescenta: "Já não será o caso de volatilizar o mal como mera *privatio boni* (ausência do bem), senão que deverá ser reconhecida sua existência real"¹⁰.

Porém, antes de mais nada, voltemos à pergunta: "O que é o mal?". E, de novo nos encontramos com a insuficiência das respostas. Porque uma coisa é a resposta teológica (*privatio boni*) ou a resposta metafísica ("ocultamento do ser") e outra coisa é quando pretendemos encontrar uma resposta gen-ética, existencial (e, por que não, química?). E chegamos à conclusão de que, em nosso tempo, a Serpente do paraíso se apresenta a nós sob outro rosto, ainda que com o mesmo poder de sedução!

Como nos aparece hoje o "Mal", quando com o olhar profundo conseguimos cruzar a barreira que lhe serve de máscara encobridora?

- Aparece-nos com o rosto da soberba do poder (de um poder sem autoridade).
- Como informação pura (ADN que se tornou autônomo, dados sem compromisso – tantos milhões de crianças morrem por dia no mundo – conhecimento desarraigado do ser e da vida).
- Como morte em vida (a daqueles que "têm morta a alma e vivem ainda").
- Como organizações que perderam a alma (templos vazios).
- Como "filhos maléficos da sombra" (portadores de "energia inversa"; "resíduos" gerados pelos próprios filhos da luz no mundo subterrâneo).
- Como "matéria degradada" (simetria inversa da corrente da vida). É o antigo tema da "Queda", mas sob outro contexto. É o mesmo tema da "Sedução", mas sob outro olhar. Já não é só o "mal" como valor, mas como poder ("valor energ-ético").

A natureza do "Mal" é a mesma, mas o jogo do tempo é diferente. E também é diferente a leitura dos signos. Já não basta detectar a presença do "Mal" por fora (no outro, na sociedade, na história), senão que se faz imperativo reconhecer as "fissuras" que se abrem por dentro (debilitamento de nosso sistema imunológico moral) que nos tornam vulneráveis ao poder da Sombra. A "Moral" adquire, de repente, outra significação: não é somente um

9. C. G. Jung, *Aion*, Buenos Aires, Paidós, 1986, pg. 65.

10. Idem, pg. 97.

instrumento para salvar a alma, mas para não perder a vida. Se não chega a ouvir a tempo o sinal de perigo que ressoa por dentro (em minha própria biologia molecular) à presença da radiação intrusa (embotamento dos receptores morais), os encontros humanos mais sedutores se tornam malditos. É a operatória (oculta) do poder do "Mal". É a "Sedução" à segunda potência: já não se trata do acidental, mas do "fatal" (o "acontecimento fatal": o encontro com a AIDS, com a droga, com o amor (com minúscula), com o desmoronamento das ilusões). Não é o "azar" (simplesmente), mas um "azar pleno de sentido inverso".

Tem acaso o "Mal", alguma função no processo orgânico da vida? Em nosso tempo, vemos que o que chamamos de "implosão do Mal" opera em um duplo sentido: como enigma da esfinge e como dissolvente social. É a "outra face" da Serpente. É a face "obscura" (esquecida) da árvore do Paraíso; árvore que nos foi apresentada como "do bem e do mal", mas o mal ficou esquecido, é "outro mundo", "outra matéria", "outros poderes". A tradição antiga nos recomendou não entrar ali, deu-nos as regras para "não pecar" (as consignas do Decálogo da Lei), mas o homem da nova era quer re-conhecer o "Mal", vê-lo de perto, conhecer seu poder terrível (a ciência moderna procura desativar a máquina infernal dos vírus terroríficos). O mundo moderno não está povoado de "demônios", mas sim de influências humanas não menos perigosas; a inteligência separada do espírito alimenta as redes eletrônicas de um "cérebro maldito"¹¹.

Porém, antes de seguir adiante, voltemos à pergunta: "o que é o mal?". É um poder sem rosto, mas com diferentes máscaras! É o grande dissolvente universal (as "pragas do Egito", os "ginetes do Apocalipse"). Qual é sua função? Dissolve os compostos, já não por via da luz (por compreensão), mas pelo caminho oposto (pelo poder da sombra, pelo código secreto da doença, da dor e da morte). Mas, voltam as perguntas: "O "Mal" pode ser reduzido à perda da luz?". Creio que há uma diferença qualitativa. Para mim, o "mal" é um *engendro*, um "acoplamento maldito" produzido no mundo da Sombra; é poder que é gerado, ao cruzar uma barreira proibida, ao violar um recinto sagrado; não é só a "queda" mas, mais para baixo da queda, mais para baixo do tempo, mais para baixo da obscuridade e da ignorância (porque mais para baixo da obscuridade está a "treva"); não é somente a "paixão", mas um além da paixão (na paixão estamos ainda no cenário do drama – reversível), enquanto que o "mal" entra no domínio da tragédia: é o horror, o incompreensível, o inomeável, o irreversível.

O "Mal" é um "poder autônomo", mas também é um "poder autorizado". É "autônomo" quanto à sua gênese, mas quanto ao sentido de sua operatória, está sujeito a leis, muitas das quais desconhecemos até agora. Quais são algumas destas leis que começamos a vislumbrar no horizonte das novas ciências do homem? Uma delas é o poder protetor da "inocência" (variável qualitativa do sistema imunológico que impede que a máquina genética do vírus possa escolher sua vítima). Outra lei que governa a ecologia humana é a "Não resistência", polaridade negativa da fortaleza que paralisa o Adversário (a "Retirada" é o modo correto de atuar ante o ascenso do sombrio, diz o *I Ching*. "Não resistais ao mal", recomenda o Evangelho (Mt. 5:39). E Gandhi toma a "resistência passiva" como bandeira revolucionária). Mas, há uma

11. Ramón P Muñoz Soler, "Cerebro Electrónico y Expansión de Conciencia (de la revolución cibernética a la egoencia del ser). Conferência Ernesto Dowling, VII Congresso Nacional de Neurocirurgia, 29 de maio de 1975, *Temas y Modelos de Futuro*, nº 5, Buenos Aires, 1975.

na superfície que transmite todas as vibrações humanas e que impõe o "Mal" na constelação de funções cosmogônicas; é o "Mal" que opera, já não só como poder cego e autônomo, senão como "poder autorizado", para alcançar um sentido que vai além do sentido (é a lei que "autoriza" o sacrifício dos inocentes: na Ceia, Jesus diz a Judas Iscariotes: "O que tens que fazer, faze-o logo" (Jo. 13:27), é uma ordem; e ante Pilatos, quando este o ameaça dizendo: "Não sabes que tenho poder para soltar-te ou para crucificar-te?", Jesus lhe responde: "Sobre mim, nenhum poder terias, se do alto não te fosse concedido" (Jo. 19:10:11).

Voltando à função do "Mal" na economia da vida, quando dissemos que opera como "dissolvente universal", não vemos somente ali a sombra do pecado, o castigo e a fúria dos deuses, mas uma função "enzimática" de alcance muito mais amplo, que prepara as condições de "abertura" necessárias para que a vida possa continuar seu processo evolutivo, em direção a níveis mais elevados de consciência. Quando hoje vemos operar o "Mal", sob a forma de "implosão de massa" ou como "doenças sociais de autoimunidade" (e em escala coletiva), começamos a dar-nos conta de que, ao fechar-se o sistema humano a toda forma de comunicação com a luz das estrelas (por colapso gravitacional da biomatéria), somente o tridente de Vishnu pode abrir o coração de pedra, para voltar a Ser.

A BARREIRA DA "SOMBRA" COMO PODER ANONIMO EM ESCALA MUNDIAL

"Está cheio de Molochs o mundo", diz Allan Ginsberg, em uma entrevista jornalística. Em outras palavras, eu diria que hoje, o "poder autônomo" ultrapassa a medida do homem; caímos "abaixo" do que, até agora, havíamos entendido por humanidade. O que acontece com os *boat people* (as pessoas que fogem do horror do Vietnam)? Nenhum navio quer receber esses pobres naufragos do destino! Onde ficam os direitos do homem e do cidadão? Onde fica a solidariedade humana? Ou a resposta será a de Caim: "Acaso tenho eu a guarda de meu irmão?"?

Narcotráfico, um poder mundial com muitos rostos; tráfico de órgãos humanos, um mercado clandestino em cumplicidade com a tecnologia e a pobreza; prostituição organizada, uma rede mundial paralela ao mundo dos negócios; corrupção econômico-financeira, não há país que se salve; desastre ecológico em escala planetária, a outra face da sociedade do desperdício; a tortura como estratégia do terror, utilizada de uma ou de outra maneira pelos poderosos da Terra. O que acontece no mundo? Uma mistura de ideias contraditórias e de sentimentos confusos! Por um lado, uma vontade prometéica de poder: "O desenvolvimento tecnológico nos trará a paz e o bem estar"; pelo outro, a frustração e a impotência de grandes massas humanas: "Não podemos fazer nada".

Frente aos poderes anônimos que nos ameaçam, muita gente pensa que não há esperança alguma, que as palavras são levadas pelo vento e que, no final, vence a força oculta do sistema que repete, uma e outra vez, sua "Antimensagem" encobridora¹². Este esvaziamento do mundo leva milhões de seres humanos à loucura, ao crime, à droga, ao culto do dinheiro (e da sexualidade, como mercadoria de consumo e taça de esquecimento). Outros, pelo contrário, referem tudo a uma questão de ideologia política, de organização social, de teoria econômica; as grandes religiões políticas de massa proclamam (proclamavam) que, em uma sociedade sem classes, com justiça social e desenvolvimento tecnológico, renasceriam a paz e a felicidade. Mas a realidade nos diz que chegamos ao fim da utopia. As notícias de corrupção financeira que nos chegam de um Japão informatizado, a droga e a delinquência juvenil nos países capitalistas (Estados Unidos e Europa), o conato do narcotráfico na Cuba socialista, a brutalidade da repressão na praça de Tiananmen, na China pós-Mao, e a fratura política e a decadência econômica no bloco soviético, tudo isto nos faz ver que o "Poder da Sombra" não reconhece hoje ideologias políticas nem fronteiras geográficas.

As forças conservadoras, ao se sentirem ameaçadas pela revolução social por um lado, e pela corrupção política e econômica pelo outro, lançaram uma poderosa contraofensiva com "aparência" de mensagem. O capital "descobre" agora que é preciso humanizar o trabalho; as igrejas, que durante séculos predicaram a salvação da alma pela negação do mundo e da vida, "desco-

12. José Gonzales Muñoz, *El Despertar...*

Orem agora a doutrina social, a arte comercializada, mesmo com o auxílio de elites, sai a proclamar a função social da arte; as empresas "descobrem" o valor econômico das boas relações humanas; e o Estado "descobre" a democracia e a participação. Toda esta política de "expansão de consciência" (como costuma ser designada) está produzindo mudanças importantes na tomada de decisões e no exercício do poder; mas, em muitos casos (não em todos), essa política encobre, sob a sedução dos meios, diferentes formas de "Antimensagens" (mudanças na superfície, para que tudo continue igual). Quantos falsos profetas anunciam hoje, sua mensagem de salvação! Vêm de toda parte, do Leste e do Oeste, com diferentes disfarces, mas com o mesmo poder de simulacro.

Quantas ilusões perdidas!

Mas a crítica ao sistema não basta! Não é suficiente descobrir a "projeção da sombra" e a "irrupção do Mal" como variáveis simbólicas da história, e tampouco é suficiente que a alma humana reconheça a presença arquetípica do Adversário. É necessário medir-se com ELE!

O protagonista da nova história já não é um deus, uma raça ou um povo eleito, mas a humanidade inteira. Encontramo-nos ante um novo *mysterium* de iniciação. William Irwin Thompson reconhece como "iniciático" o atual momento evolutivo, quando o ingresso da luz põe a descoberto o poder da sombra. "A primeira etapa da iluminação no Yoga Tântrico", diz Thompson, "sobrevém quando a Shakti despertada (a energia psíquica) torna visível nossa obscuridade". E Thompson continua dizendo que, em escala planetária, "estamos experimentando a iniciação da raça humana em um novo nível de consciência e esta é uma experiência verdadeiramente terrorífica"¹³.

Ainda não tomamos consciência da natureza do desafio nem do papel que temos que desempenhar frente ao Adversário. Continuamos representando (como simulacro) os temas míticos do passado, mas não assumimos ainda o protagonismo épico que nos exige o novo signo do tempo. Já não se trata de lutar contra o mal do mundo, mas de re-descobrir a presença operativa do mal no homem; não para fazer do "Mal" um novo discurso teológico, metafísico ou psicológico, mas para poder "manejar" sua tremenda energia. Dificil tarefa para uma futura ciência da Vida.

A visão profética do Mestre Santiago nos antecipava, já em 1960 ou 1961, o tempo por vir: "*Os Mestres estão se retirando. Este ano, foi mais difícil para mim receber a Mensagem... talvez isto seja porque já somos maiorzinhos e devemos valer-nos de nossos próprios meios*". Tratava-se de um primeiro sinal (o luminoso se retira). Quando estas palavras foram pronunciadas, eu não me havia dado conta de sua real significação e alcance (tomei-as mais como uma advertência moral de natureza alegórica). Mas, no ano seguinte, o próprio Mestre "se retirava da vida física". Viriam tempos difíceis, a "obscuridade" continuava em ascenso, o meio se tornava mais e mais adverso, a sociedade inteira entrava em violenta confrontação; viria o tempo dos "desaparecidos", das perseguições, das ameaças, dos cárceres clandestinos (a "doutrina da segurança nacional" ocuparia o vazio do poder político). A ensinância não vinha agora da luz, mas da Sombra. A consigna evangélica era a única que podíamos tomar: "Não resistir ao mal!".

Passado o ciclo da violência descarnada, viria uma época de "decadência", de deterioração das instituições (carcomidas por dentro pela intriga, pela desconfiança, pelo autoritarismo). O *I Ching* tipifica esta fase do tempo como "estancamento" (P'i-12).

13. William Irwin Thompson, *Evil and World Order*, New York, Harper & Row, 1976, pg. 82.



Os vulgares estão acintos, os nobres estão fora. Céu e Terra não mantêm trato entre si. Os superiores e os inferiores carecem de mútua relação, e a confusão e a desordem reinam sobre a Terra”.

A pergunta é a seguinte: em tais circunstâncias, quando o meio se tornou adverso, qual é a estratégia do “nobre”? E o *I Ching* nos dá a resposta: “Quando na vida pública reina uma mútua desconfiança, devido à influência que exercem os vulgares, é impossível toda a ação frutífera, visto que é falsa a base. Por isso, o nobre sabe bem o que deve fazer em tais circunstâncias. Não se deixa seduzir por brilhantes ofertas, com as quais se pretende fazê-lo participar na atividade pública; esta só seria perigosa para ele, já que se sentiria incapaz de unir-se às infâmias dos demais. Por esta causa, esconde seus méritos e se retira, mantendo-se oculto”. Recordemos a retirada de Jesus para o Egito, ante o avanço do poder de Herodes (Mt. 2:14).

Como se deve interpretar a “Retirada” na idade obscura? Derrota? Debilidade? Renúncia à luta? O próprio *I Ching* dá sentido a essa retirada. A função do nobre que se retira é “restaurar a ordem”, mas já não por própria vontade e decisão, senão que “assumindo pessoalmente o sofrimento, procura êxito para seus princípios”. Não há sustento externo, carece-se de todo auxílio e solidariedade, os vínculos exteriores foram rompidos, mas o nobre “assume pessoalmente o sofrimento coletivo”, desce ao “fundo da alma” (como diria Meister Eckhart), retira-se por dentro e se põe em contato com a corrente de energia criadora que dá “vida” aos princípios (função do místico).

A retirada por dentro, quando se chega ao “fundo da alma”, torna-se expansiva, é uma força de “plasmação”, um poder de “gênese” que já não é pessoal, mas que opera como consciência expansiva em um novo meio invisível. Marshall Mc Luhan teve um vislumbre desta função de retirada (ainda que reduzida aos meios de comunicação), quando diz:

Somente mantendo-se afastado de qualquer estrutura ou meio é que se podem discernir os princípios e linhas de força, já que qualquer meio tem o poder de impor suas supostas funções ao incauto.¹⁴

Mas, o que acontece, em geral, quando a luz chega ao limite da retirada? Então, a organização se desintegra (Po-23).



“O signo representa a imagem de uma casa. O traço no topo é o teto. Ao romper-se o teto, a casa desmorona. Não é possível operar contra semelhantes condições da época. Não se trata de covardia, mas de sabedoria, se se avém docilmente a evitar a ação”.

14. Marshall Mc Luhan, *La Comprensión de los Medios*, México, Diana, 1969, pg. 38.

Quando se chega ao limite crítico, produz-se uma catástrofe na ordem da ecologia social. O que o *I Ching* chama de "a retirada dos nobres", Günter Kunert diz de outra maneira e, para acentuar o "efeito ecológico" dessa retirada, fala-nos de *Os Gritos dos Morcegos*:¹⁵ "Enquanto estão se lançando através do ar, no crepúsculo, por aqui, por ali, gritam fortemente, mas seu grito só é escutado por seus semelhantes. Copas de árvores, silos, torres de igrejas, refletem um eco que eles percebem no voo e que lhes anuncia quais obstáculos se levantam frente a eles, e onde há um caminho livre. Mas, se se lhes tira a voz, já não encontram o caminho; batendo em toda parte e, chocando-se contra as paredes, caem mortos no chão. Sem sua presença, aumenta em excesso tudo o que eles destroem habitualmente e alçam voo os bichos repugnantes". Jean Baudrillard descobriria este desmoronamento na hierarquia de valores como o "fim do social". Não só os "nobres" se retiram e os "morcegos" morrem, senão que uma "massa" humana fica fora dos bens da vida: é a massa dos marginalizados sociais e dos deserdados da Terra. Essa "massa" social, desde o polo oposto (obscuro) ao ingresso da luz, opera na gênese da nova consciência expansiva, já não pela via das revoluções políticas, mas pelo caminho do "sacrifício coletivo" (eles também descem até o "fundo da alma", mas não pela iluminação e sim, pela miséria, a desocupação, a doença, a desesperança, o martírio); eles já não assumem "individualmente" a obscuridade do mundo (como o "místico", como o "nobre"), senão que prot-agonizam (por implosão de massa) os males da sociedade: "A sociedade matou Sharon Tate!".

O "sacrifício coletivo" está chegando a um ponto crítico na ecologia global do planeta (da natureza e do homem), "singularidade ecológica" que, desde o polo complementar de energia negativa, opera por ruptura de simetria do sistema, como ponto transicional de reversibilidade de todos os valores.

Qual é o alcance desta função cósmica na economia total da Vida? Já não se trata de sacrifício de um deus, mas do sacrifício da humanidade. Uma vez mais, em nosso tempo, a Luz que ingressa se con-fronta com a potência tenebrosa: nova guerra arquetípica, onde o que está em jogo não é o destino das ideias, mas a transmutação da matéria.

De qualquer modo, o poder do "Mal" chega até certo ponto. Em termos teológicos, voltamos a repetir, chega até o limite "autorizado" ("Sobre mim, nenhum poder terias, se do alto não te fosse concedido"). Em termos biológico-sociais, chega até o ponto de ruptura de simetria do sistema (abertura que dá passagem a uma nova etapa evolutiva): "Sem ruptura de simetria não há evolução", dizem os biólogos modernos (o "Mal" opera neste nível como força complementar de co-evolução). E, em termos de filosofia moral, poderíamos dizer que o "Mal", "quando esgota sua fúria", destrói-se a si mesmo e volta a dar passagem ao bem. "Acontecimento crítico". Trans-figuração do poder da Sombra em anjo da Luz: "Quando a dor e a obscuridade do mundo são maiores, Eu venho" (Bhagavad Gita). Paradoxo do mal? Ou desintegração iluminativa?

15. Günter Kunert, *Tagträume in Berlin und andernorts*, Fischer Taschenbuch Verlag, Francfort, 1978, pg. 23.

Volto a repetir algo do já dito. A dialética do bem e do mal, mesmo levada ao limite dos opostos, mantém-se ainda dentro de uma ordem dramática (é o drama do bem e do mal). Porém, o "Mal" – já o dissemos – é um poder autônomo, escapa à dialética, é uma vontade (acaso uma substância?) que cruzou a fronteira do humano; pertence à esfera do demoníaco, ao mundo sub-terrâneo; não é o dramático e sim, o trágico. Não é o acidental e sim, o fatal. Nem sequer pertence à ordem dos valores propriamente humanos, mas a uma hierarquia de potências do inframundo. E são precisamente estes poderes sub-terrâneos, que pertencem a "outra natureza", os que fizeram irrupção no mundo do homem e os que imprimem uma fisionomia completamente diferente da guerra que hoje padecemos (sem compreender), em escala planetária.

O que antes pertencia aos abismos sub-terrâneos e estava além do inconsciente coletivo, agora se tornou "transparente" à consciência. E talvez, essa "transparência do Mal", como profeticamente anuncia Jean Baudrillard, seja o signo mais enigmático de nosso tempo e a barreira elementar mais poderosa que o homem terrestre encontra quando tenta cruzar a barreira cósmica.

Porém, falar do "Mal" como "potência" nos traz de volta a uma linguagem teológica que acreditávamos superada. Não haverá chegado o momento de decifrar a fisicoquímica oculta dessa potência que se manifesta com roupagens tão diferentes?

Baudrillard é um dos primeiros a remeter-nos ao conceito de "reversibilidade maléfica" e de "energia inversa"¹⁶. O que quer dizer tudo isto? Quer dizer que estamos frente a um poder que já não tem um referente "natural" (na natureza que conhecemos até agora), nem um referente social (na economia social do mercado dos valores), tampouco um referente psicológico (como poderiam ser os complexos primários do inconsciente pessoal ou os arquétipos do inconsciente coletivo) ou filosófico (como seria a reflexão sobre princípios éticos). O "Mal" que se tornou transparente é algo mais que a corrupção política, o crime organizado, a contaminação do meio ambiente ou o poder oculto dos resíduos radiativos depositados em covas subterrâneas. Trata-se de resíduos de "outra natureza", de resíduos da vida, de resíduos do homem. Como diz muito bem Victor Massuh, quando examina o problema dos resíduos tóxicos das centrais nucleares e seu perigo potencial sobre a vida futura do planeta:

Eles mesmos são a manifestação material de uma realidade profunda que também se expressa na arte, no pensamento, na literatura. Esta realidade é o resíduo, pura e simplesmente. Se prestarmos atenção, encontrá-lo-emos não só encerrado em tonéis ameaçadores, mas também dominando um vasto campo da cultura contemporânea e condicionando nosso modo de vida.¹⁷

16. Jean Baudrillard, *La Transparencia...* pg. 69.

17. Victor Massuh, "Resíduos Tóxicos", *La Nación*, Buenos Aires, 16 de outubro de 1988.

Quai e a natureza deste resíduo que des-ordena a maquinaria do sistema imunológico da vida humana (pelo menos, tal como a conhecemos até agora)? E, além disso, como são gerados esses resíduos? Eu diria que, para além do discurso teológico, da hermenêutica histórica e da reflexão filosófica, começamos a vislumbrar, na raiz disso que chamamos a "transparência do Mal", uma dimensão "ultrafísica", até agora desconhecida.

Uma "física" do "Mal"? Talvez seja essa a pergunta realmente moderna acerca da "matéria" do que, até agora, intuimos idealmente como "mundo moral".

Poderemos integrar os valores do bem e do mal, como variáveis qualitativas dessa fórmula de campo unificado que, tanto físicos quanto cosmólogos, procuram desesperadamente, sem encontrar? Se olharmos a "outra metade da fórmula" (até agora invisível) das leis da queda livre de Galileu e das equações de campo gravitacional de Einstein, não poderíamos falar de uma "queda gravitacional" da biomatéria humana, em função de leis morais até agora desconhecidas?

Voltando uma vez mais a Baudrillard, vejamos como este sociólogo intuitivo penetra nessa "outra dimensão" da matéria social, que escapa ao olhar comum:

Quando as coisas, os signos, as ações, ficam liberados (por excesso) de sua ideia, de seu conceito, de sua essência, de seu valor, de sua referência, de sua origem e de seu fim, então, entram na autorreprodução, ao infinito. As coisas continuam funcionando, mesmo que a ideia tenha desaparecido há muito tempo, e o paradoxo é que funcionam ainda melhor. A ideia de riqueza, que está na base da produção, desapareceu, mas a produção continua tranquilamente. Pelo contrário, acelera-se à medida que se torna indiferente a suas finalidades de origem... Tudo o que perde sua ideia é como o homem que perdeu sua sombra: cai em um delírio, no qual se perde.¹⁸

E eu me pergunto: o que é que se perde? Perde-se a organização simbólica, fica a "organização" pura e simplesmente; perde-se o casamento, fica o "casal"; perde-se a economia, fica o "mercado"; perde-se a política, fica o "simulacro"; perde-se o saber, fica a "informação"; perde-se a comunidade, fica o "contrato social"; perde-se a vida, fica a "forma". Para onde conduz tudo isto? Não nos estaremos perdendo, nós mesmos, em sutilezas metafísicas? Acaso, mesmo perdida a ideia, não continua tudo funcionando como antes e, melhor que antes? Sim, tudo continua funcionando, mas com uma simetria inversa na ordem do ser. A um olhar superficial, o mundo continua como antes (e muitos falam de desenvolvimento e de evolução), mas em uma visão profunda, percebemos que a roda gira em sentido contrário. Poderes de contra-iniciação entraram no jogo da história; corrente de "energia negativa" que des-ativa a ideia, a essência, o valor "inicial" que dá sentido às coisas.

18. Jean Baudrillard, *La Transparencia...* pg. 14.

A verdadeira guerra moderna mudou de cenário. As guerras que vemos por fora, as guerras pelo poder político, pelo poder econômico, pelo poder tecnológico, as guerras raciais, ideológicas, as guerras de conquista, as guerras de extermínio, todas estas guerras que conhecemos, apesar da violência e da crueldade, ainda permanecem no terreno do humano e desencadeiam forças que, de alguma maneira, podem ser controladas pelo homem. Mas, a guerra que hoje se desencadeou no mundo é uma guerra secreta, uma guerra arquetípica que não é travada nos campos de batalha do Vietnã, da Nicarágua, do Iraque, das Malvinas, senão que é uma guerra de "natureza" diferente que opera em um cenário diferente; o campo de batalha não é o mar profundo, a superfície da Terra ou o espaço exterior, mas o espaço interior do próprio ser humano (sua própria mente, seu próprio sistema imunológico); porém, já nem sequer é uma guerra do homem, mas de "poderes" que escaparam das mãos do homem. É a guerra dos poderes da Sombra. E seu cenário é a própria Sombra.

Algo "fatal" ocorreu com a bomba atômica, para além da contaminação radiativa. Quebrou-se uma barreira de proteção da noosfera do planeta. Não nos havíamos dado conta de que a Terra era um organismo vivo! A luz e a sombra de "outros mundos" entraram juntas pela fissura recém aberta. É o fim e o começo de uma nova era.

Precisamente, o ingresso da luz põe a descoberto o poder da Sombra. Mas a luz, como informação pura, é invisível e só vemos a "sombra", como na caverna de Platão (isto foi visto claramente por McLuhan quando disse que "não é a luz e sim, o "conteúdo" o que é notado"). E esta "cegueira" para a face luminosa da iniciação cósmica da humanidade é o que faz Baudrillard dizer que, a guerra que hoje sofremos não é uma luta entre o bem e o mal, mas "do Mal contra o Mal".

Baudrillard, com sua aguda crítica ao sistema, leva-nos até a fronteira (sem fronteira) da Sombra. Em seu afã por caracterizar este momento explosivo da modernidade (o da liberação em todos os domínios), chega à conclusão de que a "fractalização" de todos os valores é o "esquema atual de nossa cultura". Mas a visão de Baudrillard, como a de tantos outros profetas do fim dos tempos, não deixa de ser pessimista; tem valor hermenêutico, mas não oferece saída; seu diagnóstico do "tempo do fim" (como o chamaria Merton) é correto, utiliza uma linguagem técnica apropriada à matéria social de que trata e põe a descoberto a gênese (técnica) do "Mal", por "reversibilidade potencial de todos os efeitos"¹⁹, mas não chega a penetrar na raiz do mal como "substância", isto é, nessa "ultraquímica" secreta que é gerada nos abismos mais profundos do coração humano e que tinge com sua presença obscura, as águas cristalinas da vida.

Chegamos a uma conclusão. Quebrou-se a Ordem, produziu-se a ruptura de simetria do sistema, o "Mal" opera como agente do destino. Os nobres estão fora e os vulgares dentro! Mas, há uma pergunta: fica possibilidade de mais vida, o que de uma ou outra maneira quer dizer que algo novo pode nascer? Ou desembocamos irremediavelmente na fractalização dos valores e no abandono de toda esperança?

E ficam flutuando mais perguntas. Quais são as condições, morais ou físicas, que vulneram a integridade da vida humana e fazem possível que o "Mal" irrompa como força de destruição?

E, na dialética do bem e do mal, há algum ponto crítico de não retorno (como nas leis da entropia), passado o qual, só fica a cristalização e o mundo da Sombra? Ou é possível eludir a implosão do "Mal" e aceder a mais vida?

Se o "Mal" se integra como função de "abertura" na economia da Vida, por qual caminho viria a dar-se um novo ingresso da Luz? Será pelo antigo caminho da genética da natureza? Será por via de iniciação espiritual, ao modo da tradição iniciática do Oriente e do Ocidente? Ou teremos que preparar as condições para uma "Nova Aliança" de espírito/matéria no contexto de uma Gen-ética social?

Em resumo e como última pergunta: o "poder da Sombra" é o Adversário que deve ser eliminado? Ou esse "poder" é uma "energia inversa" que opera como ingrediente (obscuro) indispensável no processo alquímico de "iluminação"?

TRANS-MISSÃO DA FORÇA CRIADORA

FUNÇÕES

OFÍCIOS

FERRAMENTAS

Nem a filosofia, nem a ciência, nem a arte, nem a poesia são capazes de fundamentar o momento presente. Assistimos à crise do fundamento, ou melhor, ao que havíamos posto como pedra de fundamento.

No entanto, para além do "fim da história" e da "morte de Deus", intuimos a presença do *novo*. Mas o novo nos escapa das mãos e, na turbulência do magma social, somente vemos a "des-estruturação" e a "des-configuração" que precedem ao ato criador.

E então? Então, se me detenho a olhar, no mesmo instante em que a inspiração cede passagem à expiração, consigo ver (e sentir) que, enquanto tudo é confuso e desordenado na superfície do corpo social, nas águas profundas da vida nasce o germe do *novo*.

E a intuição pro-fética se articula com o pensamento científico em uma tentativa de explicar o inexplicável.

Antes que a vida se cristalize em uma forma, é possível nascer de novo.
Antes de chegar à "morte térmica" (por máxima entropia), é possível incorporar "mais vida".

Antes de alcançar a máxima desordem, é possível gerar uma nova ordem, mas então, a "Obra" que nasce já não é explicada pela ciência do homem e sim, pelo mistério da criação.

Há um "tecido da luz" e uma "trama do tempo". Há uma genética do homem terrestre e uma "Gen-ética" do homem cósmico. O homem novo já nasceu, mas temos dificuldade para reconhecê-lo!

A dificuldade que temos para detectar a "embrio-gênese" do novo fenómeno humano não é por falta de teoria, mas por resistência da própria biomatéria humana à passagem da luz. Em termos teológicos, diríamos que é pela obscuridade da queda ("O, how unlike the place from whence they felt!"¹). Em termos cosmológicos, diríamos que, em certa densidade de massa, as estrelas colapsam em buracos negros.

1. J. Milton, *Paradise Lost*, I, 75.

Mas, fica o testemunho dos adiantados do tempo: eles vivem o novo fenômeno humano, ainda *antes* de compreendê-lo.

E nós, querendo aproximar-nos do poder de plasmação da palavra criadora, falamos de

Funções trans-finitas

Ofícios Sagrados

Ferramentas Logo-cibern-éticas



Trata-se da plasmação do espírito na matéria, atividade criadora, "enlace" da alma humana com a luz de "além das estrelas".

Não nos referimos a uma filosofia acerca do "posto do homem no cosmos" (no dizer de Max Scheller), mas ao despertar de "funções cósmicas" que mudam o ritmo da fisiologia humana. Quer dizer, já não se trata somente de como entrar na noite do tempo, de como habitar entre os homens, mas de "como sair em direção à plena luz do dia", de "como habitar entre os grandes deuses", de "como não morrer pela segunda vez" (expressões todas do Livro dos Mortos dos Antigos Egípcios que, mais que "dos mortos", deveria chamar-se "da ressurreição"). Não só geração terrestre, mas gênese solar (conquistar um lugar entre as estrelas). Diz a alma que venceu os encantamentos do mundo sublunar: "Eu sou Órion que, passando entre os inumeráveis exércitos de Estrelas, percorro a região do Céu"².

Dimensão "Solar" do homem. Possibilidade de ocupar um lugar além do mundo dos mortos. Recuperar um sentido de pertinência cósmica que perdemos em nosso afã por conquistar a Terra.

Para além do mandato para perpetuar a vida humana ("crescei e multiplicai-vos"), há uma promessa de liberação cósmica ("e sereis como deuses"). Para além da árvore do Conhecimento, encontra-se a árvore da Vida. Há uma genética molecular e uma hierogamia da luz. Há um "sacerdócio dos homens mortais que recebem o dízimo" e um "sacerdócio da vida indestrutível" (Heb. 7:8,16). Para além da vida que conduz à morte (irreversibilidade do tempo) há uma vida que renuncia à vida para ter mais vida (reversibilidade de valores).

Para além das pedras da lua, há um cosmos vivo. Para além das sombras da "caverna", há um universo de luz. E a luz de um novo "Sol" volta a fecundar a Terra. Para participar co-evolutivamente (com os demais seres da criação) nesta nova dança de vida, já não é suficiente uma teoria do conhecimento, uma metáfora poética ou uma simbologia espiritual, senão que necessitamos liberar nossa própria energia criadora. O desafio para o cruzamento da barreira cósmica não é de ordem epistemológica, mas "energética". O que

2. *Livro dos Mortos dos Antigos Egípcios*, Madrid, Bergua, 50 ed. 1973, pg. 118.

nos recua a passagem não e só uma barreira da percepção (um modo de ver o mundo), mas uma "barreira da sombra" (que não é uma metáfora, um modo de dizer as coisas, mas um "estado da matéria humana que se opõe à passagem da luz").

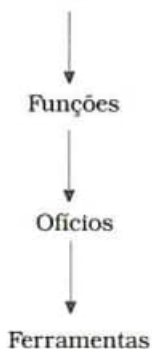
Para além da pequena história, dos pequenos anelos pessoais (ter um nome escrito nas areias do tempo), começamos a sentir o ritmo da Grande História, sinais anunciadores de "funções cósmicas" que falam a linguagem da vida humana. Como podemos reconhecer algumas destas funções integradas? A coluna vertebral, seus canais invisíveis operando como "supercondutores" por onde circulam as forças do Céu e da Terra; duplo movimento do coração como ritmo analógico de reversibilidade de valores; o "corpo de fogo", o sangue ígneo, como "duplo" energético das estrelas no homem. Integridade da Obra, Con-stelação de Amor, Funções de Aliança.

Quando forem derrubadas as barreiras artificiais que separam os povos (já caiu o muro de Berlim), quando transbordar a onda dos oprimidos da Terra (já estão se produzindo alarmantes explosões sociais em todos os lugares do mundo), quando os jovens chineses cruzarem a "muralha" do Celeste Império (já começaram em Tiananmen), quando os jovens da América continente se reconhecerem como irmãos de uma mesma civilização cósmica (os Beatles e os estudantes de 60 já começaram) e quando o próprio planeta (nossa Terra Mãe) der o sinal de que a hora é chegada, uma "massa crítica" da nova humanidade liberará o potencial energético necessário para pôr em marcha a nova civilização de Síntese. E nossos irmãos maiores do cosmos, os que já cruzaram a barreira da morte, os que já ocupam um lugar entre as Estrelas, virão para ajudar-nos a cruzar a barreira da Sombra.

E enquanto isso? Enquanto isso, é preciso ir trabalhando por dentro, seguindo os sinais que se pré-sentem em nosso céu interior, até que apareça o signo chave da estrela guia que marca o rumo para o caminhante. Como se revela a luz e o som dessa estrela? Como um "clarossentir"!

Tratemos de explicar-nos. É o re-conhecimento de minha pertinência cósmica. É o claro-sentir (clari-vidência do Coração) que me aponta (com e-vidência) a missão a cumprir na Terra.

Quando chego a *ver* (no horizonte onde a luz e o som se encontram) que as "funções cósmicas" (os "arquetipos celestes") se transcrevem em minha própria matéria, em "ofícios sagrados" e em "ferramentas logo-técnicas", descubro uma Gen-ética humana de ressonância cósmica.



Como se realiza este transito da função transcendente ao oníscio concreto e à "ferramenta" prática? Como em genética molecular, o código original -----> se "transcreve" e —————> se "traduz".

Porém, tratando-se de uma Gen-ética de "Aliança", quais tipos de "enzimas" (de poderes ou de valores) operam como intermediários ou como "mensageiros", neste ritmo de "enlace" que é místico e energético, ao mesmo tempo?

Não é fácil responder a esta pergunta, mas o importante é que nos demos conta de que falar de "funções trans-finitas" não quer dizer "sair" do mundo, negar a história, abandonar a matéria, mas "entrar" em dimensões ainda mais profundas da matéria, da história e do tempo para participar da integridade de uma Obra que transcende a esfera individual e se expande para a vida social e planetária.

Ao cruzar a barreira cósmica, começamos a "escutar" em nós mesmos, os primeiros acordes destas funções trans-finitas:

Egoência

Reversibilidade

Plasmação

Algo dissemos acerca de Egoência e Reversibilidade. Mas, o que é Plasmação? É o poder de Gênese, a atividade criadora no mais puro sentido.

Como podemos reconhecer esta função criadora? Reconhecemo-la no que chamamos de "Cosmogênese" (a atividade do Céu, como diz o *I Ching*), na "Antropogênese" (a atividade morfogenética da natureza) e na "Plasmagênese" ou atividade criadora do homem na Gen-ética da Grande Obra.

OFÍCIOS SAGRADOS ou do "lugar" do homem no mundo

O interrogante existencial do homem não pode ser reduzido a uma pergunta pelo ser. Não é suficiente assegurar minha condição de "ser-no mundo" nem reconhecer que "eu" sou "eu-e-minha circunstância", senão que necessito descobrir minha específica localização no mundo. Porque meu "lugar" no mundo (*locus* gen-ético social) especifica meu lugar na Obra. Tanto na genética molecular quanto na Gen-ética cósmica, a identidade de função vai unida ao "lugar" do ser (identidade dos elementos na tabela de Mendeleev, identidade de função na sequência de aminoácidos na molécula de proteína, identidade individual no lugar social que lhe cabe).

Qual é meu lugar no mundo? Para realizar a plenitude de minhas possibilidades humanas, necessito ocupar *um só lugar*! Não um lugar no trabalho, outro no lar e outro na igreja, mas um lugar em que "função", "ofício" e "ferramenta" convirjam na unidade do ser e na integridade da obra. Quando essa integração se produz (felizes daqueles que a realizam), emerge uma qualidade da vida até então desconhecida, consciência de "ser-no lugar", a qual faz Jacó dizer, quando desperta do sono: "Este era um lugar sagrado e eu não o sabia". É algo mais que um lugar na empresa, no sindicato, no lar, na escola: é o lugar onde se revela a função do "ofício sagrado".

O que é ofício sagrado? É um "ordenador interno" no processo orgânico da vida; é a "força-e-o sentido" que sustenta por dentro a organização social.

A sociedade moderna dessacralizou os ofícios e des-hierarquizou as funções. Os "ofícios sagrados", que constituíram o fundamento espiritual das sociedades tradicionais, foram substituídos por categorias sociais de natureza técnica (em lugar do rei sábio, do médico sacerdote, do mestre iniciado na arte, temos hoje o funcionário, o profissional, o técnico). A ordem cósmica que regula a função social foi substituída pela informática do sistema, a luta de classes ocultou o sentido da obra, o manejo do poder substituiu a mística do trabalho.

A perda do "lugar" na Obra foi fatal para o desenvolvimento da consciência; catástrofe que perturbou a ordem da ecologia humana e que derivou na patologia social que hoje move as bases de nossa civilização. Toda tentativa de restabelecer a harmonia social deve passar necessariamente pelo redescobrimento das funções cósmicas que dão direcionalidade (o "para onde") ao processo co-evolutivo da vida.

Já começamos a sentir os primeiros acordes desta "fisiocologia cósmica" que se manifesta na ordem individual como novo "sentido de pertinência" e na ordem social como novo "sentido da obra".

Quando nos localizamos no lugar correto, percebemos que o "ser" não está desvinculado da "obra", senão que, pelo contrário, "o ser se realiza a si mesmo na obra e no lugar requerido pela Grande Obra". É lamentável que os sindicatos operários lutem hoje somente pelo salário e não pela obra³.

3. Ramón P. Muñoz Soler, "Egoencia del Ser, Del Hombre Terrestre al Hombre Cósmico", trabalho apresentado no Primeiro Congresso Iberoamericano de Psicología Médica e Psicoterapia, Mendoza, Argentina, outubro de 1986.

os ofícios, é o poder do "Ordenador interno", em sua dupla face de ação e contemplação – função arquetípica de reversibilidade de valores que já desapareceu há muito tempo da sociedade humana e que, para ter alguma ideia de seus portadores, deveria remontar-se ao mítico Melquisedec, rei de Salém e Sacerdote do Deus Altíssimo (Gên. 14:18,20), função de "rei-sacerdote" que hoje volta a manifestar-se – sob diferentes funções, ofícios e ferramentas – nos homens e nas mulheres que vêm fundar a civilização cósmica.

Eu aprendi a descobrir esta função arquetípica de Síntese, na vida e na obra do "Mestre que ora e governa".

Há um "Princípio" de governo, princípio "orgânico" do universo, da sociedade, da vida.

De acordo com o que diz Ortega y Gasset, a filosofia moderna substituiu o "Príncipe" pelo "princípio". Hoje, a ciência substitui o "princípio" pelo "processo". De qualquer modo, nem a filosofia, nem a biologia, nem a sociologia puderam prescindir, para dar coerência a suas construções sistemáticas, de um "princípio de ordem" (uma "ordem implicada", como diria David Bohm); mas esse "princípio", no máximo, é respeitado como premissa epistemológica, mas não como realidade viva constitutiva do universo, da sociedade, da vida.

Para participar do "sentido de integridade" da Grande Obra, para poder descobrir em si mesmo o poder operativo dos "princípios ordenadores", a direção dos "sinais orientadores" e o fluxo das "forças criadoras", faz-se necessário reconhecer a *Presença* do "Princípio Orgânico" que dá força, ordem e sentido aos "dez mil seres" (como diz a sabedoria chinesa) que constituem o "Corpo" da manifestação universal da vida.

Este "Princípio" transcendente é simbolizado, no Gênesis bíblico, como "o Espírito de Deus que se move sobre a face das águas" (Gên. 1:2); e Fabre d'Olivet, em seu *Gênesis Decifrado*, nomeia esse espírito como "o sopro expansivo e vivificante que exerce sua ação geratriz, acima das Águas"⁴.

Na sociedade tradicional, este "Arquétipo de Ordem Cósmica" era representado simbolicamente através de *Investiduras* humanas. Através das figuras-funções do Rei, do Imperador, do Pontífice, do Sumo Sacerdote ou do Rei Sacerdote, preservava-se esse "Princípio de Ordem e Governo" que, nos tempos modernos, foi varrido pela democracia política, pelos sistemas filosóficos, pelas teorias científicas. Este "varrer" de princípios meta-físicos fez possível o desenvolvimento da mente racional e a afirmação da vontade de poder. O homem moderno conquistou o mundo (e as pedras da lua), mas perdeu sua alma.

Desmoronou o mundo hierárquico. Caíram os antigos deuses.

Mas, na fronteira do desconhecido, começamos a sentir a *Presença* de um novo Sol!

Mais de uma vez, em presença do Mestre Santiago, eu tinha a sensação de encontrar-me ante uma dessas fronteiras onde a luz e o som configuram um enigmático signo, uma "singularidade" do espaço-tempo-significado (para além do limite crítico da velocidade da luz); ali onde as leis da física desabam e onde também colapsa a vontade de querer entender o mundo, para dar passagem à contemplação do mistério. Eu via na figura do Mestre, o símbolo humano de uma *Presença* cósmica. Através de suas palavras, gestos e silêncios, eu advertia o ritmo de uma linguagem universal que, até então, desconhecia (o universo falava pelo homem). Como era esse "ritmo"? Era o ritmo de Sua

4. Fabre d'Olivet, *Gênesis Descifrado*, Buenos Aires, Creación, s/ data.

e-não ser. Era o ritmo do Mestre que Ora e Governa!

O desdobramento desta função única de "Orar-e-Governar" em poderes separados e antagônicos (o Papa e o Imperador, o monge e o guerreiro, o governante e o povo) des-articulou (e dessacralizou) o corpo social.

A interpretação das transformações do mundo, através de "movimentos revolucionários de massa" é uma visão muito pobre que o materialismo histórico nos legou. É verdade que muitas vezes, no curso da história, a "massa" derrubou uma autoridade corrupta. Porém, para além das vanguardas políticas existe uma "Autoridade Real" que ordena e governa a matéria. O que seria da vida da Terra, se não fosse fecundada pela luz do sol? O que seria da alma do mundo, se não fosse exaltada pelo fogo do espírito? E, o que seria da comunidade social, se não houvesse uma função transcendente de "Governo", que fizesse possível o trânsito da matéria humana a estados superiores de consciência?

Para além das "formas" de governo (*Politeia*), para além das organizações sociais, políticas, religiosas e para além dos circuitos cibernéticos de auto-organização, há "operadores" invisíveis que pertencem a uma "Ordem Sagrada" e que fazem de "ponte catalítica" entre a vontade humana e a Consciência cósmica. Trata-se de funções humano/divinas, difíceis de reconhecer no jogo de luzes e sombras, na trama da história. E aqui, voltamos a uma pergunta que nos formulamos mais de uma vez: quem era esse Mestre que integrava em Si mesmo a função arquetípica de "Orar-e-Governar"?

Quem era Don Santiago – como o chamávamos habitualmente, em uma mistura de carinho e respeito? Era um místico ou um guerreiro? Um sacerdote ou um sábio? Ou acaso, um desses monges-guerreiros da cavalaria espiritual do medievo, que vinha como imigrante do tempo? Era para nós, difícil des-velar sua real hierarquia.

Um fato, que me foi relatado por um dos primeiros participantes na Obra. Era inverno, um pequeno grupo assistia a um retiro espiritual na casa que estavam construindo na montanha. Fazia frio. Todos permaneciam em silêncio, enquanto o Mestre atizava o fogo da lareira, de costas para os presentes. O ambiente era tenso, carregado de interrogantes. Um dos presentes, sob a influência da literatura esotérica, não podia menos que associar a clarividência e os demais poderes psíquicos de Don Santiago, com a presença rediviva de algum mago do Tibete, algum mestre Rosacruz ou algum sacerdote Iniciado do antigo Egito e, enquanto sua imaginação recriava esses personagens míticos, olhando para Don Santiago, que continuava de costas, perguntou-lhe mentalmente: "Quem és?". E o Mestre, voltando-se, respondeu-lhe em latim: "*Ego sum qui sum*".

Para aqueles que tinham ouvidos para ouvir, o testemunho que o Mestre dava de Si mesmo era suficiente para desvelar o "Princípio" de unidade essencial de todos os valores. Era um "Si" supremo, que quebrava toda dualidade e contingência. Mas, para outros, os mais críticos, representava apenas um ponto precário de apoio, sobretudo quando tentavam resolver as contradições que o próprio Mestre introduzia como "Método", na práxis de reversibilidade de valores.

tos" desvinculados da história, de "mestres astrais", de "influências espirituais" e, outra coisa muito diferente, é conviver com um mestre de carne e osso, em quem os valores do espírito se integram com as formas e o peso da vida cotidiana. E era precisamente essa correspondência entre a subjetividade pessoal e a ordem cósmica encarnada o que o Mestre oferecia a seus discípulos como "símbolo vivo" para que pudessem alcançar, por ressonância de similitude, o mesmo estado de consciência que ele possuía. Estruturação homogênea de valores humanos e divinos. Egoência do Ser.

Porém, esta forma "direta" de transmissão da ensinança nem sempre era bem compreendida. E, no jogo alternativo de forças humanas e divinas, os choques entre Mestre e discípulo eram, às vezes, muito fortes, sobretudo nos primeiros tempos, quando vinham ao Caminho personalidades muito vigorosas que não se deixavam levar como cordeiros pela magia de nenhum guru.

Em um destes diálogos entre "cavalheiros" – diálogos que, se bem que muitas vezes refletissem o fluir espontâneo entre a autoridade do Mestre e a liberdade de pensar e de sentir de seus filhos bem amados, outras vezes desembocavam em contradições irredutíveis – um discípulo se sentiu "tocado" por um gesto de autoridade do Mestre (ou por aquilo que ele percebeu como autoritarismo que avassalava sua liberdade individual) e, como não recebesse de parte de seu interlocutor uma resposta satisfatória, disse-lhe: "O que acontece é que eu não acredito em deuses sobre a Terra". Ao que o Mestre, depois de um breve silêncio, respondeu: *"Não sou um deus sobre a Terra, mas tampouco sou um homem comum"*.

Novamente, o testemunho de identidade do Ser! Ainda no círculo herético de uma reunião de almas, voltava a ficar a descoberto a antinomia de poderes do velho paradigma. Novamente, a confrontação entre o Papa e o Imperador (antinomia entre o princípio divino e a liberdade individual, que Jung dramatiza magistralmente em seu "Processo a Jó"). Mas, o signo do tempo havia mudado e o Mestre nos ensinava a passar da dialética dos opostos à reversibilidade de valores.

Qual era o "Método" que se antecipava no horizonte do porvir? A chave não era somente o que, até então, havíamos entendido por "ascética espiritual", senão que, desde esse momento, o Caminho entrava no domínio desconhecido da Gen-ética social. A função espiritual se fazia missão social (ofício sagrado: liberar-se para liberar).

QUEM SÃO E DE ONDE VÊM?

No atual momento crítico de transição co-evolutiva da humanidade, quando o discurso político está esgotado, quando as democracias do mundo se debatem em suas próprias contradições internas, quando a ditadura do proletariado desmorona e a alma dos povos cai na desilusão e na desesperança, uma chispa de consciência cósmica irrompe na trama da história e muda a geometria dos valores.

Gen-ética de Aliança, nova ordem, nova medida, novo sentido da vida.

O fundamento da nova ordem mundial não é político nem econômico, mas gen-ético – ou melhor, supragen-ético (*supraordering principle*, em termos de David Bohm) – o que implica em um campo formativo que, se bem transcenda os parâmetros do mundo material, manifesta-se no mundo humano por uma nova configuração de valores.

Quem são os portadores desta nova ordem supramolecular? Quando falo de “Ofícios sagrados” não me refiro a funções ideais ou a investiduras formais. Não falo do hábito do monge nem da espada do guerreiro, mas de “Ordenadores humanos” de carne e osso, que assumiram a sagrada missão de transmitir ultraenergias cósmicas indispensáveis para o desenvolvimento da vida.

Trata-se de funções diferenciais da Gen-ética social. Nesta ordem de valores, não é o “número” o que conta, mas a “qualidade”. Chamou minha atenção que Robert S. Ropp, doutor em filosofia e investigador em química cerebral, em uma conferência sobre “Psicotransformismo” (publicada em *No Caminho do Autoconhecimento*) – ao referir-se às profundas mudanças que induzem na mente uns poucos microgramas de alucinógenos – vinculasse a futura evolução do homem à produção de substâncias ainda desconhecidas. E, quando um dos ouvintes lhe perguntou se ele acreditava que fosse suficiente uma diminuta quantidade de substância química para passar a níveis mais elevados de consciência, Ropp respondeu: “A natureza apenas necessita de uma pequeníssima quantidade deste homem superior, ela não necessita de sextilhões”⁵.

A ativação da nova Gen-ética humana de ressonância cósmica requer a “presença ordenadora” de agentes “catalíticos” e de mensageiros “alquímicos” que operam em missão secreta (como é secreta toda a química da vida) e que colaboram, muitas vezes sem sabê-lo, no gigantesco processo de Síntese que está sendo levado a cabo no “núcleo” de uma matéria social desestabilizada.

Quem são estes Mensageiros? Que rosto têm? Acaso, uma nova vanguarda revolucionária “capaz de organizar o movimento e dirigi-lo” (como queria Lênin)? Ou uma nova hierarquia de heróis ou “iniciadores” (como os chamava Carlyle), grandes homens e mulheres que “veem além dos demais” e que

5. Em James Hillman, *No Caminho do Autoconhecimento*, pg. 143.

quejam mais ardentemente que outros : não sabemos bem de onde vêm, mas sim, sabemos que são os novos *professores* (que ensinam as crianças a "ver"), os novos *governantes* (que orientam com sabedoria as correntes econômicas dos povos), os novos *trabalhadores sociais* (que ensinam a produzir mais do que consomem), os novos *sacerdotes* (que ensinam a transitar entre o céu e a terra). Estes "Ordenadores humanos" já não exercem um ofício, cumprem uma função ou manejam uma ferramenta, senão que eles mesmos são a função, o ofício e a ferramenta. Isto é o que quero dizer quando falo de "Ofícios sagrados".

Coincidência significativa! Enquanto escrevia estas linhas sobre os "Ofícios sagrados", dizia a mim mesmo se tudo isto não soaria a utopia idealista, em uma sociedade inscrita no materialismo (já não histórico e sim, técnico), recebi um pequeno folheto, onde alguém – talvez também sonhador de utopias – enumerava as bem-aventuranças do Sermão da Montanha, sob o contexto social de nosso tempo de crise:

BEM-AVENTURANÇAS PARA TEMPOS DE CRISE

- Bem-aventurados os que se empobrecem por inverter e criar empregos...
- Bem-aventurados os funcionários públicos que trabalham como se se ocupassem de seus próprios assuntos...
- Bem-aventurados os banqueiros, os corretores, os comerciantes que não se aproveitam de sua situação para aumentar seus lucros...
- Bem-aventurados os políticos e sindicalistas que se dão à tarefa de encontrar soluções realistas para as carências sociais...⁶

Quem são e de onde vêm? Uma nova classe política? Uma nova aristocracia da inteligência? Ou uma nova Mesa Redonda?

Mas, a "função" que cria o "ofício", também projeta a "ferramenta".

6. J. M. M. "Bem-aventuranças para tempos de crise", *Ciudad Nueva*, n° 218, julho de 1989.

Não só assistimos hoje a uma crise das teorias para interpretar o mundo, mas a uma crise dos "instrumentos" para *ver* o mundo.

Sobram teorias, falta olho. Necessitamos de uma nova "ferramenta" para realizar a síntese entre o conhecimento e a vida. Porém, já não uma ferramenta como poder autônomo fora do homem, mas o próprio homem como ferramenta. Não só um instrumento técnico, mas "Logo-técnico" (que una o *Logos* com a *techné*). Nestes circuitos humanos de ressonância cósmica não só circula informação, mas também sabedoria.

Alguns destes circuitos inteligentes (informática) já foram criados pela técnica moderna (Mc Luhan foi um dos primeiros a perceber o acoplamento que se havia produzido entre a consciência humana e os circuitos eletrônicos nos meios de comunicação de massa: "hibridação de meios"), mas agora, trata-se de alcançar uma dimensão superior na hierarquia dos instrumentos: passar da tecno-logia à logo-técnica.

O que podemos dizer destes "circuitos Logo-técnicos"? Que são "matrizes orgânicas", por onde circula a seiva da vida, con-figurações de ressonância que trans-mitem e traduzem funções cósmicas, na medida humana: "olhos" e "mãos" de uma fisiologia diferente. Explico-me. Para que o homem cósmico tenha existência real (quer dizer, sem valer-se de próteses técnicas), requere-se uma "mudança de condutibilidade" da matéria humana; em outras palavras, não é suficiente a visão intelectual, a união sensível ou a conduta ética, como formas de integração da consciência humana no processo orgânico do universo, senão que se requer o acoplamento "energ-ético" entre funções da Vida, até agora separadas (o próprio organismo humano operando como "supercondutor" da corrente cósmica que circula entre o Céu e a Terra). Nova ferramenta humana de ressonância cósmica.

Em 1848, Marx e Engels anunciavam no *Manuscrito*, um novo enfoque da filosofia da história: "Totalmente ao contrário do que ocorre na filosofia alemã, que desce do céu sobre a terra, aqui se ascende da terra para o céu". Mas hoje, cem anos depois (em 1945, produziu-se a primeira explosão atômica), nos umbrais do século XXI, damos conta de que ambas visões do mundo representam duas fases (inversas e complementares) de um mesmo movimento universal; também chegamos a dar-nos conta de que a síntese dos valores materiais e espirituais não vem por via filosófica, mas energ-ética. A grande falácia, tanto do idealismo filosófico quanto do misticismo espiritualista, é haver suposto a possibilidade de alcançar níveis superiores de consciência, por via puramente intuitiva ou iluminativa, sem uma mudança qualitativa da "matéria". E a miopia do materialismo dialético é haver suposto que unicamente pelo jogo de contradição dos opostos, é possível alcançar a iluminação do espírito. Hoje em dia, a crise do homem terrestre se aguça, não por falta de ideias, mas por excesso de matéria ("materialismo", no verdadeiro sentido do termo), isto é, por aumento de resistência da matéria à passagem da luz. Temos mais informação, mas menos sabedoria; só ficamos com o fluxo de informação que circula pela árvore do conhecimento

circuitos cibernéticos, mas nos falta a seiva que nutre a árvore da vida (e, para isso, necessitamos de circuitos cibern-éticos). Sem esta corrente de energia cósmica humanizada, a vida seca, debilita-se, degrada-se. O poder do conhecimento aumenta, mas o saber se detém (por resistência da matéria à passagem da luz).

Para chegar a uma ciência "à segunda potência" (como postula Picht), que inclua o homem em suas equações matemáticas, requiere-se não somente mais conhecimento e sim, níveis mais elevados de energia nos circuitos interiores do próprio homem. Já Hartmann, em sua *Ontologia Crítica*, adverte que "a unidade do mundo real coincide com a temporalidade e que há uma relação inversa entre *força* e *altura* ônticas, expressando desta maneira, sua oposição ao idealismo alemão que imaginava o espírito como pressuposto e condição do mundo material"⁷. Até aqui, o pensamento de Hartmann, comentado por Maliandi. Porém, à pergunta "ontológica" pela unidade do mundo, adianta-se hoje a resposta "energética", pela unidade das forças. Quando, já não os filósofos, mas os físicos, perguntam-se pelo fundamento da unificação, a resposta fica vinculada ao "nível de energia". Diz Paul Davies, em seu livro *Superforça*:

Sob uma energia muito alta (ou, de forma equivalente, a uma pequena distância), as forças eletromagnéticas, fraca e forte, fundem-se em uma só força e não há diferença entre quarks e léptons. Percebemos forças e partículas diferentes no mundo de nossa experiência porque examinamos a matéria sob uma energia relativamente baixa. Os físicos chamam a massa 10^{14} dos prótons, a "escala de unificação". Há um grande significado, por trás deste número.⁸

E, o que acontece com a síntese do conhecimento e da vida, quando queremos incluir o homem nas equações matemáticas que determinam as leis do cosmos? Acontece que essa fórmula de campo unificado nos escapa das mãos. Mais ainda, os paradigmas teóricos de unificação somente nos dão a metade da fórmula. Para alcançar a "outra metade", requiere-se um salto qualitativo na fisiologia do próprio homem, mudança na geometria da matéria e na "temperatura" da ação, que nos permitam passar dos círculos cibernéticos de baixa energia do homem terrestre, aos circuitos cibern-éticos de alta energia do homem cósmico. Esta sutil diferenciação no uso da linguagem implica em introduzir variáveis também muito sutis na constituição dos próprios circuitos, definitivamente, incorporar uma mística e uma ética à energia da vida, passando, desta maneira, da técnica da natureza à logotécnica do espírito.

Em que consiste a diferença entre um circuito técnico e um circuito logotécnico? Para operar um circuito técnico, é suficiente conhecer as regras da arte; para chegar a um resultado correto, na ordem prática, não importa muito se a pessoa que o manipula é correta ou incorreta. Mas, nos circuitos

7. Ricardo Maliandi, ob. cit., pág. 22.

8. Paul Davies, *Superfuerza*, Barcelona, Espanha, Salvat, 1985.

logo-técnicos, opera uma lei diferente. Aqui, tem validade o aforismo chinês que diz: "Método correto com pessoa incorreta: resultado incorreto. Método incorreto com pessoa correta: resultado correto". Em outras palavras, a "medida" ética e espiritual da pessoa influi nos resultados.

Estes novos instrumentos ainda não existem na sociedade tecnocrônica que conhecemos; é preciso criá-los e é preciso criá-los por dentro. É a função, o ofício e a ferramenta dos homens e das mulheres que vêm. É a premissa cibern-ética da mística, do conhecimento e da organização da sociedade futura.

A sétima estrela

Na hierarquia de "funções cósmicas" e "ofícios sagrados", o homem fecha, como "ferramenta logo-técnica", o círculo hermético de reversibilidade de valores: $(3 + 3) + 1 = 7$.

Resumo



CON-FIGURAÇÕES SOCIAIS DE PODER

*Yo he visto muchos cantores,
com famas bien otenidas,
y que después de alquiridas
no las quieren sustentar:
parece que sin largar
se cansaron en partidas.*

José Hernández, *Martín Fierro*, I, 4

Uma coisa é pregar a Mensagem, outra coisa é vivê-la. Há uma brecha entre a teoria e o testemunho. Para entrar no mundo que vem, não queremos mais filosofias, mas necessitamos de sinais. Que tipo de sinais? Testemunhos de vida!

De onde vêm estes sinais? Ontem, foram os Padres do Deserto. Hoje, são os Peregrinos da Alba. Eles marcam o rumo ao caminhante. Sua luz se transforma em som. Vêm de outro lugar. Sua mensagem não é ideológica, é vibratória (expansão de consciência que se reconhece por similitude).

Os novos sujeitos da história, os precursores do novo Éon, os discos luminosos que vêm do céu e as almas nobres em missão sobre a Terra, são instrumentos vivos de ressonância cósmica. Delicada *Arkhi-tectura* orgânica que vibra com ritmo analógico.

Por que *analógico*? Porque existem outros modos de funcionar: por reação, por imitação, por reprodução, por simulação.

Ritmo analógico é reversibilidade de valores, plasmação de uma ideia e desintegração de uma forma, aparecer e desaparecer (como as partículas subatômicas, como os meteoros, como os ÓVNIS).

Sempre houve instrumentos de ressonância analógica, todos eles delimitados em função de uma sabedoria tradicional e com a finalidade de fazer "audível" a luz que vem do Céu e "visíveis" as vozes que vêm da Terra: os dolmens celtas, os violinos Stradivarius, as pirâmides egípcias e maias, as catedrais góticas, as pedras preciosas. Porém hoje, a "pedra preciosa" é a rede de ressonância magnética de nossa própria biologia molecular. Nem

todos chegam a escutar o som inaudível da “serpente emplumada”, em seu ascenso ao cume do Monte, mas nosso corpo está mudando, entram em jogo estranhos canais de ressonância cósmica e vamos nos fazendo aptos para participar, com nossa própria energia humana, no processo co-evolutivo do universo.

Quais são as ferramentas para instrumentar uma política de desenvolvimento humano, em escala global?

- Uma Mística
- Um Conhecimento
- Uma Organização

O poder "pro-fético" se antecipa hoje, ao poder político.

A profecia de hoje não é só palavra que anuncia, mas "poder" que pronuncia, vibração inaudível que quebra a simetria do tempo e muda a geometria da matéria. Há alguma palavra deste tipo no umbral da era que começa? Sim, há, mas com uma característica: o que nos anuncia "não é o que vai vir, mas o que já veio"¹.

De qualquer forma, apesar de anunciar para nós "o que já veio", a Mensagem do novo signo do tempo nos escapa das mãos. A mudança é tão rápida que padecemos a Mensagem, *antes* de compreendê-la. Vivemos um tempo de confusão de línguas, de ocultamento do sentido da história (a filosofia da história foi substituída pelo fluxo incessante da informação). Não haveremos chegado a um beco sem saída, quanto ao "modo" de interrogar os acontecimentos? Em lugar de persistir nos velhos métodos da filosofia da história, não deveríamos reconhecer que entramos na corrente de uma "nova história"? (Thomas Berry fala de uma *Nova História das Origens*). Isto já foi visto claramente por Ortega y Gasset, lá pelos anos 20, quando, em suas reflexões sobre *O Tema de Nosso Tempo*, dizia-nos o seguinte: "Poucas vezes viveram os homens menos às claras consigo mesmos e, talvez, a humanidade nunca tenha suportado tão docilmente formas que não lhe são afins, sobrevivências de outras gerações que não respondem a seu pulsar íntimo"².

Nova história? Qual é o novo ponto de partida? Nem Adão nem o macaco; tampouco o "Big Bang" cosmológico; nem a primeira molécula orgânica na "sopa primordial". A nova história começa quando a Mensagem profética irrompe no tempo histórico, configurando um novo código gen-ético. Esse "Acontecimento inicial" tem caráter "catastrófico" (teoria de catástrofe): é a ruptura de simetria do antigo sistema e o ingresso da luz.

A dificuldade que hoje temos para descobrir o novo sentido da história se deve a que a mente coletiva permanece ainda "constelada" (como diria Jung) com o arquétipo do antigo signo do tempo (o Éon de Peixes). Assim aconteceu com a mensagem de Cristo: a sombra sacrificial do antigo signo do Carneiro ocultou boa parte da gloriosa ressurreição. E agora, quando o ritmo vibratório da nova Revelação quebra os marcos formais de todas as ideologias, a sombra das antigas religiões do Oriente se projeta sobre o espaço recém aberto da América Profunda.

O realmente "novo" ainda nos escapa das mãos.

O potencial gen-ético da nova mensagem para o homem já não é ativado pela "dialética" dos opostos, senão que se *revela*, em função de "reversibilidade de valores". Todo um ciclo de contradição de forças chega a seu fim. No antigo Egito, foram Amon e Aton (guerra dos dois sóis); na Grécia clássica,

1. R. P. Muñoz Soler, *Señales Proféticas en la Trama de Nuestro Tiempo*, Buenos Aires, Centro de Estudios Latinoamericanos, 1982.

2. J. Ortega y Gasset, *El Tema de Nuestro Tiempo*, Madrid, Espanha, Revista de Occidente, 120 ed., 1956, pg. 14.

Platão e Aristóteles (um aponta para o céu, o outro para a terra); na Idade Média, a corrente aristotélico-tomista luta e desloca o neoplatonismo agostiniano. E em nosso tempo, Einstein aponta para uma geometria do "contínuo" (relatividade geral) e Plank para uma teoria do "descontínuo" (mecânica quântica). Por mais de dois mil anos (durante todo o Éon de Peixes), estas duas correntes assumem expressões diferentes no curso da história e lutam entre si, em uma guerra interminável (dialética dos opostos, luta de classes, guerras de religião, contradição de paradigmas). Porém, no trânsito de Peixes para Aquário, entra em jogo uma terceira força que irrompe como "sinal" profético na trama da história e muda a "sensibilidade histórica" do próprio homem. O "Acontecimento Inicial" cria as condições necessárias (mudança de ritmo) que faz possível passar da dialética dos opostos à reversibilidade de valores.

Nova visão do mundo. Em Peixes, só vemos as duas serpentes que configuram o caduceu de Mercúrio (o Ying e o Yang), mas em Aquário vemos o ponto em que se cruzam (que é também o instante em que se encontram e desencontram): terceira dimensão do movimento da história, descobrimento do "tempo intrínseco da matéria", pergunta pela geometria (ainda não formulada) do "descontínuo".

Como se restabelece o equilíbrio, a harmonia e a justiça, quando chegamos ao "fim da história" e à "morte de Deus"? A "ruptura do antigo pacto com a natureza" já não pode ser transposta por um novo pacto social, mas por um "pacto sagrado". Como posso eu participar dessa "Nova Aliança"?

A pergunta não é fácil de responder. Seja como for, se a Mensagem profética de nosso tempo anuncia "não o que virá, mas o que já veio", ainda essa pergunta carece de sentido, ou talvez fosse melhor formulá-la de outra maneira: "Posso eu evitar a colisão com essa força que veio?". E aqui, enfrento-me com o paradoxo da Revelação! Se disser *Sím* à "Aliança", não saberei como utilizar a força liberada e, se disser *Não*, não poderei evitar as consequências.

E, neste ponto crítico do Caminho do homem, quando consigo tocar com as mãos o poder dos deuses e pergunto a mim mesmo quais são as ferramentas que podem fundar uma política de desenvolvimento material e espiritual para o mundo que vem, ouço a voz do Mestre que pronuncia três palavras chave:

Uma Mística

Um Conhecimento

Uma Organização

O cruzamento do "Mar Vermelho"

De novo, entramos no deserto, os frutos da civilização se tornaram amargos, as águas dos rios e das fontes já não apagam nossa sede, o caminho do conhecimento se tornou estranho para o homem. Perdemos a imagem do mundo. Já não escutamos a Voz de Deus!

O que os Padres do Deserto experimentaram na solidão da alma como "vazio interior" se transformou em experiência cotidiana para os milhões de seres humanos que hoje cruzam o deserto da civilização moderna. Ontem, um vazio de contemplação; hoje, um vazio de desilusão. A prova do deserto exige uma nova forma de resistência: a resistência atômica do coração! Muitos ficam no caminho, mas alguns voltam transmutados.

O poder opressor já não é somente aquele que vem de fora, mas aquele que nos governa por dentro; ficamos presos no campo gravitacional de nossa própria matéria humana. Qual é a resposta a esse desafio? Uma nova ordem mundial? Sobrevivência no espaço? Ou "guerra santa"? A resposta já não é política, filosófica ou técnica, mas iniciática: foram criadas as condições físicas para iniciar o caminho da liberação interior em escala global (os cientistas já deram o primeiro passo, quebraram a barreira atômica, abriram o "primeiro selo").

Volta a repetir-se a epopéia mítica, cruzar o "Mar Vermelho", mas agora em outro cenário e em outro tempo. O sujeito da história é outro. O faraó tem agora outras vestes, mas o mesmo poder arquetípico. Não temos um Moisés que dívida as águas, mas a partir de 1945, ficou aberta a barreira cósmica.

Cruzamento do "Mar Vermelho"? Sim, é o símbolo da iniciação coletiva da humanidade, um "rito de passagem". Mas, o que é o "Mar Vermelho"? É a "barreira do sangue"! Uma barreira invisível, uma fronteira gen-ética.

Da herança do sangue, passamos à gen-ética do espírito. Assim como o átomo físico está fechado por uma barreira de potencial, o coração de carne está "fechado" pela barreira do sangue, uma barreira cósmica, gravitacional (algo assim como um "raio de Schwarzschild") que põe limites aos anelos de liberação do homem.

Para cruzar esta barreira, faz falta algo mais que um elevado ideal ou um aceso entusiasmo; requiere-se uma ajuda providencial e o tremendo poder energético de um santo da espada: "Tu alças teu cajado e estendes teu braço sobre o mar..." (Êx. 14:16). Por um caminho ou por outro, requiere-se a ruptura de simetria do sistema. Sem ruptura de simetria, não há evolução, dizem os biólogos modernos.

Entre o homem terrestre e o homem cósmico há uma "brecha generacional", uma ruptura na linha de parentesco, um "hiatus gen-ético". É necessário cruzar essa fronteira, mas a partir dali, o caminho se bifurca, já não há retorno, a porta de trás se fecha: "Não seja que se arrependa o povo, se se vir atacado, e volte ao Egito" (Êx. 13:17).

A "longa caminhada" do deserto

As vanguardas espirituais de todos os tempos, tanto no Oriente quanto no Ocidente, intuíram o poder transformante do "rito de passagem" entre a escravidão do Egito e o ideal de uma terra prometida. E o povo oprimido queimou as naves e tomou o caminho do deserto.

As formas de responder ao chamado interior de liberação são diferentes nos diferentes povos, mas o "gesto" é sempre o mesmo: é a audácia da oferenda, do sacrifício, do renunciamento, para alcançar um estado mais elevado de consciência. Assim nasceram os anacoretas do deserto, as ordens monásticas, a cavalaria espiritual.

Não só vontade de poder, mas mística do deserto, con-sagração de vida. Existe na sociedade dessacralizada de nosso tempo algum impulso *inicial* semelhante àquele que levou os antigos peregrinos a cruzar a barreira da sombra? Sim, existe, mas sob uma forma diferente. Hoje, o que chamamos de "con-sagração" não se reduz a uma *mística* da alma – a "promessa dos nazaritas" (Jo. 13:2,5) – ou a "castidade dos eunucos por amor ao reino dos céus" (Mt. 19:12), senão que inclui uma química do corpo. Em outras palavras, a "Nova Aliança" não é somente um pacto moral, mas uma transmutação material (incêndio atômico da biomatéria humana).

Ao Fogo do Espírito, corresponde a Água da Vida. Analogia inversa no processo de trans-mutação dos elementos. Paradoxo de reversibilidade de valores. Ultrafisiologia que os antigos místicos conheceram e que hoje começamos a re-descobrir com ajuda da ciência e da técnica.

A nova mística *une* as quatro Yogas em *uma* só corrente de reversibilidade de valores. Mais que um ideal ou um sentimento, é uma "gesta" da humanidade em seu trânsito para a era cósmica. Gigantesca trans-mutação Al-química que se realiza hoje, de forma silenciosa e em escala planetária, no tecido orgânico de toda a humanidade. É a "Longa Caminhada" (de que fala Thomas Berry) como símbolo do esforço coletivo dos peregrinos do deserto em busca da "água viva" para acalmar a sede.

Uma Ideia, um sentir, uma "gesta". Porém, há algo mais: um sacrifício! Sacrifício de quem? Dos eleitos? Não, sacrifício de *todos*, porque *todos* somos hoje escolhidos para um "rito" sacrificial que prot-agonizamos, sem compreender: é o sacrifício cotidiano dos inocentes!

Quando falo de *nova mística*, não me refiro ao "misticismo religioso" nem ao "psiquismo espiritualista", mas à Iniciação cósmica da humanidade. Inclusive a palavra "mística" é insuficiente para nomear a misteriosa gênese que integra o fogo do espírito e a matéria do corpo em uma *única* expressão de Vida.

A "nova mística" não é passiva nem ativa. Não é só o caminho do monge, mas também o caminho do guerreiro, do cientista, do artista, do trabalhador da terra. Não é somente contemplação religiosa, mas também ação social e investigação científica. É, ao mesmo tempo, graça de salvação e técnica de liberação. A Revelação não só "toca a alma em seu mais profundo centro" (como diria São João da Cruz), mas também a matéria, em seu coração atômico. E é precisamente esse "toque" do fogo do espírito na matéria do

nome o Acontecimento que quebra o marco da antiga história e inicia o desenvolvimento de funções trans-finitas, na ordem da Vida.

Esta "Iniciação cósmica" já não se realiza em um espaço sagrado, como nos antigos templos, mas no recinto "con-sagrado" do próprio ser humano (que, em sua "Longa Caminhada" pelo deserto, tornou-se apto para officiar como sacerdote de um novo mistério de iniciação).

A nova Mística é também Conhecimento e Organização. Nossa civilização racional separou estas três funções e, da fragmentação da Palavra de origem, foram surgindo as doutrinas religiosas, as ciências particulares, os sistemas filosóficos, as organizações sociais, os partidos políticos. Hoje, todas estas formas de poder entraram em crise, mas uma nova Mensagem pro-fética se adianta às formas políticas, sociais e econômicas do mundo que vem.

Conversando em certa ocasião com o Mestre, acerca desta integração de valores que con-figurava uma nova estrutura da mente, fiz a seguinte pergunta: "O novo estado de consciência que começa a despertar na humanidade de nosso tempo trará também uma mudança na mística? Ou o "Caminho de União com o Absoluto" é sempre o mesmo?". E o Mestre respondeu:

Com a nova mente, haverá uma nova mística. O Caminho de União é fundamentalmente o mesmo em todas as épocas, mas em cada ciclo histórico, os seres humanos têm uma certa medida de possibilidades frente ao divino. Os testemunhos que recolhemos dos místicos da antiguidade, quando dizem, por exemplo: "Realizei a união com a divindade!", movem-nos a esta reflexão: sim, mas dentro de uma certa medida, não nos enganemos, e essa medida é diferente em cada época.

E ficavam flutuando as perguntas: qual era essa "nova medida"? Como se "media" o homem com a divindade?

Deveriam passar-se alguns anos, antes que se delineasse, diante de meus olhos, a delicada silhueta da "Mensagem da Renúncia".

Plenilúnio de maio de 1957. Haviam transcorrido vinte anos, desde a Fundação, os tempos eram outros. O mundo social estava carregado de presságios e, nos abismos subterrâneos, rugiam forças tenebrosas. Vozes proféticas anunciavam catástrofes apocalípticas. As mensagens sobre a Nova Era se multiplicavam, mas eram vozes de esperança, dadas por intermediários. Leio em um jornal que tenho nas mãos: "Estamos em uma época de caos, esperando recorrer a alguma forma de crença, que se imponha a nós".

De onde pode vir a mensagem de salvação? Do cristianismo? Do Islam? Da ciência? Da tecnologia? Da revolução social? Ou do horror?

Mas, enquanto essas perguntas ficavam sem resposta, o que acontecia nas águas profundas da vida? O que acontecia no coração atômico das comunidades místicas? O que acontecia nos esgotos de Calcutá? Havíamos chegado a um ponto crítico no caminho da história.

Havia mudado o signo do tempo, eram outras as estrelas que marcavam o rumo ao caminhante. Em 1945, havíamos chegado à liberação da energia atômica, mas agora, começávamos a descobrir o poder expansivo da consciência. A chave para a interpretação do mundo já não era a mesma. Algo mais que um novo paradigma. Uma poderosa corrente de energia cósmica in-screvia sua mensagem simbólica na delicada trama da vida humana.

Iniciava-se um novo ciclo no desenvolvimento da Obra. Longa e penosa havia sido a caminhada em direção ao cume do Monte. Muitos ficavam no caminho. Vinte anos de vida interior, de transmutação de matéria, de clausura mística da alma, de ensinança espiritual. Mas, no momento justo, assinalado pela sabedoria do céu, mudança súbita na direção da força. O próprio Mestre, que anos antes dizia a seus primeiros discípulos: "*O mundo não vos pertence e sim, vossa morada interior*", apontava agora a seus filhos bem amados, uma nova missão a cumprir:

Olhai para o vale do mundo, onde as almas clamam por sua salvação e recebem como resposta, raios de luz obscurecidos, rugidos dos abismos profanados, vozes proféticas de destruição ou vozes de esperança dadas por intermediários!

Transição de fase na dinâmica permanentemente atualizada da Ensinança. Reversibilidade de valores. A mística do Coração, transmitida agora como mensagem da Renúncia.

Vejamos quais são os parâmetros de ordem desta Mensagem vibratória e quais são os referentes conceituais que nos servem de pontos de apoio para intuir a geometria intrínseca de suas linhas de força.

Exegese de significantes

• O poder do testemunho

Nos primeiros tempos, em sua fase potencial, a Mensagem era (é) de holocausto, de "retirada" (para dentro). A consigna do Mestre era puramente mística:

Que ninguém vos conheça, que ninguém saiba vosso nome.

Aquí, os frutos da oferenda se transferem integralmente a um Corpo Místico. Porém, em sua fase de ação (reversibilidade de valores), a voz do Mestre marca um rumo diferente:

Por que não descels entre os homens para ensinar-lhes vossa experiência de Renúncia?

Nesta fase de participação/participante, o potencial místico da Mensagem se transfere a um corpo social (o ADN espiritual se transcreve a um ARN mensageiro).

A Mensagem já não era tão só para uns poucos, mas para *todos*. Os mensageiros do espírito entravam no jogo da história. Mas, a chave do novo signo do tempo não era a força de uma ideologia e sim, o poder do testemunho. A Voz do Mestre não chamava à difusão de uma ideia, mas à transmissão de uma experiência:

Levai vossa mensagem viva. Sede arautos e experimento desta nova era por vir.

Não dizia "levai vossa doutrina de Renúncia" e sim: "*Levai vossa experiência de Renúncia*".

A "doutrina" da Renúncia (no sentido conceitual do termo) pode ser reduzida à formulação intelectual de uma ideia religiosa, política ou social, mas a "experiência" de Renúncia implica o poder expansivo do testemunho (radiação energética da Mensagem).

Mas, o que queria dizer "Ser arauto" e "Ser experimento"? Isso de "Ser arauto", eu o entendia (pelo menos, até certo ponto), mas tive que realizar muitas e variadas experiências, antes de dar-me conta do terrível poder que encerra a missão espiritual de "Ser experimento". (Não me lembro de onde vem isso que diz "é perigoso cair sob o poder dos deuses, mas tampouco se pode prescindir deles").

O novo fenômeno humano iria adquirir, em pouco tempo, uma força e uma hierarquia social e espiritual que eu estava muito longe de suspeitar, no momento de ouvir (intelectualmente) as palavras do Mestre, naquele plenário de maio de 1957. Uma nova mensagem vibratória havia entrado no

mundo e a Voz (inaudível) de Mestres desconhecidos ressoava nos diferentes chakras do planeta. Não passaria muito tempo até que se iniciassem as revoltas estudantis dos anos 60. Os jovens argentinos, norteamericanos, mexicanos, franceses, alemães, chineses... foram os primeiros a vislumbrar a derrubada dos valores do velho sistema; eles foram os primeiros a "escutar" a radiação de fundo que iniciava a Nova Era e também foram as primeiras vítimas (prot-agonistas do tempo novo). Eles foram "arautos" e "experimento" e deram testemunho, através do "sacrifício".

• **Fundamento espiritual da Mensagem da Renúncia**

O Mestre a apresenta em forma axiomática, como "Princípio raiz" de uma mística do Coração:

Só desterrando do coração dos homens o Credo de Posse, poderão ressuscitar e viver.

Des-terrando! Isto nos leva a outra dimensão da vida. Não somente a valores espirituais da alma, mas a estados da matéria viva, superiores aos que até agora conhecemos como matéria terrestre. E com isso, voltamos uma vez mais à palavra "Renúncia" que, se bem seja um "operador simbólico" na "função de onda da Mensagem" (ponto crítico de reversibilidade de *todos* os valores em um valor *único*), é insuficiente para dar fundamento ontológico às diferentes facetas nas quais se manifesta esse valor único de "ressuscitar e viver".

Como fundamento de reversibilidade de valores, já não podemos reduzir a renúncia à negação do mundo e da vida, senão que devemos integrá-la (como princípio supremo do Ser, potencial e ativo, ao mesmo tempo) a todos os aspectos do devenir. É nesse sentido amplo que é entendida pela Mensagem, quando diz:

Levai vossa mensagem de Renúncia às almas, como mística, como ciência, como técnica, como moral, como suprema sabedoria.

Trata-se – tal como eu o vejo – de "articular" estes diferentes domínios da fé, do conhecimento e da organização, com esse poder potencial do Coração, que faz possível o impossível: "*ressuscitar e viver*".

Quando o processo de desenvolvimento humano se desconecta do "princípio/raiz" que lhe dá sentido transcendente, a mística fica reduzida a religião; a ciência se pulveriza em uma galáxia de particularidades; a técnica não vai além de resultados práticos na ordem material; e a ética se perde em uma multiplicidade de normas que acabam negando o espírito da Lei.

Como a "Mensagem da Renúncia" resolve esta aparente contradição entre um "Princípio único", postulado como "Fundamento" de desarraigamento ("*desterrando do coração*") e a "multiplicidade" de aspectos com que se desdobra a vida humana sobre a Terra? A Mensagem não se detém nas formas, nas teorias, nas doutrinas, nos paradigmas (peixes multicoloridos nas agitadas águas da vida), senão que aponta para a *Lei* fundamental da própria Vida.

• A renúncia como lei do mundo futuro

Já não falamos de uma doutrina, de uma crença, de uma religião ou de tal ou qual cosmovisão, senão que nos referimos à *Lei* fundamental que sustenta por dentro a grande corrente de transformações da Vida. Lei que foi revelada pelas diferentes tradições dos povos. Lei que as ciências exatas tentam formular em suas equações de campo unificado. Lei que a filosofia da história descobre quando penetra na trama íntima das civilizações que se sucedem no tempo e no espaço. Lei que o mundo perdeu em função de um materialismo irreflexivo e que os Mestres que vêm de além das estrelas voltam a revelar agora, sob a forma de mensagem vibratória.

A Voz profética se adianta ao tempo vindouro e assinala uma missão específica aos peregrinos da aurora.

A Renúncia é a Lei do mundo futuro e vós estais entre os precursores que vivem esta Lei, que será o modo de viver dos homens e das mulheres que virão.

Os prot-agonistas da nova história não são os que preditam a Lei, mas aqueles que a vivem.

• A Mensagem propõe um interrogante sobre o porvir

Paradoxo profético. Um enigma. É como um desses *koans* que os mestres Zen propõem a seus discípulos:

Serão tão consequentes com sua missão os Filhos de Renúncia que impeçam a iminente destruição que precederá a era de Sakib?

O tom é apocalíptico. A hora, solene. A responsabilidade, cósmica.

Mas, quem são os Filhos de Renúncia? Além disso, pode-se impedir uma destruição que necessariamente há de ocorrer ("que precederá")? E, por último, quem é ou o quê representa "Sakib"?

Tudo isto ressoava em meus ouvidos como uma voz apocalíptica e messiânica, ao mesmo tempo. Algo grande ia acontecer (estava acontecendo) na fronteira entre dois mundos. Mas, a Mensagem resgatava o gesto, a missão do guerreiro sagrado, para além do triunfo ou do fracasso. E o que devia ser feito, havia que fazê-lo agora e rápido!

• Clarividência do futuro

Os cegos veem, os surdos ouvem. Mas, há muitos que "têm olhos, mas não veem, têm ouvidos e não ouvem" (Salmo).

Toda a ciência moderna foi construída por novos olhos e novos ouvidos. E se despertou uma nova sensibilidade. E todos os movimentos sociais de vanguarda surgiram, a partir de um modo diferente de sentir a vida. E também há uma nova mística que fermenta hoje em todos os movimentos espirituais e que descobre as pontes invisíveis que unem as diferentes tradições.

Este “ver” as pontes que unem é função da *clarividência* do futuro. Fritjof Capra diz em seu livro testemunhal *Uncommon Wisdom*: “Eu via os paralelos entre as ideais básicas das tradições místicas e os conceitos básicos e teorias da física moderna”³.

E eu também começava a *ver*, a *ouvir* e a *sentir*, de forma diferente.

E também a *sofrer* (como nunca antes havia sofrido), ao dar-me conta de que o testemunho da verdade (se por verdade se entende pôr em jogo a própria vida, no que se diz, no que se sente e no que se faz), de que esse jogo da verdade (egoência do Ser) é de alto risco.

No entanto, a Mensagem era categórica; a missão era transmitir a verdade, não como teoria, mas como testemunho:

Leval vossa Mensagem de Renúncia, emanando de todo vosso ser esta Renúncia, feita em vós luz, compreensão e vida.

Eu já havia intuído intelectualmente este primeiro triângulo cosmogônico (“luz, compreensão, vida”) que em seguida via refletido, analogicamente, nas formas integradas da ciência moderna e na filosofia da história (fluxo/organização/função). Mas, de qualquer maneira, isto ainda podia “ser explicado”. E tudo o que pode ser explicado pode ser também uma “armadilha” (uma armadilha da velha mente para continuar sendo a mesma, ainda que sob um novo disfarce). Faltava um passo para realmente “ver”, um passo crucial (no sentido de “cruz”) para ver que o terceiro vértice (o vértice da *vida*) se fizera radiante (expansivo). Faltava o “sacrifício”.

Foi precisamente o “sacrifício” (que em termos técnicos – e somente técnicos – opera como “enzima” que provoca a ruptura de simetria do sistema) a “palavra de passe” que sempre abriu o caminho à “clarividência” como nova função da vida.

Avistai com olhos de águia esse mundo futuro.

dizia a Mensagem. Porém, não se inventa o “olho de águia”, é preciso transformar-se em águia:

Que vos seja concedido como dom clarividente de experiência, vislumbrar e preparar esse mundo, onde os sábios e os santos serão sacerdotes, legisladores e guias; onde os que moderam e distribuem as correntes econômicas dos povos serão considerados governantes dos mesmos; onde os produtores serão os benfeitores da humanidade...

“Vislumbrar e preparar”: é o místico em ação. É o cientista comprometido com o desenvolvimento humano. É o revolucionário que vive o sacrifício de seu povo. Entra em jogo um novo sujeito da história.

3. Fritjof Capra, *Uncommon Wisdom*, pg. 136.

- Trata-se de vislumbrar a hierarquia espiritual das funções sociais.



A tradição espiritual dos diferentes povos da Terra preservou as formas arquetípicas da sociedade humana através dos livros sagrados, da simbologia arcaica, da arquitetura religiosa, da poesia mística, das lendas míticas, do folclore.

As ciências exatas (sobretudo a física, a fisicoquímica, a biologia molecular) descobriram novos princípios que regem o mundo da matéria, da energia e da vida: princípio de incerteza, princípio de complementaridade, princípio de sinergia, ruptura de simetria como princípio de evolução, integração de todas as coisas e acontecimentos no Todo como princípio de síntese.

A filosofia da história, por sua vez, quando aprofunda sua reflexão sobre o desenvolvimento e a queda das civilizações, sobre os diferentes ensaios de organização política, sobre o florescimento e a decadência dos códigos éticos, chega a vislumbrar a permanência de formas arquetípicas que se manifestam com diferentes roupagens e medidas, através do tempo e do espaço.

Mas, uma coisa é a tradição escrita em livros de pedra e em rolos de papiro e outra coisa é a "Tradição viva" (in-scrita como código gen-ético na matéria viva).

Uma coisa é o reconhecimento teórico da unidade de tudo o que vive (paradigma holístico), das interações mútuas entre todas as partículas (Heisenberg, Chew) e outra coisa é o real entendimento humano, através da comunicação viva.

E, uma coisa é a filosofia da história (como reflexão do passado) e outra é vislumbrar e preparar a nova história.

Inclusive, tudo me faz pensar que as antigas formas simbólicas (incluindo o novo simbolismo matemático) são insuficientes para representar o fluxo de plasmação da "Nova Aliança". Mas, à medida que as formas arquetípicas do velho signo vão se esvaziando de conteúdo, uma nova hierarquia de "Operadores vivos" ingressa na trama da história. Quem são estes mensageiros do espírito?

São os *sábios*, os *santos*, os *governantes*, os *produtores*.

São protótipos humanos de funções cósmicas. Nas épocas de obscuridade, eles se retiram deixando as formas vazias, mas voltam com o ingresso da luz. São "Princípios Ordenadores Humanizados", hierarquias diferenciadas que dão sentido às funções sociais.

Os esquemas de "auto-organização cibernética" (que a ciência moderna descobre, tanto na ordem biológica, quanto na ordem social) são um pálido reflexo deste poder "ontofânico" da palavra⁴. Mas, voltemos à Mensagem.

4. Jaa Torrano, em seu *Estudo e Tradução da Teogonia de Hesíodo* (São Paulo, RK Editores, 1986, pg. 20), fala do "poder ontofânico da palavra" para referir-se à força criadora do canto das Musas.

... aqui, a palavra que anuncia é categórica. Não se vale de metáforas, alegorias, parábolas ou paradoxos. Tampouco se reveste de doutrinas religiosas, filosofias sociais ou ideologias políticas. Aponta para "funções da vida", a pessoas "nobres", a "ofícios sagrados":

Sábios e Santos: serão sacerdotes, legisladores e guias.

Governantes: os que moderam e distribuem as correntes econômicas.

Produtores: benfeitores da humanidade.

E quem são os que ficam fora? Categórico. Os intermediários, os mercados do templo. E continua a Mensagem:

*... onde desaparecerão os intermediários entre Deus e o homem,
entre o professor e o aluno, entre o produtor e o necessitado.*

E os guerreiros? Na tradição hindu, ocupavam a segunda casta: *kshatriyas*. E, na Idade Média, formaram uma "Cavalaria espiritual". E houve epopéias guerreiras. E houve santos da espada. E houve também guerreiros malditos (mais de uma vez usurparam o poder e traíram sua missão histórica). Porém, há uma função cósmica correspondente ao guerreiro. Que papel desempenha o braço armado na organização da sociedade futura? Já Georg Picht anunciava que a função dos exércitos modernos estava se reduzindo, a ponto de serem "gendarmes de repressão de seus próprios povos". Em *Reflexões à Borda do Abismo*, Picht diz o seguinte: "A fome e a miséria crescentes, de um proletariado mundial em pleno crescimento, engendraram uma forma de guerra nova e horrível, contra a qual os grandes sistemas militares se revelam impotentes. A nova forma de guerra é uma guerra civil, conduzida segundo uma tática e uma estratégia de guerrilhas. Nenhuma polícia mundial será jamais demasiado forte para controlar o incêndio. Esta nova forma de doença política não poderá ser eliminada, a menos que se ataquem suas causas; e as causas principais das guerras civis são a fome, a exploração e a injustiça social de nosso mundo"⁵. Picht dizia isto lá pelos anos 70. Mas depois, veio a guerra contra o narcotráfico e a "guerra nas estrelas". E a pergunta permanece: como se maneja hoje, o que em termos militares se chama de "hipótese de conflito"? Ou será que as hipóteses de conflito já foram transferidas desde o campo de batalha militar para o espaço interior do homem?

O que nos diz a Mensagem da Renúncia sobre as guerras e revoluções?

Ensinal que o bem dos povos não é o resultado de guerras e revoluções, mas a capacidade expansiva, fruto do sacrifício, do trabalho, das migrações e da renúncia ao supérfluo.

5. G. Picht, ob. cit., pg. 58.

Na origem das civilizações, os novos protótipos são seres estranhos que vêm de outro lugar, filhos dos deuses ou filhos do deserto. Não se sabe quem foram seus pais, mas trazem uma nova ensinança para a humanidade, são portadores de "germes de futuro" e trazem uma nova linguagem, uma nova medida e um novo modelo para o homem.⁶

• **Dimensão universal da mensagem da renúncia**

A Mensagem de 1957 terminava com um acorde solene:

Guiar as almas em direção a esse novo mundo sem travas; é premente a hora, é esta a hora.

Estas não são palavras para um círculo pequeno, para uma determinada igreja, para um povo eleito. São palavras para a humanidade. É uma Mensagem universal. E tem a hierarquia das grandes mensagens universais.

Talvez, a Mensagem da Renúncia seja o mesmo Sermão de Benares e o mesmo Sermão da Montanha, pronunciado pela mesma Voz, mas através de outros mensageiros, em outro tempo, com outras palavras. É a mensagem para uma humanidade angustiada e expectante, que chegou aos mais altos cumes do conhecimento e ao mais profundo abismo do sacrifício, e que já está pronta para cruzar a barreira cósmica.

As palavras finais: "*é premente a hora*", "*é esta a hora*", têm o tom e a força de um chamado transcendente, a certeza de uma visão profética, a autoridade de um mandato sacerdotal.

6. R. P. Muñoz Soler, *Antropologia de Síntese*, pg. 123.

A exegese da Mensagem da Renúncia me levava a formular a pergunta chave: "Qual era mística do Mestre Santiago?". Indubitavelmente, não podia ser reduzida a uma teologia dogmática nem a um idealismo filosófico. Ele mesmo nos dizia que era uma "mística pura" que aprofundava suas raízes na tradição espiritual da humanidade. E, quando lhe perguntávamos o que queria dizer quando falava de "mística pura", respondia-nos o seguinte:

Tanto a mística de um Dionísio, o Areopagita, quanto a mística de um São João da Cruz ou dos místicos orientais, todos os místicos, ainda os cristãos, consideraram que, nos estados superiores da oração, todas as ideias e imagens, inclusive aquelas em conexão com a vida de Cristo, deviam ser postas de lado, como distrações que se interpõem no caminho da vida perfeita. A mística que surge agora é um estado espiritual da alma, não comum até o momento, mas há de ser a base de todo desenvolvimento futuro da vida humana.

O que queria dizer o Mestre com "um estado espiritual da alma, não comum até o momento"? Levei muito tempo para dar-me conta que esse "estado espiritual" era o "reverso" de todos os estados da alma que eu havia conhecido até então. E pude compreender que eu não podia "fabricar" esse estado e que somente podia entrar em contato com ele por "ressonância de similitude". Isso significou para mim, um grande descobrimento; soube de imediato o que era um "padrão de ressonância" e como a nova mística se transmitia por "radiação magnético-espiritual", uma força que eu, até então, desconhecera. Qual era a natureza desse estado "não comum", que já não era só um estado da alma (pelo menos tal como costuma ser entendida "a alma", na linguagem comum), senão que era algo "substancial" e que eu intuía como pertinente à ordem da vida? "Sim", dizia-me o Mestre, "mas não da vida comum e sim, da vida consagrada".

O que é "vida consagrada"? Uma metáfora? Um rito? Ou o símbolo de uma nova função da vida humana? Aprendi a revalorizar a "vida consagrada", através da presença viva do Mestre Santiago. E digo re-valorizar porque, por influência da ciência experimental e da filosofia existencial, eu havia des-vinculado (pelo menos desde a perspectiva da teoria do conhecimento), havia des-conectado o processo físico-químico da vida orgânica, de seu princípio transcendente e divino.

Qual era o sentido mais elevado de nossa missão na Terra? Quando vi o filme *Sociedade dos Poetas Mortos*, dei-me conta de que toda uma geração idealista havia fracassado. Já não era o momento de repetir a história. Agora, já não era suficiente um ideal para sustentar a vida, era necessária a vida para sustentar o ideal!

E, voltando à pergunta: "O que é vida consagrada?" Manter vivo o fogo sagrado no coração? Sim, mas não se deve confundir o símbolo com a realidade.

promessa. Mas há uma iniciação real que já não é uma promessa e sim, uma realidade "substancial" (não só vida consagrada, mas "vida redimida"). E o que é "vida redimida"? É um estado "não comum" da matéria, mas que a tradição espiritual da humanidade preservou sob símbolos muito herméticos: "transsubstanciação".

O sentido da consagração é "produzir" uma "substância" (união substancial), substância desconhecida na Terra, mas indispensável à vida. É o "sal" da terra, a "Água" da vida. É a missão sagrada realizada (ainda sem serem totalmente conscientes disso) pelos puros de coração, pelas famílias consagradas, pelas comunidades místicas. Quando esta função humano-divina é desvirtuada, a humanidade se degrada: é a traição dos mensageiros do espírito (eles também podem cair)!

Neste fim de século, assistimos consternados à eclosão de um fenômeno de imoralidade coletiva, de "transparência do mal" (como prefere chamá-lo, Jean Baudrillard). E esta irrupção do poder da Sombra se associa sincronisticamente com a "retirada da Luz" (ainda que a palavra "retirada" seja demasiado suave e, talvez, fosse melhor dizer, simples e diretamente, "traição"). Henry Corbin detecta agudamente a função mística do que ele chama de "*Ecclēsia Abscondita*" e que reconhece, enquanto forma visível, na "cavalaria espiritual". A investigadora Miriama Widakowich-Weyland, a quem já citamos em outra oportunidade, mantém com Corbin o seguinte diálogo:

M.W. – Em que consiste uma cavalaria espiritual?

C. – A cavalaria espiritual, em árabe *fotowwat*, refere-se fundamentalmente à natureza inicial do homem, ao pacto primeiro entre o homem e a luz. A cavalaria espiritual é uma comunidade, uma elite à qual pertencem tanto o Islam quanto o cristianismo.

M.W. – Conversando com Ricoeur e Benz propus a seguinte questão: se o homem, em certos momentos, se une indissolivelmente a Deus, participa necessariamente de seu poder. Mas, caindo no mundo traçoeiro da imaginação, não é concebível que algum homem viole o segredo do pacto sagrado, utilizando os poderes adquiridos em seu próprio benefício? E, dirigindo-me ao senhor, professor Corbin: pode-se supor que o homem, depois de haver rodeado o oitavo céu, desça ao mundo sensível, aproveitando – conforme suas ambições puramente humanas – o poder adquirido?

C. – Essa é a grande traição!⁷

E então? Então, para além dos símbolos, das cerimônias e dos ritos, começa a revelar-se na alma humana a função de um novo sacerdócio; o sacerdote já não como intermediário ritual de uma tradição, mas como "custódio" de um estado simples de consciência (ou, se quisermos dizer de outra maneira, como "testemunho simples de Ser").

7. Miriama Widakowich-Weyland, ob. cit., pg. 270.

Três recintos herméticos de iniciação espiritual. O primeiro recinto se constitui em função da "clausura mística da alma". Este recinto se fecha por uma decisão heróica do guerreiro do espírito: custodiar um espaço sagrado dentro de si mesmo.

O Cantar dos Cantares preserva, sob o véu simbólico da poesia mística, o mistério do recinto hermético da alma:

És jardim fechado, irmã e esposa minha;
és jardim fechado, fonte selada. (Cant. 4:12)

E eu perguntava ao Mestre: "O que significa esse jardim fechado?". E ele me respondia:

A tradição cristã não interpretou bem esta passagem e reduziu a ideia espiritual de "Horto fechado" a um simbolismo sexual. Sua significação é mais profunda, refere-se à clausura mística da alma, à "Porta sagrada" que custodiava a morada do Coração.

O segundo recinto se con-figura com a energia espiritual da "família consagrada". Sua pedra fundamental é o casamento, como símbolo humano do drama cosmogônico. É o fogo sagrado do lar, que transmuta a matéria terrestre no ouro puro da paz e da felicidade. A "família consagrada" é um campo magnético-espiritual gerador de Ordem. Neste recinto, o sacerdócio Al-químico do homem-e-da-mulher desintegra os compostos da herança de sangue e libera energia cósmica humanizada. Como função orgânica no Corpo Místico da Grande Obra, a "família consagrada" produz mais do que consome e faz transbordar o excedente, como economia social de participação. Porém, há algo mais. À medida que se purificam os sentimentos e se expande a consciência, a "família consagrada" começa a funcionar como "circuito de ressonância cósmica": órgão de inspiração de ideias nobres e matriz de gestação de almas elevadas que vêm morar sobre a Terra.

O terceiro recinto é o círculo hermético da "comunidade espiritual". "Não é para todos", dizia-nos o Mestre Santiago. E, acrescentava: "Ao cruzar a Santa Porta, deve-se deixar tudo, é a consagração de holocausto. Sem holocausto, a expansão total da Obra é impossível".

Oferenda de holocausto! Terríveis palavras. As Ordens Monásticas do Oriente e do Ocidente haviam dado testemunho. E preservam a tradição, ainda em nossos dias. Mas, o Mestre Santiago fundava na América, um novo tipo de comunidade espiritual, cuja missão era consumir a Obra pela ascética da renúncia e pela mística do coração.

Das parábolas do Evangelho, passamos aos paradoxos da ciência e às equações de poder. O conhecimento objetivo já não é tão objetivo: a medida de um "objeto" inclui o sujeito que o mede. O conhecimento integrado não nasce somente de uma nova ciência, mas de um novo homem de ciência; não só é uma vontade para transformar o mundo, mas uma consciência para transformar-se. Como diz Willis Hartman: "A vontade de transformar-se é a característica essencial do cientista participante"⁸. Eu falo de "princípio de inclusão".

Começamos a dar-nos conta de que o livro do universo não só está escrito em símbolos matemáticos, mas in-scrito em protótipos vivos. Porém, a estrutura de poder destes protótipos varia com o signo do tempo. Na antiga Escola de Atenas, Platão aponta para cima e Aristóteles, para baixo. E, na nova "Escola da Ciência", Einstein olha para cima, Planck para baixo e Fermi para adiante. Muito interessante é a caracterização de Fermi no testemunho de um de seus discípulos e que Fritjof Capra recolhe, em uma conversa com Geoffrey Chew: "Fermi era um pragmático extremo que não se interessava, de nenhuma maneira, pela filosofia. O que ele simplesmente queria era conhecer as regras que lhe permitissem prever os resultados dos experimentos"⁹. Mudança de paradigma: a "revolução científico-tecnológica" deriva da conjunção de três funções arquetípicas, simbolizadas pelo Sábio, pelo Cientista e pelo Alquimista.

No entanto, eles somente nos dão "a metade da fórmula". O "poder" do conhecimento alcança hoje, seu pico mais alto, mas o próprio conhecimento desemboca em um beco sem saída; o homem não fica integrado nas equações de campo; e os circuitos inteligentes, criados nos laboratórios com o pretexto de proteger a vida ("escudo defensivo" na estratégia da guerra nas estrelas) se convertem em espada da morte.

De qualquer modo, sem que muitos o advirtam, desde o começo do século vinha se preparando uma nova síntese do conhecimento e da vida, mas essa Síntese já não vinha como resultado da vontade de poder, mas em função de reversibilidade de valores.

O drama de Heidegger é haver percebido, com demasiada antecipação, o impacto que esta nova corrente do saber produziria na concepção do mundo e, ao mesmo tempo, ter-se dado conta da insuficiência dos meios (sobretudo da filosofia) para dar resposta à crise de desarraigamento do homem moderno. Em um documento póstumo, publicado no semanário alemão *Der Spiegel* (31 de maio de 1976), Heidegger anuncia o advento de um "pensar totalmente novo", mas denuncia a "insuficiência dos meios" (tanto da filosofia quanto das ciências particulares e das formas políticas) para pensar o *ser* da técnica, em sua dimensão planetária atual, essa "potência que se manifesta na essência da técnica e que o homem moderno não domina"¹⁰.

8. Willis W. Hartman, "The Transpersonal Challenge to the Scientific Paradigm: The Need for a Restructuring of Science", *Revision*, vol. II, n° 2, 1988.

9. F. Capra, *Uncommon Wisdom*, pg. 59.

10. M. Heidegger, "Solamente un dios puede todavia salvarnos" (entrevista), *Der Spiegel*, tradução de Juan Manuel Silva Camarena, publicada em *Revista de Filosofia*, ano XXII, n° 66, México, 1988.

O conhecimento que hoje possuímos
é um saber fragmentado.
Perdemos o vínculo
entre a árvore do conhecimento
e a árvore da vida.



Fritjof Capra, ao fazer-se eco desta brecha epistemológica, cita o seguinte aforismo chinês:

Os místicos compreendem as raízes do Tao, mas não seus ramos;
os cientistas compreendem seus ramos, mas não suas raízes.¹¹

As teorias modernas do conhecimento científico se aproximam de uma lei de campo unificado de "forças", mas não chegam a integrar a "vida" humana em suas equações matemáticas. Einstein acreditou, em seus últimos anos, haver chegado à sonhada meta do "campo único", mas teve que reconhecer que a fórmula unificadora escapava-lhe das mãos. Desiderio Papp, em sua biografia de Einstein, cita as próprias palavras deste gigante do espírito: "Com o problema do campo único, acontece como com um dirigível, no qual se pudesse muito bem navegar pelas nuvens, sem ver com clareza como aterrisar na realidade, isto é, na terra firme". E, Papp acrescenta:

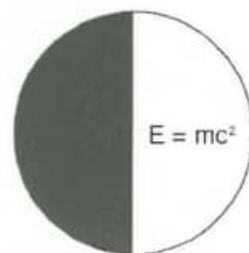
Em último termo, o que Einstein procurava era algo muito mais profundo que uma ligação entre gravitação e eletromagnetismo: procurava a união do próprio campo. Essa era a suprema meta – meta não alcançada e, talvez, inalcançável – dos ensaios contínuos, durante quase três decênios, pelo genial teórico.¹²

De minha parte, ao ler estas notas esclarecedoras de Papp, fazia a seguinte reflexão: se em uma pauta de síntese "a matéria não deveria aparecer como intrusa", tampouco deveriam sê-lo a consciência e a vontade (no caso de que se quisesse integrar realmente o homem, às leis do cosmos). E, quando conversava sobre estas coisas com o Mestre Santiago, ele me dizia: "*Einstein só chegou a revelar a metade da fórmula*".

11. F. Capra, *Uncommon Wisdom*, pg. 297.

12. Desiderio Papp, *Einstein, Historia de un Espiritu*, Madrid, Espasa-Calpe, 1979, pg. 277.

qual era essa “outra metade da fórmula”! No máximo, chegava a dar-me conta de que ainda as inteligências mais privilegiadas não podiam ultrapassar os limites de sua própria mente e que, quando a ciência procurava integrar as leis do homem às leis do universo, tinha que pedir emprestada à poesia ou à mística, uma variável de sentido. Mas, ficava com isso desvelada a “outra metade da fórmula”?



O místico aponta para a contemplação das essências, avança em direção à unidade do sentir e do ser, e chega à união da alma individual com a consciência cósmica. Mas, não sabe “voltar”, não encontra o “caminho de volta” entre a consciência unitiva do espírito e a multiplicidade de formas da vida. Teilhard de Chardin, “o grande jesuíta” e, sem dúvida, um dos profetas mais esclarecidos do século XX – assim como o reconhece Vicente Vetrano¹³ – inclui a consciência humana em sua visão totalizadora do universo, abarcando em uma mesma síntese iluminativa, a obscuridade da fé e a claridade da ciência, a reta via da revelação e o incerto caminho do conhecimento. Porém, a cosmovisão teilhardiana faz excessivas concessões às modernas teorias da evolução e não chega a formular uma equação de campo unificado entre a transcendência do espírito e a atividade da matéria.

Nem a filosofia, nem a ciência, nem a mística podem dar resposta à pergunta pela unidade do Conhecimento. Acaso poderá a Ética?

O pluralismo ético não pode eludir a crítica de relativismo moral. E o monismo ético não pode evitar a queda no fanatismo, na intolerância e na guerra santa. Nicolai Hartmann denuncia o “monismo ético” e aponta para uma “síntese dos valores”, mas não pode eludir o princípio gnoseológico (isto é, o princípio “de que a consciência não pode sair de sua própria esfera”¹⁴).

E o que dizem os poetas? Haveria que recorrer, preferentemente, aos poetas malditos. Um deles, William Blake, postula uma “síntese para baixo” (se pudéssemos dizê-lo nesses termos), ao profetizar um *Casamento do Céu e do Inferno*¹⁵. Octavio Paz, por sua vez, ao fim de uma exaustiva crítica das formas da poesia romântica, diz em seu *Verbo Desencarnado*: “A solidão continua sendo a nota dominante da poesia atual. A escrita automática, a idade de ouro, a noite que é um festim eterno, o mundo de Shelley e Novalis, de Blake e Hölderlin, não está ao alcance dos homens. A poesia não encarnou na história”¹⁶.

13. V. Vetrano, “Teilhard de Chardin: primeiro o castigo, agora o julgamento”. *La Nación*, Buenos Aires, 1988.

14. R. Maliandi, ob. cit., pg. 46.

15. W. Blake, *El Matrimonio* ..., pg. 37.

16. O. Paz, *El Arco y la Lira*, pg. 250.

A crítica à fragmentação do conhecimento não é suficiente para dar resposta à unidade do saber. Nem a crítica epistemológica nem a filosofia crítica bastam para transpor a brecha entre o caminho do conhecimento e o caminho da vida, porque não se trata – digamos – de uma brecha epistemológica e sim, gen-ética. Em outras palavras, a crise de fragmentação não se resolve por um novo pensar (crise do pensamento sistemático), mas por um novo “órgão do saber”.

Um novo órgão? Sim, das conexões eletroquímicas do cérebro físico, passamos aos circuitos de ressonância cósmica. Vozes dos deuses que começamos a “ouvir” como sinais energ-éticos, codificados em nossa própria biologia molecular. Algo assim como uma “viagem ao interior dos cristais”¹⁷ onde, por meio de avançada tecnologia, “a fascinante arquitetura dos cristais pode ser “ouvida” com a ajuda de receptores de som quântico”.

A partir daqui, a pergunta epistemológica por um novo pensamento se reverte na pergunta gen-ética por uma “nova mente”. Uma nova mente?

Do poder do conhecimento à expansão de consciência

Salto qualitativo, na organização do saber.

A humanidade dispõe hoje de um poder que, pela primeira vez, condiciona sua história futura. Trata-se do poder do conhecimento científico-técnico. Este imenso poder nos aparece atualmente, sob uma dupla face: luminosa e terrorífica. Georg Picht, em seu profético livro *Reflexões à Borda do Abismo*, analisa ponto a ponto estas contradições daquilo que chamamos desenvolvimento humano. “Por um lado”, diz Picht, “no nível que a ciência alcançou, o abismo que separa o pensamento científico moderno da opinião pública já não pode ser preenchido (brecha social) e, por outro lado, o maior poder do mundo atual, o poder científico, escapa a todo controle político (autonomia de poder)”. “Ainda mais”, acrescenta Picht, “a ciência escapa ao poder da própria ciência; apesar de que o campo de possibilidades teóricas da ciência seja ilimitado, na prática é limitado, não somente pela limitação dos meios financeiros disponíveis, mas pelos efeitos imprevisíveis que a própria ciência produz, efeitos que estão em vias de minar a infraestrutura social e política da própria ciência”¹⁸.

Este profundo abismo, denunciado por Picht, já não é somente a distância cada vez maior entre os povos ricos e os povos pobres, ou a brecha que continua crescendo entre o desenvolvimento do conhecimento e a sombra da ignorância, senão que se trata de uma brecha gen-ética, uma “bifurcação” de ordem evolutiva no desenvolvimento dos instrumentos do saber.

Uma nova mente entra em jogo para explorar o cosmos recém aberto. Da estrutura rígida do cérebro mecânico (pensamento por reflexão), passamos

17. Rudolf Peter Hübener, “Eine Reise ins Innere der Kristalle”, *Forschung-Mitteilungen der DFG*, 2/90.

18. G. Picht, *ob. cit.*, pg. 138.

enraizamento no sentir profundo).

Como se realiza este salto qualitativo? Hoje, assistimos ao estranho paradoxo de que os "produtos" do conhecimento operem como matéria obscura que bloqueia os circuitos por onde circula o conhecimento. E então, como se produz o trânsito entre o poder do conhecimento e a expansão de consciência? Por desintegração iluminativa da matéria do conhecimento!

O poder simbólico da técnica

Os antigos mistérios espirituais se realizavam nas covas das montanhas sagradas (recordemos a "Santa Cova" da virgem de Montserrat). De um modo ou de outro, canalizavam uma mensagem iluminativa. Hoje, os novos mistérios se realizam à luz do dia e transmitem uma mensagem vibratória: inscrevem uma mensagem cósmica na estrutura molecular da matéria humana. Um novo "poder" entrou no mundo.

Podemos dizer que, em escala planetária, a mensagem do novo signo do tempo se manifesta como a *essência* da técnica. Novamente, o fogo dos deuses se encontra nas mãos do homem! Nós acreditamos que manejamos esse poder, mas em realidade, ele nos maneja, controla-nos, determina-nos. Conhecemos os efeitos práticos das forças que liberamos, mas ainda permanece oculta a mensagem simbólica desse terrível poder.

Heidegger foi um dos primeiros pensadores modernos que propôs a pergunta acerca do "ser" da técnica (especificamente em sua atual dimensão planetária). Voltando ao diálogo já citado, publicado pelo *Der Spiegel*, Heidegger afirma contundentemente: "A técnica, em seu ser, é alguma coisa que o homem, em si mesmo, não domina". E quando o jornalista lhe pergunta se, apesar de tudo, o indivíduo humano pode exercer ainda alguma influência no tecido dos acontecimentos que comovem o mundo moderno, o ex-reitor da Universidade de Friburgo responde com uma sentença que haveria tirado do sério seus colegas acadêmicos (e talvez por isso, só autorizou que essas entrevistas fossem publicadas depois de sua morte): "Só um Deus pode ainda salvar-nos".

Só um deus pode ainda salvar-nos?

O diálogo com Heidegger chega a um ponto crítico, no qual o pensamento se detém. E Heidegger também se detém ali. É um profeta do deserto, um poeta anunciador, mas não entra na terra prometida. Intui um acontecimento numinoso por vir (*Ereignis*), mas não tem as chaves do céu. Conhece seus limites: "Vim demasiado tarde para a filosofia e demasiado cedo para o Ser".

O que Heidegger pressentia que iria vir, já veio! De repente, o que antes era dos deuses, agora é do homem. É a Revelação da nova era. Acontecimento paradigmático que, por baixo do quinto céu, veste-se com a roupagem da técnica: isto não é fácil de entender e a linguagem se vê obrigada a um giro metafórico. No Éon de Peixes, a Palavra evangélica teve que ser traduzida para as formas da filosofia grega, para fazer-se re-conhecível à mente racional da Idade Média. Mas hoje, a mente é outra, as ferramentas do conhecimento são

outras, o horizonte da história é diferente. No *Leon de Aquino* que começa, a Palavra primordial já não fala através de Platão-Aristóteles-Santo Tomás e sim, através da linguagem matemática de Einstein-Planck-Prigogine. A "veste" da Revelação não é filosófico-especulativa, mas científico-técnica. Não só são outras ideias, mas outros "símbolos". E, ao chegar a este ponto, voltamos a encontrar-nos com a intuição genial de Heidegger, a respeito do "ser" da técnica e do desafio que esse "ser da técnica" propõe ao intelecto, como poder simbólico.

Poder simbólico da técnica? Conhecemos o "poder pragmático" da técnica ("converter as pedras em pão"); é o poder que nos seduz e que hoje se apresenta a nós como mensagem de salvação (é-nos dito que é a força que pode mudar o mundo e oferecer a felicidade ao homem!).

Mas, há um "poder simbólico" da técnica que se oculta por trás da utilidade prática dos instrumentos: "A técnica moderna não é um instrumento e não tem nada a ver com os instrumentos", diz Heidegger em seu discurso póstumo. E acrescenta, conseqüentemente com sua posição de avançado no tempo: "Ainda não temos nenhum caminho que nos leve ao "ser da técnica"".

Eu crelo, no entanto, que um pouco avançamos. Para além do caminho metafísico para aceder ao "ser" da técnica, chego a vislumbrar a "função simbólica" que faz da própria técnica, uma "pauta que conecta". Trato de explicar-me. A mensagem do novo signo do tempo me é revelada de uma forma completamente nova: o que eu havia visto inscrito por dentro, encontro-o, agora, escrito por fora. A "signatura" do espírito em minha própria matéria, aparece-me no cenário do mundo, transcrita e traduzida na linguagem universal da técnica. Eu vejo que a técnica, em seu "ser", possui um "poder simbólico" de organização da matéria do mundo, que vai além de suas aplicações práticas. O que antes estava no cosmos, agora está no homem e no mundo. E esse "algo" que se instalou na vida cotidiana é "alguma coisa que o homem, em si mesmo, não domina" (nas palavras de Heidegger).

O que acontece é que continuamos utilizando a técnica como "instrumento" de dominação do mundo (e do homem). É o que se ensina nas universidades e nos institutos tecnológicos dos países desenvolvidos. Porém, nas vanguardas do saber, Universidade de Síntese, e no novo âmbito do pensar como "diálogo ativo com o mundo", começamos a descobrir o "poder simbólico da técnica" como força potencial de inter-mediação no processo de desenvolvimento humano. Na nova relação do homem com o "ser" da técnica, os circuitos eletrônicos de comunicação, os supercondutores, a radiação de "fótons", a implosão-expansiva da matéria e tantos outros fenômenos que atualmente manipulamos por fora, através de instrumentos de alta tecnologia, começam a operar também por dentro, ao modo do *opus alchemicorum*, mas agora, utilizando o poder simbólico da técnica como "chave" de liberação de energia e expansão de consciência.

Heidegger reconhece a "insuficiência dos meios" que utilizamos até agora para aceder a esse potencial (chamemo-lo "teúrgico") do "ser" da técnica, em sua dimensão planetária, "insuficiência" que ele faz extensiva às ciências particulares, à filosofia e à política (incluindo a democracia) como meios para resolver a atual crise do homem.

E então? Segundo Heidegger, a única coisa que podemos fazer é preparar as condições para o Advento de um pensar completamente novo (*Ereignis*)".

Heidegger se detém ali, nesse umbral profético; no máximo, chega a dizer: "Só um Deus pode ainda salvar-nos". E, quando lhe é pedido que esclareça um pouco mais seu pensamento e diga quais seriam essas "condições", acrescenta: "Pode-se preparar uma *conversão*, mas ela não pode ser produzida pela adoção do budismo Zen ou de outras experiências do mundo, feitas no Oriente".

Estimo que essas "condições" já estejam se dando no mundo de hoje, através da ciência, da técnica, da mística e do sacrifício dos inocentes, e que, nesse tecido de relações invisíveis, começa a esboçar-se a silhueta de um novo órgão do saber, em escala planetária, uma nova mente.

Teilhard de Chardin já o havia adiantado.

Heidegger fala de um "Acontecimento" por vir (*Ereignis*).

Jean Gebser intui a irrupção de um novo estado de consciência.

Gregory Bateson, em *Passos em Direção a Uma Ecologia da Mente*, faz notar a "brecha" entre seu modo de pensar e o de seus alunos:

Quase todos os anos se propagava uma queixa vaga, que poderia ser resumida assim: "Bateson sabe algo, mas não te diz", ou "Por trás do que Bateson diz há algo, mas nunca diz de quê se trata". E Bateson se dá conta de que a diferença entre seu pensamento e o de seus alunos "surgia do fato de que eles haviam sido adestrados para pensar *indutivamente*, desde os dados para as hipóteses, mas nunca o foram para verificar as hipóteses mediante a *dedução*, a partir dos elementos fundamentais da ciência ou da filosofia".¹⁹

Eu conversava com o Mestre Santiago acerca destas intuições que, desde as primeiras décadas do século, vinham sendo formuladas a respeito do despertar de uma "nova mente" ou de uma "supermente", como alguns a chamavam. Eu dizia ao Mestre que, em minha opinião, essa mente superior, ou mente intuitiva, sempre existiu, que foi (e é) patrimônio dos grandes místicos, sábios e poetas, tanto antigos quanto modernos; que os caminhos ascético-místicos da antiguidade levaram muitas almas à conquista da mente superior e que, no momento atual, o que muitos descobriam como o advento de algo novo, não era mais que a extensão a toda a humanidade desse "algo" que já existia. Dizia-me o Mestre:

Está completamente equivocado, a humanidade nunca possuiu a nova mente em outras épocas, nem mesmo os seres excelsos. A nova mente cabe ao homem atual.

O momento atual, pelo qual passa a humanidade, é de uma grandeza excepcional. O homem é homem, desde há milhares de anos, mas em um momento preciso, há como que uma explosão e o ser humano emerge para novas possibilidades: isto é o que ocorre atualmente. Não se trata de algo que tenha vindo se preparando de forma gradual; a humanidade continua sempre na mesma linha, até que chega o momento crítico e se produz um salto. Desde 1935, formou-se outra estrutura mental na humanidade.

Eu volto a perguntar: "Podemos supor que nós possuamos essa nova mente?".

Sim, alguns de nós já possuem essa nova mente. A nova mente está ali, o que acontece é que muitos não a utilizam.

19. G. Bateson, *Pasos Hacia una Ecología de la Mente*, Buenos Aires, Carlos Lohlé, 1976, pg. 17.

tinuamos usando-a; e quando pensamos, fazemo-lo por analogias e comparações. Mas, colocados no plano da nova mente, damo-nos conta de que todas as coisas que os seres humanos criaram ou que possam criar com sua mente racional estarão sempre dentro do marco das coisas velhas.

Aqueles que possuem a nova mente, ao dar-se conta da redução que o marco racional impõe à iluminação interior das ideias e da própria barreira da linguagem comum à livre expressão da alma, vivem todas essas limitações com um grande desgosto.

Seja como for, começava a dar-me conta de que o fluxo do conhecimento unificado, procedente de diferentes áreas do pensar e do sentir, como outras tantas correntes invisíveis de energia/consciência em busca do mesmo centro, pré-figurava a silhueta de um novo órgão planetário de síntese.

Um novo Magistério Universitário

"Universidade de Síntese" é algo que ainda não existe. A única coisa que existe em termos de universidade é uma "galáxia de particularidades", fragmentos de uma unidade perdida. Perdeu-se o vínculo das partes com o todo.

Em meu livro, *Universidade de Síntese*, ao abordar a crítica à atual estrutura universitária, resumi meu pensamento nos seguintes termos:

Quando a universidade do século XX parece haver alcançado a plenitude de seu desenvolvimento (expansão de seus campus, poderio de seus institutos tecnológicos), descobre-se que traz em seu seio o germe de sua própria decadência, serve ao sistema, mas deixou de servir ao homem.²⁰

Os estudantes da década de 60 quiseram fazer algo, mas fracassaram. De qualquer modo:

O sentido da revolta estudantil e de sua reação mundial em cadeia escapa à crítica sociológica contemporânea; viu-se somente a crista de uma onda de violência, mas não se foi à raiz essencial do fenômeno, à enigmática mensagem que flui da vida profunda da juventude. Fez-se algo para que tudo continuasse igual. O poder político não soube advertir os signos do novo tempo. Os velhos condutores não souberam canalizar a corrente de energia humana que se havia liberado subitamente no planeta, apaziguaram os claustros, mas a violência explodiu em outro lugar e sob outra forma. Quanto aos estudantes, eles realizaram uma experiência política, com derivações filosóficas, mas a revolução do saber ficou inconclusa.²¹

A Universidade de Síntese, como ideia, re-descobre a unidade arquetípica do Conhecimento e da Vida. A plasmação desta "Síntese" do saber teve diferentes expressões que podemos reconhecer através da história da cultura. O templo egípcio era um centro iniciático, a sabedoria vinha dos deuses. A Academia grega, uma escola de filosofia, diálogo entre mestre e discípulo. A catedral gótica, uma síntese arqui-tectônica. O mosteiro, um recinto de interioridade, uma cápsula mística. E, em plena Idade Média, surge a universidade como "*gymnasium*" da inteligência, para o desvelamento de ideias universais.

Já no século XIII, Raimundo Lúlio, médico e filósofo, localizando-se na transição da Idade Média para o Renascimento, realiza, em sua obra cume, *Ars Magna*, a síntese mais completa do saber de sua época, abarcando nela, tecnologia, alquimia, ciência e filosofia. Em *Raimundo Lúlio*, Juan Cuatrecasas

20. R. P. Muñoz Soler, *Universidad de Síntesis*, Buenos Aires, Depalma, 1984, pg. 4.

21. Idem.

diz que a filosofia luliana tendia a uma religião ecumênica, a um cristianismo universal, apoiado em uma epistemologia, também universal²².

Já em nosso tempo, Teilhard de Chardin, com seu olhar posto no porvir, já havia advertido, com suficiente antecipação, as novas ideias que se delineavam no horizonte e fez um chamado à Igreja para que não deixasse passar ao largo aqueles elementos "germinativos" que pudessem operar como sinais de síntese no processo de integração do conhecimento e da vida:

Estou preocupado pelo fato de que falte à Igreja um órgão de investigação, diferente de tudo o que existe e se desenvolve a seu redor. Esta investigação é uma questão de vida ou morte, fato que não pode surpreender os teólogos em sua vida tranquila. Há hoje, problemas que ardem, que ninguém coloca claramente nem trata deles de frente, a não ser em alguma conversa privada. Existem ideias, ainda em bruto e parcialmente equivocadas, mas libertadoras, que germinam e morrem no espírito de indivíduos isolados. Necessitaria, penso, de um órgão para recolher, centralizar e purificar tudo isto; quase diria um "laboratório", dedicado a essas experiências. Isto, para prevenir um cisma entre a vida natural e a Igreja.²³

Este "cisma", do qual fala Teilhard, tornou-se mais transparente nos poucos anos que transcorreram, desde que pronunciou suas palavras proféticas, e já não é somente uma brecha entre a religião e a ciência, senão que se tornou patente a "fratura" na unidade do próprio homem.

Neste contexto social, de ruptura da unidade do saber e de perda da imagem do mundo, emerge a ideia arquetípica de "Universidade de Síntese", como prefiguração de um novo "órgão" planetário que começa a operar como ponto de convergência entre o caminho do conhecimento e o caminho da vida, e como lugar de encontro entre o homem que pergunta pelo cosmos e o cosmos que pergunta pelo homem. E voltam (transfigurados) Raimundo Lúlio, Gottfried Wilhelm von Leibniz, Teilhard de Chardin... para configurar, com os jovens sábios de nosso tempo, o Novo Magistério Universitário.

Qual é a função específica deste novo "Magistério"? Acaso contribuir para que "a inteligência entre ao serviço do amor (como quer Saint-Exupéry)? Algo mais!

Nestes últimos tempos, floresceu, à margem da universidade acadêmica, uma multidão de modelos alternativos, todos eles válidos como tentativas de recuperar uma parte da tradição cultural e espiritual da humanidade que não encontrou cabida na universidade profissionalista e técnica. Mas tais formas alternativas não dão resposta ao desafio radical que se apresenta hoje à humanidade: possuir o conhecimento necessário para cruzar a barreira cósmica!

22. J. Cuatrecasas, *Ramón Llull, Médico y Filósofo*, Barcelona, Espanha, Rojas, 1977, pg. 53.

23. P. Teilhard de Chardin, citado por Pietro Ubaldi, *A Descida dos Ideais*, São Vicente, Brasil, Monismo, 1967, pg. 101.

Ao aproximar-nos velozmente desse umbral do desconhecido, vemos que se adianta um novo Magistério Universitário. Mas, o que é Universidade de Síntese? A reforma universitária não basta, trata-se de criar algo novo.

A civilização do terceiro milênio propõe à universidade, interrogantes muito mais profundos que os que costumamos chamar de "problemas universitários". A pergunta fundamental continua sendo, como re-unir o caminho do conhecimento e o caminho da vida. Mas, a síntese não vem pelo caminho da ciência e sim, pelo caminho do homem, porque a unidade do homem é, antes da unidade da ciência. Recuperar esta unidade perdida é a função primordial do "Magistério Universitário", porém para isso, não é suficiente mais informação e sim, mais vida. A chave é transmitir certos *traços qualitativos da vida humana* que operam como ingredientes catalíticos no processo de desenvolvimento de uma consciência inclusiva (que inclui o homem na ecologia cósmica).

Em resumo, Universidade de Síntese não é uma construção do pensamento, mas uma plasmação das forças do espírito²⁴.

A tecnologia não basta. Os supercomputadores representam hoje a "última palavra" de nossa civilização técnica, mas para entrar na era de síntese, não é suficiente a última palavra (que pode ser também a palavra do "último homem"), faz falta a "primeira" e esta "primeira palavra" não a têm os computadores, têm-na os professores.

Ao abordar o tema da Universidade de Síntese, o primeiro que nos aparece é a pergunta pelos princípios mais gerais que fundam sua pedagogia, sua metodologia, seu desenho.

• Pedagogia de Síntese

O ensino da nova era não é ideológico, mas *vibratório*. O mundo mudou, o meio cósmico é diferente, as bases da educação são outras. Hoje, o que conta não são as ideias, mas o meio onde elas se *revelam*. A fragmentação do conhecimento nos levou a um beco sem saída; temos mais informação, mas menos visão; temos mais técnicos e profissionais, mas menos professores.

A pedagogia de síntese se funda em uma reversibilidade de valores; transfere o pensamento superficial a um sentir profundo, para despertar o ritmo de um pensar por analogia.

Martin Heidegger, referindo-se à universidade, diz o seguinte:

Os domínios das ciências estão muito distantes entre si. O modo de tratar seus objetos é radicalmente diverso. Esta diversa multiplicidade de disciplinas se mantém ainda unida, graças tão somente à organização técnica das universidades e faculdades, e conserva uma significação, através da finalidade prática das universidades. Em troca, o enraizamento das ciências, em seu fundamento essencial, foi perdido por completo.²⁵

24. R. P. Muñoz Soler, *Magisterio Universitario y Pedagogía de Síntesis*, Buenos Aires, Depalma, 1985.

25. Citado por Richard Wisser, *Martin Heidegger im Gespräch*, Friburgo-Munich, Verlag Karl Alber, 1970.

E então, por que não eu de "Universidade de Síntese", como dando a entender (mediante esta palavra "síntese") que seria possível juntar todos estes "fragmentos" e re-construir a unidade perdida? Em outras palavras, venho acaso para propor um novo "modelo para armar"? De nenhuma maneira. O que acontece é que, com a ideia de "síntese", entramos em um pensar que sente, que não é somente um pensar profundo, mas um "pensar expansivo". E aqui se apresenta uma primeira dificuldade com a linguagem, dificuldade que encontram todos aqueles que, de uma ou de outra maneira, tentam cruzar a barreira do pensamento racional.

A palavra 'síntese' é equívoca como conceito, mas fecunda como símbolo. Para além da linguagem conceitual, está surgindo hoje uma linguagem *vibratória* (energético-simbólica), indispensável para passar de uma pedagogia de fragmentação a uma pedagogia de síntese.

Sobre a base deste enraizamento do pensar nas fontes profundas da vida, é possível intuir os princípios mais gerais de uma Pedagogia de Síntese. Quais são estes princípios?

- Princípio de **anterioridade** A Pedagogia de Síntese opera como pedagogia do **antes**:

antes da queda na fragmentação do conhecimento;

antes que se produza a deformação profissionalista pela especialização de funções;

antes que a vida se cristalice em uma forma.

- Princípio de **inclusão**

Consciência de Si.

Integração do conhecedor naquilo que se quer conhecer, mas não como simples observador e sim, como participante.

Inclusão da consciência humana nas leis gerais do cosmos.

Realizar por dentro o que se quer construir por fora.

- Princípio Al-químico

Para fabricar ouro, é preciso ter ouro.

"Àquele que tem, dar-se-lhe-á. E ao que não tem, ainda o que tem lhe será tirado".

Restabelecer a relação mestre-discípulo, em função de ressonância por similitude.

Delicada tarefa para os educadores do futuro: operar como "catalisadores humanos" que preparam as condições de "inter-me(d)io" para o salto co-evolutivo de consciência, anelado pelas gerações que vêm.

O primeiro movimento que se antecipa a uma Metodologia de Síntese é a criação de um novo "meio pedagógico". Também aqui, como diria Mc Luhan, "o meio é a mensagem". Já não é somente a informação que circula pela árvore do conhecimento, mas a *seiva* (substância do saber) que flui pela árvore da vida.

Da universidade profissionalista, passamos à universidade do homem.

Produziu-se no homem de nosso tempo, uma perigosa fratura entre a vontade de poder e a consciência de ser. Como já dissemos, o grande desafio, que a nascente cultura de Síntese nos propõe, não é a pergunta pela unidade da ciência, mas a resposta pela unidade do homem. O homem dividido é incapaz de síntese. O que hoje nos orgulha e nos seduz não é o conhecimento, mas o "poder do conhecimento", não é a consciência de ser e de saber, mas a vontade de poder. Bem é certo que o poder do conhecimento nos trouxe as vacinas, os antibióticos, os eletrodomésticos, os computadores e as viagens espaciais; mas também é certo que perdemos o dom de entender a linguagem dos pássaros e de compreender-nos a nós mesmos; fabricamos objetos com fins práticos, mas perdemos o poder criador; por fora, vamos à conquista de estrelas distantes, mas por dentro, desembocamos no vazio existencial e na perda de sentido.

Esta perda da imagem do mundo é a raiz do desequilíbrio existencial do homem e também a chave secreta da crise universitária. A universidade de hoje tem respostas para o conhecimento, mas não tem resposta para o homem. Poder-se-á argumentar, dizendo que o pensamento científico moderno avança em direção a uma concepção holística, cibernética, ecológica, mediante a informática, a teoria geral de sistemas e as equações de campo unificado das forças. Tudo isto é certo, mas também é certo que os "robôs" e os "seres matemáticos" não incluem o homem em seus circuitos integrados: são fórmulas de poder – por meio delas podemos transformar as pedras em pão – mas, faz tempo que se disse que "não só de pão vive o homem".

O que é que falta, então? Nietzsche deu sua resposta em termos metafísicos: "Chegou o momento de que o homem se proponha sua meta". Mas hoje, a resposta já não é metafísica, mas energ-ética. O que nos falta é descobrir o ponto interior de reversibilidade de valores.

Durante séculos, avançamos em linha reta; "entramos" no mundo da matéria, mas não sabemos "sair" dele.

A "crise" atual não está precisamente no desenvolvimento do conhecimento, mas na *des-mesura* do poder; ruptura do vínculo com a fonte primordial do ser. O paradoxo do que hoje chamamos de "desenvolvimento" é dar-nos conta de que esse desenvolvimento nos conduz a uma crise de sentido. Todo o conhecimento de que dispomos na atualidade não nos devolve uma imagem do mundo nem um sentido da vida. A força dirigida em uma só direção nos conduz a "nenhum lugar" ("é mais fácil gritar para adiante, que para onde", diz Edward Matchett). A busca desse "para onde" (a pergunta pelo sentido) já não pode ser realizada por fora (por fora não há caminho), mas por dentro, "remontando a costa da água" (como diria Leopoldo Marechal).

Porem, atenção! Esse caminho de "retorno", essa viagem de "saída", essa "peregrinação às fontes", requerem, como primeira condição, deter-se para olhar; voltar a tomar as forças da vida em nossas próprias mãos e a ouvir a voz do guia invisível que marca o rumo para o reino do desconhecido. Mas a chave para percorrer este "caminho de volta" não é mítica nem poética, mas energética. Já não se trata de vontade de poder e sim de "reversibilidade de valores", e isto marca um novo rumo à metodologia da educação.

Já não podemos encontrar o fundamento metodológico da Universidade de Síntese pelo mesmo caminho de uma universidade que perdeu seu próprio fundamento. E então? Então, a única coisa que podemos fazer é preparar as condições para o advento de uma nova revelação do saber. Quer dizer, encontramos-nos ante o mistério de uma nova "iniciação" da criança na escola.

Voltar a ser crianças? Sim, certamente. E voltar a experimentar o "mistério" de iniciação, no círculo hermético do saber! Até não faz muito tempo, esse "mistério" era preservado (ainda que reduzido) no ingresso da criança na escola. Hoje, a comoção anímica desse "mistério" se perdeu por completo. Thomas Berry é um dos poucos que se deram conta dessa dessacralização do ensino/aprendizagem:

Não há nenhuma Divina Comédia... A criança que entra na escola e começa seus estudos da Terra ou seus estudos sobre a vida não experimenta nenhuma presença sobrenatural. Nem sequer a escola de orientação religiosa, que adotou só extrinsecamente a concepção moderna da Terra, pode provocar na criança esta experiência; muito menos poderá fazê-lo a escola de tipo secular. A história não está completa, não tem nenhum aspecto humano nem espiritual. Isto tem uma importância muito especial porque os anos de escola da criança desempenham agora, em nossa sociedade, um papel muito semelhante ao que desempenhavam as cerimônias de iniciação, nas sociedades tradicionais.²⁶

Mas, nas crianças de hoje, a "cerimônia de iniciação" (se pudermos chamá-la assim) já foi realizada pela TV, muito antes do ingresso na escola. De modo que, se quisermos recuperar o mistério de "iniciação" ao saber, teremos que re-descobrir o "círculo hermético", em níveis mais elevados de consciência. Em outras palavras, ante o colapso de sentido de nossa civilização racionalista e técnica, tarde ou cedo, em algum lugar do planeta, teremos que começar tudo de novo.

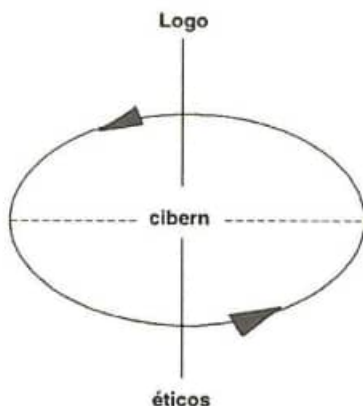
Hoje, "o novo" não pertence à ordem do pensamento, mas à ordem da *revelação* (como já dissemos em outra oportunidade: o que conta não são as ideias, mas o espaço onde elas se *revelam*).

Este giro epistemológico, esta reversão do pensamento, leva-nos a descobrir novas orientações no campo metodológico. Como premissa para uma metodologia de síntese, chegamos a dar-nos conta de que *antes* de toda programação pedagógica, antes de toda lei de ordenamento do sistema educativo, o que se coloca

26. Th. Berry, ob. cit., pg. 225.

como fundamento inicial (na ordem do saber) é criar as condições humanas de ressonância cósmica que tornem possível a "circulação da luz".

Quando falo de "circulação da luz", refiro-me a criar um circuito simbólico de "inclusão" que *conecte* a consciência humana com as correntes de energia cósmica. Uma obra de arte. Não se trata somente de circuitos técnicos (eletrônicos, informáticos), mas de circuitos que podemos chamar de "logo-cibern-éticos".



Muda a geometria do movimento do saber.

Porém, o que é "circulação da luz"? É "algo" que move o conhecimento, a organização e a vida. Os antigos sábios o descobriram através da mística; os cientistas de hoje começam a intuí-lo em função da ciência e da técnica. E a metodologia de síntese tenta criar as ferramentas adequadas para que mística, ciência e técnica con-figurem um circuito integrado que "conecte" a consciência humana com a energia cósmica.

O sábio chinês Lū Tzu, no *T'ai Chin Hua Tsung Chih*, revela a geometria desta corrente única "do ser e da vida" que vincula a luz do céu com a natureza do homem:

O ser e a vida são invisíveis porque estão contidos na luz do céu; a luz do céu não pode ser vista porque está contida nos dois olhos.²⁷

Para uma pedagogia de Síntese cientificamente fundada, necessitamos conhecer as *leis* desta "circulação da luz" (quer dizer, descobrir o caminho, o *método*, por meio do qual se produz o trânsito da luz da inteligência à saúde do corpo e ao desenvolvimento da consciência). Como diz Maslow, em *O Homem Autorrealizado*: "Quanto mais aprendemos acerca de nossa natureza interior, mais fácil será ser bom, feliz, proveitoso, respeitar-se a si mesmo, amar, realizar nossas mais elevadas potencialidades". Neste

27. Citado por Richard Wilhelm e C. G. Jung, *Il Mistero del Fiore d'Oro*, Bari-Roma, 1936, pg. 101.

circuito da "circulação da luz", aprender é também crescer, estar sadio e curar-se das enfermidades e da morte.

Aqui, passamos da pedagogia de informação, à sabedoria da luz. E a pergunta metodológica permanece: "Como se sustenta a corrente que une o ser e a vida?"

Erwin Schrödinger, um dos pais da física quântica, pergunta-se: "Como faz um organismo para retardar seu caminho em direção à degradação e à morte?" e responde: "Alimenta-se de entropia negativa". E eu me pergunto: Poderemos aprender a alimentar-nos diretamente de "entropia negativa"? E respondo com palavras de Schrödinger: "O fornecimento mais importante de "entropia negativa" para as plantas é, evidentemente, a luz solar"²⁸.

O maior desafio para a Universidade de Síntese é criar as condições para uma pedagogia fundada no princípio de "entropia negativa" e na matriz logocibernética da "circulação da luz". E isso requer, como já o dissemos várias vezes, uma mudança radical de mentalidade; giro epistemológico e metodológico: passar da contradição dos opostos à reversibilidade de valores.

Um novo discurso do método? Sim e não. E não tão novo. A "circulação da luz" é o princípio fundamental da vida. Mas, esquecemo-lo (desde que tivemos nas mãos a geometria de Euclides). Voltemos a Lū Tzu: "O segredo do sortilégio da vida consiste em valer-se da ação, para alcançar a inação". E nos revela a regra de ouro: "O trabalho para a rotação da luz se afirma sobre o "movimento inverso", a fim de preservar a ideia (a sede da consciência celeste, o coração celeste)"²⁹.

Tudo isto parece muito esotérico. E o é ("circulação da luz", "entropia negativa", "movimento inverso", valer-se da ação para alcançar a inação). Mas, se quisermos criar uma pedagogia gen-ética (do ser e da vida), fundada nos princípios metodológicos de "circulação da luz", teremos que poder constituir ferramentas práticas, já não sobre a base de figurações simbólicas, mas por interação do homem com a segunda natureza, criada pelo homem. E com isso, voltamos à pergunta:

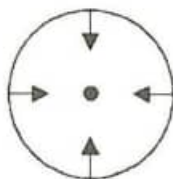
O que são os "circuitos Logo-cibernéticos"? São "matrizes" de alta organização, por onde circula a seiva da Vida. Meio "humano-técnico" para estar, para viver, para saber, para ser. Se por uma ou por outra causa, não se produzir o contato adequado com algum destes circuitos gen-éticos, a vida seca, debilita-se, degrada-se.

Quais são estes "circuitos primordiais" que configuram a geometria invisível (metodologia e desenho) da Universidade de Síntese?

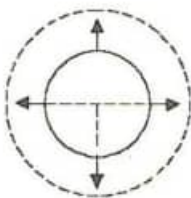
28. Erwin Schrödinger, *Qué es la Vida?*, Barcelona, Tusquets, 20 ed., 1984, pgs. 114-115.

29. R. Wilhelm y C. G. Jung, ob. cit., pg. 102.

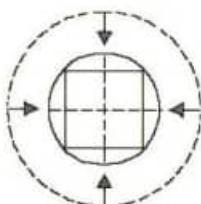
O primeiro circuito é de
ressonância humana



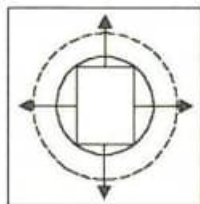
O segundo circuito é de
ressonância cósmica



O terceiro circuito é de
trabalho alquímico



O quarto circuito é de
ressonância social

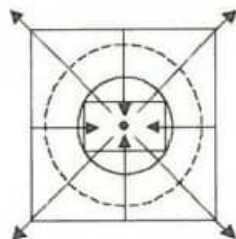


É aprender a lei primeira ("sejam unidos os irmãos", como diz Martín Fierro). É criar o espaço do encontro humano. Instrumento de interioridade. Residência universitária.

Consciência ecológica.
Descobrir os caminhos invisíveis de comunicação.
Iniciar o conhecimento do universo por ressonância de similitude.

Aprender a transmutar a "matéria" do conhecimento em liberação de energia e expansão de consciência.
Reversibilidade de valores.
Aprender a criar a forma e a desintegrar a forma (para que a vida não fique aprisionada na forma).

Aqui se aprende a compreender, já não por informação, mas por participação. Consciência social do "estudante aprendiz".
Introdução às funções sociais e aos ofícios sagrados.



Manter abertos os canais verticais de comunicação entre o Céu e a Terra.
Aprender a respiração cósmica: inspiração da ideia e expiração da Obra.

Qual é a diferença entre um circuito técnico (mecânico ou cibernético) e um circuito logo-cibern-ético?

- No circuito técnico, é suficiente conhecer as regras da arte para que o resultado seja correto. A implicação do sujeito é intelectual, sensorial e motriz, mas não necessariamente ética (se a pessoa que os manipula for correta ou incorreta, isso não afeta os resultados, na ordem prática).
- Nos circuitos logo-cibern-éticos, constitutivos do ser humano, com alta implicação da consciência, a dimensão ética do comportamento desempenha um papel chave. Aqui, tem validade o aforismo chinês: "Método correto com pessoa incorreta: resultado incorreto. Método incorreto com pessoa correta: resultado correto".

É possível plasmar na forma, a ideia de universidade de Síntese? Desafio para os arquitetos do futuro!

Em um seminário que realizamos em 1987, na Sociedade Científica Argentina, sobre "A ciência frente aos confins do conhecimento", o arquiteto Gustavo Loiseau abordou o tema da "Arquitetura Orgânica, como resposta ao despertar de consciência do homem planetário". Depois de passar revista às formas arquetônicas, desenvolvidas pelas diferentes culturas, Loiseau tenta aproximar-se do projeto da futura Universidade de Síntese, mas se detém ante os modelos de fragmentação do espaço que surgem das ciências particulares. E se pergunta: "Qual é a forma do habitat humano que cabe ao novo "corpo" do homem?" E resume seu pensamento em breve síntese:

O novo corpo de que necessitamos talvez nasça à luz das novas ciências do espírito, na compreensão do estado de consciência latente no homem de hoje. Ali estão os arquitetos, artistas, pedagogos, camponeses, estudando os fenômenos desde o novo ponto de vista, para aceder ao conhecimento das forças formativas, de suas leis de metamorfose, de mãos dadas com as novas geometrias que levam estes processos e sua compreensão a níveis de consciência. Uma geometria como desenvolvimento do pensar, tornando consciente a passagem desde as formas em movimento, às formas estáticas.³⁰

Minha reflexão sobre o trabalho de Gustavo foi a seguinte: vimos os restos arquetônicos de culturas desaparecidas, como imagens – congeladas no tempo – de suas respectivas cosmovisões. E, na atualidade, vemos as construções da técnica moderna. Mas, como diz Octavio Paz, essas construções são "úteis", são "símbolos da ação", mas não são imagens do mundo. E então, surge uma pergunta: É possível intuir a forma arquetônica que corresponde ao incipiente despertar da consciência cósmica da humanidade de nosso tempo?

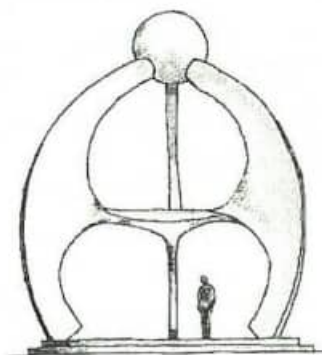
O arquiteto Loiseau respondeu:

Eu não sei se estamos, atualmente, em condições de encontrar essa forma, mas sim, posso dizer, que há um "ressoar" do espaço cósmico no espaço interior do homem. Talvez, olhando para dentro, possamos descobrir os primeiros traços da forma nova. Necessitamos de um novo espaço, mas esse espaço tem que ser criado por nós, com um novo espírito. Talvez, este novo espírito já esteja sendo criado, neste momento, sob esta abóbada escura, um germe muito delicado, cuja forma veremos quando a luz volte a brilhar.

Na busca de propostas artísticas e técnicas que pudessem servir de ponto de apoio a uma arki-tectura simbólica, orientada para o desenvolvimento

30. R. P. Muñoz Soler, et al., "La Ciencia Frente a los Confines del Conocimiento" (folheto), Buenos Aires, Sociedad Científica Argentina, 1987.

da nascente consciencia cosmica, encontro-me com a obra de Gyula Kosice, apresentada na Exposição Internacional de Escultura ao Ar Livre, que foi inaugurada por motivo dos Jogos Olímpicos de Seul, em 1988.



Aqui, três braços sustentam no alto a Terra, enquanto juntam suas mãos no centro e mantêm aberto o espaço interior: "Minha escultura é a única transitável internamente. Quero que os visitantes dialoguem com o cosmos, caminhando ou sentando-se nela"³¹.

Plasmar o arquétipo de síntese em formas arki-tectônicas para que a própria dinâmica do projeto opere como ferramenta no processo educativo de expansão de consciência. Volto a repetir: um desafio para os arquitetos do futuro.

31. Gyula Kosice, "Esculturas en el Parque Olímpico de Seul", *La Nación*, Buenos Aires, 25 de setembro de 1988.

Da filosofia política à gen-ética social

Nas águas profundas da vida está se gestando um novo corpo.

Em seu belo livro, *O Corpo Humano*, J. H. Van Den Berg nos diz que por volta do ano 500, coincidindo com a Regra de Bento de Nursia, inicia-se no Ocidente um novo modo de existência pessoal: "A regra de São Bento fundou o corpo moderado, a corporalidade comedida que nos adorna verdadeiramente"³². E isso de "moderado" ele o diz, em contraposição ao ideal dos anacoretas, que castigavam o corpo.

Hoje, assistimos (por dentro e por fora) a um desmoronamento de formas e a uma des-integração de funções; do corpo "moderado", passamos ao corpo "fragmentado" e estamos entrando em uma fase de corpo "mutilado" (e isto, tanto na ordem individual, quanto na social).

Hoje, em escala social, os problemas humanos não encontram solução porque perdemos contato com o princípio ordenador que confere unidade de sentido à sociedade política. A crise da sociedade contemporânea é uma crise de "Corpo". E, quando falo de "princípio ordenador", não me refiro a um princípio metafísico e sim, a essa Presença invisível que chamamos de "alma do povo" e que faz do corpo político um lar social. Talvez a tarefa das revoluções do futuro seja devolver ao corpo social, suas funções arquetípicas (hoje mutiladas ou reduzidas a uma força única de produção e consumo).

Quando um povo recupera sua missão histórica, qualquer sacrifício é possível, qualquer doença é curável, qualquer problema encontra solução. Porém, querer substituir o espírito da "obra" pela letra da organização, só pode conduzir ao fracasso. E isto é, precisamente, o que está ocorrendo hoje, o fracasso!

A patologia social de que padecemos já não é de ordem política, mas gen-ética (o sistema imunitário da organização se debilitou). A filosofia política não tem resposta para esta doença de autoimunidade. Terá resposta a sociologia crítica?

A sociologia se torna hoje "sistêmica", incorpora o método científico à investigação dos "fenômenos" sociais, mas muito a miúde, perde de vista a *Anima socialis*. Diz o jovem sociólogo Rolando Lazarte, em sua tese de doutorado, intitulada "As Fronteiras do Homem e da Sociologia":

Caberia perguntar-se se hoje, a sociologia, que foi eficaz em destruir os mundos de fantasia e aparência, em nome da verdade científica e da razão, terá algo para dar a esse homem que se debate no sem sentido das megalópolis modernas, massacrado nas garras de um sistema que lhe tira o melhor de si, seus melhores anos, sua força, sua criatividade, para vomitá-lo como um despojo quando já está exausto, robotizado, imbecilizado, aniquilado como criatura humana? Terá a sociologia algo

32. J. H. Van Den Berg, *El Cuerpo Humano (una investigación metabólica)*, Buenos Aires, Carlos Lohlé, 1964, pg. 136.

a sociologia seja um caminho sem coração, uma a mais entre as formas com que a sociedade destrói o ser humano, em nome e a favor de algo, sempre maior e sempre mais valioso que ele mesmo, chame-se a isso, progresso, civilização, religião, ciência?³³

Jean Baudrillard, em sua crítica à sociedade organizada, declara abertamente o "fim do social". "Isto não quer dizer que essa sociedade não funcione bem", esclarece, "pelo contrário, funciona demasiadamente "bem", mas à custa de perder esse ingrediente qualitativo que, precisamente, chamamos de "o social". Nossa "sociedade" está, quem sabe, pondo fim ao social, sob a simulação do social"³⁴.

Se, apesar de tudo, a sociedade "funciona" (o comércio funciona, os espetáculos funcionam, a ciência funciona, os órgãos transplantados funcionam), este é o argumento dos que têm olhos e não veem. Voltando uma vez mais ao diálogo com Heidegger, o jornalista do *Der Spiegel* argumenta: "Pois, no fim, tudo funciona; sempre se constroem mais centrais elétricas, a produção segue seu curso, os homens – na parte do mundo onde a técnica conhece grande desenvolvimento – têm suas necessidades bem providas. Nós vivemos no bem estar. Afinal, o que é que falta aqui?". E Heidegger responde: "Tudo funciona. Isso é o certamente inquietante, que isso funcione e que o funcionamento entranhe sempre um novo funcionamento".

E eu digo: sim, tudo funciona, mas algo morre!

Algo se perdeu, algo essencial (e substancial), um ingrediente "catalítico" que pertence à ordem "nobre" da vida, um "fermento", uma levedura que faz possível que a massa se transforme em pão. A poesia sempre quis (e quer) "encarnar" na história, mas fracassa uma e outra vez: as comunidades hippies fracassaram, a rebelião estudantil de 68 fracassou, o marxismo revolucionário fracassou, a mística social de Gandhi fracassou na Índia, o ecumenismo religioso fracassou. Faltou ideal? Não. Faltou fogo! O canal de ressonância entre a luz do céu e a vontade do homem é frágil, "termolábil", um pequeno incremento da temperatura passional (egoísmo possessivo, zelo acadêmico, vontade de domínio, poder econômico, massificação social), qualquer destas variáveis é suficiente para "pôr fim" ao pacto de "Aliança" e desembocar no "fim do social". E, quando o fogo sagrado se retira, o que fica continua sendo vida, mas vida "residual". Quando o "sentido" (que é inerente à Vida, com maiúscula) se retira, o que fica já não é sabedoria, mas informação (pura e simplesmente). E, quando tudo se "socializa", o que fica já não é sociedade, mas "organização" (pura e simplesmente).

O que é que advém, uma revolução ou uma "gesta"?

Hoje, passamos de uma filosofia política ao "paradoxo social" (Peter F. Drucker fala dos "paradoxos do desenvolvimento" em *The New Realities*). A socie-

33. R. Lazarte, "As Fronteiras do Homem e da Sociologia (um passelo por ali)", tese de doutorado, São Paulo, Escola de Sociologia e Política.

34. J. Baudrillard, *Cultura y Simulacro*, Barcelona, Kairós, 2ª ed., 1984, pg. 171.

quade a agimentada, fruto do humanismo e da revolução industrial, da passagem à "aldeia global", que se inicia com a revolução cibernética. Porém, no eixo vertical da história, é pré-sentida a "gestação" de um novo fenômeno humano.

Uma nova sociedade universal se adianta ao tempo político das nações. Quais são as funções, ferramentas e formas sociais em gestação? Como se pré-figura a potencialidade gen-ética do novo impulso de desenvolvimento?

Falta-nos linguagem para assinalar com alguma precisão os parâmetros de ordem da nova sociedade. Os termos que utilizávamos para descrever a organização que conhecemos até ontem são insuficientes para revelar as configurações de poder que orientam as correntes biomagnéticas do novo corpo orgânico que começamos a sentir e a re-conhecer como "nosso novo lar". Os conceitos básicos que nos aproximavam do conhecimento da ordem social, política e econômica, tais como "comunidade organizada", "contrato social", "sociedade política", "Estado", "Igreja", como tantas outras "matrizes de ordem", são insuficientes para pôr a descoberto a natureza desse produto que chamamos de "o social", valor de relação humana que apreciamos idealmente como de elevada hierarquia, mas que, na prática, escapa-nos constantemente das mãos. E, quando em certo momento, acreditamos haver alcançado a consumação desse valor social – já seja através de ideologias políticas, teorias econômicas, filosofias de desenvolvimento ou em função de tecnologias cibernéticas que nos levavam (e nos levam) a uma sociedade cada vez "mais" organizada ("cidades inteligentes") – damos-nos conta de que as teorias de desenvolvimento nos conduzem, de uma ou de outra maneira, aos "paradoxos do desenvolvimento": "O desenvolvimento, que os economistas e os políticos dos anos 50 prometiam, iria eliminar a pobreza. Em troca, a primeira coisa que fez por toda parte, foi criar uma nova classe média"³⁵.

Hoje, mais que de organização (pura e simplesmente) deveríamos falar de "organogênese", o que implica em entrar em ressonância com o "poder" que governa o desenvolvimento. Não me refiro ao poder político, ao poder econômico, ao poder das corporações, ao poder dos sindicatos, ao poder da droga, ao poder dos meios, mas simplesmente ao "poder".

Vontade de poder? Ou consciência do poder? O discurso sobre o poder se esgota em suas próprias contradições internas. As premissas metafísicas ou empíricas, que até ontem serviram de fundamento teórico ao discurso político – "Politeia", em termos de Jorge García Venturini³⁶ – e que, inclusive, serviram de base à organização dos Estados modernos, já não respondem às necessidades de uma humanidade que cruzou a barreira cósmica. A própria ideia de "Estado", plena de vigor no século passado, já não tem a mesma coerência com a realidade social; a "espontaneidade social" transborda dos marcos formais do Estado. O grande Ortega y Gasset, uma vez mais, havia-se adiantado à crise de valores deste final de século:

Quaisquer que sejam as últimas causas da ruína do Império Romano, é indubitável que a mais imediata consistiu no esmagamento da

35. Peter F. Drucker, "Las Nuevas Realidades", *La Nación*, Buenos Aires, 4 de março de 1990.

36. J. L. García Venturini, *Politeia*, Buenos Aires, Troquel, 1978.

espontaneidade social, por um Estado desproporcionalmente periclitado. O Estado romano aniquilou, secou até a raiz, aquele mundo esplêndido. Hoje, tenta-se recair no mesmo mortal tratamento dos problemas nacionais.³⁷

De qualquer modo, a pergunta pela estrutura do “poder” permanece.

Alvin Toffler nos diz que entramos em uma era marcada pela “mudança do poder” (*Powershift*): “Vivemos um momento em que toda a estrutura do poder que manteve o mundo unido se desintegra e outra, radicalmente diferente, vai tomando forma”. E resume seu diagnóstico da situação na ordem social e econômica, dizendo que não se trata somente de um deslocamento do poder de um setor a outro ou de uma classe a outra, ou simplesmente de uma questão de redistribuição da riqueza, senão que “se trata de uma repentina e radical mudança na natureza do poder”³⁸.

O estudo de Toffler é profundo e, ao examinar o jogo recíproco entre as ferramentas básicas do poder – “força-riqueza-conhecimento” – oferece-nos valiosas pautas de referência para a interpretação da mudança social e pontos de apoio para o manejo das forças que hoje governam o mundo, mas não chega a penetrar na microestrutura disso que ele mesmo chama de “mudança na natureza do poder”. Descreve a onda que se produz na superfície do magma social, mas escapa-lhe o fenômeno gestante (a “gesta”), embalado pelas águas profundas da vida.

As equações do “poder” não só se determinam por variáveis quantitativas, senão que se configuram com ingredientes qualitativos (gen-ética do poder). Da filosofia do poder, passamos à “geometria do poder”.

Geometria do poder? Dupla face do movimento do poder. Direção inversa das duas correntes (“serpentes”) do caduceu de Mercúrio. Guerra imperial de conquista das legiões romanas? Ou mão da misericórdia divina? Poder material? Ou poder espiritual? Energia do poder? Ou consciência de poder?

Em nosso tempo de aceleração da mudança, produziu-se uma situação inédita na geometria de forças que, até agora, governava o jogo do poder. O poder se tornou autônomo, escapou das mãos dos aprendizes de feiticeiro. Eu já não penso, senão que sou pensado pelos meios de comunicação de massas. Na ordem econômica, como diz Max-Neef, “O sistema já não se expande para satisfazer as necessidades de desenvolvimento humano, mas para assegurar o crescimento do sistema”³⁹. E isto, apesar do poder do conhecimento (porque, voltando a citar Picht, “se bem que o poder científico seja o maior poder que hoje governa o mundo, a ciência não é capaz de governar seus próprios resultados”).

E então? Então, a chave para as novas gerações que vierem com a missão de organizar a Terra será recuperar o “centro” do poder.

37. J. Ortega y Gasset, “Argentina, una promesa”, *El Espectador*, vol. VI, setembro de 1929.

38. A. Toffler, *El Cambio de Poder*, Barcelona, Plaza y Janés, 1990, pg. 25.

39. Manfred Max-Neef et al., *Desarrollo a Escala Humana, una Opción Para el Futuro*, Santiago de Chile, CEPUR-Fundación Dag Hammarskjöld, 1986.

Para o manejo inteligente das forças de desenvolvimento humano, já não será suficiente uma ciência política sustentada em modelos teóricos de organização social, senão que será necessário aceder ao "potencial germinativo" da própria vida, e já não pelo caminho da filosofia política ou da engenharia genética, mas em função de uma *mística* do poder.

Mística do poder quer dizer reversão da vontade de poder e verticalização do eixo da história. Desvelamento do "sentido" da ação humana no campo de forças da consciência cósmica. Conquistar o verdadeiro "centro" do poder é penetrar no recinto sagrado do "coração celeste" (como diria Lû Tzu) e participar desse "mistério" da criatividade que consiste em "valer-se da ação para alcançar a in-ação". A "mística do poder", para a civilização que vem, já não se funda na luta de classes, nas revoluções políticas ou nas armas inteligentes, mas em um "raio" de poder de natureza completamente nova. Faltam-me palavras para nomear essa "força" que já não vem somente da vontade do homem, senão que nasce de um "pacto de Aliança" com o poder dos deuses, mas se tivesse que dizer algo, diria que é algo assim como pôr asas de consciência humana na serpente que ascende pelos canais invisíveis de nossa própria árvore da vida.

No eixo da história, verticaliza-se o homem. O "caduceu de Mercúrio" deixa de ser uma figura simbólica para fazer-se eixo paradigmático da Gen-ética social do futuro. O deus do comércio e da economia é também o mensageiro humano do deus das comunicações (aquele que leva o conhecimento, junto com as mercadorias). O novo sujeito da história é um "mensageiro divino humanizado" (é mais que um deus, porque assegura não somente a circulação da luz, mas a circulação dos bens da vida).

Deste acoplamento da vontade humana com a consciência cósmica, nascem as novas configurações simbólicas de poder. Já não somente uma economia (pura e simplesmente), mas uma Economia providencial. Já não só uma genética (pura e simplesmente), mas uma Gen-ética social. E não somente uma técnica robótica informatizada, mas uma Logo-cibern-ética da luz.

O "olhar" do homem volta a ser o olhar dos deuses. Lû Tzu o sabia: "A luz do céu não pode ser vista porque está contida nos dois olhos". Os antigos maias também o sabiam⁴⁰.

O poder divino humanizado muda o curso da história

Hoje, assistimos ao fracasso dos partidos políticos em governar a Terra. Octavio Paz, referindo-se especialmente aos partidos europeus, diz: "Todos eles estão mais interessados em conservar o poder que em preparar o futuro"⁴¹. O discurso político está esgotado (teve a mesma sorte que o discurso teológico). E se esgotam (na prática) os princípios teóricos que serviram

40. A pintura de William H. Bond aparecida na *National Geographic*, vol. 169, n° 4, 1986, assim o indicaria.

41. O. Paz, "Los Partidos Europeos", *La Nación*, Buenos Aires, 14 de dezembro de 1986, pg. 9.

Nem a China pode encontrar resposta a seus problemas políticos nos textos de Marx e Engels (ver o que aconteceu em Tiananmen), nem a União Soviética pode manter a coesão de seu gigantesco corpo social com base nos princípios da ditadura do proletariado, da economia planificada e da luta de classes (Gorbachov), nem os Estados Unidos podem manter o "Império Americano" com base na doutrina Monroe e no *big stick*.⁴²

Os corpos gigantesco vêm abaixo (a queda dos dinossauros é uma história que nos contaram, mas esta "segunda queda", nós a estamos vivendo; é uma queda gravitacional dos organismos sociais, por perda de luz). "O tempo das nações passou", advertia profeticamente Teilhard de Chardin. E os sociólogos modernos (Baudrillard) interpretam boa parte da violência desencadeada na sociedade de consumo como fenômenos de "implosão de massa". Bem poderíamos dizer, sem exagero, que os poderes invisíveis transbordam para as forças visíveis que, até ontem, governavam a história.

Já falamos do poder da Sombra. Mas agora, tentaremos aproximar-nos da "circulação da luz". Trata-se da configuração de circuitos invisíveis (a luz é invisível), por onde circula a energia de liberação.

Quais são as ferramentas sociais de transição co-evolutiva que permitem à humanidade do futuro, passar da biosfera terrestre à noosfera cósmica?

- Economia providencial
- Gen-ética social
- Bio-tecnologia espiritual

42. Heidi e Alvin Toffler, "Cara a cara con Gorbachov", *La Nación*, Buenos Aires, 14 de dezembro de 1986, pg. 9.

• O que é economia providencial?

É uma Logo-energ-ética. Tratemos de esclarecer.

Como se define? Como economia do esforço humano ("Ganharás o pão com o suor de teu rosto")? Ou como gratuidade da Providência divina ("Deus proverá")? Qual é a alternativa? "A riqueza das nações" (The Wealth of Nations, Adam Smith)? Ou a pobreza evangélica (São Francisco de Assis)?

A economia, como as demais ciências particulares, perdeu seu enraizamento na unidade do Ser (como diria Heidegger); ainda mais, ficou desarraigada da unidade da vida (reduzida ao jogo de variáveis econométricas). Manfred Max-Neef, Prêmio Nobel Alternativo de Economia, lamenta-se de que "a economia, filha da filosofia moral, tenha esquecido sua mãe e se tenha convertido em uma disciplina cada vez mais desumanizada"⁴³.

Para voltar às origens e recuperar a economia como ferramenta de desenvolvimento humano, necessito descobrir minha "função" no ecossistema global, que é como dizer "saber meu ofício", o papel que cumpro na economia do universo. Para além da luta de classes, da riqueza das nações, da pobreza do Terceiro Mundo e para além do poder das transnacionais e da circulação eletrônica do dinheiro, trata-se – para re-descobrir o "sentido do esforço" – de desvelar a função cósmica do trabalho humano. Qual é a função do "reino" humano em uma economia ecológica que integra a natureza elementar que está abaixo do homem e os estados de consciência além do homem?

Para que possamos chegar a uma economia em escala humana, não é suficiente assegurar a rentabilidade do capital e oferecer ao operário melhores condições de vida, mas fazer do "produtor" um benfeitor da humanidade (pela dignidade do "ofício"); transferir ao corpo social não só uma "mercadoria" (um produto econômico), mas um "bem social" (plasmação de valores humanos na matéria do mundo). Esta economia humana, no contexto de uma ecologia cósmica, é algo mais que um intercâmbio de bens e serviços e, logicamente, algo mais que a circulação do dinheiro em circuitos

financeiros mundiais: é uma função de enlace co-evolutivo, de transmutação de matéria, liberação de energia e expansão de consciência. É algo mais que uma economia (pura e simplesmente) e mais que uma ecologia. É uma Logo-energ-ética, con-figuração da linguagem que utilizo para simbolizar a "ponte" de energia entre o campo potencial de consciência cósmica (Logos espiritual) e a vontade analógica do homem (ética do esforço).

Economia providencial não é uma teoria econômica a mais e sim, o "padrão arquetípico" (sócio-energ-ético) da mensagem do novo signo do tempo. Em outras palavras, não nasce de uma filosofia política, mas de uma história sagrada, desde a economia ascética dos padres do deserto, o *ora et labora* dos monges beneditinos, até a moral econômica dos quacres e o trabalho honesto dos proletários da terra (isto é, de todos aqueles que não conheceram

43. M. Max-Neef et al., ob. cit.

nenhuma teoria econômica, mas que soberam viver do trabalho, do sacrifício e da renúncia ao supérfluo).

O que chamamos de economia providencial (em função de uma economia humana de participação na vida cósmica) é uma economia "fundacional" (de revelação e plasmação). A tradição espiritual da humanidade preservou a integridade de seu modelo arquetípico, sob diferentes figurações culturais, desde o ano jubilar no Levítico ("Neste ano, voltará cada um a sua posse", Lev. 25:13), a tentação do deserto no Evangelho cristão ("Não só de pão vive o homem", Lc. 4,4), até a posse comunitária da terra e dos alimentos, dos aborígenes americanos (dakotas, charruas e outros).

O que hoje resta dessa economia das "origens", o que se chama de economia de mercado (reduzida à atividade de "agentes econômicos" anônimos), é apenas um "resíduo" daquela ciência sagrada que a tradição primordial preservava como economia da vida humana. E a ela voltamos hoje, voltamos a "fundá-la", mas não com instrumentos da teoria econômica e sim, com homens e mulheres que se constituem como ferramentas humanas, seres ativos no marco de uma economia cósmica, cujo código "logo/energético" começa a operar nos circuitos eletroquímicos da Terra.

Para pôr em prática a Economia providencial como ferramenta para a expansão de consciência, não é suficiente uma mística (como intuição do sagrado) nem uma ética (como princípio de solidariedade social), senão que necessitam de uma *energ-ética* de reversibilidade de valores.

Diz Victor Massuh, em um artigo publicado no jornal *La Nación*, de Buenos Aires, que a grande aventura de nosso tempo é "recuperar a unidade do sagrado, buscar o princípio de unidade da cultura"⁴⁴. De minha parte, sinto que o resgate deste "princípio de unidade da cultura" já não vem pelo caminho da *philosophia perennis*, mas pelo descobrimento das leis universais que governam o movimento da energia sagrada no homem. Este princípio, que é comum a todos os seres humanos (se é que ainda podemos chamá-lo de "princípio"), não se manifesta no mundo de hoje como "princípio de razão", mas como "força que perturba a razão". Não é que a razão tenha que descobri-lo, senão que, como bem aponta Massuh com precisão de linguagem, "impõe-se à razão". É a humanização dessa força sagrada o que temos que aprender a manejar e, já não por uma filosofia espiritual ou por uma economia social, mas por uma *energ-ética* de reversibilidade de valores.

Por que digo "*energ-ética*" e não, simplesmente, "*ética*"? Nicolai Hartmann, cuja ética se funda, em grande medida, em uma ontologia dos valores, ao esboçar a estrutura do *ethos* da pessoa, diz o seguinte: "O ponto medular da personalidade reside, apesar de toda individualidade e concreção, ali onde ela volta a incorporar-se como mera pessoa entre outras, à comunidade e seus destinos históricos. Assim, com efeito, assume conscientemente a carga de uma responsabilidade superior. E só suportando-a e fortalecendo-se sob seu peso, manifesta-se sobre seu verdadeiro *ethos*. No suprapessoal, deve-se acreditar encontrar o mais pessoal do homem". E, a seguir, Hartmann acrescenta: "O *ethos* verdadeiro da pessoa não consiste no *ethos* da própria busca ou de um fazer-se valer, mas na entrega e no esquecimento de si mesmo"⁴⁵.

De qualquer modo, uma "*ética*", seja de fundamento ontológico (Hartmann) ou metafísico (Heidegger), ainda projetando-se como ética social (como predicaram e praticaram – pelo menos em certa medida – todas as revoluções sociais e também as economias sociais de mercado), não parece ser suficiente para levar a consciência humana ao nível da consciência cósmica.

Nem mística espiritual, nem ética racional, nem política social bastam para liberar o potencial energético, encerrado no coração do homem. Porém, no umbral da aventura cósmica, conquistada a energia atômica, o próximo passo é liberar a energia encerrada na matéria humana. A Economia providencial, fundada em uma ciência sagrada de reversibilidade de valores, dá-nos a técnica para converter matéria em luz e luz em matéria (ou, como diria Simone Weil, permite-nos estender uma ponte entre a "gravidade e a graça"⁴⁶).

Novo sentido do "poder", não só pela "vontade de poder" sobre a natureza, mas pela consciência da "natureza do poder".

44. V. Massuh, "Del Pluralismo a la Unidad", *La Nación*, Buenos Aires, 10 de julho de 1988.

45. Citado por R. Maliandi, ob. cit., pg. 93.

46. Simone Weil, *A Gravidade e a Graça*, São Paulo-ECE editora.

• O princípio ecológico dos “bens sociais”

Quando o Mestre Santiago nos falava de Economia providencial, não se referia somente a uma ascética de “virtudes” individuais, mas também a uma mística de “bens sociais”. A Renúncia (com maiúscula) era algo mais que uma doutrina de salvação, era também uma economia de liberação:

O homem necessita de dois pães, o pão material e o pão espiritual.

A Renúncia, como ascética espiritual de apartamento dos bens transitórios, tinha um sentido muito mais profundo que a simples “negação do mundo e da vida” (já o dissemos). Era – é – também uma técnica de liberação de bens humanos, para resolver os problemas da vida.

Eu posso renunciar como indivíduo, como personalidade, mas minha renúncia seria vã se, de alguma maneira, não oferecesse aos demais seres humanos um ponto de apoio para liberar-se da dor e do mal.

Economia providencial é a energia de uma “vanguarda espiritual” que se antecipa às correntes sociais de vanguarda. É uma “força” que, pela arte sagrada de reversibilidade de valores – a natureza, que havia sido “des-animada” e “des-sacralizada” pela técnica – volta a recuperar o encanto e o sentido de seu Logos essencial e a sociedade humana recupera (por via energética) sua alegria de viver.

Economia providencial é uma práxis espiritual que põe a descoberto os “bens sociais”. E aqui, vem uma primeira pergunta: o que é um bem social (expressão da qual tanto se abusa, sem entender bem seu sentido)? Mas, antes de responder a esta pergunta, temos que examinar como se desenvolve o processo de socialização na sociedade de massas de nosso tempo. Vejamos o que diz a respeito Jean Baudrillard:

As sociedades modernas respondem a um processo de socialização ou de dessocialização progressiva? Tudo depende da acepção do termo. [...] Assim, algumas instituições que marcaram os “progressos do social” (urbanização, concentração, produção, trabalho, medicina, escolarização, segurança social, seguros, etc.), compreendendo nisso o capital, que foi sem dúvida o meio de socialização mais eficaz de todos, pode-se dizer que produzem ou destroem o social no mesmo movimento. Desde este ponto de vista, pode-se dizer que o social regressa, na mesma medida do desenvolvimento de suas instituições.⁴⁷

Baudrillard não resolve esta aparente contradição, mas assinala dois momentos críticos, no processo que conduz ao “fim do social”.

47. J. Baudrillard, *Cultura y Simulacro*, pg. 114.

funcional: algumas instituições funcionais assumem os resíduos da desintegração simbólica (a segurança social assume tudo o que o corpo social não integrou e deixou como restos: pobres, vagabundos, dementes, desempregados)". O outro ponto crítico que conduz à morte do social é quando o aumento de riqueza (não distribuída adequadamente) destrói a ordem social: "Essa reversão de riqueza, que era operada em outros tempos no sacrifício, sem deixar lugar à acumulação de um resto, é intolerável para nossas sociedades". Até aqui, Baudrillard e sua aguda crítica a um processo de "socialização" que se mostra incapaz de produzir reais "bens sociais".

Claro que, se bem que se possa compreender que a sociedade civil fracasse em sua tentativa de realizar uma real economia em escala humana, poderíamos supor que a sociedade espiritual (as Igrejas), com uma ética de renunciamiento, de desapego, de solidariedade, poderiam alcançar esse fim. Porém, as Igrejas também fracassam, quando a ordem simbólico-espiritual fica substituída (subvertida) por "instituições funcionais": quando o sacerdote esmoleiro do templo fica substituído pelo funcionário arrecadador de impostos e quando o "sacrifício" da distribuição de bens fica substituído pela acumulação de riqueza.

• O princípio espiritual de "não posse"

Só desterrando do coração dos homens o Credo de Posse, poderão ressuscitar e viver.

Voltamos a destacar o poder simbólico da palavra "des-terror". Foi dito: "Procriai e multiplicai-vos e enchei a Terra; e, submetei-a" (Gên. 1:28). Mas, também foi dito: "Não está aqui, ressuscitou" (Lc. 24:6).

O novo Prometeu já não fica encadeado à rocha do Cáucaso (por irreversibilidade do tempo e posse de bens materiais), senão que "inverte" por dentro a direção da força e encontra o caminho de liberação por transmutação de matéria, liberação de energia e expansão de consciência: em termos de Economia providencial, é a "in-versão" da força. Neste duplo movimento da energia humana, o ofício, a família, o trabalho, o capital, a economia, já não são simples instrumentos "úteis" para fins práticos (pragmatismo social das teorias econômicas), mas ferramentas de "integração simbólica" de valores, para os fins de uma economia cósmica da vida, que transcende os bens materiais.

De qualquer modo, "des-terror do coração" o sentido possessivo sobre os bens da vida, por mais que esteja fundado em uma mística espiritual ou em um ideal social, não deixa de ser um "sacrifício". Mas, é precisamente esse sacrifício o que ressacraliza a matéria, redime-a, leva-a a um nível mais elevado de consciência.

O problema econômico da sociedade moderna não tem saída por meio de instrumentos puramente econômicos. Para fabricar ouro (diziam os alquimistas) é preciso ter algo de ouro e esse "algo de ouro" não pode ser provido por uma sociedade de consumo que esgotou não só as reservas naturais de energia, mas as reservas humanas de sentido. Esse "ouro inicial" para pôr em movimento a "nova riqueza das nações" já não vem do capital, nem sequer do trabalho, mas de um novo "sacrifício".

é uma economia de "totalidade", não só uma força para construir a Terra, mas um instrumento para quebrar o isolamento cósmico do homem (des-terrando de seu coração, o credo de posse).

A ciência moderna nos mostra um universo dinâmico, cheio de forças, mas vazio, quero dizer "desabitado": as pedras da lua, a radiação galáctica, o colapso das estrelas, a dança de partículas, são "fatos", dados da ciência, mas não chegam a cobrir a desnudez de nossa alma. O cosmos não é ainda nossa casa e, menos ainda, nosso corpo.

Fala-se muito de "economia ecológica", mas se reduz a resultados práticos (para viver melhor sobre a Terra). A Economia providencial quer resultados práticos ("bens sociais"), mas transcende os resultados práticos e olha para as estrelas.

Um novo ideal? Não. Uma nova energia! A conquista do espaço exterior foi sonhada durante milênios, mas não pôde ser realizada até dispor de uma superenergia. E com o "des-terror" do credo de posse acontece o mesmo (não basta uma mística, precisamos de uma nova economia da vida; e economia da vida não é só crescer e multiplicar-se, mas também, "ressuscitar e viver").

• O princípio social de "reversão da riqueza"

Qual é a função do que chamamos de "bem social"? Baudrillard diz que "o social está aí para velar para que se enxugue o aumento de riqueza que, redistribuído sem outra forma de processo, arruinaria a ordem social"⁴⁸.

De qualquer modo, para que a economia funcione em "escala humana" (como propõe Max-Neef) nem *toda* a riqueza há de ser revertida (utopia do usufruto generalizado), porque isso significaria, pura e simplesmente, o "fim do social"; seria o mesmo que se *toda* a massa se convertesse em energia (seria aniquilado o mundo material) ou se o jovem rico do Evangelho houvesse vendido realmente tudo e repartido entre os pobres (haveria ficado "ninguém" para contá-lo). Baudrillard resume seu pensamento antes mencionado, dizendo:

Esta reversão da riqueza, de toda a riqueza, que se operava em outros tempos no sacrifício, sem deixar lugar à acumulação de um resto, é intolerável para nossas sociedades. É inclusive nisto que são "sociedades" – no sentido de que produzem sempre um excedente, um resto.

Qual o destino desse "resto"? A economia providencial postula uma "teoria econômica do excedente":

Uma parte do que se tem irá sistemática e ordenadamente às crianças, aos doentes, aos incapacitados, fracos, anciãos e outros necessitados.

Não dou "o que me sobra" (teoria da beneficência), mas uma "parte do que tenho", do que possuo (providência para os necessitados).

48. J. Baudrillard, *Cultura y Simulacro*, pg. 114.

espiritual, é quando nos damos conta de que "nossos bens materiais não nos pertencem inteiramente"; quando vemos com clareza que muitos seres humanos desconhecidos contribuíram com eu trabalho e seu sacrifício para produzir o que temos e surge em nós a vontade de oferenda incondicional (dar uma parte do que tenho para satisfazer as necessidades daqueles a quem não conheço nem nunca conhecerei).

De qualquer modo, a Economia providencial, ainda enraizando-se nesta consciência social de participação, transborda o marco do que poderíamos chamar estritamente de uma "economia humana", para adentrar-se (e encontrar seu fundamento) nas correntes profundas, sustentadas pela mística do amor.

O que chamamos de economia providencial não pode ser reduzido ao que Eugen Loebel chama de "*Humanomics*"⁴⁹ nem ao que Henryk Skolimowski descreve como "Humanismo Ecológico"⁵⁰, sem desmerecer por isto o esforço destes autores para superar a crise das atuais teorias econômicas. O que acontece é que hoje, assistimos ao colapso de todos os modelos econômicos que criamos "humanos" e que surgiram de sistemas filosóficos ou de ideologias sociopolíticas que ficaram na contramão do tempo. René Sédillot (jornalista da *Vie Française*) deu-se conta deste desmoronamento, muito antes da queda do muro de Berlim; e em um artigo exclusivo para o semanário *El Economista* (final de 80), resume a situação econômica dos países mais adiantados do mundo, dizendo: "Na atualidade, não há modelo infalível"⁵¹.

Os mestres espirituais da Antiguidade haviam formulado (ou interpretou-se que estivessem formulando) o princípio fundante do que hoje chamamos de Economia providencial, sob diferentes formas doutrinárias: não posse, desapego, renúncia aos bens materiais. Queremos dizer com isto que a Economia providencial esteja fundada em uma mística de negação do mundo e da vida? Já dissemos, em mais de uma oportunidade, que *não*; as místicas negativas (a renúncia pela renúncia) não deixam lugar nem para a revolução social nem para a transformação espiritual.

A Mensagem social da Renúncia (com sua ferramenta prática: a Economia providencial) é outra coisa. Não se afirma na "negação da riqueza" como virtude para a salvação da alma, senão que "reverte a riqueza" para a expansão da vida.

Do credo de "posse" não passamos à filosofia da "não-posse", mas à energética de reversibilidade de valores. Da "propriedade privada" do liberalismo individualista, não passamos à "propriedade coletiva" do capitalismo de Estado, senão que o centro da força se translada à participação individual na "poupança social", terceira posição na dialética das contradições econômicas. Voltamos com isso ao "Grande Armazém Inca"? Talvez sim, mas agora, no contexto de uma comunidade de homens e mulheres livres e responsáveis. A contribuição aqui, já não é o tributo *imposto* pelo Estado a uma massa de contribuintes que fazem "massa" (algo que é vivido como o "tributo" que

49. Eugen Loebel, *Humanomics*, Buenos Aires, Emecé, 1978.

50. Henryk Skolimowski, *Eco-Philosophy*, New York, Marion Boyars Pub., 1981.

51. René Sédillot, "En la actualidad no hay modelo infalible", *El Economista*, Buenos Aires, 19 de dezembro de 1980.

“material” da real expansão de consciência.

Este giro no manejo da força econômica nos tira do marco estreito da filosofia política, para adentrar-nos nas águas mais profundas de uma economia Mãe.

• O princípio providencial de economia da Mãe

Para poder compreender a função do homem na economia do universo e, ainda mais, para que possamos funcionar inteligentemente nos circuitos Logo-energéticos da Vida, não estará demais voltar o olhar para a antiga sabedoria chinesa que considera o ser humano como “ponte”, como “mediador” entre a Mãe Natura (a seiva da Terra) e a Mãe Cósmica (a providência do Céu).

Da forte contradição entre bens materiais e espirituais que marcou todo um ciclo de civilização racionalista e técnica, começamos a explorar, nos umbrais do novo tempo, os caminhos da economia unificada da Vida. E já não podemos medir essa economia da Vida com os parâmetros da ciência econômica que conhecemos até agora e sim, no máximo, intuí-la como Economia providencial.

Mas, por que “providencial”? Economia providencial é uma expressão simbólica, une dois termos de diferentes hierarquias ontológicas: “Economia”, como ciência do governo dos bens, e “Providencial”, como força/sustento da Vida. Mas, o que é, qual é a natureza desta energia de sustento que chamamos de “providencial”? Certamente que é algo mais que uma relação dialética entre a alma humana e a graça divina. E também é algo mais que o maná do céu que alimentou o povo de Israel no deserto (Êx. 16:4). Para a criança, a Providência são o seio e a mão da mãe. Mas, quanto a nós, faz tempo que rompemos o “pacto originário” com o arquétipo da Mãe; faz tempo que substituímos a mão da natureza pela mão do homem.

Conhecemos de sobra os desequilíbrios ecológicos produzidos pelo uso irracional dos recursos naturais. E também conhecemos o ingente esforço da inteligência racional para estabelecer as bases teóricas e práticas para uma economia ecológica (Mario Kamenetzky e Robert H. Maybury dedicam um número inteiro da prestigiosa revista *Science and Public Policy* a trabalhos sobre tecnologia e meio ambiente, em função de uma economia humana centrada na expansão de consciência)⁵².

Porém, há algo além da ciência e da técnica. Trata-se do despertar de uma nova sensibilidade humana que toma consciência da verticalização do eixo da própria história. Não é somente a irrupção de uma consciência expansiva – ou “aperspectiva”, como é chamada por Jean Gebser – mas os primeiros estremecimentos sensitivos do que Teilhard de Chardin chamaria de o “sentido da Terra”⁵³. Só da Terra? Também existe um “sentido do Céu” e é

52. Mario Kamenetzky e Robert H. Maybury. “Special Issue on Management of Technology and Natural Resources”, *Science and Public Policy*, vol. XVI, N° 2, abril de 1989.

53. P. Teilhard de Chardin, *La Energía Humana*, Madrid, Taurus, 1963.

esta percepção da providência do Céu a que leva o ciclo de uma economia propriamente humana: a seiva da Terra e a providência do Céu encontram um centro de Síntese, no coração do homem.

Economia providencial não é só questão de valores econômicos. Isto foi visto claramente por Schumacher, quando diz: "Necessitamos estabelecer uma cultura da Terra, fundada em valores metaeconômicos"⁵⁴. De alguma maneira, voltamos a uma economia da Mãe, como nas antigas civilizações agrárias, mas com um "rito" diferente. O que até agora chamamos de "providencial", Rodolfo Kusch, que retoma o tema arquetípico em sua *América Profunda*, chama de "economia de amparo". Ao examinar a administração do *ayllu* (comunidade agrária do império inca), Kusch diz o seguinte: "A ideia central desta organização consiste em uma espécie de *economia de amparo*, por opô-la a nossas formas econômicas, as quais, por sua vez, desde o ângulo indígena, podem ser qualificadas como de *desamparo*"⁵⁵. Mas, por que digo que agora o "rito" é diferente? Porque a gestação (o "fruto") não é só uma mercadoria, um "produto" econômico realizado por fora, mas um "bem intrínseco" ao homem, que *nasce* por dentro.

Quem são os portadores desta nova economia da Mãe? Não aqueles que a predicam, mas aqueles que a vivem. Hoje, como ontem, são os "padres do deserto" (Gandhi, Schumacher, Che Guevara, Rodolfo Kusch; todos morreram, não foram escutados), as "famílias consagradas", as "comunidades místicas" (reservas de uma Ordem Sagrada que produzem mais do que consomem) e o novo "proletariado universal" (a massa crescente dos desapossados da Terra, vítimas propiciatórias do sacrifício coletivo que hoje é imposto pela sociedade do desperdício). É como se o valor espiritual genuíno, sem disfarces, não pudesse acontecer, a não ser pelo sacrifício voluntário (renunciamento místico) ou pela economia do despojamento (sacrifício dos inocentes). Não posso menos que voltar a citar Rodolfo Kusch, que descobre a função espiritual da pobreza no contexto social da riqueza das nações:

E, precisamente, nessa pobreza voltam a ser propostos os grandes temas: bem, alma, deus, morte, vida. Todos eles recobram seu valor primigênio porque se dão unicamente no despojamento e adquirem essa riqueza de engendrar coisas interiores, uma riqueza potencial, a mesma de quando Jeová desceu e deu os mandamentos morais ao povo hebreu.⁵⁶

Mas, há um ponto que convém esclarecer. Quando, na era cósmica, propõem-nos "voltar à terra", dizemos *sim*, mas como descenso inteligente para alcançar o ponto crítico de reversibilidade de valores que nos permita "sair" dela! Saímos por um caminho interior que a humanidade percorreu durante milênios, em função de "corpo místico", mas que agora aprendemos a percorrer como "corpo social" (ou melhor, em função de interioridade social, para engendrar essas "coisas interiores", das quais nos fala Rodolfo Kusch, e que

54. E. F. Schumacher, *Small is Beautiful*, New York, Harper & Row, 1973.

55. R. Kusch, *América....*, pg. 96.

56. Idem, pg. 207.

pertencem ao ser e que nenhum regime político nos pode arrebatat).

O que realmente "se possui", o que concede dignidade ao ser humano, é o caudal de experiência adquirida, a capacitação técnica como valor intrínseco da pessoa e o gozo interior de transferir esses valores individuais ao corpo social. Mas, para isso, o corpo social, a comunidade organizada, deve conceder ao indivíduo o direito de participar dos bens da vida, capacitar-se, produzir, comunicar socialmente esses bens pelo direito de ensinar: isto é, a sociedade deve dar ao indivíduo a possibilidade de "reverter" a riqueza. Porque, de que valeria uma sociedade muito bem organizada que permitisse capacitar-se, mas que depois obstruísse a criatividade e pusesse travas à comunicação, pelo autoritarismo, a censura, a discriminação, a concentração arbitrária do poder, a marginalidade social?

Dizíamos que a Economia providencial é uma "economia da Mãe" porque se funda em uma "comunidade de origem" (*antes da ruptura do pacto com a Natura Naturans*). A pergunta é se poderemos "voltar" a essa comunidade de origem, uma vez produzida a fragmentação do corpo social e perdida a imagem do mundo. Em outras palavras, a pergunta é se na atual sociedade do "corrompido" (para utilizar o simbolismo do *I Ching*), é possível reconstruir a ordem perdida e a "saúde" das nações. A sabedoria chinesa nos diz que esta obra de reconstrução (o que o livro das mutações chama de "o trabalho no corrompido") escapa das mãos dos fracos, dos traidores e dos covardes, ou seja, de todos aqueles que contribuíram para "corromper tudo". Este trabalho corresponde aos "nobres": "O que foi corrompido por culpa humana, também pode ser remediado pelo trabalho humano. É condição prévia do êxito, uma adequada reflexão. Devem ser conhecidas as causas que produziram a corrupção, antes que esta possa ser remediada".

Em *A Economia Descalça*, Manfred Max-Neef relata suas experiências de campo como testemunha e participante direto "para diagnosticar a pobreza, medi-la e delinear indicadores", quando reconhece a insuficiência da economia acadêmica para resolver os problemas desta ampla zona de marginalidade econômica que ele chama de "economia invisível", propõe como alternativa, a força intrínseca do "testemunho". Diz Max-Neef:

Sei que esperar soluções grandiosas emanadas do cume não só é contraproducente, senão que me converte em cúmplice passivo de uma situação que rechaço. Ao mesmo tempo, sei que se deve fazer o que se é capaz de fazer. Por pouco que isto seja, é pelo menos, o testemunho humano e os testemunhos humanos, sempre que não estejam fundados na cobiça ou na ambição pessoal de poder, podem conseguir efeitos positivos inesperados. [...] Já não creio em soluções "nacionais" ou em "estilos nacionais". Já não creio em nenhuma forma de "gigantismo". Em consequência creio, como economista descalço, na ação local e em pequenas dimensões.⁵⁷

57. M. Max-Neef, *La Economía Descalza*, Estocolmo-Buenos Aires-Montevideo, Nordam, 1986, pg. 126.

o Gênese bíblico), nem à "sociedade primordial" (no sentido principal de René Guénon), nem às "sociedades primitivas" (no sentido de Lucien Lévy-Bruhl); volto ao "Lar", ao recinto da "Mãe", à "comunidade de sempre"; volto a tomar contato com uma comunidade viva (não "fóssil"); volto ao que sinto que existe desde a "origem"; volto a viver a história sagrada de uma "sociedade sem parentesco" (como diria Arnold Toynbee), uma comunidade que não nasce de uma sociedade pré-existente, senão que é a expressão humana (no tempo) de um arquétipo celeste que é, além do tempo. A "comunidade de origem" não é uma instituição, mas o fundamento espiritual das instituições (o alento que lhes dá vida); tampouco é uma "igreja"; não pertence à ordem jurídica, mas à ordem sagrada. E esta "ordem sagrada" foi perdida, e foi perdida a economia providencial (que é sua seiva viva). Como pode o "nobre" ingressar nesse recinto, quando – a modo da passagem evangélica – a sociedade política lhe diz: "Não há lugar na pousada"? Max-Neef e a reserva de nobreza que ainda fica sobre a Terra acreditam no "testemunho", na economia do "trabalho", no poder do "sacrifício".

• Novo código gen-ético para uma fisiologia cósmica

O caminho da liberação não começa, em nosso tempo, "além" e sim, "aquém": não se trata de deixar o corpo – pela morte, pela reencarnação, pelo êxtase – mas de construir um novo, um corpo de "saída", um corpo de fogo. Esta nova veste orgânica (corpo de luz, como o das estrelas) substituirá o traje do astronauta na peregrinação do homem pelo cosmos habitado. Para realizar esta nova fase do desenvolvimento humano, não é suficiente um "ideal", faz falta um novo código gen-ético.

Como em etapas anteriores da evolução genética, quando a corrente da vida pareceria deter-se por esgotamento das fontes de energia ou por insuficiência da maquinaria enzimática e, quando para transpor o *impasse* da evolução, a natureza punha em jogo tecnologias mais avançadas (leia-se "fotossíntese", "ADN bicatenário"), também agora, em plena civilização tecnocrônica, desembocamos em um beco sem saída, onde o desenvolvimento humano pareceria deter-se. É como se a maquinaria cibernética e eletroquímica do *Homo sapiens* não pudesse absorver a informação supralumínica, indispensável para pôr em marcha a fisiologia do *Homo cósmico*. Muitos acreditaram que um salto evolutivo desta natureza iria produzir-se pelo nascimento de novas ideias (remanescente do iluminismo). Poucos suspeitaram que se requer a síntese de novas moléculas! Trata-se da gestação de uma "ultraquímica" reversível, como base gen-ética para a fisiologia do homem cósmico. O que seria de nossa visão ocular, sem a maquinaria reversível dos pigmentos da retina?

Alguns sociólogos críticos e filósofos da história intuíram a irrupção de uma nova mensagem gen-ética que quebra a continuidade do tempo histórico, mas não conseguem divisar a configuração arki-tectônica de suas linhas de força. Henri Lefebvre, em diálogo com um jornalista da revista *Planete*, referindo-se ao mundo que vem, diz o seguinte: "O motor já não será um sujeito ou um sistema determinado, como a classe operária ou a juventude e sim, sujeitos múltiplos, variados, à imagem dos problemas que se apresentem. A luta de classes é muito mais complexa e multiforme que há um século. É também a luta pelo corpo"⁵⁸. Lefebvre se dá conta de que uma nova organização social entra no jogo da história, mas seu enfoque é sociológico, não genético. O velho Toynbee, por sua vez, em seus oitenta anos, em um diálogo com o historiador Urban, quando este último lhe pergunta se o conceito de "proletariado interno" – que Toynbee havia posto a descoberto em seu *Estudio de la Historia* – tinha a mesma vigência no mundo de hoje, Toynbee lhe responde que não: "Hoje existe um novo tipo de proletariado, constituído por todos aqueles que não têm espaço na sociedade contemporânea"⁵⁹. Mas, Toynbee não nos diz qual é a função desse "proletariado" na gen-ética co-evolutiva da história viva.

58. Henri Lefebvre, "La Porte de L'Avenir", *Planete*, N° 3, abril-maio de 1972.

59. Arnold Toynbee, *Diálogo com Urban*, Buenos Aires, Emecé, 1977.

... não se trata de formular princípios (para o desencadear de uma sociedade ideal). Tampouco se trata de construir, sobre esses princípios, uma "ética" racional para ordenar o mundo porque a própria razão provocou a sem-razão da existência e a perda da imagem do mundo. Os demônios e os filhos da sombra que engendramos já andam soltos; não poderemos controlar todas estas forças cegas que convivem conosco, não vamos poder controlá-las pela repressão policial, pela racionalização da técnica, pela humanização do capital, pela ética das religiões. A resposta já não vem pelo caminho da filosofia política, mas em função de um novo enlace gen-ético (Logo-gen-ético: contato da matéria humana com o som in-audível da Luz).

Nova Aliança. Um novo organismo planetário está sendo gestado atualmente, em função de um processo de des-organização integrativa da ordem social (paradoxo de sociogênese que quebra a simetria do sistema e faz possível o ingresso da luz). Salto qualitativo na ordem dos valores. Alguns sociólogos e filósofos da cultura perceberam esta trans-figuração estrutural. Diz William Irwin Thompson que "não estamos em uma fase de destruição, mas de desestruturação"⁶⁰. A sociedade moderna se des-integra por dentro, os caminhos se bifurcam, a energia se libera, o ser humano se des-encanta! O que acontece hoje na Rússia e na China, depois de meio século de "massificação dirigida"? O que acontece na América Latina, com as explosões sociais em massa? O que acontece com os

jovens norteamericanos e europeus, com a droga e a delinquência na era da informática e do bem estar econômico?

Começamos a tomar consciência da "gesta" de uma "Obra em comum". Nesta nova ordem de funções sociais, os dados da bioquímica do comportamento e da embriologia da conduta, ainda que úteis, são insuficientes.

Desde os trabalhos de Gesell, Burr e Northrop, sabemos que "o crescimento é um processo de organização, unitário e integrante" e que esta integração orgânica se realiza em função de um "princípio regulador único, posto de manifesto por um campo eletrodinâmico que se estende um pouco além das fronteiras físicas do organismo". A este poder de configuração, Rupert Sheldrake chama de "campo morfogenético", modelo que se tornou familiar a nós, em físicoquímica e biologia. Porém, como opera este princípio integrador? Qual é a natureza dos agentes "catalíticos" que intervêm na organização desse novo corpo social que transita do "caos" à "ordem"? Trata-se de "produtos culturais", gerados pela própria des-estruturação da sociedade? Ou intervêm nessa gen-ética, forças, poderes ou pessoas portadores de uma mensagem trans-histórica?

Trata-se de uma embriogênese de co-operação. A "Obra em comum" é humana e divina, ao mesmo tempo (e também demoníaca).

No passado distante, os deuses caminhavam junto aos homens; hoje, o homem caminha só, sem Deus. A "morte de Deus", como paradigma do vazio existencial do homem de nosso tempo, é algo mais que um apotegma nietzscheano ou um slogan político do marxismo revolucionário: é uma catástrofe cosmogônica, vivida em escala humana. Perdemos algo! Já não estão

60. William Irwin Thompson, *Evil and....*, pg. 71.

os muitos sabios nem o rei prudente para organizar o mundo; em vez deles, estão os satélites em órbita que processam a informação social. Perdemos o "rastros" da Tradição viva; já não temos o contador de histórias, o cantor de desafios, o *Minnesänger*.

Os referentes divinos já não aparecem como profetas, heróis ou santos no espaço exterior, senão que irrompem como "sinais" significativos no tempo interior. Já não é preciso esperar que os deuses venham a nós, é preciso ir buscá-los (por dentro)!

Que papel desempenha o aspecto "Político" na gen-ética do corpo social?

Hoje, assistimos ao colapso de uma ação política de dirigir que se tornou incapaz de interpretar as necessidades de desenvolvimento evolutivo da comunidade social. Martín Britos, em seu magnífico (e profético) prólogo ao livro de Jaime María de Mahieu, *O Estado Comunitário*, diz o seguinte: "Toda velha minoria dirigente, aferrolhada em sua estrutura histórica caduca, é incapaz de gerar a inovação reclamada por uma Comunidade em crescimento e encobre a trava que origina sua falta de credibilidade política, com o manto do pacto, da habilidade e da componenda; suficientes para a transação política corrente, mas impotentes para substituir o impulso intencional que anima o processo político, a fundo". E Martín conclui com as seguintes palavras:

Nestes incertos estágios da duração comunitária, caos e ordem, crepúsculo e grandeza coexistem, ainda que alojados em planos diferentes. Na superfície reina o caos, enquanto a ordem se retrai e pulsa em embrião, na intimidade comunitária.⁶¹

Nestes "vãos" do poder político, nestes vazios históricos por ruptura de simetria do tempo, um "gene" cósmico entra na trama social des-estruturada e con-figura um novo código gen-ético.

Mas, o que é um "gene"? Só um pacote de informação? Mas o que é uma in-formação? Novos "centros de organização" emergem da catástrofe do mundo. São estruturas funcionais, altamente instáveis; esboços embriológicos traçados nas areias do tempo que são varridos por sucessivas ondas energ-éticas, em busca de um modelo de organização que possa "traduzir" o alento "morfogenético" da consciência cósmica em funções sociais, à medida do homem. É a "Obra de todos". Hoje, estamos todos imersos (por "princípio de inclusão") nos torvelinhos de um "magma social" em processo de rápida transmutação de elementos; desintegração de matéria, liberação de energia e expansão de consciência; dissolução de instituições antigas e plasmação de novos organismos. A aceleração da mudança é tão rápida que afeta simultaneamente a função e a estrutura, a ordem social e a química da vida. A existência humana se tornou altamente vulnerável às forças de destruição, mas também altamente sensível ao raio de inspiração. Muitos caminhos se esgotam "antes de chegar ao destino" e muitos outros se adiantam aos sinais do destino.

61. Martín Britos, Prólogo a Jaime María de Mahieu, *El Estado Comunitario*, Buenos Aires, Arayú, 1962.

As novas formas orgânicas escapam das teias de nossos computadores, não temos olhos para vê-las. Nossa própria estrutura mental nos condiciona a ver com maior facilidade as formas que desmoronam do que as funções que ascendem; vemos com maior clareza a fase objetiva de aumento de entropia e irreversibilidade do tempo do que a fase in-versa de entropia negativa e reversibilidade de valores. O circuito completo da vida nos escapa: cegueira para as valorações qualitativas do tempo.

• Um novo sentido da Terra

A sensibilidade coletiva mudou. A alma dos povos já não é a mesma. A organização política dos Estados nacionais já não pode conter o poder expansivo da consciência social. Produziu-se um estranho fenômeno de "des-enraizamento" em escala planetária, perda de contato com as correntes vivas da Terra, des-energização que se traduz animicamente em uma crise do sentido de pertinência. Já não estamos no mesmo mundo e, por momentos, temos a sensação de estar "no ar".

É que realmente *estamos* "no ar". Já estamos des-terrados. De alguma maneira, perdemos nossa identidade terrestre, mas ainda não podemos incorporar o sentido de pertinência cósmica.

A identidade histórica vai perdendo força. Que identidade histórica podem conservar os povos que hoje se transladam em massa, de um lugar a outro da Terra? Que identidade histórica pode ficar nos marginalizados sociais, nos exilados políticos, nos filhos dos milhares de desaparecidos, vítimas da brutal repressão dos esquadrões da morte? Que identidade histórica podem conservar as longas caravanas de des-arraigados que cruzam o deserto da droga, da AIDS, da fome, da degradação moral?

E então? Então, é preciso aprender a escutar os sinais invisíveis, emitidos pelo corpo coletivo da humanidade (corpo que já é nosso próprio corpo e que está sofrendo um fenômeno de despressurização existencial, ao cruzar a fronteira perigosa entre o forte campo gravitacional da matéria terrestre e o espaço "dissipativo" da consciência cósmica). Sofrimento fetal, ao passar de um meio a outro. E, nesta transição, da mesma forma que no nascimento no mundo físico, o primeiro sinal que põe em movimento a roda da vida é a "Inspiração".

Quem são os "parteiros" desta maiêutica cósmica? Quem pode ajudar-nos a cruzar o umbral do desconhecido? Acaso o Estado moderno? A sociedade informatizada? A universidade fragmentada? As Igrejas politizadas? Ou a Internacional Socialista? Ou a Trilateral Comissão?... Ou as massas desidratadas?

A "Travessia do Mar Morto" não é nada fácil. Não há somente poderosas forças que se opõem ao cruzar do umbral (os Senhores da Sombra, a hipnose coletiva, a sedução da lua, a implosão de massa), mas também nossa própria sombra, nossa história pessoal, nossa herança da terra. E vêm as perguntas. O que se está defendendo, hoje, no mundo? A vida? Ou a posse da vida? E, qual é nossa esperança? Uma nova ordem mundial? Mas, para quê? E, para quem?

Estamos defendendo a realidade de uma realidade: que e como dizer que estamos defendendo um artifício: estamos defendendo fronteiras artificiais, estamos defendendo riquezas locais, estamos defendendo identidades etnográficas (quando o mundo já se transformou em "aldeia global"). Teilhard de Chardin se adiantou a nós: "A era das nações passou, é hora de construir a Terra". Utopia social? Ou uma mensagem espiritual que ainda não compreendemos?

Por quais caminhos poderemos construir uma organização social em escala planetária que integre a nascente consciência cósmica com o novo sentido da Terra?

Não se trata, logicamente, de um novo "nacionalismo" (as migrações já geraram uma "hibridação de meios") nem de um "universalismo" abstrato (desarraigado da memória histórica e da identidade telúrica dos povos); tampouco de um "espiritualismo" ideal (sem raízes na genética da vida). Trata-se de algo mais profundo que ultrapassa o marco sociológico de integração. É algo assim como "nascer" (ou, melhor dito, "re-nascer") no molde gen-ético de uma humanidade cósmica (aventura da matéria humana no reino da luz).

Essa "migração" da humanidade terrestre já está se realizando em forma silenciosa e sob o olhar e a ajuda providencial de mestres desconhecidos. O eixo da história está se verticalizando: sua direção de significado é diferente, não só na ordem social, mas também espiritual. Já não esperamos tanto que os "grandes homens" venham desde o além para habitar entre nós, senão que somos nós que sentimos a necessidade de "nascer" no mundo deles. Hoje, como ontem, é um "povo" que emigra, mas já não para uma nova terra prometida, mas para um lugar entre as estrelas.

• **Quais são as condições para esta nova "saída do Egito"?**

Algumas condições preparatórias já estão dadas:

- Já existe uma incipiente consciência coletiva de liberação. Quando as revoluções de liberação social, política e econômica se aproximam de seu fim, já se vislumbram as primeiras cintilações de uma ânsia de liberação cósmica.
- Já temos uma linguagem comum (pelo menos em parte, já a temos: linguagem informática que quebra as barreiras ideológicas, raciais e políticas).
- Um sacrifício coletivo. Ontem, foram as dez "pragas do Egito", hoje, são os "quatro ginetes do Apocalipse": droga, AIDS, buraco na camada de ozônio, "guerra nas estrelas", poderes que, por compressão de massa, estão gerando um aumento tal da temperatura do coração, que levam a matéria humana a um ponto crítico de "fusão".

Todas estas condições preparatórias estão dadas, mas falta algo mais. Falta conquistar a linguagem da alma que nos permita reconhecer-nos (por

semei-nan-ça de similitude) como membros de um mesmo corpo místico. Para isso, a informática não basta. E tampouco basta a linguagem religiosa que usamos até agora (o Concílio Vaticano II nem sequer pôde conseguir a unidade com os "irmãos separados"; tampouco as "Igrejas eletrônicas" puderam re-unir espiritualmente os povos separados). Parece que essa "linguagem da alma" (linguagem cósmica) não pode ser adquirida sem determinadas condições da "matéria", condições que ainda não existem.

Em outras palavras, se bem que algumas condições preparatórias para "sair" da Terra já estejam se dando, tudo parece indicar que, antes de sair da Terra, temos que voltar a "entrar" nela: paradoxo da liberação.

O que quero dizer com isso de "voltar à Terra"? Quero dizer que não é possível saltar diretamente da organização social à comunidade espiritual, sem passar por um "enraizamento" mais profundo nas próprias fontes da vida. Nietzsche já o havia intuído: "Para que uma árvore alcance com sua copa o céu, suas raízes deverão descer até o inferno". Nem sequer o Filho de Deus ascende diretamente ao Céu sem descer aos Infernos. A humanidade de hoje, se bem que por um lado expanda sua consciência em grandes unidades coletivas (América continente, Comunidade Econômica Européia), por outro, procura suas raízes de identidade étnica e telúrica (leia-se os povos do leste europeu). Há um "horror" na descida aos abismos profundos (a morte do herói, o sacrifício dos inocentes), mas também há uma "sublimação" no ascenso: a mensagem espiritual da "Serpente emplumada".

Dentro deste processo de gen-ética social, ainda muito pouco compreendido, começamos a entender o significado transcendente das "revoluções perdidas". Porque o império comunista desmorone (uma entidade coletiva para além das fronteiras políticas), porque a experiência psicodélica da juventude deixe milhões de cadáveres no caminho (uma sociedade *underground*, unida por laços invisíveis), porque o integrismo islâmico sofra uma ou outra derrota, porque as revoluções sociais dos povos da Ásia, África e América Latina tenham sido traídas mais de uma vez pelos herdeiros dos grandes condutores, porque todo esse desmoronamento de ideais tenha ocorrido, por isso diremos que só houve fracasso, erro político, patologia social?

O mesmo acontece com a experiência coletiva das chamadas "novas religiões", com seus desvios psíquicos, seu fanatismo, sua longa caravana de desiludidos; isto é "o que fica", mas temos que aprender a ver o fruto destilado da alquimia espiritual. Na superfície do magma social, vemos com horror o ascenso da "corrupção", da "pornografia", do "crime", do "roubo de órgãos", da "droga", da "AIDS". Mas com isto, o que queremos dizer? Que a "obscuridade" é o real estado de consciência da humanidade de nosso tempo (*dark age*)? Ou, pelo contrário, como vislumbra William Irwin Thompson, é um "primeiro estágio de iluminação (como no yoga tântrico) que faz visível essa obscuridade"⁶²?

Em resumo, o "novo sentido da Terra" já não é romântico (faz tempo que o antigo pacto com a natureza foi perdido); agora, busca-se recuperá-lo, em função de uma consciência ecológica, mas faz falta dar um passo mais para

62. W. I. Thompson, *Evil and...*

dentro, para tomar contato direto com as forças do céu e da terra, que configuram os circuitos de nossa natureza interior. Aproximamo-nos do mistério de "iniciação cósmica" (em escala global), em função da Economia providencial e da Gen-ética social, mas falta-nos aceder ao conhecimento e ao governo de uma Tecnologia espiritual que permanece sob a custódia de um anjo com espada de fogo. É a tecnologia sagrada da Vida. Haverá chegado o tempo em que o homem "estenda sua mão para a árvore da vida e, comendo desta, viva para sempre"? (Gên. 3:22).

• Proto-formas sociais

Quais são os "órgãos" ou "instituições" que, em escala embrionária, começam a esboçar sua silhueta no novo corpo social? Para poder detectar estes "protomodelos", mais que registrar os dados que procedem da sociologia genética e da antropologia cultural, devemos aguçar o olhar para descobrir as pegadas do "caminhar do deus sobre a terra" (para empregar a poética expressão de Rodolfo Kusch).

Algumas das funções da nova comunidade organizada esboçam uma forma, outras são completamente pré-figurativas. E é precisamente ali, naquilo que ainda não nasceu, nesses "ocos sociais" (como os chama Ortega y Gasset), para onde devemos dirigir o olhar; são algo assim como espaços vazios em uma "tabela social de Mendeleev", cujos lugares ainda não estão ocupados, cadeiras perigosas de uma potencial "Mesa Redonda", que esperam os homens e as mulheres do futuro que se animarem a sentar-se nelas, que queiram viver, estar, funcionar, nesses lugares perigosos.

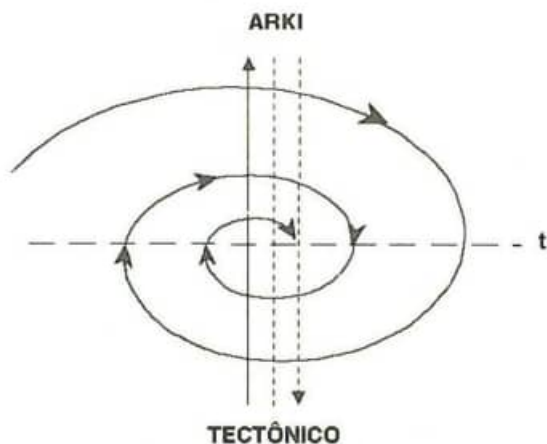
Nesta transição de fase, da sociedade política à Arki-tectônica social, algumas formas institucionais desmoronam (por esvaziamento de sentido), enquanto são ativados "lugares", até então não pisados pelo pé humano, onde começam a delinear-se os primeiros traços (embriogênicos) de organismos sociais de alta significação na hierarquia de funções cósmicas.

Quais são alguns destes focos potenciais pré-figurativos?

- A comunidade espiritual
- A família consagrada
- A Universidade de Síntese
- O centro do poder político

A verdadeira tecnologia humana não é a tecnologia da máquina, é a tecnologia da *mão*. Na mão estão gravados os signos da Vida. Mas, como se ativa essa geometria simbólica? Pelo trabalho *manual*? Ou pela dança *Manipura*?

A mão é a medida. Mas, o poder tecnológico escapou das mãos do homem, gerando uma civilização de des-mesura (um Golem). O desafio que temos diante de nós, para o desenvolvimento da nascente consciência cósmica, é criar "circuitos cibernéticos de ressonância" que permitam ao homem "governar" com suas próprias mãos as forças do Céu e da Terra que circulam em seu interior. Trata-se de uma cibernética à segunda potência ("cibern-ética"), onde o fluxo de matéria/energia/informação que se vincula à coordenada horizontal do tempo se acople (por ressonância) ao ritmo de reversibilidade de valores que vibra na dimensão vertical dos significados.



Salto dimensional na tecnologia da Vida. Verticalização do eixo da história. O que implica não só uma mudança na geometria dos valores (cibern-ética do significado), mas uma nova direção no governo da ecologia humana: da "Geo-política" ou governo das zonas estratégicas da Terra, à "Arki-tectônica" ou projeto da morada cósmica para o homem.

A rede eletrônica biocibernética, os computadores de quinta geração, as cidades inteligentes, as organizações sociais, econômicas e políticas, todo esse sistema global de "auto-organização-no tempo" gira sobre seu eixo e começa a vibrar (por analogia) em um novo campo de "ressonância Arki-tectônica".

Este giro das quatro dimensões do espaço-tempo para a "quinta dimensão" da ação criativa – como prefere chamá-la Edward Matchett⁶³ – já não se realiza fora do homem (por algum tipo de supercomputador), mas "dentro

63. Edward Matchett, *Journeys of Nothing in the Land of Everything*, Londres, Turnstone, 1975.

do próprio homem, em um superespaço interior (em outra oportunidade, nós o chamamos de espaço da "revelação", mas também podemos chamá-lo de espaço da "criatividade"). Neste espaço "Arki-tectônico", o homem pode canalizar a "inspiração" do Céu, desde o cérebro à "mão" e ser artífice do "projeto" do mundo. Desde essa posição "central", o ser humano já não somente usa a ferramenta, senão que exerce um "metacontrole" sobre a ferramenta (Matchett trabalha nesta linha, através de seu *Método de Design Fundamental*)⁶⁴.

• Fechar com mãos fortes as fauces do leão

É o primeiro passo no manejo (*management*) da energia interna. É também a criação do primeiro circuito Logo-técnico. É o primeiro desvio da força interior, através do plexo solar ("chakra manipura"). A partir daqui, começa-se a trabalhar da cintura para cima.

A consciência humana toma em suas mãos as poderosas forças da Terra que circulam por dentro, para ativar funções da Vida, até agora desconhecidas. Da cibernética da natureza, passamos à Logo-cibernética do Homem.

A tecnologia cibernética de hoje, ao acoplar o sistema nervoso do homem aos circuitos eletrônicos das máquinas inteligentes ("hibridação do meio", na linguagem de Mc Luhan), fez possível o sonho de governar o mundo (as "cidades inteligentes", a "guerra nas estrelas"), mas o acoplamento dos centros de força do homem total (cérebro, coração, mão) com os circuitos Logo-cibernéticos de um cosmos habitado, muda a geometria dos parâmetros do poder. E muda, logicamente, a filosofia do poder: já não se trata de governar o mundo por robôs inteligentes, mas de manejar com inteligência, as forças da Vida.

Ao "fechar com suas próprias mãos as fauces do leão" (o rei da selva), o homem volta a ocupar um lugar "central" no cosmos e, desde esse centro, reverte seus valores, libera energia cósmica humanizada e expande sua consciência aos confins do universo: é o homem que pergunta pelo cosmos; e, desde ali, da fronteira do conhecimento, a energia volta ao centro, como consciência iluminativa: é o cosmos que pergunta pelo homem. Dupla face de uma Logo-tecnologia que integra a Mística do Coração e a Ciência da Vida.

• Premissas para uma supratecnologia de "quinta dimensão"

Quais são as "condições" para que seja possível in-corporar o trabalho humano como ferramenta transicional na Gen-ética co-evolutiva da Vida?

Trata-se de condições de "meio": o *meio* é a mensagem (expressão cunhada por Mc Luhan, mas que estamos longe de abarcar em sua significação metalinguística).

64. Edward Matchett, *Fundamental Design Method*, Roma, ICED, 1981.

A primeira destas condições é dispor-se à "mudança interior" que faz possível o ato da criação; dispor-se, não só a usar a ferramenta, mas a *ser* a ferramenta. Para fechar com a própria fisiologia humana os circuitos Logotécnicos de "circulação da luz", não só se requer afinar a sensibilidade do espírito, mas criar novas condições de condutibilidade da matéria.

Talvez, para aproximar-nos do projeto destes circuitos "supralumínicos", não será demais dar uma olhada na experiência realizada em Findhorn, de cooperação entre o esforço humano e o reino da luz; o maravilhoso "jardim" criado em Findhorn não só tem o sentido de colaborar com a natureza (o que poderíamos chamar de "consciência ecológica"), mas de "elevar" essa natureza a um estado superior de consciência (função do homem cósmico na Gen-ética co-evolutiva da Vida): "Pensando em termos de luz, tu acrescentas luz àquela que já existe. Portanto, aceleras o crescimento e reforças a beleza, a verdade se revela em ti e tu te unes à perfeição divina"⁶⁵.

De qualquer modo, nesta in-corporação de uma inteligência supralumínica nos circuitos cibernéticos da vida humana, a "iluminação" é só uma primeira etapa, mas para alcançar o nível superior de "organização", requerido pelo novo estado de consciência, é necessário que um "gene" cósmico possa albergar-se nos "vãos" da matéria social.

"Há algo de sobrenatural no mundo da matéria", diz Carlo Rubbia, Prêmio Nobel de Física e investigador da Universidade de Harvard, em uma entrevista jornalística, "vemos os efeitos de uma presença ordenadora do mundo, mas não a própria presença"⁶⁶.

Mas, a investigação no campo de altas energias já não se orienta somente para a matéria que pode ser explorada nos aceleradores de partículas e sim, para essa outra "matéria" que constitui o suporte da consciência humana e que, por impacto da "revelação" que é inerente ao novo signo do tempo, experimenta mudanças significativas em sua geometria gen-ética. E aqui vem uma pergunta chave: é possível "conduzir" estas mudanças, tal como se faz no laboratório, a ponto de alcançar condições de "supercondutibilidade" que nos permitam ser condutores ("fibras óticas") para a transmissão de energias cósmicas, até agora desconhecidas? Esta é a primeira pergunta para uma Logo-tecnologia do futuro. A matéria humana tem de poder aceder, em função de "supercondutibilidade", a um acoplamento (por "ressonância de similitude") com a energia supralumínica que já entrou no mundo, mas que ainda não podemos reconhecer (por falta de instrumento).

Ao chegar a este ponto, em meu esforço por traduzir de alguma maneira as mudanças energéticas que experimento em meu próprio organismo, começam a surgir dificuldades quanto à expressão formal do novo fenômeno humano. Ao instalar-nos em um nível mais elevado de consciência/energia, as palavras voltam a tornar-se insuficientes. Quando falo de "energia de enlace", "con-stelação de signos", "supercondutibilidade da matéria", "circuitos Logo-

65. Findhorn Community, *The Findhorn Garden*, New York, Harper & Row, 1975, pg. 60.

66. Carlo Rubbia, "Hay algo sobrenatural en el mundo de la materia" (entrevista jornalística de Juan Ramón Vidal), *La Razón*, Buenos Aires, 1º de setembro de 1985.

...simbólica de uma realidade trans-biológica, como metáforas de funções trans-finitas, como acordes in-audíveis de um pensar por analogia.

Começamos a aproximar-nos de con-figurações orgânicas trans-pessoais e trans-sociais, que pertencem ao mundo da luz, mas que se plasmam, trans-crevem-se, na geometria da matéria.

- Energ-ética da luz

Criadas as condições de "supercondutibilidade" da matéria humana, entramos em cheio na supratecnologia da luz. À "fototrônica" que se inicia por fora, corresponde por dentro uma "fisiologia supralumínica". Tratemos de explicar-nos.

As ferramentas da evolução estão mudando; para sermos mais precisos, o homem se assume a si mesmo como ferramenta transicional no processo co-evolutivo da vida cósmica. À nova genética evolutiva da "matéria" (já não como matéria inerte para ser explorada e manipulada, mas como matéria viva), a essa gen-ética da "Mater-matéria" corresponde uma energ-ética da luz.

Hazel Henderson, em seu livro sobre política da Era Solar, diz que nossas tecnologias da informação estão experimentando uma re-conversão que vai desde a "eletrônica" à "fototrônica". "A era solar é, ao mesmo tempo, a era da luz", diz Henderson; e acrescenta que estas tecnologias da luz incluem fibras óticas, laser, *scanning* ótico, computação ótica e outros processos de fotoconversão. Porém, Henderson adverte que "a Era da luz" se projeta muito além da biotecnologia industrial e da informática, para ativar "potencialidades humanas de co-evolução com todas as formas de vida da natureza"⁶⁷.

Quais são as condições para que o homem feche (por dentro) os mágicos circuitos traçados pela energia cósmica no universo? Que faça possível (por "supercondutibilidade da matéria") a "circulação da luz"!

Nós conhecemos a circulação do sangue (e não há muito tempo – Harvey, no séc. XVII), mas sabemos muito pouco (quase nada) sobre a "circulação da luz". Eu havia lido, sendo ainda muito jovem e apenas terminados meus estudos de Medicina, o comentário de Wilhelm e Jung ao texto chinês *T'ai I Ch'in Hua Tsung Chih* e até fiz meu próprio comentário na revista da Associação Médica de Metapsíquica Argentina, que havíamos fundado em 1946, com um grupo de médicos interessados na investigação dos fenômenos parapsicológicos. Não cheguei, naquele momento, a compreender em profundidade, o que o sábio chinês queria dizer quando falava de "circulação da luz". Foi anos mais tarde, depois de longas práticas de meditação e transmutação de energia, que cheguei a dar-me conta de que a "luz" que eu descobria por dentro, também circulava por fora. "A luz não só está no corpo, mas fora do corpo. E quando esta luz entra em circulação, ao mesmo tempo o fazem céu e terra, montes e rios, tudo"⁶⁸.

67. Hazel Henderson, *The Politics of the Solar Age*, New York, Anohor Press-Double-day & Co., s/data

68. R. P. Muñoz Soler, "'El Misterio de la Flor de Oro' y la psicología analítica de Jung", *Revista Médica de Metapsíquica*, Nº 2, Rosario, 1949.

A vida interior do homem passa a fazer parte da grande corrente de energia cósmica e o coração humano bate ao ritmo dos pulsares longínquos.

O Mestre Santiago nos falava do caminho percorrido pela "Grande Corrente" no universo e nos ensinava a participar do "poder" dessa Grande Corrente.

Quando hajas aprendido que as correntes vitais que saem de ti percorrem o universo e a ti voltam, trazendo-te a dádiva da Eternidade percorrida...

Havia um "fruto" espiritual que era inerente à "circulação da luz", em cujo "percurso", a Eternidade se une ao tempo... Mas, o que é que havia que aprender para alcançar esse "fruto"? Algo muito simples, a "reversibilidade de valores"!

É precisamente a reversibilidade de valores, a chave "energética" que sustenta a "circulação" da luz. O mestre Lû Tzu diz isso de outra maneira: "Todo o trabalho pela rotação da luz consiste no *movimento inverso*" (a *ritroso*, na versão italiana)⁶⁹. Mas, esse "movimento inverso" não se reduz a uma mudança de direção na mecânica das forças (reversibilidade mecânica), mas no ritmo "reversível" da energia criadora (reversibilidade de valores). Na linguagem do coração místico, "Movimento inverso" é "Renunciamento". Em outras palavras, para que seja possível a "circulação" da luz, para que a água da vida "circule" pelos canais invisíveis (os "montes" e os "rios") que estão no corpo e fora do corpo, para que a própria vida não se cristalice em uma forma, para que o homem possa participar efetivamente dessa "energia primordial" que cria e dissolve os mundos, para que tudo isso que é possível se torne real – é necessário que a ação possa se reverter em in-ação e a in-ação em ação. Esse movimento reversível do "coração celeste" (como o chama Lû Tzu) não pode ser explicado pelo ritmo reversível do coração mecânico nem pela irreversibilidade do tempo e das flutuações de energia em "zonas afastadas do equilíbrio" (como postula Prigogine e sua escola, em processos de auto-organização da matéria viva). O "coração celeste" (que é também o coração do homem cósmico) opera em função de um "princípio espiritual" que sustenta o movimento de circulação da luz, sem gasto de energia interior.

Estamos falando aqui da abertura de novos caminhos de comunicação. Não se trata somente de circulação de informação ou de transmissão de energia, mas de *trans-missão* supra-simbólica de valores: "energética" do coração, "aliança" dos valores do espírito com a química da vida (Logo-energética). Vejamos o que diz, em outras palavras, o mestre Lû Tzu: "Toda metamorfose da consciência espiritual depende do coração, onde reside um oculto encantamento que, se bem que sintonize plenamente com aquele (com o coração), é de uma tal fluidez que requer a inteligência e a máxima clareza mental, a meditação, a calma mais profunda"⁷⁰. Este "enlace Logo-técnico" implica o final do isolamento cósmico do homem e o começo de uma etapa

69. Idem.

70. Idem.

completamente nova na Gen-ética da vida. Que longe está tudo isto, dos esquemas reducionistas (já sejam biológicos, físico-químicos ou sociais) com os quais se pretende explicar os processos de organização da energia criadora do universo!

Mas, vamos por passos. Da "circulação da luz" necessitamos passar à "circulação dos bens" e isto requer transitar da "supercondutibilidade da matéria" e da "energ-ética da luz" à "Logo-tecnologia de ressonância".

- Logotecnologia de ressonância

Já não se trata aqui de um "Logos" metafísico ou psicológico, mas do "Logos unido à Vida"⁷¹. Poder de Criatividade.

A "supercondutibilidade" da matéria faz possível a "circulação da luz" e a "circulação da luz" torna realidade a "circulação dos bens da Vida".

Não me é fácil abordar este tema da "circulação dos bens da vida" e, muito menos, esboçar os circuitos de uma Logo-tecnologia que re-una os significados do Céu com as forças da Terra porque, mais que de construir um *hardware* no espaço, trata-se de sintonizar-se a si mesmo com um *software* no tempo. Para aproximar-nos da geometria intrínseca desta Logo-técnica de "quinta dimensão", tomaremos dois pontos significativos de referência: "Arquitetura analógica" e "Teoria da co-operação".

Arquitetura analógica

As pirâmides egípcias e maias e as catedrais góticas eram "máquinas analógicas" talhadas em pedra, que operavam como instrumento de ressonância entre o Céu e a Terra. Hoje, esta Arki-tectura simbólica se plasma no laboratório interior do homem, como "molécula analógica".

Em outros termos, a ponte entre o Logos e a Vida, que durante séculos se tentou cruzar através do rito religioso, da magia cerimonial e do poder da ciência e da técnica, é transitada agora, por outro caminho. Ainda que pareça paradoxal, para quebrar a inexorável curva "para baixo" do tempo, necessitamos chegar a um nível "superior" de organização. Mas, o que entendemos por "nível superior de organização"? Um novo estado de consciência? Ou um novo estado da matéria? Ou teremos que criar uma tecnologia à segunda potência que re-una ambas dimensões da realidade humana, em um novo circuito integrado?

Esta forma "mais elevada" de organização, na hierarquia de funções da vida, é também a "mais interior". À tecnologia informática por fora, corresponde uma "molécula analógica" por dentro ("operador" transicional entre a consciência cósmica e a matéria humana, duas dimensões da vida, até agora separadas). Sem essa "divisa" de intercâmbio, não é possível sustentar a "circulação da luz".

Nas grandes transições de fase da gen-ética evolutiva, sempre há uma "palavra" chave que faz de ponte simbólica entre mundos diferentes. Lem-

71. Idem.

brancos da molécula de clorofila (que intervêm como ponte catalítica na fotossíntese da água), da hemoglobina (que opera no intercâmbio de gases do sangue), do ADN, do ARN e outras funções enzimáticas de replicação, regulação e repressão do código genético. Todas estas maravilhosas con-figurações Arki-tectônicas emergem como um "todo", já formado em momentos chave da evolução; é algo assim como "palavras de passe" que fazem possível que o "Logos" fale na linguagem da "Vida". Ninguém sabe de onde vêm estas "presenças ordenadoras"; só se conhecem os "locus funcionais", mas não se sabe quem fala, por trás da máscara codificada (que é como dizer que conhecemos o lugar da cadeira perigosa na Mesa Redonda, mas não sabemos quem se senta nela).

É mais fácil identificar os poderes que operam nas centrais de alta tecnologia industrial, desde a engenharia genética à "guerra nas estrelas". Os jovens mais capazes do planeta são selecionados pelas grandes corporações para pôr sua inteligência a serviço do desenvolvimento tecnológico, com a ironia de que, muitos dos estudantes que iniciaram a carreira de investigação científica com um ideal de melhorar a qualidade de vida da humanidade, terminam aceitando programas de fabricação de armas que conduzem à morte.

Porém, para além desta tecnologia pragmática (que sob a roupagem de biogenética, transplante de órgãos, inteligência cibernética, aparece no horizonte do futuro como "mensagem de salvação"), para além desta tecnologia de "sedução", há uma Logo-técnica de "evolução". Até agora, esta genética evolutiva, a criação de moléculas com níveis cada vez mais elevados de organização, esteve a cargo da sabedoria da natureza (que é como dizer que esteve nas mãos dos deuses), mas a mensagem do novo signo do tempo propõe um enigma tecnológico, radicalmente novo: construção de uma "molécula analógica", na qual a própria vida do ser humano passe a fazer parte dos circuitos cósmicos da "circulação da luz". Este desafio ultratecnológico nos leva pela mão, à "teoria da cooperação".

Teoria da cooperação

Seu alcance é muito mais amplo (e transcendente) do que aquilo que entendemos por "cooperação" em termos sociológicos. Mais que isso, "cooperação", ou seja, participação humana na integridade da Grande Obra.

Eu falava com o Mestre Santiago, da "medida" desta participação humana no processo co-evolutivo do universo e ele me dizia:

São muito poucos os que trabalham conscientemente na Grande Obra, os demais só participam em função do compromisso espiritual que assumiram, quer dizer, em função do Voto.

O que queria dizer com isto? Em princípio, tratava-se de descobrir as leis da "cooperação". Mas, que tipo de cooperação? Os fundadores de Findhorn falam da cooperação do homem com os Devas. Mc Luhan fala da cooperação

do homem com a máquina (referindo-se à integração do sistema nervoso com os circuitos eletrônicos). Max-Neef postula a cooperação social como ingrediente valorativo indispensável para fundar uma economia em escala humana.

Há uma raiz comum entre todas estas formas de cooperação, que não se determina somente por um objetivo comum, mas por um "tempo comum". É o descobrimento desse "tempo comum a todos" o que funda (por dentro) o sentido de solidariedade. Vejamos um pouco mais de perto as determinações qualitativas do tempo.

Robert Wallis, ao examinar o desenvolvimento da função temporal do homem, citando Delay, diz o seguinte:

Com o começo do calendário, o tempo deixou de ser uma representação puramente individual, subjetiva e precária; deixou de ser emocional para converter-se em universal, objetivo e imutável. O tempo comum a todos é, claramente, obra da comunidade.⁷²

E eu me pergunto: o que é o calendário? É um instrumento simbólico, que nos serve para medir um tempo exterior (movimento no espaço), mas necessitamos descobrir um "calendário interno" que nos permita entrar em ressonância com o tempo interior comum a todos (para podermos nos comunicar desde o ser). Não é tão difícil encontrar um espaço comum para realizar uma obra em comum, mas não é tão fácil *sentir* o "fluxo qualitativo" do tempo interior que é comum a "todos" e que pertence à vida de "todos". É a "passagem" da corrente o que importa detectar (e sustentar), para construir (por acoplamento do mundo humano com o mundo técnico) "circuitos Logo-técnicos de circulação da luz".

Nesta "supratecnologia" que começamos a descrever (ainda somos demasiadamente primitivos para o manejo inteligente dos "meios" – Mc Luhan já o havia percebido), nesses "circuitos de circulação da luz" – há zonas de transição (se é que podemos chamá-las assim; no cérebro, falaríamos de "sinapses") onde não podemos estabelecer diferença entre os valores que qualificam o tempo e os estados da matéria que aparecem como resultado da passagem da corrente (isto é, o Logo e a Vida são um). Essas zonas de "transição" são fronteiras críticas de reversibilidade de valores, onde se opera a transição do espírito para a matéria e da matéria para o espírito. Os produtos de intercâmbio já não são aqui, "mercadorias" para a sociedade de consumo, mas "substâncias" indispensáveis para sustentar o "fluxo" da gen-ética da Vida. Por analogia com o que ocorre nas "sinapses" do sistema nervoso central (e isto foi visto muito claramente por Wallis, em seu livro já citado), "não podemos diferenciar o fenômeno elétrico, do eletroquímico e do impulso que mobiliza os produtos elaborados". Trata-se de "cooperação de funções" em circuitos "Logo-cibern-éticos", ainda pouco conhecidos.

72. Robert Wallis, *El Tiempo, Cuarta Dimensión de la Mente*, Buenos Aires, El Ateneo, 1976, pg. 94.

Em resumo, a "teoria da cooperação", cujo valor genético descobrimos tanto nos organismos biológicos quanto na organização social e na rede de circuitos eletrônicos, volta agora a ser re-descoberta, em níveis mais elevados de consciência. Mais que de "cooperação", deveríamos falar de "vínculo". Hoje, a investigação científica se orienta na busca do denominador comum que "vincula" fenômenos que nos aparecem como sendo de natureza diferente (já dissemos que nas "sinapses" a corrente elétrica, a polaridade química e a onda mecânica integram uma mesma unidade funcional). Da mesma forma, quando os cientistas se perguntam "o que é que une a física, a química, a biologia?", tendem a responder em termos de "sinergia", "teoria da cooperação", "ordem", "significado". Assim, por exemplo, Hermann Haken e Robert Graham, ambos membros do Institut für Theoretische Physik, da Universidade de Stuttgart, investigam estas relações de "ordem" e descobrem que existem certos princípios metodológicos que dão lugar a uma "cooperação construtiva" dos subsistemas. Por sua vez, os investigadores em genética evolutiva falam de "cooperação entre moléculas" e descobrem que "no funcionamento de enzimas e do ARN, a associação depende do significado"⁷³.

O grande desafio para a civilização que vem é criar a ferramenta tecnológica de "quinta dimensão" que assegure a circulação dos bens da vida, tanto materiais quanto espirituais; porque as tecnologias que conhecemos até agora só fazem possível a produção de bens extrínsecos (que circulam no mercado, fora do homem), mas faltam os "circuitos de volta" (se pudermos chamá-los assim) que incorporam à vida humana, "bens intrínsecos" indispensáveis para o desenvolvimento da consciência. Para além da biotecnologia, que nos fornece novos hormônios e novas sementes (muitas vezes, fazendo trabalhar as bactérias), começa-se a vislumbrar uma tecnologia espiritual, na qual o próprio homem (com função de transistor incorporado nos circuitos técnicos) elabora (por dentro) novas "moléculas/valores" que desempenham um papel chave no metabolismo da luz. O impulso que põe em movimento a circulação destes bens intrínsecos é gerado por mudanças de polaridade da energia humana, associada ao ritmo da consciência cósmica.

O avanço da técnica nos últimos decênios, sobretudo da informática – fazendo aparecerem os sistemas computadorizados e a manipulação genética como "mensagens de salvação" – ocultou as possibilidades do homem para passar da tecnologia cibernética à "cibern-ética da técnica" (o que quer dizer, não somente "pensar a técnica", como propõe Heidegger para o futuro, mas "interiorizar a consciência da técnica": descobrir o método para "gravar", na própria matéria humana, o código energ-ético da Luz). Seria como fabricar por dentro, um chip ultrabiológico que tornasse possível não só a circulação da luz, mas a "produção de bens intrínsecos" (e não me refiro somente a valores do espírito, mas a "substâncias" da vida).

É possível gravar na própria biologia molecular, fluxos de informação cósmica (ou ultracósmica) que a natureza vem codificando desde há milhões de anos, utilizando os delicados mecanismos inconscientes da genética evolutiva?

73. Manfred Eigen e col., "Origen de la Información Genética", em *Genética Molecular*, Barcelona, Prensa Científica, 1987, pg. 203.

Em outros parágrafos, e possivelmente (constantemente) em outros parágrafos, a matéria, o código energ-ético da Luz? Se eu tivesse que dar uma resposta por analogia, diria: a tecnologia microeletrônica já o faz! Vejamos o relato de William Broad, ao observar o trabalho que um estudante avançado, no Laboratório de Altas Energias de Livermore (Estados Unidos) realizava: "Moveu as mãos e a tela de televisão refletiu uma série de cumes e vales finos e horizontais, cruzada por uma só e bem definida linha vertical. Tratava-se da superfície de um *wafér* e a linha precisa havia sido feita por um laser. Ainda que na tela parecesse larga, essa linha, um simples condutor de eletricidade, era cem vezes mais fino que um cabelo humano"⁷⁴. Certamente, estes continuam sendo condutores físicos, por onde circula energia física. Mas, não será possível gerar, em nosso interior, condições de "supercondutibilidade", "cooperação" e "sinergia" que permitam a circulação de uma ultraenergia, até agora desconhecida, e que, na falta de termos mais apropriados, designamos como "circulação da luz"?

É possível manejar inteligentemente o "laser" do coração? O mestre Lū Tzu nos diz que é uma força "*de tal fluidez* que requer a inteligência e a máxima clareza mental, a meditação, a calma mais profunda". Isto é, não é nada fácil manejar este "laser" que escapa das mãos e, muito mais difícil ainda, utilizá-lo para gravar um "wafér de silício supramolecular".

O Mestre Santiago não falava de "circulação da luz", mas do "caminho percorrido pela Grande Corrente no universo". E nos havia dado algumas regras práticas, para o manejo desse Poder:

Utilizai escrupulosamente o Poder da Grande Corrente!

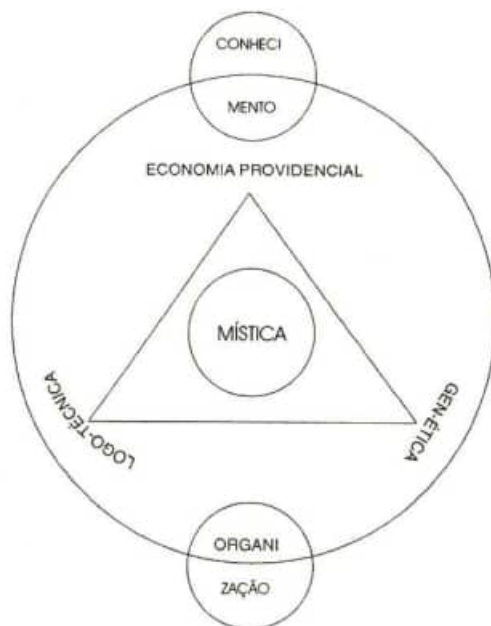
Esse "escrupulosamente" implicava o ajuste do poder da vontade humana com a luz da consciência cósmica. Trata-se de um estado crítico de ressonância, muito fácil de ser perdido:

A força espiritual não utilizada ou utilizada pessoalmente é um excedente dinâmico irrecuperável.

A Mensagem do Mestre não fazia mais que confirmar que o acesso da humanidade a esta "quinta onda" de tecnologia suprassimbólica requeria pôr em movimento um desenvolvimento espiritual que ultrapassava os marcos teóricos do que, até agora, havíamos entendido por expansão de consciência.

74. William Broad, *La Verdadera Guerra de las Galaxias*, Barcelona, Planeta, 1985, pg. 85.

SÍNTESE COGNITIVA ACERCA DAS CONFIGURAÇÕES SOCIAIS DE PODER



A "rotação da luz" (que "está no corpo e fora do corpo") descreve no universo, um enigmático signo. É o "poder" da "Grande Corrente" que une (enlaça) "o espírito originário e o espírito consciente". O mestre Lü Tzu disse: "O homem é como uma mosca efêmera, à semelhança do céu e da terra; porém, ainda o céu e a terra são, frente ao grande espírito, como uma bolha de ar e uma sombra. Só o espírito originário e o verdadeiro ser superam tempo e espaço".

Mística, Conhecimento, Organização con-figuram um único "movimento" reversível do Ser, que se expande como consciência e se retrai como vontade e substância. Não é só transmissão de ideias, mas produção de bens. A Mística do Coração se trans-mite como Economia providencial, Gen-ética social e Logo-tecnologia da Vida.

Esta Grande Corrente de consciência/energia cósmica, em seu ser (Logos unido à vida) é sempre a "Mesma", mas em seu devenir, percorre as doze casas e os doze tempos; e, em cada um destes Éons, pronuncia-se como uma mensagem diferente e em um cenário diferente. Ontem, foi na Índia milenar, no enigmático Egito, na Terra Santa, hoje é na América Profunda.

A MENSAGEM DA AMÉRICA

A nova síntese do século XXI

A América real ainda não foi descoberta! No horizonte do porvir se divisa uma terra que ainda não foi pisada por pés humanos. E se ouve a Voz de uma Mãe Silenciosa que chama (desde dentro), seus filhos por nascer: "Ukhu Ukhumantapacha America" (América é por dentro).

O símbolo arquetípico do Novo Continente não é a Estátua da Liberdade, na entrada ao mundo dos arranhacéus, nem a Porta do Sol, em Tiahuanaco, testemunho de um mundo que passou, mas a silhueta invisível de uma "Alma mundo" que, projetando-se prefigurativamente nos montes e planícies, nos rios e nos mares, nas selvas e nos gelos de uma geografia simbólica, constitui-se em matriz arquetípica para o nascimento de um novo Sol.

Uma energia cósmica circula pelas "veias abertas" da América Profunda. É "Kundalini", o misterioso fogo sagrado do planeta. É o poder oculto da Serpente divina que, desde a Terra do Fogo (onde permaneceu latente durante éons), ascende agora pela coluna vertebral da cordilheira dos Andes, ativando os "chakras" de um "Corpo Social", ainda desconhecido. É a Mulher arquetípica que, desde o polo Sul da Terra, vai uma vez mais ao encontro de seu esposo Solar. É o antigo mistério da "Serpente emplumada", mas agora representado em um cenário histórico diferente.

Transmutação Al-química dos elementos. Uma nova "História das Origens". Uma nova "gesta". Um novo "pacto sagrado". A Mensagem vibratória do novo signo do tempo fecunda os "germes de futuro" que jazem latentes nas águas profundas de uma América arquetípica que quer despertar (e que já está despertando). Qual é o nome do Novo Mundo? Ainda não temos palavra para nomear a civilização que vem. Nem América do Norte nem América do Sul; nem América saxônica nem América latina; nem HispanoAmérica nem IndoAmérica; nem civilização ou barbárie. Todas estas designações são reducionistas, historicistas, ideologistas, mas nenhuma delas pode abarcar a Síntese de uma Gen-ética evolutiva que afunda suas raízes na obscuridade de um magma social transfigurado e abre suas flores invisíveis à luz da consciência cósmica.

Há algum sinal que nos mostre o caminho para a Nova Terra Prometida?

Os sinais vem de longe. Antigas lendas americanas anunciam profeticamente que "quando a águia e o condor voarem juntos, será despertado o espírito da terra". E o grande Bolívar antecipava historicamente a mensagem da América para o mundo: "A liberdade da América é a esperança da humanidade". E também há sinais que vêm de perto (das revoluções perdidas, do sacrifício dos inocentes). Porém, a ambição dos mercadores, a corrupção dos políticos e a covardia dos mediócras traíram o espírito dos peregrinos da aurora.

E agora? Agora entra em jogo um novo signo do tempo, no marco da filosofia da história: 16 de julho de 1945. A mensagem já não é antecipada por ideias, mas pronunciada por acontecimentos: "Pela primeira vez, ardeu sobre a Terra um fogo cósmico" (são palavras de Teilhard de Chardin, por ocasião da primeira explosão atômica). E eu acrescento: esse acontecimento paradigmático ocorreu na terra da América. Inicia-se uma nova Síntese. Uma nova história.

A primeira explosão atômica em terras da América, 16 de julho de 1945, mais que o resultado espetacular de um experimento técnico, foi um ato litúrgico, um acontecimento simbólico, um cerimonial de iniciação: hierofantes da nova era abrem o recinto selado da matéria. Alguém, talvez recordando antigas teofanias, exclama surpreendido: "Mais brilhante que mil sóis". Para além do deslumbramento físico, um nascimento espiritual. Pela primeira vez, o homem terrestre prot-agoniza um drama cósmico!

Não foi coisa de um dia nem de uns poucos homens; foi o resultado de uma longa caminhada da humanidade, em busca de um segredo milenar. E a experimentação foi realizada em segredo, com passos cuidadosamente calculados, como nos rituais dos antigos mistérios. Havia sido construída a primeira "pilha atômica", era o dia 2 de dezembro de 1942, o trabalho da véspera havia sido tenso, expectante, mas chegou o momento longamente esperado. Eram as 3h53 da madrugada: "OK, "Zip" in", disse Fermi a Zinn, que controlava essa varinha de condão dos instrumentos. Abruptamente, os contadores baixaram a velocidade, a agulha deslizou para baixo, no papel de registro. Tudo havia terminado. O homem havia iniciado uma reação nuclear autossustentada e depois, havia-a interrompido. Havia liberado a energia dos núcleos atômicos e controlado essa energia. Imediatamente depois que Fermi ordenou a suspensão da reação, o físico teórico Eugen Wigner, de origem húngara, ofereceu-lhe uma garrafa de vinho Chianti. Durante todo o experimento, Wigner havia mantido oculto o vinho às suas costas. Fermi desarrolhou a garrafa e pediu copos de papel para que todos pudessem beber. Derramou um pouco de vinho em todas as taças e, silenciosamente, solenemente, sem brinde, os cientistas levaram os copos a seus lábios; o canadense Zinn, os húngaros Szilard e Wigner, os americanos Compton, Anderson, Hilberry e todos os outros.

Isto acontecia em Chicago e, quando os cientistas abandonaram o local, um dos guardas perguntou a Zinn: "O que está acontecendo, doutor, ocorre alguma coisa ali dentro?". O guarda não havia ouvido a mensagem que Arthur Compton transmitira telefonicamente a James B. Conant que estava em Harvard: "O navegante italiano chegou ao Novo Mundo", disse Compton (referia-se, indubitavelmente, a Fermi). E Conant perguntou: "Como eram os nativos?". "Muito amáveis", respondeu Compton¹.

Coisa curiosa, reflito eu, a simbologia das datas: 1492-1942.

Deveriam passar-se mais de dois anos, antes que fosse detonado o primeiro artefato nuclear. Mas, não nos apressemos, vejamos, um pouco mais de perto, o caminhar de uma ideia.

Uma mulher, a inefável Marie Curie, havia iniciado a era do urânio, o descobrimento da radiatividade da matéria. Outra mulher, Lisa Meitner, tímida e solitária, havia trabalhado junto a Otto Hahn nos primeiros experimentos de radioquímica. Depois, vieram outros sóis: Fermi, Oppenheimer, Einstein.

1. Corbin Allardice e Edgard Trapnell, *The First Pile*, Illinois, Argonne National Lab., 1961.

Foram os portadores de uma ideia numinosa, mas a fabricação propriamente dita da "primeira bomba" estava reservada a uma equipe técnica. Foi uma empresa gigantesca, haviam trabalhado para isso cento e oitenta mil pessoas, entre elas, catorze mil físicos e engenheiros, com um custo milionário².

A ideia havia sido concebida no Velho Mundo, mas foi realizada no novo continente. Viagem mítica a uma nova terra prometida: Oppenheimer, Fermi, Szilard, Wigner, Einstein, vinham de além dos mares, uma estrela os guiava na noite sem estrelas. Para que vinham? Somente para fabricar a bomba? Não, vinham para fundar de novo o mundo! Saberá realmente Compton o conteúdo simbólico de suas palavras, ao anunciar a seu colega de Harvard o êxito da reação atômica autossustentada, "O navegante italiano chegou ao Novo Mundo"? O próprio urânio era um símbolo, a cifra cósmica de uma matéria terrestre que chegava ao limite crítico de transmutação radiante.

O protagonista da nova história já não era somente a alma do homem, mas o núcleo da própria mater/matéria. O que exploravam os investigadores da nova física era uma "matéria" que lhes escapava das mãos; talvez sem sabê-lo, o que eles procuravam era o que procuraram sempre os alquimistas do espírito, o potencial oculto da natureza, a força primordial criadora (e destruidora) de mundos. A tradição espiritual da humanidade havia preservado, sob o véu do símbolo, o mistério sagrado da energia cósmica: a Serpente enroscada, o fogo de Kundalini, a divina Shakti, Prometeu encadeado. Mas agora, na terra da América, o mito cosmogônico se fazia ritual científico-técnico. A teurgia dos deuses se tornava tecnologia humana... e foi fabricada "a bomba"!

Ainda não tomamos consciência da dimensão meta-física do novo fenômeno (humano e cósmico, ao mesmo tempo) que entrava no jogo da história. Teilhard de Chardin, como já dissemos em outra oportunidade, foi um dos primeiros a vislumbrar a transcendência espiritual que se ocultava por trás do véu tecnológico. Eis aqui suas palavras:

Pela primeira vez, havia ardido sobre a Terra, durante um segundo, um fogo atômico aceso industrialmente pela ciência do homem. [...] No instante crítico em que ia se produzir a explosão esperada, os primeiros experimentadores da bomba atômica haviam se estendido sobre o solo do deserto. Quando se levantaram, depois da explosão, era o homem que se erguia neles, animado de um novo sentido de poder.³

Havia sido aberto um dos selos herméticos. O Céu, a Terra e o Homem se con-stelavam, em uma nova relação de forças. Thomas Berry não ficou alheio à irrupção da energia cósmica no mundo do homem e, quando quer caracterizar o que chama de a "Nova História das Origens", remete-se à "Energia Criadora, projetando-se como arquétipo-metáfora na pessoa cósmica"⁴.

2. Hermann Armin, *La Nueva Física: de Camino hacia la Era Atómica. En Memoria de Albert Einstein*, Munich, Heinz Moss Verlag, 1979.

3. P. Teilhard de Chardin, "Algunas reflexiones acerca de la repercusión espiritual de la bomba atómica", em *El Porvenir del Hombre*, Madrid, Taurus, 1975, pg.171.

4. Citado por Valerio Ortolani, *Personalidad Ecológica*, Puebla, Universidad Iberoamericana, 20 ed., 1986, pg.89.

E voltamos a pensar na América e voltamos às "origens". Mas, quais origens? Já não podemos falar das "origens" em termos da história que conhecemos ontem, a história do descobrimento, a história da mestiçagem, a história da colonização, a história da independência; nem sequer poderíamos desvelar a "origem", dentro do marco da história geológica do continente ou da história sagrada dos antigos deuses. Para decifrar o "código de origem" do Novo Mundo, já não é suficiente a hermenêutica histórica. Precisamos entrar em ressonância analógica com o "acontecimento inicial" que "marca", na matéria do homem, a mensagem do novo signo do tempo.

Um acontecimento desta hierarquia é "mais que humano". Por isso, falo de um "Cerimonial de fogo" e não, simplesmente, de um experimento científico. O desvelamento da face oculta do fenômeno atômico já não pertence ao domínio do conhecimento científico, mas à ordem da revelação espiritual.

Não há linguagem que possa explicar o "nascimento" da pessoa cósmica. Mas há um fato completamente novo, o qual podemos chamar de "signatura" da nova era. Pela primeira vez, a Energia Criadora, que ingressa como *splendid light* na mente de Einstein (segundo suas próprias palavras, quando tem sua visão cósmica) e que tomará "forma simbólica" nas equações matemáticas dos fundadores da física moderna, essa mesma força primigênia do Céu se manifesta sobre a Terra como "poder solar da matéria" (e essa transfiguração supralumínica é o que faz Robert Oppenheimer exclamar, ante a visão do primeiro cogumelo atômico: "É como um milhão de sóis que brilham ao mesmo tempo no céu"). O próprio cientista se transfigura em uma alma luminosa; já não é Oppenheimer quem fala, é o próprio "Arjuna", ante a vista do Senhor, que fica des-lumbrado (segundo o testemunho do Bhagavad Gita).

A partir daqui, tudo é diferente. A casa que habitávamos ficou sem sustento.

Signatura simbólica
de um novo mistério.

Ruptura de simetria
da matéria.
Liberação de energia.
Expansão de consciência.
Abertura dos abismos
sub-terráneos.



O meio cósmico é outro. Nós já não somos os mesmos.

O novo filho do homem é um filho sem pais!

Margaret Mead, antropóloga da nova era, foi das primeiras em perceber que vinha uma geração de filhos sem pais⁵. E Charles Reich, professor em leis da Universidade de Yale, na década de 70, pinta com vigorosos traços intuitivo-proféticos a explosão de um novo estado de consciência na nova geração americana. "Foi tão espontânea a aparição desta "nova consciência"", diz Reich, "que ninguém, nem mesmo o mais astuto dos mais radicalizados, vislumbrou o que estava chegando ou pôde reconhecê-lo quando começou. Não é de estranhar que muita gente pensasse que se tratava de uma conspiração, posto que o fenômeno se estendeu, aqui e em outros lugares, em forma invisível. Muito poucos da velha geração, nem mesmo o FBI ou os sociólogos, conhecem muito acerca disso, já que sua linguagem e seu pensamento é tão diferente da Consciência II, a ponto de torná-la, virtualmente, um indecifrável código secreto. A Consciência III é o maior segredo da América, ainda que seus membros tenham gritado tão alto quanto puderam, para fazer-se ouvir"⁶.

E desse "grito" e dessa "surdez" teremos que falar, se quisermos aproximar-nos, de alguma maneira, do "segredo" do Novo Mundo.

Para decifrar o "código secreto" da nova América nascente, já não partimos do discurso político nem do simbolismo mítico. Nossos referentes primordiais não serão o "descobrimento", a "colonização" ou a "mestiçagem"; tampouco a revolução social ou a revolução tecnológica, nem a droga ou a contracultura. Não quer dizer que todos estes ingredientes do processo de mudança não tenham importância – eles a têm – mas não são primordiais: são a *matéria secunda* que se incorpora às águas que vêm descendo dos altos cumes da consciência cósmica.

Mas, se gritamos alto e não nos ouvem, somos acaso transparentes para nós mesmos? Que vínculo nos une àqueles que pré-sentimos como almas similares, mas que procedem de diferentes povos, de diferentes tradições culturais, de diferentes correntes espirituais? Por qual meio (ou inter-me(d)io) poderemos re-conhecer-nos? O vínculo que une os membros da nova geração é transcendente. Não somos "irmãos" (de sangue, de raça, de cultura), somos "filhos" de uma "Mãe" cósmica desconhecida. Da genética do sangue, passamos à filiação do espírito. Desde ali, desde a potencialidade gen-ética de nós mesmos, é possível que possamos reconhecer-nos como filhos de uma mesma Luz e que (juntos) possamos realizar o que Rodolfo Kusch intui como a missão da América: "Ver como podemos fazer para equilibrar os opostos que dividem o mundo". Acrescenta:

A América é um mundo de opostos rotundos e evidentes. O índio se vê a si mesmo frente ao trovão e o cidadão culto se vê a si mesmo frente ao comunismo; e o rico, frente ao pobre; e a mulher honrada, frente à

5. Margaret Mead, *Adolescência y Cultura en Samoa*, Buenos Aires, Abril, 1945.

6. Charles Reich, *The Greening of America*, New York, Random House, 1970, pg. 217.

prostituição. Sempre se trata de um comércio escuro e um comércio que carregamos o oposto que mais nos convém e por ele, lutamos. Acreditamos na justiça, na bondade e ocultamos o outro. Mas a verdade está em procurar o oposto perdido por baixo da cidade, de certa maneira quando vamos a um subúrbio, a um prostíbulo ou a um bar. Fazendo assim, só então aparece a possibilidade de conciliar os opostos.⁷

Esta visão integradora foi a mensagem dos Pais Fundadores (*Founding Fathers*) no Norte, dos Libertadores da América no Sul, dos Condutores das grandes Revoluções Sociais, dos Mestres iniciadores das novas correntes espirituais; e foi o impulso original da revolta estudantil dos anos 60 e a fúria das explosões sociais dos anos 70 e 80. Uma poderosa energia humana se liberou no novo continente, mas a América continua sendo uma revolução inconclusa.

Na América, verticalizou-se o eixo da história. Há uma visão profética que o anuncia. Porém, a "Iniciativa para as Américas", desde o Alaska até a Terra do Fogo, tem de ser algo mais que uma zona de livre comércio, tem de ser um espaço de livre consciência para ver "como poderemos equilibrar os opostos que dividem o mundo".

Martín Britos, fundador das Edições Arayú na década de 50 na Argentina, inaugura sua coleção "Días Venideros" com as seguintes palavras proféticas:

O Novo Mundo americano do século XXI é uma fascinante aventura, configurada por mutações súbitas e por intensos progressos, dos quais não existem precedentes. Como acontece em todas as Idades Decisivas, tampouco nesta, a maioria de seus protagonistas percebeu o que ela tem de revolucionária, mas a tutela de uma História já presente se faz sentir nas premonições esporádicas, na sugestão das tendências, no magnetismo dos símbolos, na ensinança de fugazes alusões, no fracasso dos projetos impecáveis e no triunfo dos sonhos que prosperam, não obstante a condenação da lógica.

Mas, rastreando a origem *a ritroso*, antes de 1945, antes de Fermi, Oppenheimer, Einstein, um Mestre, ainda muito jovem, cruzava as grandes águas, rumo à América.

7. R. Kusch, ob. cit., pg.195.

O Caminho de Santiago, a rota dos peregrinos do Ocidente, o sangue igneo que vinha desde além do tempo, conectando os antigos centros espirituais do planeta, toda essa força etérea que, durante séculos, havia transmitido à humanidade a sabedoria das estrelas, cruzava agora o mar proceloso, em busca das terras e das almas de um Novo Mundo.

A tradição dos Magos do Oriente, a sabedoria dos sacerdotes egípcios, a mística dos padres do deserto, as correntes invisíveis da história que animavam a vida monástica de Monte Athos, Montecassino, Montserrat e que se detinham em Santiago de Compostela para tomar novo alento, todo este legado da Cavalaria Espiritual da humanidade desapareceria do antigo tempo, para re-nascer em uma nova forma. Quem foram os protagonistas da transposição dessa Sabedoria Perene? Alguns dizem que as primeiras naves que chegaram à América portavam a cruz dos Templários.

De onde vinha o Mestre Santiago? Qual era a raiz histórica de sua mensagem espiritual? Quais haviam sido seus Mestres?

A única coisa que sabíamos é que havia nascido em Bérghamo, Itália, em um lar de piedosa moral cristã, que quando tinha nove anos ingressou em um mosteiro de padres passionistas, realizando ali, durante vários anos, uma valiosa experiência ascético-mística e que, depois, a partir dos quinze e já fora do mosteiro, recebeu uma educação no mais alto nível da cultura européia. Conhecia o grego e o latim, bem como as línguas sagradas da Antiguidade; adquiriu uma sólida formação em filosofia e teologia para passar depois, ao conhecimento científico e às ciências sociais. Por outro lado, já desde criança, estava dotado de extraordinárias condições de clarividência e profecia. Aos dezenove anos, possuindo uma vasta cultura nas filosofias de Oriente e Ocidente, e com uma clara visão retrospectiva dos movimentos religiosos, sociais e políticos do passado, sente que sua vocação espiritual o chama a explorar outros caminhos, até então desconhecidos. E é assim como, em 1926, chega à Argentina, sozinho, sem mais posses que a roupa que tinha vestida e um livro na mão, mas com um claro sentimento de missão espiritual.

Qual era essa missão que devia cumprir? Em 1927, depois de vários anos de penúrias econômicas e de busca de almas similares com as quais compartilhar sua visão espiritual do mundo e da vida, funda a União Savonaroliana, uma pequena instituição inspirada na tradição européia que ele havia recebido, mas com o espírito libertário que começava a respirar na América. Uma pergunta que eu sempre me fiz: "Por que foi Savonarola, o frade florentino que predicava contra o poder corrupto dos Médici e levantava seu dedo admonitório, desafiando a autoridade eclesiástica do papa Alexandre VI, por que este austero predicador de San Marco foi o mentor invisível da primeira fundação do jovem Santiago em terras argentinas?"

Quem era Savonarola? Passaram-se muitos anos, antes que eu pudesse dar-me conta de que Savonarola simbolizava um protótipo de monge-guerreiro que se adiantava a seu tempo e que dava testemunho, pelo fogo do cadafalso, da transcendência do fogo do espírito. Frente à ambição do poder político e à corrupção da autoridade eclesiástica, proclamava o princípio da liberdade interior.

que viemos tratando, para pontuar a atitude e a palavra do profeta inspirado, frente ao príncipe e ao pontífice, postura intransigente que nos recorda os profetas de Israel, a palavra de Cristo frente a Pilatos e aos príncipes dos sacerdotes e que, em maior ou menor medida, marca o sinal do Céu frente às leis da Terra. Pascuale Villari, em *A História de Jerônimo Savonarola e de Seu Tempo*, relata com exatidão histórica as duas confrontações chave do predador de San Marco: com Lorenzo de Médici e com o papa Bórgia. Deixemos a palavra a Villari:

Lorenzo, o Magnífico, encontrava-se em seu leito de morte. O passado se revolvía na memória do Magnífico com imagens terríveis e pavorosas. Queria confessar-se, procurava a absolvição, mas nem sequer acreditava na sinceridade de seu próprio confessor. Quem poderia negar-lhe a absolvição? "Ninguém ousou jamais dar-me um *não* categórico". Nesse momento, vem-lhe à memória a imagem severa de Savonarola e manda chamá-lo em San Marco.

Savonarola, inclinado sobre o leito, acalma o príncipe com palavras de fé e esperança: "Deus é bom, Deus é misericordioso". "Porém... fazem falta três coisas", acrescenta o frade. "Quais, Padre?", responde Lorenzo. "*Primeira*: É necessário ter uma grande e viva fé na misericórdia de Deus". "Eu tenho fé e grandíssima", responde Lorenzo. "*Segunda*: É necessário devolver todo o mal que foi feito ou comprometer vosso filho para que o restitua por vós". A isto, o Magnífico parecia surpreendido e dolorido, mas forçando-se a si mesmo, consentiu com uma inclinação de cabeça. E então, Savonarola, pondo-se de pé e enquanto o príncipe se revolvía temeroso em seu leito, concluiu dizendo: "*Última*: É necessário restituir a liberdade ao povo de Florença". Lorenzo, retomando a pouca força que lhe restava, voltou desdenhosamente as costas, sem pronunciar palavra.

Villari conclui o apaixonado relato: "E assim, Savonarola partiu sem dar-lhe a absolvição e o Magnífico, lacerado pelos remorsos, dava, pouco tempo depois, seu último suspiro, no dia 8 de abril de 1492"⁸. E eu acrescento: faltavam poucos meses para que se anunciasse o descobrimento da América.

Mas, o que acontecia com Savonarola, frente à autoridade da Igreja? A prédica do frade se dava, contra os vícios do povo e a corrupção do clero; com voz de trovão, ameaçava a cidade com males da terra e o papa, com o fogo do céu. Acusado pela "signoria" de sublevar o povo, o papa Bórgia lhe ordena, em nome da santa obediência, "*ti astegna da ogni sermone, non solo pubblico, ma anche privato*".

Enquanto a censura de Bórgia se apoia em razões políticas, o frade obedece; mas quando o rigor eclesiástico tenta violentar sua liberdade de consciência, sua força interior se rebela: "*Il superiore non può comandarmi contro*

8. Pascuale Villari, *La Storia di Girolamo Savonarola e de Suoi Tempi*, Florença, Felice Le Monnier, 1930, vol. I, pg. 161.

alla costituzione di mio Ordine; il Papa non può comandarmi contro alla carità o contro al Vangelo". A partir daqui, virá a excomunhão e assumirá o martírio do fogo.

Villari faz a síntese doutrinária deste gigante do Renascimento:

Sua obra abarca quase todo o saber filosófico e religioso de seu tempo: a teologia escolástica e a mística, a filosofia aristotélica e a neoplatônica. Nos séculos XVI e XVII, estes elementos do saber se dividiriam; mas, na doutrina de Savonarola permaneceriam unidos em uma só síntese. Ele queria uma fé que estivesse de acordo com a razão; uma religião que estivesse de acordo com a liberdade; uma Igreja que não combatesse a pátria e que nunca estivesse contra a voz da consciência e da virtude, que para ele era a pedra angular, sobre a qual o Estado e a Igreja deviam assentar-se.⁹

Depois desta breve incursão no terreno da filosofia da história, e havendo lançado um olhar retrospectivo à Florença de Savonarola e dos Médici, voltemos a Buenos Aires e vejamos o que acontece no parque Rivadavia, no começo de 1937. Ali, sentado em um banco, encontra-se o jovem Santiago. Triste, abatido, com os olhos semicerrados, percorre por dentro, retrospectivamente, as imagens que sustentavam seus sonhos de adiantado do espírito. O que havia ocorrido? Sua primeira fundação havia fracassado; sua obra na União Savonaroliana languidescia. Sim, havia reunido um pequeno grupo de almas com vocação espiritual e havia começado um trabalho social de ajuda aos necessitados, aos doentes, às crianças órfãs, mas em seu foro íntimo sentia que não havia expansão e que seu esforço humano não dava frutos. O que devia fazer? Voltar à Itália?

Envolvido nestas penosas reflexões, ficou adormecido (mais tarde, confessaria a seus discípulos mais próximos que havia entrado em êxtase). Uma Voz que vem do desconhecido lhe diz: "Até agora, fizeste tua obra; daqui em diante, realizarás a Obra da Divina Mãe". Despertou, pôs-se de pé, seu rosto estava radiante. Era outro! Seu passado europeu desmorona. Nasce o Mestre da América.

Quando anos mais tarde, em conversas que tínhamos com o Mestre, ele nos relatava suas primeiras experiências de iniciação espiritual, surgia de nossa parte a pergunta inevitável: qual era a diferença entre a Ensino que ele nos transmitia e a Tradição religiosa e filosófica dos diferentes povos e culturas do passado? Ante um olhar superficial, as ideias fundamentais pareciam as mesmas. Julian Huxley falava de uma *philosophia perennis*. E o Mestre respondia: "Sim, no essencial, existe o que podemos chamar de "Unidade da Tradição", mas mesmo assim, nunca digam que tal ou qual postulado é exatamente igual ao que já conhecem, sempre há alguma diferença".

E voltávamos a perguntar: "Em que consiste essa diferença?" "Nossa Mensagem continua a Tradição Espiritual da Humanidade no que tem de universal, mas nasce na terra da América. É uma mensagem da América para o mundo".

9. Idem, vol. II, pg. 81.

Em suas viagens de Buenos Aires a Mendoza, ao chegar ao lugar de onde se divisavam os primeiros sopês dos Andes, costumava dizer que tinha a visão de uma multidão de índios nativos que vinham a seu encontro: "*Eles vêm dar seu sangue pela liberdade da América*", dizia-nos. Em outras ocasiões, descobria-nos os segredos de alguns gigantes adormecidos da cordilheira; entre eles, nomeava o Lanín. E, quando repassávamos a história da Independência, rendia homenagem aos Libertadores: Miranda, Bolívar, San Martín. E eu lhe perguntava: O que aconteceu em Guayaquil? "*Disso prefiro não falar!*".

Através das palavras do Mestre, eu advertia um giro de 180 graus entre a tradição européia e o novo espírito americano. O que era, ou melhor, "QUEM ERA", essa América que iria dar uma mensagem para o mundo? Rupert Sheldrake, investigador do Clare College, Cambridge, por motivo do 500º aniversário do Descobrimento, pergunta-se: "*Who is Columbia?*" e, quando tenta aproximar-se das raízes profundas do Novo Continente, somente chega a apresentar a potencialidade feminina de um arquétipo ainda indecifrável: "*She has not yet acquired her own symbolic identity*".

Por sua vez, o esclarecido historiador argentino, Ricardo Rojas, lança-se em seus escritos proféticos a desentranhar a mensagem cifrada de uma América ainda não descoberta. Em *Euríndia* (1922), Rojas chama de "mistério etnogônico" à conjunção de povos e culturas produzida na América nativa, como resultado das migrações européias, no final do século XV. E em *El Cristo Invisible* (1927), em um diálogo entre o "Hóspede" (livre pensador americano) e "Monsenhor" (representante da Igreja tradicional), Rojas torna audíveis os primeiros acordes de uma mística americana, ainda inaudível: "Eu acredito que nossa América, e nela nossa Argentina, seja a terra predestinada para servir de veículo político à realização de um novo ideal cristão. Os iniciados no Mistério Cristão poderiam constituir na Terra uma fraternidade invisível, por meio da qual, as forças providenciais que regem a história atuariam na evolução humana. Representamos, como os Estados Unidos, um experimento novo na história política do mundo, uma nova maneira de associação nacional, fundada não na raça física, mas na raça espiritual; não nos caracteres do corpo, mas nos caracteres da alma". E, continuando, o "Hóspede" dá testemunho de seu próprio modo de sentir uma espiritualidade universal que transcende os moldes religiosos conhecidos: "A Igreja cristã nasceu de uma excelsa iniciação que nem todos compreendem e da qual só é um pálido reflexo sua liturgia magnífica. Há, sem dúvida, um cristianismo esotérico. Eu não proponho seitas novas. Pelo contrário, aspiro sim, à fusão de todas as seitas em uma só emoção cristã; criação, como vedes", diz a Monsenhor, "não de caráter disciplinar, mas espiritual, esotérico, invisível. E isto não poderia ser realizado, a não ser no templo que é cada homem e nas consciências capazes dessa elevada iniciação. Adoto, segundo creio, não a atitude dos teólogos dissidentes e sim, a dos místicos individualistas". E o "Hóspede", aproximando-se por similitude essencial da alma de "Monsenhor" que o escuta atentamente, pronuncia as primeiras palavras de uma nova religião cósmica: "O Cristo invisível mostra-se assim, como um só espírito divino na alma da humanidade. Ante ele, as diversas religiões, castas e raças se refundem em uma só religião, em uma só casta, em uma só raça espiritual".

Comecemos com a aparentada polémica entre Savonarola e o papa, na Florença do final do século XV e chegamos ao diálogo ilustrado entre o "Hóspede" e "Monsenhor" na terra da América, nas primeiras décadas do século XX. Preparavam-se as condições de um novo Advento espiritual. Mas, ainda faltavam a fissão atômica e as revoluções sociais.

Desde 1945, o Mestre observava com atenção os movimentos de transformação social que começavam a ser gestados em diferentes povos da América e unia seu sentir às reivindicações dos operários, das mulheres, dos estudantes e das grandes massas de marginalizados sociais em suas lutas para conquistar melhores condições de vida. Nesse momento, alguns de nós, dirigindo o olhar para o porvir, tentávamos vislumbrar quais seriam aqueles povos, culturas ou raças que melhor representariam, no continente americano, o espírito da mensagem do novo signo do tempo. E, em uma conversa sobre este tema que tivemos com o Mestre, choviam de nossa parte as perguntas e cada um dava seu parecer; alguém disse: "América do Norte", outro "Iberoamérica", outro "América Latina". O Mestre permanecia em silêncio e, quando todos terminamos de falar, ele respondeu:

*Nem América do Norte, nem América do Sul, nem Iberoamérica,
nem América Latina, mas simplesmente, América.*

Haviam-se rompido os moldes do passado, era preciso pensar tudo de novo!

Germán Arciniegas, em *América Tierra Firme*, referindo-se às potencialidades humanas do Novo Continente, diz: "Às regiões do globo cabe, por rodízio, ir servindo de assento às culturas". Um novo cenário para representar, de outra maneira, "o caminhar de Deus sobre o mundo", de que nos fala Rodolfo Kusch, em *América Profunda*.

Porém, para onde aponta a significação desta nova morada para o homem? Qual é a Voz do novo homem da América? Para "pensar na América", no contexto do novo signo do tempo, já não é suficiente o discurso que procede da filosofia da história ou a mensagem das revoluções sociais e políticas, senão que é necessário *escutar* uma palavra ainda não pronunciada: é a nota chave que os mensageiros do espírito fazem soar, no diapasão da nova história.

Nem todas as vozes que se levantam em nome do progresso, do desenvolvimento, da ciência e da técnica são mensagens para o homem!

O que podem esperar as novas gerações, dos poderes anônimos que hoje governam o mundo, das forças ocultas que movem o mercado de capitais, dirigem os programas científicos para as guerras de extermínio, manipulam a informação genética, dominam os meios de comunicação de massa? E que podem esperar das grandes potências, os povos em desenvolvimento? Acaso, imitar seus modelos sociopolíticos esgotados, suas economias de desperdício, seu imperialismo do dinheiro? Para quê? Para o desenvolvimento? Mas, qual desenvolvimento? Para que, uma vez alcançado o desenvolvimento tecnológico, desemboquemos na patologia social?

Na América, nasce um novo tipo de homem, capaz de gestar por dentro, a revolução espiritual do futuro ("Ukhu Ukhumantapacha America" – a América deve ser desde dentro). Mas, como se delineia a "matriz" desta Mãe simbólica, que alberga em seu seio, "germes" de filhos ainda não nascidos? E aqui vem uma primeira pergunta: qual é a "ponte" que pode unir os diferentes povos e culturas das três Américas? E a resposta é que não existe essa "ponte". O encontro da Águia e do Condor não vem pelos caminhos conhecidos, de pactos políticos, relações culturais, eventos esportivos, acordos econômicos, mas por ressonância anímica em um hiperespaço de estrutura diferente. Já o dissemos mais de uma vez: a unidade da América não vem pelo caminho da Organização dos Estados Americanos (OEA), do "Panamericanismo", da Aliança para o Progresso, da Iniciativa para as Américas (por mais que todas estas coisas possam ter valor na ordem prática); a união vem por uma expansão de consciência comum, por um sentir de pertinência comum, por um sacrifício comum. Trata-se de um vínculo vibratório, de uma ressonância humana profunda que quebra todas as barreiras, inclusive a barreira generacional: quando se ouve (por dentro) essa palavra ainda não pronunciada, as jovens estudantes (ainda adolescentes) chegam a dizer a Margaret Mead (antropóloga já com oitenta anos): "Margaret, você é uma das nossas!". Esse "sentir" profundo parte as águas, une os que estavam separados e separa os que estavam unidos.

A revolução americana de hoje, aquela que está sendo gestada no grande laboratório da América Profunda, começa onde terminam as revoluções sociais dos povos mais avançados do planeta. Esta revolução tem o poder de uma "gesta" libertadora. É a mística em ação, dos novos povos da Terra.

Mas, antes de entrar nos caminhos ainda não percorridos, gostaria de dizer umas poucas palavras mais, acerca da função gen-ética das "revoluções perdidas".

Magnífica e heróica a revolução do povo da Argélia para conseguir sua liberação social e política. Mas, o próprio Fanon, que faz a crônica do processo de descolonização em seu livro *Os Condenados da Terra*, adverte "contra o oportunismo e a corrupção dos recém chegados ao poder e contra a tentativa de reproduzir os mesmos modelos culturais do opressor estrangeiro"¹⁰.

As formas revolucionárias de ontem esgotaram seu potencial evolutivo; ao chegar ao cume de seu desenvolvimento, a energia humana muda de signo e o sistema inteiro se retrai sobre si mesmo, em busca de um novo piso. William Irwin Thompson, ao examinar os sinais de nosso tempo no marco da filosofia da história, pergunta-se: "Como é que, quando tentamos fazer o bem, terminamos a miúdo criando um mal ainda maior?". E cita alguns exemplos:

A Declaração dos Direitos do Homem, em 1789, terminou no Reino do Terror e no posterior ascenso da ditadura de Napoleão. A temporária ditadura do proletariado na Rússia terminou na ditadura do partido comunista. Os Estados Unidos lutaram em guerra revolucionária, contra o Império Britânico e depois, converteram-se em império, combatendo para suprimir a guerra de guerrilhas no Vietnã.¹¹

Octavio Paz, quando quer caracterizar sucintamente a contradição que os Estados Unidos geram em sua relação com a América Latina, diz: "É uma democracia e é um Império"¹².

Thomas Berry, em um ensaio de 1976, *America: Bicentennial Reflections*, sublinha o fato de que, a duzentos anos da Declaração da Independência (4 de julho de 1776), os Estados Unidos alcançaram "o contrário do ideal proposto no começo". E Berry completa seu pensamento:

A nação norteamericana começou como uma civilização de tipo rural e agora, é um dos piores casos de excessiva industrialização; havendo começado pela exaltação da livre empresa, está agora sob o controle das grandes corporações; havendo começado pela mística do *unspoiled continent* (o continente não contaminado), é agora um continente grandemente devastado e contaminado.¹³

10. Frantz Fanon, *Los Condenados de la Tierra*, México, Fondo de Cultura Económica, 1963, pg. 186.

11. W. I. Thompson, ob. cit., pg. 79.

12. O. Paz, "México y Estados Unidos (I). Democracia e Imperio", *La Nación*, Buenos Aires, 30 de agosto de 1987.

13. Thomas Berry, citado por Valerio Ortolani, ob. cit., pg. 212.

E o que aconteceu com as revoluções na América Latina? A visão originária dos Libertadores (uma mística da espada posta a serviço de uma sociedade de homens livres, em uma América sem fronteiras) desembocou no pacto de Guayaquil e, como resultado, na fragmentação do mapa geopolítico e no autoritarismo dos caudilhos videntes.

E o que aconteceu com a mensagem erótico-mística dos hippies, "fazei o amor e não a guerra"? Terminou no colapso das comunidades promíscuas e no assassinato de John Lennon. Os modelos de economia alternativa que puseram em jogo não puderam competir com a produção industrial e a sociedade de consumo.¹⁴

Por sua vez, a revolta estudantil dos anos 60 termina com o triunfo do *establishment* e apenas "algumas reformas para que tudo continue como antes". E o que aconteceria, tempos depois no México, na Plaza de las Tres Banderas? E na China, na praça de Tiananmen?

Por último, mais ao sul, a guerrilha revolucionária é varrida pelo poder militar, em nome da doutrina da segurança nacional (trinta mil jovens desaparecem na Argentina e no Uruguai).

Mas, nem tudo termina ali. Os sensores do sistema haviam sido postos em estado de alerta máximo, para detectar todo movimento que ameaçasse já não somente a estabilidade política, senão que apontasse para o despertar da consciência espiritual. As Novas Religiões haviam sido bem assimiladas no Norte da América (as Igrejas eletrônicas chegaram a constituir o terceiro poder econômico, segundo dados do *The Economist*)¹⁵. Mas no sul, não aconteceu o mesmo; na Argentina, na década de 70, sob a suspeita de "lavagem cerebral" e de "afastar os jovens do lar de seus pais", iniciou-se (pelo próprio Estado e por grupos religiosos fanáticos) uma feroz campanha de "caça às bruxas" e de repressão contra as chamadas "seitas". E houve perseguições e houve prisões.

O que aconteceu com as revoluções sociais, políticas e espirituais? Foi tudo uma fantasia, uma ilusão, um sonho? Não, houve um ideal de liberação; a palavra do fogo do espírito se movia sobre as águas da América Profunda, mas não pôde encarnar em um corpo social. Octavio Paz, em seu "Verbo Desencarnado", radicaliza o fracasso revolucionário: "A poesia não encarnou na história"¹⁶. É realmente assim? Talvez o ideal revolucionário não tenha encarnado na história e sim, mais abaixo da história. Pietro Ubaldi, em sua visão do "descenso dos ideais", diz o seguinte: "Quando os ideais descem à Terra, são transplantados a um plano biológico mais baixo"¹⁷. E William Blake fala

14. Dick Fairfield, *Comunes USA*, New York, Penguin Books, 1972; Robert Houriet, *Getting Back Together*, New York, Avon Books, 1971; Rosabeth Kanter, *Commitment and Community. Communes and Utopias in Sociological Perspective*, Harvard University Press, 1972; Keith Melville, *Communes in the Counter Culture*, Morrow Paperpack Editions, 1972.

15. Jacob Needleman, *The New Religions*, New York, Doubleday & Co., 1970.

16. O. Paz, *El arco...*, pg. 250.

17. Pietro Ubaldi, ob.cit., pg. 155.

do "casamento do Céu e do Inferno". O polo oposto (e complementar) do Ideal não é a história que é escrita e contada, mas o Inferno daqueles que ficam à margem da história. Aqui, já não estamos no terreno da poesia, mas nas câmaras do horror ("para que o trigo nasça é necessário que a semente morra"). Nesta dimensão sub-terrânea, o ideal revolucionário fracassa, mas sua energia essencial se transmuta em "fermento" e é precisamente esse "fermento" o que entra em jogo como "catalisador espiritual" da revolução americana que vem. Que, por outro lado, já não é uma revolução, mas uma "gesta" (acoplamento Gen-ético entre uma mensagem solar que desce e uma matéria solar que ascende; con-stelação de signos, no espaço de encontro entre a Águia e o Condor).

Se for necessário, deverá ser sacrificado o poder material (o poder tecnológico, o poder do dinheiro), em aras de uma civilização humana. É o desafio gen-ético da América Profunda. Isto não vai ser entendido – e muito menos aceito – já não digo pelos conservadores dos antigos regimes de usurpação e privilégio, mas por muitos dos chamados "revolucionários", os quais, havendo alcançado um certo nível de consciência social, cristalizam-se em um estado de relativo bem estar, cedem à tentação do poder político, à sedução dos bens de consumo, ao sentimento de importância pessoal e morrem adormecidos, sem pena nem glória.

Para além da geografia política da América, com suas fronteiras, muitas vezes artificiais, resultado de guerras, acordos e tratados, existe uma geografia simbólica, que corresponde a funções da Terra e missões dos povos. Teilhard de Chardin lança o grande desafio: "A era das nações passou, é hora de construir a Terra".

Mas, qual é o caminho para iniciar esta nova gesta?

Mais que seguir as pegadas das revoluções sociais e políticas do passado, e de sustentar-nos na crista da revolução tecnológica da terceira onda, no presente, devemos poder instalar-nos na "fratura evolutiva" que se produziu na própria vida do planeta, como resultado de um desequilíbrio ecológico que ameaça a sobrevivência humana. Mais que seguir as perspectivas sociológicas de um Marx, de um Marcuse ou de um Hermann Kahn, e as prospecções tecnológicas de um Servant Schreiber ou de um Alvin Toffler, talvez nos convenha prestar ouvidos ao mundo evolutivo de Stephen Gould e a sua "Teoria do Equilíbrio Interrompido" (*Punctuated Equilibria*). "O que rejeitamos é o gradualismo", diz Gould. "O Equilíbrio Interrompido diz que as espécies evoluem de forma abrupta, entre fraturas. É um processo marcado por uma série de catástrofes, entre dois períodos de calma"¹⁸.

Hoje, a ordem do mundo se arruína, o meio cósmico já não é o mesmo, a paisagem simbólica da Terra sofreu uma inversão de significado. É o fim de uma era, os grandes impérios desmoronam, as fronteiras das nações já não existem no espaço tecnológico da "aldeia global", mas o desafio da "Serpente Emplumada", ao novo homem americano do século XXI, é "como equilibrar os opostos que dividem o mundo", na nova era do Equilíbrio Interrompido.

Mas, voltemos à pergunta, qual é o Caminho? Antes de responder, escutemos a voz dos peregrinos que se adiantaram a nós. "Sabes o que é o Polo Sul? É o sexo da Terra. Uma região tenebrosa de per si, mas de importância fundamental; o sexo é o maior mistério do universo. Transmutando sua força, alcança-se o Reino de Deus"¹⁹. Outra vez e com outra linguagem, é a voz da "Serpente Emplumada" que percorre os chakras da América Simbólica.

O que é que leva Rodolfo Kusch a deter-se com sua família em Maimará, um pequeno povoado a 80 quilômetros de Jujuy, noroeste argentino, seguindo as pegadas do antigo "Camino del Inca"? O próprio Kusch o diz: "Maimará está localizado em uma zona na qual não se poderia viver sem compromisso. É como se se estivesse do outro lado, transpondo uma fronteira. Os Incas tinham um império de quatro zonas e na borda, localizava-se a barbárie; e deter-se em Maimará é como reconhecer um lugar nos confins do império mental que levantamos para viver. Para dar este passo, foi preciso passar do habitual, onde o ser se sente cômodo, ao não habitual, de onde se vislumbra a incomodidade e a penúria. A penúria de quê? Pois a verdadeira penúria, a

18. Stephen Gould, "La Evolución Según Stephen Gould", entrevista, *La Nación Revista*, N° 1076, Buenos Aires, 18 de fevereiro de 1990.

19. Miguel Serrano, *Ni Por Mar Ni Por Tierra*, Santiago de Chile, Nascimento, 1974, pg. 22.

de sentir-se pieno apesar da mudança, a de continuar sendo forte, sei realmente si mesmo – mas depois de haver saltado a fronteira, essa mesma que o ser havia criado”²⁰. E a América tem estas fronteiras mágicas, que já não pertencem à geografia política conhecida, mas a uma geografia simbólica e mítica que começamos a percorrer por dentro. Para além das cidades populosas, dos grandes centros do poder político e tecnológico, do “império mental que levantamos para viver”, para além do umbigo do primeiro mundo e das muralhas do segundo mundo, há “outro mundo” que não nos animamos a olhar, nem a conhecer, nem muito menos a habitar. O que é a “Antártida”, a deusa adormecida sob os gelos? O que é “Malvinas”, uma zona que pertence à integridade simbólica da América, a seus centros de força e que os impérios do velho signo se empenham em reter pela força? O que é “Bolívia”, o Altiplano, outra zona potencial do planeta que começa a despertar? Che se adiantou demasiado: “Estes índios são como pedras”, mas, atenção ao poder oculto nas pedras! E o que é “Cuba”, “Nicarágua” e toda a “América Central e Caribe”, onde junto às revoluções políticas, desencadeiam-se as forças telúricas? E o que são os Estados Unidos, para além do imperialismo do dinheiro, para além de Wall Street, a CIA e o Pentágono, para além do poder tecnológico, da IBM, da GM e da guerra nas estrelas? Também lá existem fronteiras mágicas para passar a “outro mundo”, à “Gnose de Princeton”, à “Consciência III”, a “Arcosanti”. E que dizer da “Amazônia”?

Esta geografia simbólica da América vem constituir o embasamento telúrico-cósmico de uma trama de relações culturais invisíveis que vão tomando formas de expressão na linguagem, no mito e no sentido da existência. Graciela Maturo, em sua *Argentina e a Opção pela América*, concede especial significação de enraizamento aos núcleos mítico-simbólicos “translinguísticos” que, precisamente por “transcender os moldes impostos pela língua”, têm um caráter mais universal e permitem a transmissão daqueles valores culturais permanentes que as próprias estruturas linguísticas – por uso inadequado ou por intelectualização excessiva – podem “ocultar, atrofiar e trair, convertendo-os em letra morta”. Neste caso, continua Graciela: “O espírito procura outras vias, já seja nas formas mais populares da língua, inclusive em modos não linguísticos de expressão”²¹.

Fazia tempo que eu havia sido impactado pela ideia/sentimento de uma “América total” (“A Whole America”) que emergia no planeta, como cenário histórico de uma nova etapa evolutiva da humanidade no processo de “fratura” da velha ordem do mundo (Teoria do Equilíbrio Interrompido). E, quando ao aproximar-se a data da celebração do 500º aniversário do Descobrimento da América (12 de outubro de 1992), conversávamos com Janis Roze, investigador do International Center of Integrative Studies (ICIS) de Nova Iorque, sobre a ideia de dar alguma forma de expressão ao que intuíamos como um “Além do 500º da América” (“Beyond the America’s 500th”), a primeira coisa que nos ocorreu, antes de qualquer discurso intelectualizado, foi recorrer

20. R. Kusch, “Detenerse en Maimará”, *Cultura, Casa del Hombre*, Nº 5, Buenos Aires.

21. Graciela Maturo, *Argentina y la Opción por América*, Buenos Aires, Castañeda, 1983, pg. 98.

ao núcleo místico-simbólico do "encontro da Águia e do Condor" que, como tradição profética, é preservado em diferentes grupos étnicos aborígenes da América do Norte e da América do Sul.

O segundo ponto que tivemos em conta para o projeto da "América total" foi o idioma. Minha proposta era incorporar o ICIS Fórum, uma publicação em inglês que é distribuída em uns trinta e cinco países, uma folha dupla em inglês-espanhol, que operasse como ponte linguístico-simbólica de aproximação entre espaços culturais de estruturas diferentes – eu diria uma "primeira" aproximação, até que possamos falar o idioma único de ressonância cósmica.

O terceiro ponto para configurar conceitualmente a pergunta acerca de "qual é o desafio para a América", foi escolher os protótipos humanos de vanguarda, dois filósofos da história, Thomas Berry, no Norte e Rodolfo Kusch, no Sul; os quais, sob diferentes formas da linguagem, expressavam um mesmo pensamento, referente ao porvir da América.

Qual é o desafio para a América?

Thomas Berry, em seu ensaio *America: Bicentennial Reflections* (América: Reflexões do Bicentenário), examina as circunstâncias que deram origem à grandeza dos Estados Unidos da América e como sobreveio a crise, e pergunta-se qual é o caminho para obter um futuro melhor e voltar "às quase incríveis "visões" dos fundadores originais [...], a essas fontes originais de inspiração para poder continuar a aventura americana, em uma escala que ninguém jamais suspeitou"²².

Só desde o Norte?

Rodolfo Kusch, filósofo argentino, desde o Sul, havendo percorrido com sua esposa os caminhos das antigas civilizações andinas, pergunta-se em *América Profunda*, sobre o porvir da América e diz: "Trata-se de ver como equilibraremos os opostos que dividem o mundo... Tudo está em voltar a viver os grandes temas, como se fossem um novo advento, inclusive a morte".

Uma nova síntese? Sim, é uma nova síntese de valores materiais e espirituais que já está se realizando na América!

É algo mais que o encontro entre a Águia e o Condor, é o enlace do Logos e da Vida.

Sob um olhar superficial, esta "Síntese" Gen-ética nos escapa. Para desvelar seu código secreto, não é suficiente o mapa de uma geografia simbólica nem o simbolismo mítico-linguístico das diferentes culturas americanas, senão que necessitamos penetrar nas câmaras sub-terráneas de nossa própria matéria transmutada, para aceder à revelação de uma nova história sagrada.

22. *Riv. Papers*, IV, AB pg.14, 1976.

A revelação do segredo da serpente emplumada

Para além da revolução tecnológica e da aventura do espaço, somos protagonistas de uma revolução espiritual que está mudando não só o meio ambiente ecológico-social, mas a própria estrutura de nosso meio interno.

Sem muita consciência ainda, estamos travando uma nova guerra arquetípica de liberação.

A conquista do espaço exterior é só a face visível de uma viagem silenciosa à terra interior, descendo cada vez mais baixo, até as raízes da árvore da vida para resgatar ali, a energia essencial aprisionada na mater/matéria e subir com "Ela" ao cume da Montanha sagrada. É abrir o caminho interior à energia cósmica, para que possa circular livremente entre o Céu e a Terra. É a revelação do segredo da Serpente Emplumada.

O homem vai em direção às estrelas, mas as estrelas vêm ao homem! Alguns astronautas já o compreenderam. Edgard Mitchell, da Apollo XI, dá testemunho de sua experiência de retorno: *"We went to the moon as technicians; we return as humanitarians"* (*"Fomos à Lua como técnicos; retornamos como humanitários"*). São os técnicos-místicos de uma cruzada espiritual que apenas começa.

Qual é a missão dos homens e das mulheres que vêm com o selo cósmico na frente? Preparam o caminho para os mestres que voltam trans-figurados!

Porque a obra que temos pela frente é mais que humana. Nem sequer é uma missão. É uma *Trans-missão*.

A TRANS-FIGURAÇÃO DOS MESTRES

Vou preparar-vos o lugar...

João, 14:2

Na madrugada de 3 de julho de 1962, o Mestre Santiago deixava subitamente a Terra. Uns dias antes, a modo de despedida, havia-nos dito:

Já vos ensinei tudo o que tinha a ensinar.

Volto a ficar só; meus companheiros de ontem, os livros, as imagens, os símbolos, a ensinança escrita, tudo se transformou de repente em uma realidade ilusória. Aparentemente, as coisas continuavam como antes, mas "tingidas de ilusão". A morte do Mestre, a desapareção de sua figura física, produziu em mim um choque de "esvaziamento do mundo". Quando desper-tei, dei-me conta de que havia estado representando um papel em um "auto sacramental", que o espetáculo havia terminado e que todos os personagens havíamos retirado os trajes de cerimônia. Como Jeremias, "Olhei a terra e eis aqui que era vazio e confusão; e olhei os céus e não havia luz" (Jer. 4:23).

As luzes do cenário se haviam apagado, os mestres haviam desaparecido e eu entrava em uma escura noite. Meus pontos de apoio no mundo sensível se haviam afundado e só me ficava a fé pura, sem aditamentos, sem imagens, sem intermediários: "*Accipe lucem prudentiæ*". O salmista o diz com palavras poéticas: "A noite da fé será meu guia" (Salm. 138:11).

Mais de uma vez, no transcurso desta "subida noite", estive na expectativa de uma "nova revelação"; esperava que o Mestre me revelasse, de alguma maneira, o sentido de sua ausência, ou que me desse algum sinal de sua presença suprafísica (talvez esperasse ver sua imagem transfigurada em um corpo de fogo, ao modo da visão do Tabor: "E se transfigurou ante eles; brilhou seu rosto como o sol e suas vestes se tornaram brancas como a luz" (Mt. 17:2)). Mas nada disso ocorreu.

Passou-se muito tempo, antes que me desse conta de que o que eu chamava "revelação" já se havia produzido em minha alma, mas não como eu o havia esperado. A "segunda vinda" (se assim posso chamá-la em termos

como anelo de salvação da alma, mas como impulso de transformação da vida. Por outro lado, a revelação do Transcendente já não é entendida como experiência espiritual para uns poucos, mas como necessidade existencial para todos. Estamos tomando consciência de que, se não se produz este "salto para a Transcendência", as formas cristalizadas da vida são destruídas pela própria vida (há uma violência biológica, social e cósmica que, como reação complementar, opõe-se a toda cristalização da vida no tempo). Em outras palavras, o "sentido do Transcendente" não só se revela como chama que ilumina, mas como ralo que des-integra.

A Estrela que vem do céu fala uma linguagem universal.

As velhas mensagens eram vozes para um povo, para uma raça, para uma determinada coletividade humana. A mensagem cósmica é para *todos*.

As velhas mensagens falam línguas diferentes, sem entender-se. A mensagem que vem das estrelas fala um só idioma (que é entendido por todas as formas de vida). Qual é esse idioma? É uma linguagem vibratória que se revela por ressonância de similitude. Muitas das crianças que vêm já falam essa linguagem cósmica. Já há no planeta uma nova geração de homens e mulheres livres que "ouvem" o mesmo, "veem" o mesmo e "experimentam" o mesmo: eles se entendem sem falar, olhando-se simplesmente nos olhos!

Um rosto que advém e uma energia que transforma.

Linguagem cósmica é radiação pro-fética; é *antes* da palavra. É presença além da forma, mas se manifesta como vibração que *in-forma* e força que *trans-forma*. Lembro-me de Ramakrishna, quando dizia que a Mãe cósmica é "sem forma e com forma" (paradoxo espiritual que a física da luz traduz como "partícula e onda"). Em outras palavras, a Estrela que nasce no Céu (o Mestre Desconhecido que re-nasce) reclama, desde a origem, uma alma similar sobre a Terra: con-stelação arquetípica de forças divinas e humanas que gera uma corrente energ-ética (humano/divina) que se trans-mite por reação em cadeia. O polo terrestre de ressonância cósmica já não é só o homem individual que conhecemos, mas a "reunião de almas similares". Já não é somente o Mestre Desconhecido, é o Homem Desconhecido.

Como é o rosto desse Alguém que advém? Em multidões de seres humanos, em raças e culturas diferentes e em diferentes partes do mundo, começam a esboçar-se os traços gen-éticos de um Rosto desconhecido; trata-se de campos energ-éticos de expansão de consciência que convergem por ressonância de similitude (fase de gestação de uma nova humanidade que começa a tomar um "peso" significativo no planeta; não um peso econômico, social ou político, mas um peso de convergência co-evolutiva: matéria humana trans-figurada que opera como polo de anti-gravidade).

Mas a pergunta permanece de pé. Como volta o Mestre Desconhecido? Como a Voz de um *Deus Absconditus*? Ou como a força de uma Revolução inconclusa?

É a corrente das almas liberadas que "voltam".

Mas, como voltam? Sob outra forma? Ou sem forma? Transfiguram-se? Ou se trans-formam?

Voltarei como chuva de rosas.
Santa Teresinha de Lisieux

Voltarei e serei milhões.
Eva Perón

Vêm com o rosto de um Maitreya glorioso (a transfiguração do Tabor)? Ou por trás da figura de um anjo Exterminador (os quatro ginetes do Apocalipse)? Vêm como Deus de Misericórdia? Ou como Mestre de Justiça?

Demorei bastante tempo para dar-me conta de que os Mestres não voltam como "forma", mas como "função". Não morrem, transmutam-se!

"*Vocês não morrem*", disse-nos uma vez o Mestre Santiago, "*alguns de vocês já conformaram um protótipo: sempre haverá alguém como...* (e citou um nome masculino) *ou como...* (e citou um nome feminino)".

Quando o Mestre Santiago diz: "*sempre haverá alguém como...*", está se referindo, analogicamente, a uma ordem que poderíamos chamar de "supramolecular", isto é, referida a funções trans-finitas de uma fisiologia cósmica ainda desconhecida. E quando eu falo de trans-figuração, tomo o termo em seu sentido de "além da forma". Em outras palavras, não se trata simplesmente de mudança de forma, mas de transferência de funções (cruzando a barreira da forma). Os poetas românticos (Mallarmé entre eles) vislumbaram a "passagem" secreta entre figura, ritmo e sentido. E Cervantes conclui sua monumental obra, com as seguintes palavras: "Morre Alonso Quijano, o bom, e vive don Quixote de la Mancha". Já não se trata de "figuras" (o "cavaleiro da triste figura"), mas de "princípios" ("Principados"?). Transição de fase entre a matéria humana e a consciência cósmica (mudança súbita de ordem que a biologia molecular descobre no laboratório, como transições co-evolutivas).

A hierarquia espiritual de um Mestre se revela por seu poder de trans-figuração: desaparece como "um" e volta como "muitos" (como "chuva de rosas", como multidões revolucionárias). Por analogia com o que ocorre na dinâmica de um campo quântico, podemos dizer que um Mestre desaparece como "partícula" e volta como "onda". As almas liberadas deixam um "oco" no mundo da matéria (que eu sinto como "vazio" em minha própria alma) – vacante de Pauli? – mas, na ordem cósmico/humana, restabelece-se por radiação de energia e expansão de consciência.

A unicidade que temos hoje para captar a "onda" vibratória da mensagem do novo signo do tempo se deve, em grande medida, ao forte condicionamento de nossa mente racional às "formas" do antigo "Éon". Queremos que Cristo nos apareça sob a "forma" com que aprendemos a conhecê-lo nos Evangelhos. Mas a chave, agora, não é conhecê-lo e sim, re-conhecê-lo. O que conheço já não me serve de guia no novo caminho sem pegadas da caminhada da alma (*Eu já vos ensinei tudo o que tinha a ensinar*). E agora? Agora temos que aprender a re-conhecer a "onda" invisível do Mestre Desconhecido (porque o Mestre não volta como "conhecido", mas como "Desconhecido"); temos que aprender a escutar o som inaudível de sua Voz.

Mas, há algo mais. Quando desaparece em minha alma o Mestre "conhecido", também desaparecem os companheiros "conhecidos". Já não há mais "companheiros"!

É entrar em cheio no deserto. A busca prossegue, mas agora por outro caminho. Nietzsche, que conhecia estas coisas, expressa-o com palavras de fogo, em seu *Zarathustra*: "Companheiros para seu andar, busca o Criador, e não cadáveres nem rebanhos e crentes".

O mistério da Trans-figuração escapa a nosso olhar porque ainda estamos sob o poder hipnótico de duas grandes ilusões coletivas: o mito científico e o mito profético (utilizo aqui a palavra "mito" em seu sentido de "ficção", "encobrimento" ou "distorção" de sentido). O mito científico mantém a divisão entre a representação filosófico-científica do mundo e a realidade da vida cotidiana. O mito profético mantém a expectativa da vinda de um profeta ou guru que anuncie a verdade com voz de trovão. Trata-se de outras tantas formas de "ocultamento do ser" (como diria Heidegger). Em outras palavras, continuamos procurando um intermediário; negamo-nos a abrir nossos próprios olhos, resistimos à reversibilidade de nossos próprios valores, rechaçamos o sacrifício de nossa própria matéria. Delegamos imprudentemente aos cientistas, técnicos, filósofos e gurus nossa intrínseca possibilidade de visão e de revelação.

Detecta-se em nosso tempo, uma "expectação messiânica" que se manifesta como intuição de "Advento", como pressentimento de "algo Grande" por vir (comissão da sensibilidade da alma, quando uma "onda" de energia numinosa – Ubaldi fala de "Noúres" – roça as águas profundas da vida). Se o ser não reconhece esse contato "ultrafônico"² como mensagem para si, projeta seu potencial genesiaco fora de si e o converte em expectativa de um acontecimento extraordinário no mundo, já seja como milagre espiritual ou como milagre tecnológico. Quantas fantasias foram tecidas ao redor da "segunda vinda" de Cristo (*The Second Coming*), sobretudo na literatura anglosaxônica! E o que podemos dizer do messianismo tecnológico? Thomas Berry foi o primeiro (talvez o único) a dar-se conta de que a humanidade havia assumido o poder tecnológico como "mensagem de salvação", a ponto de substituir o mistério espiritual da redenção transcendente pelo mito tecnológico dos robôs cibernéticos.

2. "Ultrafônico", termo utilizado por Ubaldi para nomear uma radiação espiritual que está "além da luz". Pietro Ubaldi, *Las Noúres*, Buenos Aires, Constanica, 1939.

A Trans-figuração de um Mestre, se olharmos o fenômeno em sua dimensão energ-ética de expansão de consciência, vai unida ao destino de um "povo" (entendo por "povo" tanto uma organização social quanto uma comunidade espiritual). É um Acontecimento de "iniciação coletiva", de trans-fusão de valores no processo co-evolutivo da vida. Mas, atenção, não se trata aqui de herança do sangue, mas de Gen-ética do espírito. Como diz São Paulo, em sua Epístola aos Romanos, "somos filhos de Deus e também herdeiros"; mas, o apóstolo acrescenta: "co-herdeiros de Cristo, suposto que padeçamos com Ele, para sermos com Ele glorificados" (Rom. 8:16). Esta condição, este "suposto" (de que "padeçamos com Ele") tira à chamada "segunda vinda" todo o ouropele de fantasia que lhe foi acrescentado e introduz o "sacrifício" (transmutação da matéria) como condição humana de co-evolução e co-redenção. Em outras palavras, a "segunda vinda" (se assim podemos chamá-la como irrupção de um "gene" cósmico na trama do tempo humano) quebra a continuidade histórica do sangue, da raça e da cultura e prepara (por dentro) condições de "enlace gen-ético" para uma "segunda iniciação".

Segunda iniciação? É o novo "mistério" da era cósmica. O deus Desconhecido "in-prime" seu Rosto (seu código gen-ético) na rede eletrônica da matéria humana. Molécula analógica. Iniciação virtual.

Trans-posição da mensagem espiritual de um Mestre, na alma de um povo ("Meu único herdeiro é o povo", diz Perón). Aqui, quebram-se as leis do chamado direito sucessório (quem pode considerar-se "herdeiro" de um Platão, de um Einstein?).

Esta Gen-ética de "plasmação" delinea prefigurativamente o campo de força do novo *anthropos*.

Como é o novo rosto do homem? "Nem todas as pessoas que você vê pelas ruas são realmente pessoas", diz don Juan a seu discípulo Castaneda.

Mas, cabe a pergunta: existem novos rostos humanos no mundo? Sim, existem!

Antes de mais nada, não são rostos de pedra nem formas cristalizadas no tempo. São seres "oscilantes", como a luz (que oscila entre partícula e onda), configurações de ritmo alternado, entre a matéria terrestre e a consciência cósmica. São homens e mulheres livres; liberaram por dentro um alto potencial de energia (suficiente para quebrar a barreira da ilusão). Castaneda reconhece os homens e as mulheres do novo signo por sua capacidade de liberdade total: "Resolveram de fato o dilema da inutilidade e se deram conta de que a solução não consiste em escolher um mundo alternativo no qual morrer, mas em escolher a consciência total, a liberdade total"³.

Hoje em dia, os "mundos alternativos" estão na moda. Quantas ilusões foram tecidas ao redor dos caminhos alternativos de liberação! Muitas vezes, o que se inicia como uma forma para viver em liberdade, acaba sendo uma

3. Carlos Castaneda, *El Fuego Interior*, Buenos Aires, Emecé, 1986, pg. 316.

alternativa para morrer em vida, para continuar sendo "alguém", ainda que esse alguém fique capturado, como prisioneiro do tempo.

Mas, como vivem aqueles que escolheram a consciência total? Vivem "em forma perigosa" (como diria Nietzsche). Vivem como exilados, com a nostalgia de sua pertinência cósmica e um sentido místico de transmissão. Vêm para transmitir (por via trans-genética) a mensagem de liberação para o mundo que vem.

Não estaremos em presença de um novo Mistério de Trans-figuração?

Comecei este livro com uma clara consciência de *missão* (detive-me para des-velar, traduzir e trans-screver o código secreto da Luz que circulava – e circula – por dentro). Agora, ao finalizar o escrito, continuo minha viagem pelos caminhos invisíveis, animado por um forte sentido de *Trans-missão*.

Se a primeira palavra da mensagem foi “Reversibilidade de valores”, a última é “Trans-missão de sentido”.

Mas, o que é Trans-missão? É uma viagem arquetípica, cruzando as barreiras do tempo.

Já começamos esta viagem. A Terra se tornou uma morada perigosa (“o planeta pode tornar-se inabitável para as formas mais elevadas de vida”). Muitos quiseram sair, mas o perigo está na transição de fase, na fronteira do desconhecido.

No umbral do século XXI, depois de muitos ensaios, guerras e revoluções sociais e políticas, chegamos à conclusão de que os problemas humanos de fundo são insolúveis dentro do contexto em que estão propostos. O extraordinário desenvolvimento científico e tecnológico, no que já decorreu do século, mudou a face do mundo; mas, por outro lado, desembocamos nos “paradoxos do desenvolvimento” e na “transparência do mal”. A solução já não é entrar nos problemas para resolvê-los (porque isso gera mais problemas), mas em sair deles para dissolvê-los. Quer dizer que, a resposta é de “saída” e não de “entrada”. Mas essa *saída* já não é o desejo e a vontade de uns poucos e sim, a necessidade de *todos*. O que ontem era realizado por um herói como viagem mítica (Jasão e os argonautas), hoje é realizado por toda a humanidade, como “Longa Caminhada” de uma *Trans-missão* silenciosa, em busca de um “bem” espiritual, escasso sobre a Terra, mas que se tornou indispensável para a vida. As missões espaciais em direção às estrelas distantes são realizadas hoje, sincronicamente com esta *Trans-missão* mística, desde níveis mais elevados de consciência.

É a iniciação cósmica da humanidade.

Antes de 1945, esta iniciação coletiva parecia um sonho. Mas, a partir da “abertura do primeiro selo” foram criadas condições básicas para cruzar a barreira cósmica (tanto por fora quanto por dentro).

A revolução científico-técnica, a conquista do espaço, a rede planetária de comunicações eletrônicas, foram apenas suportes trans-sicionais, pontos de apoio, sinapses neurais para passar de um mundo a outro, *hardware* simbólico para passar da consciência terrestre à consciência cósmica. Ainda continuamos pensando a técnica moderna em termos de mensagem de salvação, sem perceber que se trata de um desafio de liberação. Uma nova missão no caminho do homem? Sim, mas já não é a missão de uma classe social, de um partido político, de uma raça, de uma religião, mas a *Trans-missão* de toda uma humanidade que tomou consciência de seu destino transcendente.

do céu, os mestres que voltavam trans-figurados, aqueles que apontaram ao caminhante o rumo para as estrelas. Eles não só portavam informação para iluminar o caminho, senão que transmitiam energia e sentido para percorrê-lo: dupla função dos mensageiros do espírito. Mas, quem são os que "voltam" para fechar o circuito humano/divino desta *Trans-missão* Gen-ética? Não são condutores improvisados, aprendizes de feiticeiros ou navegantes aventureiros, mas místicos-guerreiros que já se mediram com o poder da sombra e cruzaram o umbral da morte: conhecem o caminho da liberação e vêm para estender a mão àqueles que estão dispostos a percorrer o mesmo caminho.

Em 1949, o Mestre Santiago transmitia a seus primeiros discípulos a "Voz" profética que apontava o caminho para os altos cumes. Quem era o Mensageiro – ou a "Noúre" – que roçava com sua onda "ultrafônica" a sensibilidade das almas predestinadas a essa grande missão?

Vamos para lá. Eu conheço esta senda, eu cruzei estes vales, cheguei até o fim.

Mas, não nos adiantemos. Quais são as fronteiras que são vislumbradas, ao chegarmos aos incertos caminhos do porvir?

A meu ver, há três umbrais críticos que a humanidade de hoje tem que cruzar para aceder a estados superiores de consciência. Cada uma destas barreiras simboliza um enigma e uma prova diferente – como nos antigos mistérios – e um guardião silencioso fecha a passagem ao caminhante. Qual é o desafio em cada uma destas fronteiras perigosas?

- Desmascarar o poder da sombra
- Descobrir o cosmos habitado
- Reconhecer o rosto que advém

É o des-velamento dos novos mistérios!

O "primeiro guardião do umbral" é nossa própria *sombra*, o poder do inconsciente projetado na tela do mundo, a "transparência do mal", a confrontação com o demoníaco, a sedução do espetáculo. Hoje em dia, esta barreira se tornou muito difícil de cruzar, pela hipnose induzida através dos meios. Para vencer o poder de gravitação mental, não basta a inteligência ou o valor, requiere-se o sacrifício e não só individual, mas coletivo: "sacrifício cotidiano dos inocentes".

O "segundo guardião" é o custódio da natureza invisível, o campo magnético da "segunda natureza" que a ciência e a tecnologia começaram a investigar em seus aspectos físicos (campos quânticos, simetria cósmica, radiação de fundo, auto-organização), mas cuja alma nos escapa. Hoje, conhecemos um cosmos dinâmico, integrado por ecossistemas co-evolutivos, mas sem "ninguém" que o habite. Sofremos o impacto das perturbações climáticas, das comoções geotelúricas, das radiações cósmicas, das mutações genéticas, mas não chegamos a tomar contato com a "consciência" dos mundos invisíveis.

Apesar do desenvolvimento da ciência e da técnica, da engenharia genética, das redes inteligentes de comunicações, das viagens espaciais e da guerra nas estrelas, chegamos a uma "fronteira" no longo caminho da evolução do homem, onde o impulso da vida pareceria deter-se. Para seguir adiante, para quebrar o isolamento cósmico do homem, não basta o testemunho das pedras da lua, necessitamos de um encontro inteligente e solidário com os seres de um cosmos habitado, além do homem!

O "terceiro guardião do umbral" é a "máscara" de nós mesmos, a "esfinge de pedra" de cada um dos rostos que desfilam nas multidões sem rosto. Perdemos o sentido de pertinência no corpo da humanidade. Apesar de comunicarmos à velocidade eletrônica no espaço exterior, não podemos comunicarmos por dentro em um tempo que nos seja comum, tornamo-nos estranhos uns para os outros – fracasso do humanismo, do espiritualismo, do socialismo – ("Onde está Abel, teu irmão?" "Não sei. Sou, acaso, o guarda de meu irmão?"). É a unidade perdida. Conquistamos o mundo, perdemos a alma.

Para cruzar esta fronteira, não bastam os amores da Terra, nem as comunicações da Terra, nem as religiões da Terra, nem a democracia social, nem a comunidade política, nem a psicologia do inconsciente coletivo. Encontramo-nos ante o umbral de um novo "mistério", ou melhor, ante um mistério arcaico, cosmogônico, mas que perdemos já faz muito tempo, o mistério da "Iniciação de Amor":

Olha-me bem, eu sou, eu sou Beatriz!
Subiste ao final do monte, a pendente?
Não sabes tu que o homem aqui é feliz?

Caiu minha vista em meio à corrente,
e ao ver-se nela, escondeu-se na erva.
Tanta vergonha se gravou em minha fronte!

.....
Ela calou. Os anjos cantaram:
In te, speravi, com divinos sons,
mas do *pedes meos* não passaram.

Dante, *Divina Comédia*, Purgatório, XXX, 75-84

De que se trata, no fundo? De recuperar a pureza do olhar! Então, descobrimos o rosto trans-figurado do companheiro invisível e, para além da caravana dos mortos que enterram seus mortos, veremos as silhuetas luminosas dos homens e das mulheres que vêm.

Sim, existe uma corrente "daqueles que voltam", daqueles que se liberaram e "voltam para liberar". Na "sociedade dos poetas mortos" não há verdadeira solução para os problemas humanos e não há lugar para a nobreza do espírito ("Não havia lugar para eles na pousada"). Muitos homens e mulheres da nova geração reconheceram a inutilidade do esforço para defender causas perdidas e se deram conta, como diz Castaneda – de que "a solução não consiste em escolher um mundo alternativo no qual morrer, mas em escolher a consciência total, a liberdade total". Mas, aqueles que escolhem a "consciência total" são livres para "sair" e livres para "voltar". Este é o sentido da mística de liberação.

De qualquer modo, há uma pergunta que fica flutuando e que não é fácil de responder: O que é que trazem? O que é que trans-mitem? Os Mestres espirituais respondem em termos de poesia mística, como o faz a Mensagem de 1949 que havíamos começado a glosar:

...para voltar com os braços cheios de rosas, as mãos cheias de graças para curar os enfermos, consolar os aflitos, dar pão aos famintos.

Está dito em palavras, mas o que traz não são palavras, é um poder!

A tradição espiritual da humanidade preservou este "poder" sob o véu de enigmáticos símbolos e o nomeou com diferentes nomes – ou com nenhum – mas, na era que começa, dá-se algo inédito: o que, até ontem, só era acessível ao êxtase religioso, começa a entrar no domínio da revelação científica e da "teurgia" tecnológica. O "fogo dos deuses", a "luz do céu", o *aurum potabile*, já não é um bem inacessível, sobrenatural, guardado zelosamente pelos deuses no "Reino de Preste Juan", no "Jardim das Hespérides" ou no cume do "Olimpo", senão que é um "poder" trans-finito que circula entre os homens, uma força extracósmica que se trans-mite no "corpo" da humanidade, como energia de liberação.

Tudo faz pensar que esta *Trans-missão* "ultrafânica" de sentido (e digo "ultrafânica" porque está além de todas as palavras) já não depende exclusivamente dos valores de determinado povo, civilização, raça ou religião, senão que o "código" da mensagem transcendente foi in-corporado na Gen-ética co-evolutiva da humanidade e se transmite em função de "operadores transicionais" ("moléculas analógicas") que asseguram a circulação reversível dos bens da vida.

Para além das revoluções perdidas e das missões incumpridas que no curso da história tiveram como protagonistas, diferentes setores humanos, começamos a descobrir uma *Trans-missão* que pertence a todos. As grandes missões universais que conhecemos não chegaram a seu fim; a tocha da liberação foi passando de mão em mão, de povo em povo, de civilização em civilização, mas não chegou a incendiar a Terra. Os grandes ideais humanos só se realizaram em parte; o ecumenismo religioso, a sociedade sem classes, o bem estar para todos, ficaram como belos sonhos (*Tout commence en mystique et finie en politique*). No final, "a poesia não encarna na história".

Mas a mensagem de Liberação permanece, além do tempo e do espaço. A *Trans-missão* de seus valores essenciais fica assegurada, em função de recintos sagrados herméticos. Pode se tornar vulnerável em suas manifestações exteriores, por erros humanos de transmissão, mas os núcleos interiores da Gen-ética do espírito são invulneráveis, inacessíveis aos poderes deste mundo.

Já não navegamos em cima das águas, à vista de todos, mas *por baixo* das águas. E isto é o que muitos não entendem. O Mestre do Mundo ("Maitreya"), que esperávamos por fora, já veio por dentro.

A partir da década de 30, havia-se gerado no mundo uma forte expectativa messiânica. Mas, cada um interpretou a "segunda vinda" (*The Second Coming*) a seu modo. Em meados da década de 70, apareceu nos principais

especial acerca da reaparição de Cristo (*The Reappearance of the Christ*). De acordo com esse anúncio, em 1982 o Maltreya transmitiria sua mensagem ao mundo inteiro, por rádio e televisão, e não faltou quem precisasse a data, dizendo que tomaria de surpresa a rede de telecomunicações, preparada para a transmissão da copa do mundo de 82, em Barcelona. Uma vez mais, o Messias não veio na forma esperada. A mente humana, constelada no Éon de Peixes que chegava a seu fim, não pôde perceber a mudança qualitativa que havia se produzido na mensagem do novo signo do tempo – reversibilidade de valores – e, portanto, não pôde dar-se conta de que a Voz que esperava escutar por fora era a “Luz” que já estava circulando por dentro.

A “Grande corrente de Liberação” circulava secretamente “por baixo das águas”, em função de funções qualitativas do tempo intrínseco da matéria, con-figurando com ela (com a matéria qualificada), as novas funções de ressonância do homem cósmico.

É uma “Gesta”. Também é uma “Guerra”, travada por fora e por dentro. Os protagonistas somos todos, os que triunfam e os que fracassam. E há diferentes hierarquias de combatentes e níveis cada vez mais altos de realização, no ascenso a um Cume simbólico.

A “Mensagem de Liberação” aponta para os cumes do espírito, mas também assinala os vales da experiência e as grutas de proteção. É o sentido universal da Mensagem do novo signo do tempo.

Os mais fracos se abrigarão nas grutas, até fazerem-se mais fortes; ainda ali, estarão a grande altura.

São recintos de sossego, de paz, de vida interior; o lar, a escola, a câmara secreta do coração.

Os mais resolutos encontrarão vales extensos, onde adquirirão o dom da experiência desapaixonada.

É a vida espiritual em contato com todos os aspectos da experiência cotidiana. É o conhecimento unido à vida. É a transmutação da matéria e a plasmação de um novo corpo (um corpo de “saída”, um corpo de “luz”). A Mensagem valoriza a “experiência desapaixonada”, isto é, aquela que não deixa resíduos na memória: reversibilidade de valores e, portanto, a que confere hierarquia social de produtores e benfeitores da humanidade.

Mas, os seletos subirão pela ladeira nevada, sempre mais acima, sempre além...

Há um cume que só é escalado simbolicamente. Há um “Sacerdócio” do Deus Altíssimo. Há um elevado estado de consciência que assimila e transmite o “estrondo da Criação”.

Nesta “Longa Caminhada”

os guias irão adiante, pois já conhecem o caminho.

Os grandes mistérios espirituais, os livros sagrados das grandes religiões universais, as grandes tradições míticas sempre falaram da missão sagrada de um "povo" chamado a receber, transmitir e preservar uma Ensinança divina revelada. Mas hoje, no final de um ciclo que se esgota, marcado pela lembrança de revoluções perdidas e de missões incumpridas, quando a humanidade entra em uma zona obscura de "alma desiludida", os mensageiros do Céu – navegando "sob as águas" – *trans-mitem* uma força que já não "toca" somente a alma em seu mais profundo centro, mas também o núcleo atômico da matéria. Ao abrir-se o "último selo", liberou-se no planeta um "Poder", até agora desconhecido, que parte as águas, à direita e à esquerda, assinalando os caminhos da vida e da morte. A *Trans-missão* desta mensagem vibratória de liberação cabe a todos.

Qual é a consigna?

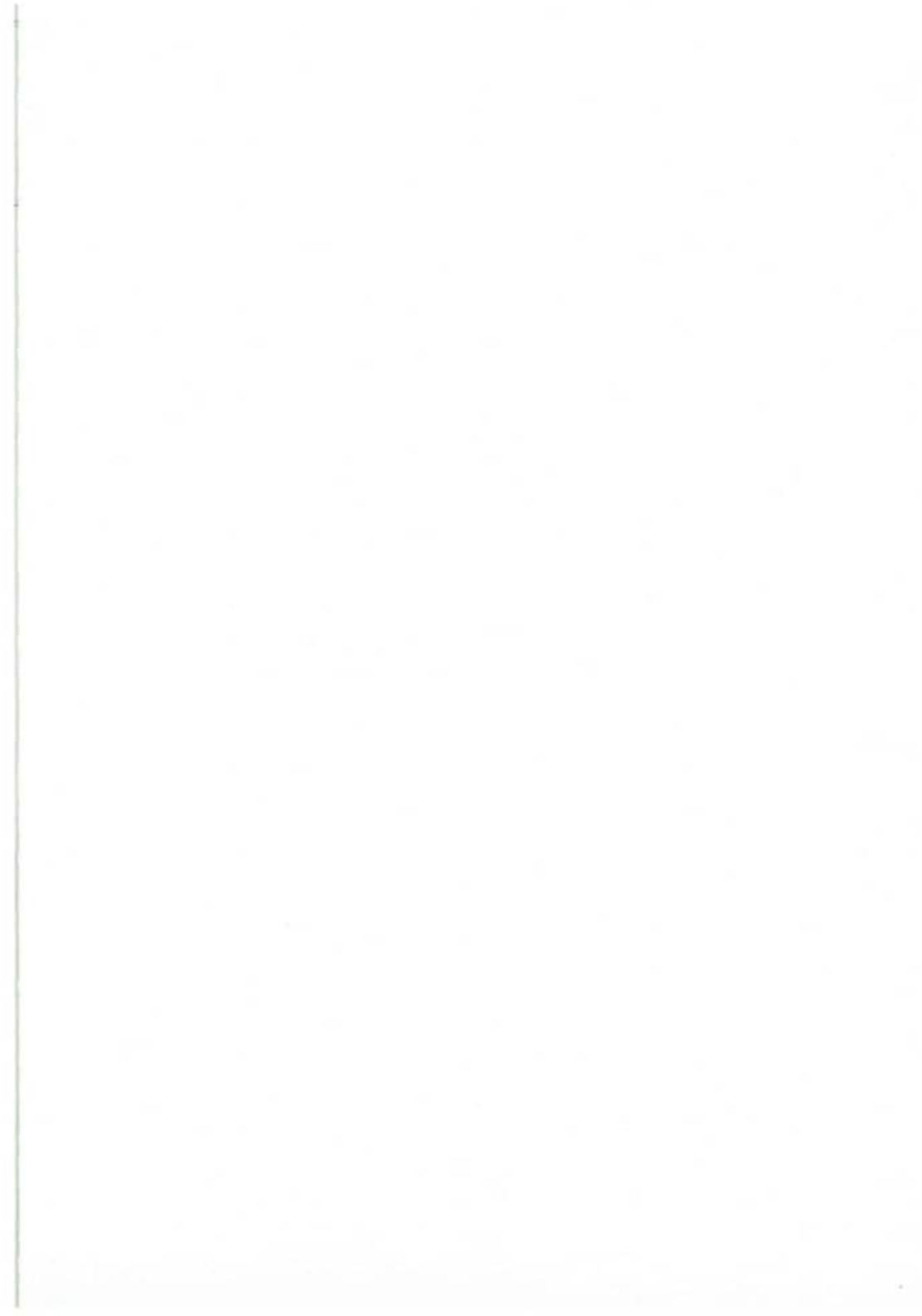
Olhar para o Cume, ir continuamente para cima.

Qual é a lei que governa esta Longa Caminhada em direção ao Cume? A solidariedade do esforço!

Todos sejam um, os mais fracos, os mais resolutos e os seletos; sempre dispostos a infundir-se valor, a inclinar-se sobre o caído; sempre dispostos a dar passagem e a sacrificar-se por aqueles que querem ir mais para cima.

Eu, mais de uma vez me perguntei: "Quem são os que querem ir mais para cima?". Penso que já não se trata somente de solidariedade social, mas de solidariedade cósmica; e, solidariedade cósmica é "deixar lugar" a nossos "irmãos menores" – animais-plantas-pedras – para que eles também tenham possibilidade de ascender a níveis mais elevados de consciência. Ou será que só vamos nos preocupar com o número de cabeças de gado que entram por dia no mercado pecuário? Tampouco se trata somente de assegurar a sobrevivência da fauna silvestre. Trata-se de pôr sob a lupa nossa própria "animalidade" e de perguntar-nos se não haverá chegado o momento – como em outras etapas críticas do desenvolvimento co-evolutivo da vida – de transferir algumas das funções mais antigas do animal-homem aos "germes de futuro" do homem-Deus.

Não tenho o conhecimento suficiente para responder a todas as perguntas que eu mesmo formulei neste livro, mas meu sentir profundo diz que já não temos mais tempo, que o jogo terminou e que é hora de olhar para outro lugar!



Impressão e acabamento:



tel.: 25226368